

**ELIAS TOMAS HERNANDEZ INOSTROZA**

***MARAJOANDO***  
**NAS ÁGUAS DO FOGO**

**CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**  
**2005**

**ELIAS TOMAS HERNANDEZ INOSTROZA**

***MARAJOANDO***  
**NAS ÁGUAS DO FOGO**

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e História Literária, na área de concentração Literatura Geral e Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

**CAMPINAS**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**  
**2005**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

Hernandez Inostroza, Elias Tomas.  
"Marajoando" nas águas do fogo. / Elias Tomas Hernandez  
*H43m* Inostroza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Francisco Foot Hardman.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura comparada. 2. Literatura brasileira. 3. Literatura chilena. 4. Coloane, Francisco, 1910-2002. 5. Jurandir, Dalcídio, 1909-1979. I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: "Marajoando" in the fire's water.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Contrastive literature; Brazilian literature; Chilean literature; Francisco Coloane; Dalcídio Jurandir.

Área de concentração: Literatura geral e comparada.

Titulação: Mestrado.

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Enid Yatsuda Frederico; Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Sírio Possenti.

Data da defesa: 28/04/2005

III

---

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman (orientador)

---

Profa. Dra. Enid Yatsuda Frederico

---

Prof. Dr. Sírio Possenti

---

Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro (suplente)

Campinas, 28 / 04 / 2005.

**AGRADECIMENTOS****A**

Programa de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da  
Universidade Estadual de Campinas;  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES;  
Prof. Dr. Francisco Foot Hardman;  
Emilia Inostroza Pérez;  
Edith Hernández Inostroza;  
Fernando Hernández Inostroza;  
Hernán Hernández Inostroza;  
Anderson Eduardo de Oliveira;  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Enid Yatsuda; Prof. Dr. Sírio Posenti; Prof. Dr. Alexandre Soares;  
Prof. Dr. David A Petreman;  
Paulo Nunes e Josse Fares;  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosa Assis e Prof<sup>ª</sup>. Dra. Amarílis Tupiassu;  
Professores do Curso de Letras – Universidade da Amazônia;  
Karina Emilio  
Elba do Rosário Ojeda Baez  
Maria do Socorro de Holanda;  
Ludimila Veloso;  
Paula Vermeersch e Marcelo H. Marotta;  
Maria Teresa de Macedo e José Mauro Coelho;  
Rosemerie de Almeida Marcelino;  
Teresinha de Jesus Jacintho;  
A todos os que colaboraram para a realização desta pesquisa.

**SUMÁRIO**

RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
<b>1 Capítulo 1</b>	
<b>PRIMEIRO A ÁGUA; DEPOIS AS ÁGUAS</b>	01
<b>2 Capítulo 2</b>	
<b>A ÁGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS NOS TEXTOS</b>	29
2.1 ELEMENTO ÁGUA: A FACE REAL	33
2.2 ELEMENTO ÁGUA: A FACE IMAGINÁRIA	43
2.3 AS VARIANTES DO ELEMENTO ÁGUA	54
2.3.1 Elementos do ser humano	55
2.3.2 Elementos do tempo	66
2.3.3 Elementos de limites	84
2.3.4 Elementos da geografia	104
2.4 A TOPONÍMIA DAS ÁGUAS	143
<b>3 Capítulo 3</b>	
<b>RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E AS ÁGUAS NOS TEXTOS</b>	155
3.1 RELAÇÕES DO COTIDIANO DOS HABITANTES	160
3.2 RELAÇÕES NAS ATIVIDADES DA PESCA	198
3.3 RELAÇÕES NA NAVEGAÇÃO	226
3.4 AS LENDAS DAS ÁGUAS	267
<b>4 Capítulo 4</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	309
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	321
ANEXOS	329

## RESUMO

O trabalho aborda o tema da presença da água nas narrativas de dois escritores latino-americanos: Dalcídio Jurandir, brasileiro, e Francisco Coloane, chileno. Descreve-se quais as formas em que o elemento água está presente nos romances *Chove nos campos de Cachoeira*, *Marajó*, *Três Casa e um Rio*, e nos livros de contos *Golfo de Penas*, *Cabo de Hornos*, *Tierra del Fuego* e *Inéditos*, respectivamente. Comparam-se os elementos comuns e diferentes que apresentam essas narrativas, circunscritas a uma estética Modernista, tendo como ponto de referência as vozes das águas nas narrativas, e de que maneira esse elemento influencia na vida das personagens. O trabalho apresenta parte da obra de ficcionistas menos difundidos no Brasil e no Chile, favorecendo a integração cultural entre esses povos.

### PALAVRAS-CHAVE:

Literatura comparada, literatura amazônica, literatura brasileira, literatura chilena, Francisco Coloane, Dalcídio Jurandir, discurso das águas.

## ABSTRACT

This paper discusses the issue of the presence of the water on the narratives of two Latin American writers: Dalcídio Jurandir, Brazilian, and Francisco Coloane, Chilean. We describe on which forms the element waters is present in the Novels *Chove nos campos de Cachoeira*, *Marajó*, *Três Casa e um Rio*, and in the Tall Tales *Golfo de Penas*, *Cabo de Hornos*, *Tierra del Fuego* and *Inéditos*, respectively. We compare the similar and different elements that those narratives show, entailed on the Modernist style, having as its reference point the voice of the waters in the narratives, and how this element influences the life of the characters. This paper presents part of the work of the fiction writers less popular in Brazil and Chile, favoring the cultural integration between their peoples.

### KEY WORDS:

Contrastive Literature, Amazonic Literature, Brazilian Literature, Chilean Literature, Francisco Coloane, Dalcídio Jurandir, voices of the waters.

## Capítulo 1

### PRIMEIRO A ÁGUA; DEPOIS AS ÁGUAS

O tema desenvolvido nesta pesquisa de literatura comparada é o elemento água. Aquela que nos acompanha todos os dias, desde o nosso nascimento até nossa morte. Para todos os indivíduos do planeta, em todos os tempos, a água é indispensável; ela é vida. Refletindo nessa escolha, ainda hoje, percebo como ela estava presente nas minhas descobertas.

Quando estudei na faculdade de arquitetura, em Santiago do Chile, a turma viajou até uma vila na cordilheira dos Andes, no limite com Argentina, na região de Chiloé Continental. Ali me deslumbrei com a visão aérea das ilhas cultivadas, dos canais e lagunas; na vila, as cachoeiras, a neve e os lagos marcaram sua chama. Já formado, fui trabalhar nessa região, e logo após, na região de Aysén, a qual faz parte da Patagônia. Percorri territórios pouco explorados, ainda na década de 80, em bote, em barcos, a pé, em monomotor. Aproveitei de visitar a Patagônia argentina, a Terra do Fogo, Rio Grande, Punta Arenas e o estreito de Magalhães em diversas ocasiões. Nas viagens marítimas observava as águas profundas, as geleiras e os *icebergs*, a chuva fina e as tormentas.

Cruzei o continente em 1991, indo morar em Belém do Pará. Culturas e sociedades diferentes marcaram um período de adaptação. A natureza

exuberante e o clima equatorial úmido foram referências para descobrir novos espaços e atividades. As águas demarcavam seu domínio, aqui também, para se impor: chuvas diárias, pele suada, praias e igarapés, as águas amareladas do rio-mar; todas elas ganharam coordenadas na minha vida. Cursei Letras e descobri as águas da literatura.

As marcas mais fortes do deslocamento que tenho vivido correspondem, sem dúvida, ao contexto cultural que me rodeia. A percepção de um conjunto de símbolos que se desconhecem, e por isso mesmo, podem induzir a equívocos na sua interpretação, reforçam a percepção de estranheza. Máxime quando se pensa no Pará, reservatório da mais tradicional presença do elemento índio na mistura que é o Brasil, nas suas matas, na sua música, nas frutas e na culinária, na fisionomia do caboclo; tudo me resultou exótico. O conhecimento da língua, o uso dela no meu dia-a-dia para viver nessa terra, permitiu-me ter uma ponte para recriar estratégias e situar-me como indivíduo nessa nova ordem. Através dos erros e das novas tentativas, repetidas vezes, nos processos da fala e da escrita da língua local foi que tive acesso à literatura do lugar, primeiro freqüentando a biblioteca pública, e depois a da faculdade.

Com essa experiência defini o interesse pelos estudos comparativos, tendo em consideração uma abrangência maior que a disciplina da teoria literária. Nesse sentido, a comparação dos elementos culturais conhecidos no Pará com as bases de minha cultura, a chilena, encaminhou-se para a definição de um tema que incluísse o elemento água em suas diversas manifestações. A imagem das ilhas foi-se apresentando e tomou forma; em ambas culturas, a paraense e a patagônia,

existem territórios insulares que possuem traços culturais fortemente definidos e, coincidentemente, com literaturas regionais que se desenvolveram no século XX. A escolha da ilha de Chiloé foi descartada, especificamente, pela pobreza de literatura de ficção local. Lamentei, pois em compensação, essa ilha dispõe de um riquíssimo acervo cultural, que se traduz em mitologia e lendas, culinária singularíssima, música e danças da época colonial, etc.

## AS ILHAS

A Patagônia continua sendo, ainda no século XXI, um território desconhecido de grande parte da população de Chile, e essa situação não deve ser diferente na Argentina. As rápidas mudanças ocorridas no desenvolvimento de Chile, na segunda metade do século XX, encontraram obstáculos de difícil solução para atingir essa região. Ela foi incorporada ao processo de colonização em fins do século XIX, por grupos de chilenos, que atravessando pelo território argentino, como até hoje acontece, fundaram as primeiras cidades (Balmaceda, Palena, Futaleufú, Coyhaique, Chile Chico). Os navios que serviam à marinha mercante chilena cruzaram os canais austrais para escoarem a produção de madeira, gado ovino e lã, destinadas a Europa dos anos 20 a 50 do século XX. Fundaram-se Melinka, Puerto Aguirre, Puerto Aysén, e quando este fechou pelo assoreamento do rio, Puerto Chacabuco.

Observou-se na ampla região um desenvolvimento desigual; na região de Aysén, os assentamentos dos madeireiros e criadores de gado funcionaram como enclaves, isolados do resto do mundo por extensos períodos durante o ano, por causa dos longos e crus invernos que acontecem nas altas mesetas, nos quais a temperatura fica abaixo de zero grau centígrados por muitos dias, e são comuns as nevadas de vários metros de altura que se congelam e paralisam a vida. A partir da década de 80 essa situação de isolamento vem se revertendo, em parte, pelo avanço das comunicações e da aviação comercial. Chamada de “Trapananda” pelos colonos, essa região foi motivo de mitos e de muitas histórias para os habitantes do restante de Chile, alimentados durante décadas pela falta de informações precisas.

A porção meridional da Patagônia e a Terra do Fogo sofreram um declínio das atividades comerciais e culturais a partir de fins da década de 20, produto de crises internacionais que atingiram as exportações, do esgotamento do ouro encontrado na região, e de revoltas políticas e sociais, ao que somara-se o descaso do governo central do país para com os problemas e necessidades locais (MARTINIC, 1996). Antes disso, no início do século XX, deu-se a época de esplendor da cidade, que teve uma arquitetura européia, sociedades culturais e agremiações, jornais e escolas. Todo esse esplendor, entretanto, foi se perdendo com o passar dos anos, sem novos incentivos. A cidade servia para que funcionários públicos em início de carreira ganhassem remunerações maiores e alguma experiência, em troca de um isolamento quase sepulcral. Recordar-se que a

professora Lucila Godoy Alcayaga<sup>1</sup> foi diretora do Liceu de Homens da cidade e que o escritor Francisco Coloane também viveu e trabalhou em Punta Arenas e arredores durante esse período de estagnação da cidade.

O contaponto para o estudo comparativo deu-se ao vincular a Amazônia como realidade geográfica e cultural numa experiência pessoal. Das várias possibilidades existentes para tal fim, a ilha de Marajó, sem dúvida, possuía o perfil mais adequado para se mergulhar nas suas “águas”. Em particular, pela feliz coincidência de que a obra do escritor marajoara Dalcídio Jurandir correspondia a um conjunto de onze livros, dos quais os três primeiros tinham por cenário a ilha de Marajó. A ilha que tive oportunidade de conhecer nesses anos de experiência amazônica, se destaca por ter duas paisagens diferenciadas, os campos e os furos, ambos duma beleza singular. Sua cultura está moldada pela presença do ribeirinho, o caboclo do Norte, que trabalha na pesca o cria o gado bovino e bubalino em meio às águas. Ela pode ser encontrada em grande parte do interior do Pará, e em alguns pontos específicos de Belém, a capital do estado; cultura que se caracteriza por preservar determinados valores da vida rural, de suas problemáticas, e pautar a vida individual e social no respeito ao meio ambiente, extraindo dele somente o necessário para sua sobrevivência.

Esses habitantes das beiras, de furos e ilhas, dos campos e tesos, incorporaram alguns dos benefícios (e dos problemas) da sociedade urbana pós-moderna, e são, na atualidade, objetos de pesquisas sociológicas e econômicas,

---

<sup>1</sup> Conhecida como Gabriela Mistral, poetisa, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, em 1945. Hoje, o autor deste trabalho tem familiares lecionando nessa cidade.

pois diferem de muitas das categorias com que se tenta descrever e conhecer a sociedade brasileira atual. Existe neles, portanto, uma marca de singularidade dentro do conjunto das populações do Brasil. Ao mesmo tempo, as mudanças ocorridas no país, após a Segunda Guerra Mundial, tiveram uma velocidade maior e efeitos mais intensos nos centros urbanos de grande e médio porte, no caso Belém, a despeito do que acontecia nas áreas rurais do grande interior paraense. Nesse ponto, o relato realizado por Dalcídio Jurandir, no período de 1945 a 1960 – intervalo de tempo deste estudo - poderia ser pensado como mais próximo da realidade local, que ainda pode ser observada no interior paraense, no geral, e da ilha de Marajó, em particular.

Ao igual que Dalcídio Jurandir e Francisco Coloane, outros autores têm incorporado como elemento de importância para os seus trabalhos a água. Ao longo da História da civilização ocidental pode-se lembrar o filósofo Heráclito de Éfeso, que ao pensar sobre o princípio do movimento, utilizou o exemplo das águas; também foi importante para Kepler e Torricelli, físicos do séc. XVI, que estudaram as propriedades da água; já em 1800 se formulam os estudos da hidráulica, realizados por Newton, Bernoulli e Euler. Na atualidade o estudo das águas se vincula a diferentes ciências aplicadas como a sismografia, climatologia, às ciências agrárias e faz parte de inúmeras disciplinas técnicas como a agricultura irrigada, a produção industrial, a produção de energia e a hidroterapia.

No campo da literatura, o elemento água pode ser encontrado desde a *Bíblia* até o *Popol – Vuh*. As tradições e lendas dos povos navegantes trazem nas suas literaturas as fazanhas e conflitos dos heróis com as águas do mar (*Odisséia*,

sagas vikings), logo a *Utopia* e *As viagens de Gulliver* criam mundos fantásticos em ilhas remotas, e mas recentemente, os romances de Hemminway, Kipling, Verne, e London trazem as águas como espaços da aventura e da luta pela sobrevivência. A água também foi importante na pintura de Turner e de Hokusai (*A grande onda*), assim como na música de Handel e de Debussy. Não resulta estranho, portanto, encontrar manifestações literárias que, sendo produzidas em ilhas da América do Sul, tratem o tema das águas.

A escolha para a comparação de Marajó e Terra do Fogo se insere nos estudos das culturas latino-americanas, de suas literaturas que se espelham em espaços naturais regionais, os quais possuem um forte apelo de exotismo e de novidade, como são os casos dessas ilhas; culturas periféricas dos grandes centros consolidados e hegemônicos do poder, do saber formal e das mídias. O eixo Rio de Janeiro – São Paulo desconhece aspectos da natureza e da literatura paraense; caso similar ocorre em relação à cidade de Santiago de Chile, com as obras literárias produzidas na região da Patagônia. Outros espaços da natureza sul-americana já foram cenários de variadas e importantes obras da literatura latino-americana: os pampas em *Martín Fierro*, de Miguel Hernández; o sertão brasileiro em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa; o campo chileno, em *El loco Estero*, de Alberto Blest Gana; os Andes peruanos, em *Yawar Fiesta*, de José Maria Arguedas, os Ihanos do Orinoco, em *Doña Bárbara*, de Rômulo Gallegos, por citar alguns exemplos mais conhecidos.

Essas obras literárias, e muitas outras que têm construído os espaços da América Latina no ideário dos seus povos, amplamente difundidas nesses países,

servem para estudar, avaliar e consolidar aspectos dessas culturas. Não acontece assim no caso das ilhas de Terra do Fogo e de Marajó. Como já foi referido no projeto,<sup>2</sup> temos informações desses arquipélagos, um na linha do Equador, o outro no extremo austral do continente sul-americano; sabemos de sua geografia, da sua história e economia, inclusive dos fatos políticos que por lá aconteceram.<sup>3</sup> Dos processos de assentamentos e de ocupação encontram-se vestígios nas ruínas históricas e nos sítios arqueológicos, permitindo que as ciências expliquem o passado delas. Contudo, uma parcela do conhecimento das sociedades atuais e da sua cultura, produzidas em Marajó e Terra do Fogo começa agora a ser desvendada. Os cientistas se preocupam pelos estudos culturais, e encontram nas literaturas novos caminhos para interpretar os homens que vivem e lutam nesses lugares extremos.

A preocupação com o meio ambiente, em nível mundial, inclui no seu espectro as ilhas de Marajó e da Terra do Fogo. A procura por estudos que

---

<sup>2</sup> No espaço que compõe a Amazônia oriental, formado pelas várzeas, por matas de terras secas e os igapós, os pontos mais altos do relevo encontram-se ao norte (Maciço das Guianas) e ao sul (Planalto Central). Ali os rios que descem dessas montanhas, junto ao rio Amazonas, são os donos da paisagem. Eles avançam em fluxos e refluxos como serpentes, através das matas da imensa planície da bacia, sendo que é neles que a vida se manifesta plena. Eles são as vias de comunicação ao interior de territórios que parecem sempre iguais. E ali mora o homem. Ao mesmo tempo, na Patagônia, a imensa planície fria, a qual se estende pela parte meridional da América do Sul, até o *Cabo de Hornos*, está limitada ao oeste pela cordilheira dos Andes. O oceano Pacífico penetra profundamente nessas montanhas, em milhares de fiordes, como resultado das glaciações do período quaternário, originando ilhas e arquipélagos, de variada extensão, como o da Terra do Fogo. O frio permanente e o vento polar que passa assoviando nas estepes, descarregando tormentas de chuva, granizo ou neve, durante boa parte do ano, constituem-se em condições adversas para os assentamentos humanos na região, contudo, desde a pré-história, o homem mora lá. (Texto do projeto de pesquisa).

<sup>3</sup> No Pará, o movimento da Cabanagem, entre 1835-40; na Patagônia, a grande greve de 1919.

permitam compreender a interação das populações tradicionais com a natureza, no intuito de ter maiores subsídios para implementar um desenvolvimento sustentável e de tentar reverter os graves problemas ambientais locais e mundiais, fazem das regiões de nosso estudo, o centro das atenções do mundo. Juntam-se a esses olhares, os das próprias nações; pesquisadores, políticos, investidores, a mídia nacional, e a população como um todo, na atualidade, participam de um direcionamento nos seus interesses e preocupações para com a Amazônia, o Marajó, a Terra do Fogo e a Patagônia. Os estudos literários nas universidades somam-se a esse olhar. E buscar uma interpretação das formas em que o elemento água é representado, de quais as relações desses homens com a natureza, pode ser um caminho para ampliar o conhecimento dessas ilhas, e a valorização dos seus habitantes.

## OS AUTORES

Colocar frente a frente dois autores permite estabelecer algumas semelhanças e encontrar diferenças entre as literaturas por eles produzidas. Por meio de todas elas se tem a possibilidade de adentrar-se no mundo deles, de suas realizações e conhece-los. De início, alguns dados biográficos de ambos, que permitam traçar um perfil deles.

Dalcídio Jurandir Pereira Ramos nasceu em Ponta de Pedras, Marajó, em 10 de janeiro de 1909. Em 1910 a família muda-se para a vila de Cachoeira, onde

seu pai exerce o cargo de secretário da Intendência Municipal. Até 1922 frequentou escolas locais e leu livros em casa, quando viajou para continuar estudos em Belém. Ingressa no Ginásio Paes de Carvalho, porém não conclui o segundo ano (1927), viajando ao Rio de Janeiro no ano seguinte, onde trabalhou por experiência num jornal e regressa, trabalhando no navio que lhe levaria de volta ao Pará. Entre 1929 e 1931 viaja para trabalhar em Gurupá e as Ilhas, e escreve a primeira versão de seu romance *Chove nos campos de Cachoeira*. No período de 1932 a 1940 colabora em jornais e revistas de Belém, exerce funções administrativas em diversas repartições da capital e do interior, foi preso duas vezes nas campanhas contra o fascismo, pelas suas idéias comunistas, e escreve o segundo livro *Marajó*.

Em 1940 obtém o primeiro lugar no concurso literário instituído pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi, disputado com uma centena de escritores, por seu livro *Chove nos campos de Cachoeira*, publicado no Rio de Janeiro, em 1941. Até 1950, radicado nesta cidade, trabalha como redator de *O Radical*, o semanário político *Diretrizes*, colabora no *Diário de Notícias*, no *Correio da Manhã*, na revista *Leitura*, na *Tribuna Popular*, na revista *O Cruzeiro*, no semanário *A Classe Operária*, e na redação da *Imprensa Popular*; publica seu segundo livro e escreve o terceiro. Após 1950 viaja a Porto Alegre, em 1952, à União Soviética; em 1953, a Chile; ganha os prêmios *Paula Brito*, da Biblioteca do Estado da Guanabara, e o prêmio *Luíza C. de Souza*, do Pen Clube do Brasil, pelo romance *Belém do Grão Pará*, em 1960.

Vai conseguir publicar os cinco livros que completam o “Ciclo do Extremo Norte” até 16 de junho 1979, data em que morre, já aposentado como escritor e acometido pelo mal de Parkinson, no Rio de Janeiro e sem ter voltado a Marajó (JURANDIR, 1992).

~ v ~

Francisco Coloane Cárdenas nasceu na vila de Quemchi, pequeno porto da ilha de Chiloé, em 19 de julho de 1910, no seio de uma família religiosa na qual a mãe tomava conta das terras, enquanto o pai navegava como piloto de cabotagem entre Puerto Montt e Punta Arenas. Seus estudos primários foram em Huite, e o primeiro ano de humanidades no Seminário de Ancud. Morto seu pai, viaja a Punta Arenas e dá continuidade a seus estudos. Em 1926 os interrompe, e começa a trabalhar, motivado pela morte da mãe. Serviu no exército, foi ovelheiro na estância *Sara* de Terra do Fogo, e atuou na pesquisa de petróleo. Em 1932 ingressa à Armada de Chile, como escrevente, e pode realizar viagens pelos mares da região austral no veleiro *Baquedano*. Radica-se em Santiago, e trabalha na redação de jornais e revistas: *Zig Zag*, *Las Últimas Noticias*, *Crítica* e *El Sol*.

Recebeu o primeiro prêmio do VI Centenário da fundação da cidade de Santiago, em 1941, pelo livro *Cabo de Hornos*; o prêmio da Sociedade de Escritores, em 1957, por seu livro *El último grumete de la Baquedano*; o Prêmio Nacional de Literatura, em 1964. Preside a Sociedade de Escritores de Chile, em 1966; recebe o título de *Hijo Ilustre de Quemchi*, em 1968. Em 1980 se integra à

Academia Chilena de la Lengua. Recebe a condecoração Artes e Letras da República Francesa, no grau de *Chevalier*, em 1996. Já em 2000, a Universidade de Chile lhe outorgou a Medalla de la Rectoría, no ano seguinte recebeu a Medalla de Honor Pablo Neruda, a Orden al Mérito Docente y Cultural Gabriela Mistral, no grau de Gran Oficial, pelo MINEDUC. Morre em 5 de agosto de 2002, sendo incinerado sem palavras de gloria. (JIMÉNEZ, 2003).

Retomando as palavras sobre o conhecimento das culturas das ilhas de Marajó e Terra do Fogo, percebe-se como uma parte de seus habitantes precisou ultrapassar as fronteiras regionais para, já em grandes centros culturais, procurar um espaço para divulgar os seus trabalhos. Para Coloane e Jurandir a situação não foi diferente. O reconhecimento cultural, traduzido em prêmios e honrarias, nem sempre está acompanhado pela pesquisa científica.

No caso de Jurandir, um levantamento preliminar permitiu observar que o autor tem maior difusão no Pará, onde se consignam uma terceira (com duas tiragens) e uma quarta edição do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, além da edição crítica deste romance (ASSIS, Unama, 1998); duas terceiras edições de *Marajó e Três casas e um Rio* pela editora Cejup. Suas obras são encontradas na Biblioteca Pública do Centro Cultural do Pará, e na Biblioteca de UFPa, já na UEPa e na Unama se estão completando esses acervos. O autor está sendo pesquisado no curso de graduação da Unama, que lhe dedicou os números seis e dezessete de sua revista *Asas da Palavra* (1996 - 2004). Essa universidade tem patrocinado a edição de *A fala 'caboca' em Passagem dos Inocentes* (2002), da pesquisadora Rosa Assis, quem já possui outros títulos em prelo. José Arthur

Bogéa publicou em 2003, pela editora Paka-Tatu, *Bandolim do diabo*, o mais novo livro sobre Dalcídio Jurandir.

Na UFPa,<sup>4</sup> no programa de pós-graduação em Letras, existem projetos de pesquisa sobre esse autor, dirigidos pelo professor Günter Presler,<sup>5</sup> assim como esforços por realizar eventos sobre o tema; em 2001 se materializou um colóquio sobre o autor, patrocinado pela Prefeitura de Belém. O professor Paulo Nunes, orientado por Presler, defendeu dissertação de mestrado, publicada como *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira*, no livro *Pedras de Encantaria* (Unama, 2001), antecedida por *Marinatambalo construindo o mundo amazônico com tres casas e um rio*, dissertação de mestrado de Enilda Newman Alves, na PUC-RJ, em 1984. Duas outras dissertações precederam o trabalho de Rossane Castelo Branco, na UFPa, em 2004. No centro e sul de Brasil se registram os artigos de Olinda Assmar, *Dalcídio Jurandir. Re-velação do Norte e Sul*, Rio de Janeiro, 1991 e de Pedro Maligo, *Ruínas idílicas: a realidade amazônica em Dalcídio Jurandir*, revista USP, 1992. Na Unicamp / IEL, 2002, Marli Furtado defendeu a tese *O universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*, orientada pela professora Enid Yatsuda.

Existem registros sobre o autor nas obras de críticos da literatura brasileira como MOISÉS, (1989); SODRE, (1987), COUTINHO, (1998); BOSI, (1981). A página eletrônica da Biblioteca Nacional consigna dados sobre o escritor paraense; os bancos de dados *on-line* das bibliotecas das universidades federais

---

<sup>4</sup> Nessa universidade, ASSIS publicou *O vocabulário popular em Dalcídio Juarandir*, em 1992.

<sup>5</sup> Na UFPa, hoje, Gunter Presler e Marli Furtado orientam dois projetos cada um, respectivamente.

e estaduais apresentam informações reduzidas. A exceção é a UNB, a qual dispõe de sete obras dele. Em Portugal, não foram encontrados registros nas consultas *on-line* às bibliotecas de Porto e Coimbra.

~ Y ~

A obra de Francisco Coloane apresenta várias etapas. No início de sua trajetória como contista publicou em jornais, no restrito espaço da Patagônia. Já em Santiago, participou de vários concursos. Após o sucesso que alcançaram seus três primeiros livros de contos, agora estudados, veio o reconhecimento nacional, confirmado pelo Prêmio Nacional de Literatura, em 1964. Com posterioridade, e enquanto teve sua residência na França, durante o governo militar no Chile, se produz uma maior difusão de suas obras, traduzidas em diversos idiomas.<sup>6</sup> Essa difusão não alcançou o Brasil, onde é praticamente um desconhecido, como se registrou na pesquisa de informações bibliográficas em bases de dados *on-line*, antes citada.

No Chile suas obras podem ser encontradas em diversas edições e reimpressões, realizadas periodicamente. A quase totalidade dos seus vinte livros<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> JIMÉNEZ, 2003, p. 132, explica este ponto: “Sus relatos, donde la descripción del paisaje y el análisis de la mentalidad de esos hombres que viven y piensan diferente, aislados por la distancia y agobiados muchas veces por los elementos del clima, no sólo han tenido éxito en Chile, sino que también han sido traducidos al inglés, ruso, alemán, sueco, francés, checoslovaco, etc.”.

se encontra nas bases de dados *on-line* das principais bibliotecas universitárias do país – PUC, UCH, UCV, UDEC, UACH, USACH. Sobre Coloane se registraram vídeos e filmes realizados com base na sua obra. Artigos comentam alguns dos diversos temas tratados nas obras dele,<sup>8</sup> também se registraram duas teses apresentadas em universidades chilenas, referidas à obra de Coloane.<sup>9</sup> Em textos escolares são incluídos excertos dos seus contos, como leitura complementar. Foi nessa ocasião, na minha adolescência que teve contato com o citado autor. Fora de Chile, seu conhecimento é desigual, pois em França e Itália aconteceu, anos atrás, um *boom* de suas obras, com traduções de várias delas. Já nos Estados Unidos foi feita uma tradução de seus melhores contos<sup>10</sup>, hoje esgotada.

~ Y ~

Sobre Dalcídio Jurandir se coletam alguns comentários daqueles que o conheceram ou de quem valorizou as suas obras. Sobre sua vida simples de

---

<sup>7</sup> JIMÉNEZ, 2003, p. 136, na sua relação de obras de Coloane, não registrou *Cuentos completos. Coloane*, Aguilar, 1999; tampouco *Los pasos del hombre: memórias. Francisco Coloane*, Grijalbo / Mondadori, 2000. Veja-se Anexo A.

<sup>8</sup> É o caso de RODRÍGUEZ, Mariela; *Retratos chilotes: três miradas desde la literatura*. Georgetown University (USA), Santiago, 2003 e de PETREMAN, David; *El olvido es lo único que está verdaderamente muerto*; Wright University (USA), 2003.

<sup>9</sup> Referencia-se o texto de ARANCIBIA, Elena; *Dos chilenos frente al mar: Francisco Coloane y Manuel Magallanes Moure*. (PUC) Santiago, 1966 e o de PETREMAN, David. *La obra narrativa de Francisco Coloane* (PUC) Santiago, 1987, posteriormente publicada pela editora Universitaria.

<sup>10</sup> *Cape Horn and Other Stories from the End of World*, de David A. PETREMAN, Pittsburgh, Pa (USA): Latin American Literary Review Press, 1991.

escritor, no prefácio da primeira edição de *Chove nos campos de Cachoeira*, ele escreveu:

“A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito. Conheço profundamente esse drama. Sempre fui empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará), morando num barraco na São João, com família e perseguido pelos camisas verdes. Acabei gramando xadrez comum (...)Me ficava bem, aliás, estar em companhia daquela pobre gente em vez de estar na companhia dos autores da infâmia (...) a vida do chamado intelectual na província é mais trágica do que se pensa. Bancamos bobos de rei, mas de graça. A não ser a honra dum convite para uma qualquer chateação literária e mais nada. O resto é o peixe frito.” (REVISTA, 1996, p.15).

Uma aguda crítica transpira desse comentário, a crítica de um sistema social no qual o escritor sobrevive e que se resulta injusto, até o ponto de ir parar na cadeia pelos seus compromissos políticos. Existe uma ponta de escárnio contra uma elite cultural local, o que se refletiu, ao longo de sua vida, num certo isolamento dos seus pares, sobretudo quando de sua permanência no Rio de Janeiro. Ali recebia notícias dos amigos com saudades de Belém, como refere ASSIS, em:

“Surge essa correspondência como fruto da amizade que unia Dalcídio a Cléo Bernardo, e, posteriormente, à Maria de Belém Menezes<sup>11</sup>. Esta, num gesto fraterno, remetia ao amigo, que já fixara residência no Rio de

---

<sup>11</sup> Professora, estudiosa da cultura paraense, filha do poeta Bruno de Menezes, introdutor do Modernismo no Pará, em 1924.

Janeiro, recortes de nossos jornais com notícias do cotidiano de Belém e Marajó, assim como enviava as nossas melhores 'especiarias'. Isso só servia para fortalecer as raízes mas profundas de Dalcídio, que ele mesmo enterrara aqui em Belém (...) (ele) disse: 'E quanto ao marapuama a quantidade iluminou o meu quarto e vi a selva entrando com seu encanto, me dando provas de que vou melhorar. Mas a doença é teimosa.' (3/7/75)" (REVISTA, 1996, p.36-37).

A natureza da Amazônia, que estende seus poderes mágicos sobre a alma de seus filhos distantes, permitia que Dalcídio tivesse esperanças para suportar as dores da doença e a frustração que significava não poder escrever, devido ao mal de Parkinson. É a mesma natureza que ele descreve nas suas obras, como parte de uma experiência de vida, intimamente ligada aos conflitos gerados pelas desigualdades existentes nessa sociedade "de pé no chão". Em entrevista concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão, em 1976, ele se refere a sua visão de romancista sobre a região:

"...os temas dos meus romances vêm do meio daquela quantidade de gente das canoas, dos vaqueiros, dos colhedores de açaí. Uma das coisas que eu considero válidas na minha obra é a caracterização cultural da região. Acumulei experiências, pesquisei a linguagem, o falar paraense, memórias, imaginação, indagações. Para um escritor pobre, sem vagares e ócios remunerados, o esforço foi, às vezes, de desesperar, de tão braçal.(...) Os meus livros, se nada valem, valem por serem documentário de uma situação que ainda tinha caráter cultural. Hoje, com a invasão dos rádios de pilha, da televisão, os costumes estão mudando. Os meus livros ficariam como um instrumento de nostalgia, o registro de uma cultura que está sendo destruída pela invasão da Amazônia. Uma espécie de destruição sistemática dos costumes, sem

fixar o progresso, sem dar benefícios às populações. O quadro cultural está mudando. Mas o quadro de pobreza e exploração persiste. A situação social e humana vai para pior...” (REVISTA, 1996, p.29).

Os costumes do povo que se vão perdendo, diante de uma invasão de tecnologia que não traz incentivos para propiciar uma melhoria nas condições de vida desse mesmo povo, essa é a crítica de Dalcídio, crítica que é compartilhada por outra cronista paraense, nos relatos que resgatam a identidade cultural paraense. Na obra de Eneida de Moraes *Romancistas também personagens*, editora Cultrix, São Paulo, 1962, a autora comenta sobre a personagem Alfredo, desenhada por Dalcídio, na sua relação com a natureza e a água:

“O rio – aquele Arari – e o menino se amavam e se odiavam. Alfredo, quando o rio enchia, pescava ou fingia que pescava por uma fenda do assoalho da casa paterna. (...) Entre o menino e o rio, agitavam-se personagens, um mundo vivendo e morrendo, fracassado quase sempre...” (REVISTA, 1996, 49).

É esse mesmo rio que na sua representação literária se transforma em voz dos seus filhos, dos que não conseguem sair de sua ilha, o de superar seus problemas na procura de uma vida menos sofrida e mais feliz. Tal personificação, comentada no trabalho, se realiza de forma “modernista” no emprego da linguagem, no entender de Pedro Maligo, em oposição a uma visão naturalista da natureza. No seu artigo *Ruinhas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir*, ele escreve:

“Em Jurandir, a simbólica personificação do rio é feita de maneira diferente daquela encontrada na literatura realista de cunho naturalista. Aqui, a relação entre personagem e rio pretende lançar luz sobre um estado de espírito, enquanto que na literatura anterior tal relação concentrava-se no aspecto material, na tentativa de explorar os efeitos das cheias e secas sobre a produção das economias locais...” (MALIGO, 1992, p. 54).

Esse autor continua analisando e comparando a presença da natureza nas obras dalcidianas, natureza que estabelece trocas e diálogos com as personagens, uma forma de espelhamento da vida desses, em que muitas vezes as viagens pelo rio equivalem às voltas a um passado nostálgico, primário, nas quais as personagens não conseguem fugir de suas lembranças e frustrações. Tal tipo de estudos sobre as representações, que partem de obras literárias, podem enveredar por caminhos vinculados a outras disciplinas científicas, como é o caso da pesquisa de corte psicanalista realizada por Olinda ASSMAR, que foi publicada como *Dalcídio Jurandir. Um olhar sobre a Amazônia*, Rio de Janeiro, Galo Branco, 2003.

~ √ ~

Como se apresentou acima, os comentários da relação entre o escritor e a natureza, existentes na base das obras literárias em estudo, podem ser aplicadas ao escritor chileno Francisco Coloane. De suas memórias de infância ele lembra a

presença da água, do mar de Chiloé, que embalou seus sonhos, pois a casa da família era uma palafita na vila de Quemchi:

“A los seis o siete años fui a la escuela de Huite. (...) La escuela estaba en una península arenosa bordeada de matorrales costeros, petas, chilcones y arrayanes, maquis y zarzamoras. En la marea alta casi se convertía en una isla, pues el mar entraba por la angostura bocana de un estero que llegaba hasta el corazón de los bosques altos (...) Teníamos que pasar a la escuela cuando había marea baja.” (JIMÉNEZ, 2003, p. 88).

Por causa de sua morte, no ano passado, foi publicada uma reportagem que comentava que o gosto do escritor chileno pelas águas do mar – ele costumava se banhar nas frias águas do oceano Pacífico – era explicado, por este, como uma relação de valorização daquelas águas que o revitalizavam, o salvavam e mantinham vivo, coerente com sua adesão ao darwinismo - “O ventre materno é um mar de vida”. E essas experiências se transformam em elementos que empregava na criação literária, é possível que sejam lembranças muito fortes dos seus tempos de juventude nas terras patagônicas, em que o jovem escritor se enfrentou com a natureza selvagem dos mares, das estepes, diante do clima rigoroso, e onde teve oportunidade de conhecer o valor da amizade dos homens e dos animais no trabalho (BERLINGER, 2003).

Em torno da arte que Coloane demonstra para realizar sua escrita – aponta-se uma linguagem “realista”, que nada tem de simples, muito pelo contrário, ela corresponde ao importante trabalho de eliminar o supérfluo, o acessório -

encontra-se a pesquisa realizada por um professor norte-americano no Chile, da qual se destaca:

“Coloane há vivido con el hombre de las regiones australes, de día, de noche, en las tempestades y en las ocasiones de buen tiempo, en las estancias de la pampa patagónica, en el camino que conduce las ovejas al frigorífico, en la soledade del viento y el frío de la tierra (...) (él) creció en la región en los momentos formativos de su vida. En la región que parece ser dominada por el rumor del mar y por los vientos del oeste, Coloane ha sabido describir al hombre que con sus propias fuerzas e instintos ha sabido labrar una vida que, sea dura y exasperada, sea a veces casi primitiva, tiene valor de ser auténtica, inobjetablemente verdadera.” (PETREMAN, 1988, p.101).

Se a presença da natureza é um traço marcante na obra de Coloane, a relação entre as personagens com ela também se apresenta a serviço do relato, existindo um equilíbrio entre as forças que mobilizam as personagens e os elementos naturais. Tal proposta literária é descrita como uma mistura de narração e descrição, com diálogos estratégicos para uma dosagem da tensão da trama. Esse procedimento difere do utilizado pelos autores “criollistas”<sup>12</sup>, denominação do realismo na literatura chilena, que deram muito mais ênfase à descrição da natureza, subjugadora do homem. Pelo contrário, no estudo referido, se menciona que o homem essencial de Coloane pode até ser vencido pelas forças da natureza mas nunca perde a sua grandeza de ser humano. Conclui-se essa idéia com o seguinte comentário:

---

<sup>12</sup> Dentre eles citam-se Mariano Latorre, Alberto Romero, Luis Cornejo, Nicomedes Guzmán, Marta Brunet, Luis Durand, Juan Godoy e Armando Méndes.

“Coloane nos presenta um hombre de sustancia con una literatura y lenguaje esenciales y realistas. Su integración del hombre y del medio ambiente es de los mejores; sin duda la mejor de los que tratan el sur del continente. Coloane presenta al hombre en un ambiente de contornos primarios, simples, naturales. Esa nitidez del fondo lo destaca con sus vicios y virtudes con relieves precisos, limpios, y nos permite apreciar el proceso de integración del hombre-medio en sus formas naturales. Esta maestría vimos algo metafóricamente en Kipling, y luego más directamente en Jack London.” (PETREMAN, 1988, p.101).

Portanto, mesmo que se trate de duas literaturas diferentes, produzidas em extremos opostos de América do Sul, e que possivelmente nunca uma teve influência sobre a outra, e vice-versa; ao concluir esta revisão, existem motivos para afirmar a existência de semelhanças entre as obras de Dalcídio Jurandir e Francisco Coloane. Uma presença permanente e poderosa da natureza na base dos relatos, e a relação vital entre essa natureza e as personagens humanas. Com esse marco de referência para a pesquisa do elemento água, se procedeu à seleção dos textos que forneceram os dados para o estudo.

## AS OBRAS

O escritor paraense Dalcídio Jurandir escreveu em 1929, a primeira versão do seu livro de estréia *Chove nos campos de Cachoeira*, quando trabalhava em Gurupá, PA. Em 1939 reescreve esse livro em Belém, o qual será publicado em

1941 pela editora Vecchi, no Rio de Janeiro, como parte do prêmio ganho pelo primeiro lugar no concurso literário instituído por essa editora e o jornal *Dom Casmurro*. Em 1939 escreve sua segunda obra sob o nome *Marinatambalo* a qual será publicada somente em 1947, pela Livraria José Olympio Editora, com o nome de *Marajó*. Em 1956 foi publicado o terceiro romance *Três casas e um Rio* pela Livraria Martins Editora. Seguiram a estes os seguintes romances: *Linha do Parque*, Editorial Vitória (1959), e que é considerado pelos estudiosos, por sua temática social, o único de todos que não pertence ao denominado “Ciclo do Extremo Norte”; *Belém do Grão Pará*, Livraria Martins Editora (1960); *Passagem dos Inocentes*, Livraria Martins Editora (1963); *Primeira Manhã*, Livraria Martins Editora (1968); *Ponte do Galo*, Livraria Martins Editora (1971); *Os Habitantes*, Editora Artenova (1976); *Chão dos Lobos*, Distribuidora Record Editora (1976); *Ribanceira*, Distribuidora Record Editora (1978).

Para a pesquisa foram utilizadas as seguintes edições: *Edição Crítica de Chove nos campos de Cachoeira*, ASSIS, ed. Unama, Belém, 1998; *Marajó*, 3. ed. Cejup, Belém, 1992; e *Três casas e um Rio*, 1. ed. (fac-símile), Livraria Martins Editora, Rio de Janeiro, 1956. A sua terceira edição, Cejup, Belém, 1994, foi objeto de consulta e cotejo textual e ortográfico.

Francisco Coloane escreveu sua primeira novela *El último grumete de la Baquedano*, em 1941, ganhando com ela um concurso entre outras trinta obras apresentadas. A partir dali, sua pena descreveu os mares do inóspito território da Patagônia, da Terra do Fogo e das latitudes polares em vinte obras, entre contos, novelas, crônicas, testemunhos, além de escrever alguns roteiros para cinema, até

a sua recente morte (JIMÉNEZ, 2003). Foram escolhidas as obras *Cabo de Hornos* (1941), *Golfo de Penas* (1945), *Tierra del Fuego* (1956); todas contendo contos de singular valor, que se encontram entre os más representativos de toda sua obra. Desenvolvidas durante três lustros, no seu conjunto, essas obras apresentam uma gama rica de matizes para as representações da água e da natureza.

Como texto base da pesquisa foi utilizado *Cuentos completos. Coloane* (1999). Nele estão contidos, além dos três livros acima, outros dois contos sob a rubrica “Inéditos”, também incluídos no *corpus* da pesquisa<sup>13</sup>. Foram incorporados nele, ademais, três dos quatro contos “inéditos” que integram o livro *Francisco Coloane en Viaje* (JIMÉNEZ, 2003). O quarto desses contos, “El capitán Ñato”, coincide exatamente com o conto “Cazadores de focas” que integra o livro *Golfo de Penas*.

---

<sup>13</sup> Um estudo dos textos contidos sob a rubrica “Golfo de Penas”, no livro *Cuentos completos. Coloane* permitiu observar que dois dos contos não pertenciam ao livro original. Consultada a primeira edição desta obra, somente constou o conto homônimo, além de outros três, que foram incorporados posteriormente no livro *Tierra del Fuego*.

Especificamente, conferiu-se que o conto “Estelas del Caleuche”, página 208, em *Contos completos. Coloane*, refere fatos sobre o terremoto de 21-22/05/1960, grau 9,2 na escala Richter, que no sul do Chile provocou, entre outros efeitos, o hundimento de plataformas costeiras em mais de 3 m., devastando muitas cidades, notadamente o porto de Valdivia. Também o conto “Balleneros de Quintay”, página 290, por sua vez, refere, no seu final, a participação do grupo de ativistas *Greenpeace* na luta contra a caça da baleia. Consultado o histórico do grupo, na internet, relata-se que o início das atividades ocorreu em Vancouver, em 1971.

O fato incontestável é que, a primeira edição de *Golfo de Penas*, foi publicada pelas Ediciones Cultura em 1945.

## ÁGUAS + HOMEN + CONTEXTO

Apresentam-se, neste trabalho, os resultados dessa pesquisa. Foram definidos como objetivos gerais identificar e caracterizar as águas, assim como suas relações com o homem e a cultura. O segundo capítulo responde duas perguntas: como se apresenta o elemento água nos textos? Quais as características da água nesses textos? O resultado de ambas é uma multiplicidade de formas do elemento água, quantificadas, explicadas e exemplificadas, incorporando o próprio vocábulo, seja utilizado em sentido denotativo (água na natureza), seja em sentido conotativo (comparações e figuras de pensamento). A seguir são revisados os vocábulos considerados como realizações da forma “água”. Rio, mar, lago, chuva, lodo e muitos outros vocábulos são registrados, quantificados, descritos e exemplificados. Alguns desses registros apresentam variantes lexicais. A partir da comparação dessas ocorrências, naquilo que têm de comum e de diferentes nos textos dos autores, sintetizam-se algumas conclusões.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados que respondem as questões que relacionam o homem com o elemento água nas narrativas escolhidas, e de que forma essas relações adquirem um significado importante na vida das personagens. As atividades humanas vinculadas com o elemento água, como a pesca, a navegação, o relato de lendas e mitos e a vida cotidiana são as trilhas escolhidas para essa etapa da pesquisa. Observaram-se as influências que a água exerce sobre as ações rotineiras, na formação da cultura local, quanto nos momentos de conflito ou crise existentes na trama textual, particularmente no

confronto entre o homem e a natureza indômita, para deduzir as principais relações existentes nos textos. A escolha de alguns exemplos suscita espaço para um aprofundamento do estudo das relações de dominação e dependência que se estabelecem entre o homem e o elemento água.

### CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O *corpus* da pesquisa apresentada no segundo capítulo foi constituído pelos vocábulos que formam o campo semântico do elemento água, encontrados nos textos literários selecionados. Nele estão incluídos os substantivos comuns e os substantivos próprios de acidentes geográficos, os adjetivos e locuções nominais, os verbos e formas verbais relacionadas com estados, situações e ações nas quais a água está presente. Dentre os substantivos comuns coletados, a presença do elemento água divide espaço com outras realizações vocabulares, tais como a chuva, a neve, o rio, o mar, o lago, etc. Para cada uma delas se constatou a existência de variantes, que modulam e enriquecem o *corpus* lexical, por serem apropriações da realidade cultural que os textos representam, como se verá.

Para a elaboração do *corpus* foram realizadas as seguintes etapas de coleta dos dados: a) leitura, por extenso, de cada texto selecionado e individualização das frases ou orações que continham as palavras água ou suas variantes; elaboração de tabelas eletrônicas no programa Excell, da Microsoft, das ocorrências agrupadas por

obras, que incluíram o texto da frase ou oração, a página de referência e a palavra-chave do *corpus*; procedeu-se à ordenação alfabética de todas as ocorrências de cada texto, somando todas aquelas que tinham a mesma palavra-chave; posteriormente, se realizou uma ordenação hierárquica de cada elemento do *corpus* tendo em conta seu número de ocorrências em cada obra. Comparados os textos do mesmo autor, observaram-se analogias entre as séries de palavras-chaves, resultado preditivo se considerados os elementos de unidade estilística de cada um deles. Contudo, as mesmas séries de palavras diferem, quando comparadas entre os dois autores; elementos culturais e condições locais permitiriam interpretar essas diferenças no uso do léxico.

Os vocábulos que conformam o *corpus* estão inseridos em frases ou orações coletadas nos textos literários selecionados, e quando necessário, estão referidos a esses textos, por meio de citação, indicando código, seguido do número da página. Para tal efeito se estabeleceu a seguinte convenção. Os textos foram representados pelos códigos, como segue:

*Chove nos Campos de Cachoeira* = R 1;

*Marajó* = R 2;

*Três Casas e um Rio* = R 3;

*Cabo de Hornos* = C 1;

*Golfo de Penas* = C 2;

*Tierra Del Fuego* = C 3;

*Cuentos Inéditos* (seleção) = C 4.

Com referência ao significado etimológico e as acepções que cada vocábulo apresenta, por convenção deve se entender que para todas as palavras do português fora consultado o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, na sua versão 1.0, do ano 2001, em CD-rom. No caso das palavras em espanhol, o mesmo deve se considerar com o *Diccionario de la lengua española*, vigésima segunda edição, disponível para consulta *on-line* na internet. Quando diferente, a fonte é indicada de modo expresso. As informações não dicionarizadas são de responsabilidade do autor de este trabalho, indicado por (E.H.I).

## Capítulo 2

### A ÁGUA E SUAS CARACTERÍSTICAS NOS TEXTOS

*“Alfredo ouvira-a falar dessa história cheia de águas e florestas desconhecidas...” (R3, 138).*

O elemento água tem sido encontrado em todos os textos escolhidos. Em quantidade variável, e com realizações e variantes que diferem de um para outro, esses textos apresentaram-se como uma ampla gama de vocábulos, uma parte dos quais foram escolhidos para estudo por sua abundância e diversidade lexical.

A primeira forma de ordenação para o desenvolvimento dessa etapa do estudo considerou a divisão em dois grupos: a) o grupo dos vocábulos que representaram o elemento água; b) o grupo formado por suas variantes e realizações. Os vocábulos de ambos grupos podem ter sido registrados com sentido denotativo ou sentido conotativo.

O vocábulo água se encontra dicionarizado na língua portuguesa, e consultados o verbete e sua etimologia em *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, 2001, foi possível registrar:

Etimologia: lat. *aqua,ae* 'água'; ver *aqüe-*; f.hist. 973 *agua*, sXIII *agua*, sXIII *aga*, sXIII *augua*.

Acepções registradas: substantivo feminino

**1** substância (H<sub>2</sub>O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio

**2** Rubrica: hidrologia. a parte líquida que cobre aproximadamente 70 % da superfície terrestre, sob a forma

**3** líquido que corre das árvores quando feridas ou queimadas

**4** suco de certos frutos

**5** qualquer secreção orgânica aquosa, como suor, saliva, lágrimas, humor, urina etc.

**5.1** secreção patológica que se escoia de um órgão; corrimento

**5.2** Rubrica: veterinária. Diacronismo: antigo.m.q. *água-comum*

**6** Uso: informal. sopa rala

**7** ondeado e brilho que se observam no cabelo ou em certos mármore, madeiras (sobretudo quando polidas), tecidos, estofos etc.

**8** Derivação: sentido figurado. qualidade, nível intelectual ou artístico. Ex.: um poeta da melhor á.

**9** Derivação: sentido figurado (*da acp. 1*). Regionalismo: Brasil. Uso: informal. tarefa que não apresenta dificuldade ou não exige esforço. Ex.: o exame foi aquela á.

**10** Regionalismo: Nordeste do Brasil. qualquer medicamento em forma líquida; infusão, cozimento, decocção

**11** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. turvação mental causada por excesso de álcool; embriaguez. Ex.: o homem estava na maior á.

**12** Regionalismo: Nordeste do Brasil. época em que os grandes cardumes de peixes nadam em direção às nascentes dos rios

**13** Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal. aguardente de cana; cachaça

**14** Regionalismo: São Tomé e Príncipe. rio ou ribeiro

**15** (1721) Rubrica: arquitetura. vertente de telhado

**16** Rubrica: cristalografia. solução aquosa onde os cristais se depositam

**17** Rubrica: hidrologia. líquido obtido por destilação ou infusão

**18** Rubrica: gemologia, mineralogia. transparência de algumas pedras calcárias. Ex.: á. do mármore

<sup>a</sup> águas. - n substantivo feminino plural

**19** grandes extensões de água, como mares, lagos, rios etc. Ex.: <as á. do planeta> <as á. do São Francisco, do Atlântico>

**20** as chuvas

**21** nascentes de águas minerais e medicinais; termas, estância hidromineral

**22** substâncias orgânicas, esp. o líquido amniótico que envolve o feto na cavidade uterina, expulsas por ocasião do parto

**23** mostras, sinais exteriores

**24** Derivação: por metáfora. exemplos, experiências, tendências (de algo ou de alguém)  
Ex.: ir nas á. de um mentor.

Nos sentidos e conotações que registrou o verbete água, acima, pode ser encontrada uma correlação com a multiplicidade física de formas que o elemento água assume na natureza e na existência humana. A presença deste elemento na vida urbana e rural, no dia-a-dia, resulta trivial, corriqueira, e como tal, passa despercebida; quando da falta dela, ocorre de sentir-se o quanto a água é vital e importante. Exatamente foi essa onipresença que se evidenciara nos resultados da pesquisa, e que pode interpretar-se dos resultados da Tabela 1 do Anexo E. Ela resumiu as ocorrências do vocábulo água, encontradas nos textos.

O vocábulo água foi encontrado nos textos nas seguintes quantidades:

R 1 = 66 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 1,45 %.

R 2 = 111 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 2,44 %.

R 3 = 124 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 2,73 %.

C 1 = 53 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 1,17 %.

C 2 = 28 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 0,62 %.

C 3 = 40 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 0,88 %.

C 4 = 21 vezes num total de 4543 ocorrências contabilizadas; sendo 0,46 %.

No conjunto dos textos, o vocábulo água ocorreu 443 vezes, num universo de 4543 vocábulos que integraram o *corpus* da pesquisa, correspondendo a 9,75 % desse total. Essa proporção evidenciou a importância que o elemento água adquiriu na composição dos textos escolhidos.

## 2.1 ELEMENTO ÁGUA: A FACE REAL

A primeira forma de ordenação para o desenvolvimento desta parte do estudo considerou o sentido denotativo do vocábulo água. Uma leitura específica das ocorrências desse vocábulo, nos textos dalcidianos e do autor chileno, apontou a grande diversidade de sentidos que os registros do vocábulo carregaram. Destaque para a água como representação da natureza, com sua condição de elemento em eterno movimento, que atinge às vezes forma cíclica. Importante no conjunto foi o registro da água como elemento da vida diária do homem, ao longo de sua vida.

O elemento água, no seu sentido denotativo, estava registrado nos textos dalcidianos e nos de Coloane num total de duzentas e vinte e duas vezes; seja descrito como elemento da natureza ou como elemento da vida cotidiana dos homens. As ocorrências do vocábulo nos textos dalcidianos somam mais de dois terços desse total (69%), enquanto que a água nos textos de Coloane representou um terço desse total, como se observou na Tabela 2 do Anexo E.

Essa diferença foi interpretada como uma especificidade do nível da linguagem utilizada pelos narradores nos textos. Nas três obras do escritor paraense predomina a linguagem popular, num registro coloquial, com emprego de regionalismos, paraensismos e expressões que, na consideração da pesquisadora, "...é um variadíssimo quadro que o autor 'pintou', com vivacidade e precisão (...) da vida e dos costumes do nosso povo interiorano..." (ASSIS, 2002, p. 22). Assim, água é simplesmente água. Por sua vez, nos textos de Coloane a

linguagem é precisa, clara, sólida e sugestiva, no comentário do escritor espanhol José Maria Guelbenzú (COLOANE, 1999). Na escolha de um registro para dar voz ao narrador onisciente, esse autor amplia o léxico, incorpora seus próprios conhecimentos e seleciona com cuidado as expressões que agora se estudam. Água, aqui é somente água.

~ √ ~

O elemento água foi estudado como peça importante na vida do homem; no registro das suas atividades cotidianas, a água faz parte da rotina. Mais da metade de todas as ocorrências foram consideradas dentro dessa categoria. Na Tabela 2 do Anexo E, foi observado que as obras dalcidianas concentram mais de três quartos desse conjunto de ocorrências. As cenas da vida marajoara, dos caboclos e ribeirinhos foram o tema principal tratado nos três romances estudados. Já nos contos de Coloane, nos quais o tempo ficcional tem sido concentrado em poucas cenas, as ações corriqueiras da vida humana são descritas quando relevantes para a história a contar. Todas as ocorrências dessa categoria são estudadas no terceiro capítulo do trabalho.

Com menos ocorrências para a água como representação da natureza, no total, elas resultam interessantes por configurar marcas da linguagem da natureza presente ao longo dos textos, mostrando sua condição de líquido elemento em eterno movimento, que atinge, às vezes, forma cíclica. Entre esses registros foram estudadas aquelas frases nas quais a água foi descrita; suas características físicas como a cor, a temperatura e sua aparência. De modo similar à situação

acima descrita, as ocorrências desse tipo nos textos de Dalcídio Jurandir representam quase dois terços de todas as observadas.

Uma característica física relacionada com essa água, recorrente nos textos R1, R2 e R3, é sua transparência. Registra-se em “Se fosse ao igarapé sentar (...) com a água tão clara de se enxergar os peixes mexendo as barbatanas?” (R2, 144). A observação referida, no exemplo, cria uma percepção de uma natureza impoluta, representada pela água que corre mansa, num igarapé e na possibilidade de observar o movimento das barbatanas dos peixes. No oriente da ilha de Marajó a hidrografia apresenta poucos rios e igarapés, os primeiros atravessam os campos sinuosamente, os últimos nascem dos pequenos desníveis dos tesos, das matas fechadas. Nos primeiros as águas correm lentas e lodosas, e recebem o impacto das marés da baía de Marajó, principalmente; os segundos filtram as águas das chuvas e avançam transparentes. Quanto aos peixes com barbatanas, corresponde às diversas espécies de bagres, que habitam nas beiras lodosas dos mesmos igarapés. A coerência desse parágrafo com a realidade da geografia local se observou no texto todo, como exemplo de precisão na escrita dalcidiana.

Continuando com as características do vocábulo água, essa transparência muda, a água se torna colorida, por conta do entorno na qual se encontra. Aqui desponta o aspecto multifacetado do elemento água. As cavernas dos rochedos ou das falésias dos canais patagônios torna-a escura, profunda, às vezes medonha, como se observa em “...aguas oscuras!” (C1, 25) e “...sus aguas se volvíam aún más negras...” (C3, 403). Em meio do mar as variações ocorrem pela

presença do céu, do sol, das nuvens, da fauna ou a flora; como aparece em “...los erizos, que a poca profundidad pululaban tiñendo de verde sepia a las cristalinas águas...” (C3, 394); e também em “...ao longe a água tinha um azul de grande mar, escamado de sol...” (R3, 404). A profundidade também muda a cor, nos canais austrais, nos dias de inverno que caem, fazendo que “...sus aguas se volvían aún más negras...” (C3, 403), e de modo similar, sob a superfície “...abajo, entre las aguas verdosas...” (C3, 404), onde a vida marinha se recolhe.

A consistência das águas muda constantemente, no período das enchentes e vazantes que acontecem durante o inverno de Marajó; as águas vêm misturadas com sedimentos que arrasta o rio Amazonas. Os textos reproduzem essas mudanças e pode-se encontrar água mais clara, no exemplo: “...passar horas tentando puxar na água tipitinga<sup>14</sup> um daqueles tambaquis gordos...” (R2, 341); e outras misturadas com lama, como em: “...um boi teimoso e bravio mergulhara na água barrenta...” (R2, 251). Até mesmo, essas águas podem contaminar-se por causas naturais ou por culpa do homem; a maré vermelha contamina com suas toxinas a fauna local das costas do Pacífico sul, por motivos ainda não bem esclarecidos; o derrame de óleo queimado e de gasolina polui as águas interiores do Marajó, quando da navegação e da pesca intensiva, como no exemplo: “...água oleosa se estendeu macia...” (R2, 284).

Uma característica das águas que inundam a ilha de Marajó é o fato de ficarem retidas por longos períodos, antes de se iniciar sua vazante. Essas águas

---

<sup>14</sup> Tipitinga: s.f. água barrenta, mas esbranquiçada. (ASSIS, 1992, p. 188).

paradas são chamadas de “águas mortas”. Elas esquentam, sofrem processos de decomposição sob o efeito da exposição ao sol, e exalam vapores pútridos. Exemplificam isto: “...por cima daquelas podres águas lamacentas...” (R2, 331), “...águas fumegavam...” (R3, 32) e também “...o primeiro a cair na água lamacenta e fumegante...” (R2, 253).

No conjunto, as características físicas do elemento água, representadas nos textos escolhidos apontam para uma presença mutável desse elemento, vinculada com os outros que formam a paisagem local, seja nos campos marajoaras ou nos canais patagônios. Sua variabilidade acentua o caráter de elemento vivo, que se integra na trama dos relatos, em alguns casos, como personagem poderosa.

~ √ ~

A água como representação da natureza mostrou, ainda, um grupo de marcas textuais nas quais se valorizou sua dimensão dinâmica. Nos textos de ambos escritores, as águas são representadas em constante movimento; no conjunto em estudo, essas ocorrências representam mais de um quarto do total, como se observou da Tabela 2 do Anexo E. Os movimentos também reforçam a condição de elemento animado, dinâmico, como se as águas estivessem “vivas”, como se lê em “...deliciava-se com águas vivas...” (R3, 28).

Entre os movimentos cíclicos se encontram as marés e as enchentes. As primeiras ocorrem todos os dias; as águas sobem até o nível máximo, para logo descer até o nível mínimo. Isso, duas vezes por dia. Entre o fim da preamar e o

início da baixa-mar existe um lapso em que o nível das águas se estabiliza, a *estoa*. Exs.: “...el agua se ha adentrado por los canales...” (C1, 155); “...subir el nivel de las aguas...” (C3, 420); “...sus aguas interiores...” (C2, 176); “...desnivelan la superficie de las aguas más calmas...” (C2, 192); “...entran y salen las aguas del estrecho de Magallanes...” (C1, 148); “...canal Beagle recoge y lanza sus aguas hacia el cabo de Hornos...” (C1, 96).

Se as marés ocorrem em todos os mares e oceanos do mundo, a ilha de Marajó, assim como a costa do Salgado paraense e os rios da bacia do Baixo Amazonas também sofrem sua influência. Esse fenômeno, sem ser exclusivo dessa região, foi caracterizado nos textos dalcidianos, nos casos: “...O luar abrindo os olhos do mato e a água escorrendo pelos paus no choro da vazante...” (R2, 34); “...águas que iam e vinham mornas e silenciosas...” (R1, 119); “...olhando a água tufar na praia, siririgando...” (R2, 64); “...a água não bulia...” (R2, 146); “...água da enchente ondulando...” (R3, 68). Um destaque para o uso dos termos do vocabulário popular “siririgando” e “bulir”.

As grandes inundações, que periodicamente cobrem os campos da ilha de Marajó, no setor oriental, deslocam as águas das cheias do rio Amazonas para o interior dos campos, alagando-os e transformando a vida de todos os habitantes da região. Santa Cruz do Arari, Cachoeira do Arari e Genipapo são os três núcleos urbanos mais afetados. Os habitantes dos campos, os trabalhadores das fazendas e os pescadores ribeirinhos procuram os lugares mais altos e enxutos, os tesos, e reduzem os deslocamentos nas suas atividades. As águas carregam a vida de bubuia; parte dos terrenos de ribas, árvores, animais, tudo se mistura nas águas,

que sobem lentamente, dia-a-dia. Quando elas descem, tem início a grande seca da região, as águas evaporam-se e as chuvas diminuem, o céu fica em brasas, a lama racha em torroadas, falta água para todos.

Dalcídio Jurandir conseguiu representar nos textos esses ciclos da água, observado nos exemplos: “...água parada refletia o fundo do soalho...” (R3, 308); “...água que inundava o campo rodeando o chalé...” (R3, 69); “...água voltava às suas proporções reais...” (R3, 27); “...águas do Arari baixavam...” (R3, 268); “...nas águas grandes os restos de cemitério tombavam nas beiradas...” (R3, 139). Também se pode observar nestes exemplos: “...com a força das águas, desciam também os barrancos<sup>15</sup>...” (R3, 346); “...os campos dentro d`água...” (R1, 120); “...via a mata flutuar nas águas cor de sol...” (R2, 297); “...as águas arquejavam pesadas e barrentas...” (R3, 402); “...águas que as grandes chuvas trazem...” (R1, 119). Todos esses movimentos se repetem ano após ano, modelando a ilha de Marajó, marcando seus habitantes num mundo de águas, uma tirania da natureza que não se deixa dominar.

Existem, por fim, alguns registros de movimentos das águas, produto da força de gravidade no relevo dos canais patagônios. Observou-se também a presença permanente dos ventos na paisagem da Patagônia, normalmente associada ao mau tempo reinante na maior parte do ano. Exemplificam os casos anteriores: “...agua de una pequeña vertiente caía a goterones...” (C1, 23);

---

<sup>15</sup> Os barrancos ou “terras caídas” representam um fenômeno produzido pela inundação do vale pelas águas do rio Amazonas; as margens são arrebatadas com violência, levando tudo aquilo que esteja acima, muitas vezes ultrapassando a foz, oceano adentro. (MIRANDA, 1968).

“...hacer agua en una vertiente...” (C3, 393); “...lo mandó (...) en busca de agua en la vertiente...” (C3, 412); “...curiosos remolinos bajo el agua...” (C1, 153); “...la cerrazón de agua era completa...” (C2, 165); “...un bandazo de agua pasó...” (C2, 183); “...El alud de viento y agua seguía igual...” (C1,159). Observa-se que o elemento água se desdobra em *cerrazón*, *remolinos*, *vertiente*, o que amplia o repertório dos textos, mostrando a inserção da linguagem na vida real de cada lugar.

Os exemplos registrados permitiram concluir que os textos em estudo representaram o elemento água em suas manifestações de elemento natural, incorporados nos espaços geográficos que constituem os campos da ilha de Marajó e os canais da Patagônia. Essas representações consideraram o vocábulo no sentido denotativo, e descreveram sua materialidade enquanto elemento físico da realidade; suas cores, sua consistência, seus movimentos. Tal descrição estreita a relação entre o texto ficcional e os objetos da realidade descritos, constituindo-se, além do valor literário, num importante documento de conhecimento cultural.

A maior difusão das obras de Dalcídio Jurandir poderia ser de grande incentivo para o conhecimento e a valorização da região Norte do Brasil. No caso de Coloane ocorreu ao contrário; desde cedo o autor teve uma difusão ampla dos seus contos em nível nacional, permitindo, entre outras, sua inclusão nas leituras escolares e possibilitando que milhares de jovens “conhecessem” uma região distante, solitária e lendária. Ainda hoje, a dificuldade de acesso é um dos principais entraves para sua integração nacional. Entre Santiago e Punta Arenas

há 3.100 quilômetros de distância, percorridas em quatro horas de voo comercial ou três dias de viagem rodoviária, passando pelo território argentino; já a travessia em transbordador entre Puerto Montt e Puerto Natales demora setenta horas. Em dias de informações instantâneas e globalizadas, a leitura dos textos de ficção poderia ser o incentivo para ampliar o processo do conhecimento da população e o desenvolvimento do imaginário.

O tema da cultura, tangenciado aqui, remete a uma das funções da literatura, qual é a de servir de caminho para o conhecimento. Estudiosos reconhecem que a literatura constitui um domínio próprio, no qual seriam observados três âmbitos: uma dimensão sociocultural, uma dimensão histórica e, ainda, uma dimensão estética. Elas estão entrelaçadas por um sentido de complementaridade, que pode ser observado em todos os casos de estudo (REIS, 1997). Existe uma finalidade que se atribui ao texto literário dentro de determinados contextos sociais e culturais; ela estaria associada com a busca da verdade, através da representação da linguagem literária.

Quanto à dimensão sociocultural, como REIS (1997) argumenta, há de se considerar o comprometimento do escritor, enquanto ator social, no desenvolvimento de suas escolhas lingüísticas e textuais que podem estar vinculadas a um determinado ponto de vista ideológico. Em particular, observa-se que tal situação pode ser aplicada, em graus diferenciados, aos dois autores em estudo<sup>16</sup>. Aqui se abre a porta de um conhecimento para os contextos nos quais

---

<sup>16</sup> Alguns pesquisadores de Dalcídio Jurandir abordam questões relativas ao ideário sócio-político na sua literatura; veja-se *REVISTA ASAS DA PALAVRA*, n. 17, 2004. Por sua vez, em recentes documentos se

essas obras literárias foram criadas. E nesse ponto, a valorização do que é diferente, daquilo que se encontra distante e do qual o escritor pode-nos falar, descreve, e ao mesmo tempo encanta-nos e aproxima-nos. A literatura comparada tem como tarefa, no dizer de PAGEAUX (1994), essa possibilidade, pelo menos, em termos de estudos acadêmicos.

Como se apresenta o elemento água na narrativa de um escritor paraense, que viveu em contato direto com a natureza exuberante da Amazônia ? De que modo a geografia e a história da Patagônia são representadas pelo escritor Francisco Coloane nos seus contos? Essas questões traduzem um interesse mais amplo, qual é o de ultrapassar os limites do círculo limitado de nossos saberes locais e cotidianos, para ir além, na compreensão de outras realidades sociais e culturais. No início do trabalho comparatista “...il y a une attention portée à l'étranger, à la connaissance des cultures étrangères, aux contacts et aux rencontres, aux affinités entre écrivains, aux interférences entre cultures, à l'écriture de découvertes réciproques.” (PAGEAUX, 1994, p. 25). A complexidade que podem apresentar os assuntos envolvidos possibilita abrir caminhos novos, como as pesquisas lingüísticas ou de estilo; os análises da recepção ou abordar o estudo das representações. Enfim, a partir da curiosidade e a busca de informações, o texto pode ser “socialmente produtivo” para se transformar em fonte de conhecimentos.

---

registra o comprometimento de Coloane com as causas sociais dos trabalhadores da Patagônia, no caso, CID, 2004.

## 2.2 ELEMENTO ÁGUA: A FACE IMAGINÁRIA

O vocábulo água foi observado nos textos escolhidos sendo utilizado com sentido conotativo. As frases registradas foram ordenadas de acordo com a seguinte classificação: a) figura de pensamento que realça uma idéia ou emoção, no caso a prosopopéia ou a personificação; b) comparação, que cria uma imagem literária com base numa situação da realidade, do conhecimento comum ou dos provérbios e ditados, e com os quais sintetizam-se novas idéias.

Entre os ditados analisados e que incorporam o vocábulo água, estavam: “...tomar agua parado...” (C2, 288); “...pai não era pau-d`água como você...” (R2, 98); “...quando é pra fazer não tem água que apague o fogo...” (R2, 160); “*O tal de nosso casamento foi por águas abaixo.*” (R1, 156); “...meterse en aguas difíciles entre laberintos isleños...” (C2, 188). Em todos eles a sabedoria do povo concentra um conceito, uma idéia, as quais passam noções de ordem social ou normas de moralidade, longamente confirmadas. Também foi registrado um acalanto popular: “Mamai, cante ..o acalanto (...) Cavaleiro do meu pai, / Me dá um jarrito d`água / Se te der água, Silvana / Tenho a cabeça degolada” (R2, 362).

A comparação, quando empregada na literatura<sup>17</sup>, cria imagens a partir do confronto entre uma idéia do autor com um saber universal, comum, que inclui ao leitor. Ela tem sido utilizada amplamente nos textos dalcidianos e nos de Coloane,

---

<sup>17</sup> Segundo ALBIN, a comparação se entende como: “deux substantifs (lê terme comparé et le terme comparant) mis en relation par um attribut représentant leur qualité commune, la conjonction indiquant le rapport d`analogie ou de similitude entre deux eux et la copule liant lê sujet (ici le comparé) à l`attribut.” (ALBIN, 2001, p. 149).

na maior parte dos exemplos, a partir do emprego do vocábulo “como” vinculando os dois termos a comparar. Em algumas poucas ocasiões se usaram as formas “parecer”, “parecer que” ou “parecer-se com”. Observou-se nessas frases, que a presença do vocábulo água ocupava uma das três posições possíveis: primeiro termo da comparação, segundo termo ou a cópula, o espaço de vínculo no qual se gera a comparação.

O elemento água no primeiro termo da comparação correspondeu às águas em movimento; já rasgadas ou poderosas como elefantes, já cortantes como o chicote ou leves e brincantes, nas imagens os movimentos foram acentuados. Exs.: “Las aguas del canal estaban tan tersas que la proa del *Angamos* las desgarraba silenciosamente como el rasguido de un raso. Esta estrecha faja de agua verde gris del canal se enmarca en estribaciones montañosas...” (C2, 283); “...água tênue como estremecimento...” (R3, 27); “A noite era como ninho de cobra, água voraz,” (R3, 267); “...as águas brincavam em torno da curicaca<sup>18</sup>, como meninos em ciranda.” (R2, 284); “El baldazo de agua cayó como un ancho látigo...” (C1, 135); “...as olas venían como elefantes ágiles y blandos, y se dejaban caer con grandes manos de agua que abofeteaban mi rostro...” (C1, 42); “...a água coleava como o corpo de Alaíde...” (R2, 145).

O elemento água no segundo termo correspondeu, na maioria dos casos, a representações de águas reais que são conhecidas por todos e que incorporam um apelo aos sentimentos. Dessa forma, consegue-se idealizar as imagens que o

---

<sup>18</sup> Curicaca –s.f. um tipo de embarcação a vela (Não dicionarizada). (ASSIS, 1992, p. 67).

texto evoca com maior intensidade. A solidão da ilha ou o barulho das águas ajudam a se imaginar os exemplos: “A voz de Manuel Raimundo ainda rolava dentro de seu ouvido como água.” (R2, 236); “...o chalé ficava mais distante do mundo, mais longe da cidade, parecia boiar nas águas e se perder pelos campos, desaparecer pelos lagos.” (R1, 398). O tema da voz das águas foi registrado várias vezes, como em: “O vento agitou as árvores, parecia ouvir-se a baía lá fora, o sono daqueles seres largados nas esteiras, nos jiraus e nas redes adquiria voz na agitação do vento e das águas,” (R2, 149); “...Guíta se atravessava naquela voz como num largo e pacífico rio, as águas envenenadas de um afluente.” (R2, 293).

Também o movimento das águas foi motivo desse tipo de comparações, no seu contínuo fluir ou seu vagar. Vejam-se os exemplos: “...porque a terra vinha na água que a banhava e lhe cobria a pele de cabocla como os rios, enchendo, cobrem de lodo a várzea e as ilhas nascentes...” (R2, 349); “A manhã parava as águas como um remanso...” (R2, 57); “Foi o tempo em que a borracha baixou como água no Purus.” (R2, 136); “...parecia fluir (...) como as águas...” (R2, 67). A identidade entre o homem e as águas é registrada em exemplos como: “...os dentes brilhavam, úmidos e claros, como a maresia do lago nas águas do inverno.” (R2, 240) e em “Trouxera Alaíde, como uma filha das águas brancas, os cabelos de prata, o corpo de peixe, o cheiro de aninga.” (R2, 34).

Em certos casos, porém, observou-se uma correspondência com as coisas abstratas ou imaginárias, com presença do lírico. Exs.: “Mi mente los asía y los soltaba como a los rostros perdidos en el agua.” (C1, 74); “...água parecia espelho

das estrelas...” (R3, 78); “...a água foi escoando como de sua alma escoavam os sonhos e os desejos...” (R3, 309).

Em algumas comparações, o vocábulo água representou o meio para que essa comparação acontecesse; os dois termos que remetem ao mundo real se cruzam nas águas. Esta propiciou e favoreceu a expressão das imagens, como aparecem em: “Campos nas grandes águas parece-se com Cachoeira.” (R1, 306); “...o chalé dentro d`água será uma ilha nos campos de Cachoeira” (R1, 374); ou em “...la turba estaba empapada de agua como una esponja...” (C3, 447). Observou-se o homem comparado com animais, evidenciado em: “...ficara esticado nas águas como um peixe-boi envenenado no timbó.” (R2, 17); “...sinhazinha deslizou n`água como os peixes...” (R2, 146). Também veja-se que (Ela) “...gostava d`água como filha de lontra, tomava banho no pino da maré como se a maré enchesse só para ela.” (R2, 47); também o homem é comparado com vegetais, como por exemplo: “...ondulando, naquela água de inundação, seu corpo, seus cabelos pareciam morurés.” (R2, 260); “...aqueles cabelos escuros, seriam rede de pescar? Eram tão vivos dentro d`água, flutuavam como plantas, como os sonhos flutuavam dentro do sono.” (R2, 144). Por último, no meio do mar, entre as ondas assomam-se as “...aletas en hoz salientes fuera del agua, como penachos de cascos de bomberos sobre sus lomos curvos, relucientes de negro.” (C2, 225); essas nadadeiras que, numa imagem simples e certa do autor, todos podemos “visualizar”.

Em todos os textos escolhidos foi constada, em menor quantidade de vezes, a presença da prosopopéia, explicada pelo autor francês como o “terme qui designe l`un dês procedes de la rhétorique (qui) fait parler, donc donne visage, à um mort par exemple.”<sup>19</sup> (ALBIN, 2001, p. 615). Esse recurso literário foi registrado nos textos em conjunto<sup>20</sup> com a personificação<sup>21</sup>, definida como: “figure de pensée, selon la terminologie de la rhétorique, consistant à représenter à l`aide des traits humains, physiques ou moraux, une abstraction ou une chose inanimée...” (ALBIN, 2001, p. 583); principalmente quando das ações e atividades humanas que o elemento água realiza. Em menor quantidade de vezes, foi verificado que a água assumiu sentimentos humanos e, ainda, adquiriu a forma de algumas partes do corpo. Todos esses processos foram possíveis na ficção do mundo literário criado pelos autores.

O corpo estava presente nas mudanças que o elemento água foi assumindo, para evidenciar seu poder e sua presença no espaço ficcional. A água teve olhos, voz e sangue, como aparece em: “Abeirou-se dum rio e vê as águas

---

<sup>19</sup> O termo que designa um dos procedimentos da retórica que faz falar, dando rosto, portanto, a um morto por exemplo. (Trad. do autor).

<sup>20</sup> Personificação e prosopopéia são a mesma coisa para outro autor consultado, quem refere que esta “consiste en representar como personas a seres inanimados o a entidades abstractas. En los sistemas clásicos estaba unida a la alegoria, pero se há extendido hasta comprender las ‘humanizaciones’, populares y cultas, de los animales en los cuentos, la fabulística, la sátira, en los anecdotários y en la narrativa en geral...” (GARAVELLI, 2000, p.301)

<sup>21</sup> Figura de pensamiento, de acordo com la terminologia de la retórica, que consiste em representar por meio de traços humanos, físicos ou morais, uma abstração ou uma coisa inanimada. (Trad. do autor).

fosforescentes e ponteadas de mil olhos do morto sobre ele,(...) no meio das águas revoltas.” (R1, 296); “...ojos de agua, extraños...” (C1, 67); “...pero si no son aguas (...) Es sangre espesa y revuelta...” (C1, 29); “...o poço se enchia de vozes, as pedras, o barro e as toiças ralas de capim, a água, tinham ressonâncias...” (R2, 207). Também a água cresceu de tamanho, por exemplo em: “...tempestuosos mundos de agua del Pacífico sur...” (C3, 399); “...la tempestad de (...) montañas de agua...” (C1,156). Em todos esses casos, a corporeidade do elemento água permitiu a expressão de novas imagens nos textos.

Os sentimentos expressos pelo elemento água foram, na sua maioria, de caráter negativo. Encontram-se exemplos como: “Aquelas chuvas e a enchente lhe davam um novo torpor, a suspensão da vida, a solidão da água. Tudo voltava ao lodo primitivo.” (R2, 261); “...en medio de este infierno de águas,” (C2, 168); “Para ele os caminhos não vinham das águas do mar e dos campos mas das dores do homem.” (R2, 323): “...sobre las aguas tranquilas y siniestras...” (C1, 28); “...um pequeno barulho, a água assustada tomou uma cor cinzenta...” (R2, 146); “...el tímpano ocultaba debajo de las aguas (...) la ternura de esa naturaleza sumergida.” (C3, 430). A percepção de águas encobrendo sentimentos, por trás de sua aparente calma, sempre foi assunto das lendas e de mitos que as envolvem; eles reaparecem nesses exemplos dos textos.

As “águas grandes” se constituíram no espaço ficcional ao qual vão parar as entidades das águas marajoaras, quando de suas fugas ou brigas. Nos textos de Dalcídio Jurandir observaram-se os exemplos: “...lá da lonjura chamando se ouvia as águas grandes, ainda...” (R3, 140); “...lá vão pras águas grandes...” (R3,

139); "...os caruanas, os bichos, os trapiches seguiam as águas grandes..." (R3, 139). Já a lagoa, espaço natural da lenda, do sobrenatural, possui um guardião, como se registra em: "...a arraia guarda a água, por isso a lagoa não morre..." (R3, 329); "E quem sabe se a arraia não está e bebendo água?" (R3, 338); "Vou me embora pras águas grandes." (R3, 139); "O rio cheio passava depressa puxado pelas águas novas da enchente." (R1, 317).

O caminho das águas também foi observado nas representações que esse elemento personificou; as águas levam e trazem, conduzem e carregam, num sem fim de direções encontradas, criadas na ficção como imagem especular de um mundo real múltiplo e complexo. Exemplos disso são: "A água foi escoando como de sua alma se escoavam os sonhos e os desejos." (R3, 309); "Aquela água fazia esquecer." (R1, 249); "...sus aguas raras y perdidas en el extremo del orbe..." (C1,18); "Os campos de Cachoeira vinham de longe olhar as casas da vila à beira do rio, com desejo de partir com aquelas águas." (R1, 125); "...do outro lado, subindo nas águas em que a curicaca se embalava, a terra geral." (R2, 284); "...a casa debaixo d`água. É o dilúvio." (R1, 400); "...das águas perdidas na selva." (R2, 195); "...las aguas se cruzan (...) y huyen formando remolinos..." (C3, 425). Todos os destinos são atingidos por elas.

Integrando esse conjunto de representações, foram observadas algumas frases nas quais o elemento água se reveste de intimidade, em ações miúdas ou corriqueiras, ampliando o universo das imagens textuais. Nos seguintes exemplos se observa: "...río Chico que acalla sus aguas para no turbar la paz de esa soledad." (C1,116); "...o sol semeava nas águas uma poeira e reflexos." (R1, 398);

“...a água se arrepiou...” (R2, 127); “...o vento faz cócega na água, sorrindo.” (R3, 27); “Comprarás anil e água sabonosa para desencardir a tua pobre mágoa.” (R1, 274); “...o sol mordida a água que se arrepiava toda, reverberando...” (R2, 12); “Mais adiante, a água se despia das sombras...” (R2, 146). Quando a água abaixa a voz, *callando*, ou na hora de se arrepiar, o texto se aproxima do nosso universo real de cada dia, permitindo a composição de imagens mais marcantes e nítidas para a compreensão das idéias expostas.

Alguns registros nos textos apontaram a participação da água no mundo dos sonhos e do sobrenatural, veiculando os devaneios das personagens. O assunto corresponde ao terceiro capítulo, quando se trata do homem em relação com a água. Contudo, observou-se que existem certos espaços dos sonhos, como o fundo da água, os olhos, o poço, nos quais essa água estaria presente. Examinem-se os exemplos: “...aquele sonho (...) Irene com água fervendo até o pescoço (...) as mãos secas saltando n`água já largadas do corpo...” (R1, 346); “...queria fumar liamba para um sonho no fundo d`água...” (R2, 289); “...o olhar de Guíta boiava aceso na água morta de seus olhos...” (R2, 282); “Aquele sono no fundo d`água, espelho de sonho e morte de seu pensamento, encarnava-se em Alaíde.” (R2, 299); “...sonhou: Clara, com os pés n`água como raízes e pelo corpo nu as frutas (...) murucis, mangas, bacuris, taperebás...” (R1, 283); “...son migas de pan que viene a echar al agua todas las mañanas porque cree que le está dando el desayuno a su marido.” (C4, 46); “...o afogado, coberto de peixes, saindo das águas” (R3, 381); “O cemitério de Pacoval crescia nas águas do lago.” (R2, 344); “...gritava para dentro do poço e dizia que era a mãe d`água que falava do

fundo.” (R2, 207). Também se considerou que a realidade alimentou a ficção com sua estranheza; como no caso do sítio arqueológico de Pacoval, situado na ilha desse nome, onde o teso foi perdendo a terra superficial sob a ação das ondas do lago Arari, expondo à intempérie as urnas funerárias e outros utensílios de cerâmica durante um longo período, após de que o sítio fosse descoberto no final do século XIX.

A alegria foi observada nos registros da água personificada, nos exemplos: “...ficava tudo branco de água. Era uma alegria de água cobrindo os campos, tufando o rio, dando aquele verde bonito e lustroso no mato.” (R1, 317); ou a ternura presente em “...un suave y tierno despegar de remos en el agua.” (C1, 19). Deduziu-se que a atribuição de desejos de solidão, de susto, de dor ou o fato de chamar as águas de inferno talvez pudessem ser interpretados como uma forma de compensação; certa espécie de oposição à imagem preponderante de uma natureza benéfica e feliz, tradicionalmente veiculada na literatura romântica. Isso poderia ser o resultado uma integração bi-polar de opostos, que se verificaria nos textos ficcionais dos dois escritores estudados.

O espaço mítico criado no entorno do elemento água, dos rios, lagos e mares também foi referenciado nos textos pesquisados, sendo uma forma de tradução do acervo cultural dos habitantes marajoaras e patagônios. Esses espaços foram recriados nos textos, em falas e comentários das personagens, em lendas e crenças. Observaram-se como exemplos: “...a mesma água do encantado que vem do mar, pelo fundo da terra, de todos os naufragos e de todas as lágrimas...” (R2, 323); “...água rasa, profundidades e correntezas,

transatlânticos e boiúnas.” (R3, 27); “...os caruanas, as almas dos afogados, os restos de trapiches, as montarias também seguiam pras águas grandes.” (R3, 139); “...cada uno era como un hombre (...) se cubría con su capa de guanaco y yacía inmóvil; después salía de su capa y se convertía en pájaro, animal...” (C4, 462); “...uma criatura que tivesse nascido daquelas águas e daqueles peixes que as grandes chuvas traziam para Cachoeira.” (R1, 282). Também estudaram-se outras ocorrências como: “...nasceu da mãe d`água.” (R2, 81); “...o velho Noé num pau d`água, minha senhora...num pau d`água.” (R1, 400); “...evocando caruana, a alma do fundo d`água esconde no lago os bois encantados e as vacas rainhas do pastoreio:” (R2, 223).

Os dois exemplos a seguir apresentam a água personificada num ente, com capacidade de transformar a mulher ou a realidade. Nessas transformações, as palavras e o texto se revestem de lirismo, de poesia, facilitando a percepção das imagens. Considerem-se:

“Gostava de verão mas o inverno era que a encantava, as águas lhe faziam mais alegre, mais doida, andando em montarias, pescando jijos para isca, jogando farinha para os matupiris que boiavam na porta da sua barraca, apanhando flor de mururé que desabrochava linda dentro d`água.” (R1, 280).

“Uma noite, à beira do igarapé...maré cheia, luar, ele viu uma lua boiando no sossego das águas...o rato vomitou a lua que comeu. Ela está de bubuia. A do céu está olhando ela (...) sonhou que pescava a lua das águas. Peixe engolia a lua, e a lua, pelos olhos redondos do peixe, mirava o céu perdido” (R2, 72).

Concluindo a exposição das figuras de estilo e da comparação de idéias, observou-se nos exemplos uma gama de possibilidades para a transformação do elemento água em recurso textual ao serviço da elaboração de imagens novas, no mundo da ficção que os autores utilizam para representar tanto a Patagônia quanto a ilha de Marajó. Na sua maioria, elas foram realizadas com elementos da própria realidade que existe nos espaços e elementos da natureza. As características do elemento água apontadas no estudo do seu sentido denotativo foram re-utilizadas, de forma engenhosa e criativa para produzir novos efeitos e idéias. Observou-se que, por exemplo, se antes as águas produziam barulhos, desta vez as águas tem vozes. Ou bem, se antes elas corriam na direção do mar, desta vez elas fogem para as “águas grandes”; também se elas eram rasas e claras, agora passaram a ser tristes e sinistras.

Essa nova dimensão da realidade espacial criada nos textos de ficção não resulta estranha, contudo. Ela nada mais é que um espelho da própria capacidade imaginativa e criadora do homem, às vezes não plenamente desenvolvida, ou vinculada com uma percepção que vai além da racionalidade, a qual impera na vida da sociedade ocidental atual.

### 2.3 AS REALIZAÇÕES E VARIANTES DA ÁGUA

O estudo das realizações do elemento água considerou os resultados levantados nos textos escolhidos. Apresentaram-se formando uma ampla gama de nomes comuns, alguns regionalismos e, em determinados casos, vocábulos cujo sentido nos textos difere daqueles que está dicionarizados, como se indica em cada caso. No conjunto, as realizações enriquecem os textos ao incorporar na literatura de ficção uma manifestação da cultura local das regiões amazônica e patagônia. Cada vocábulo escolhido foi descrito de acordo com seu significado, dicionarizado ou não, complementado com sua etimologia.

Todas essas realizações foram agrupadas em quatro categorias para efeitos de estudo. Elas podem estar relacionadas com a geografia, com o clima, com o ser humano ou representarem alguma forma de limites. Em cada uma dessas categorias foram descritas as realizações do conjunto de textos de cada autor, indicando a existência de variantes. Quando possível, são comparadas e comentadas as realizações comuns entre os dois autores, apontando os exemplos respectivos.

### 2.3.1 Elementos do Ser Humano

O conjunto desses vocábulos, considerados como realizações do elemento água, diz relação com o homem, pois considera as secreções e líquidos por ele produzidos, quanto os alimentos líquidos consumidos e os artefatos destinados a conter e transportar líquidos, de modo geral. A Tabela 3 do Anexo E reuniu os resultados dessas realizações.

ALASTRIM - O vocábulo *alastrim* foi registrado duas vezes no total de vocábulos que compõem o *corpus* desta pesquisa, no texto R2.

Etimologia: rad. de *alastrar* + *-im*; ver *lastr*

Acepção empregada: doença eruptiva infectocontagiosa; forma benigna da varíola

O vocábulo é datado de 1914, e está registrado por Cândido de Figueiredo, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 3º ed. Lisboa, 1922.

Seu emprego nos textos chama a atenção, e pode estar relacionado com o contacto do autor com a vida das “Ilhas”, quando de seu trabalho nessas regiões do Baixo Amazonas.

Ex.: “...mulheres e crianças carregados de boubas, *alastrim* e paludismo.” (R2, 163).

BANHO - O vocábulo *banho* corresponde a outra realização do elemento água, que também se apresentou de forma abundante nos textos dalcidianos; apresentou um total de trinta e três ocorrências, nos textos R1, R2 e R3. Esse

vocábulo está correlacionado com enxugamento, lavado, bubuia, mergulho e nado, vocábulos também encontrados nos relatos indicados.

Etimologia: lat.vulg. *baneum* < lat. *balnèum,i* ou *balinèum,i* 'sala de banhos, banho', adp. do gr. *balaneîon*; ver *balne(o)-*; f.hist. 950 *banios*, sXIII *banho*, sXIII *banno*.

Acepção empregada: ato ou efeito de molhar o corpo para higienizar-se, refrescar-se, etc.

Ex.: "...tomava banho no pino da maré como se a maré enchesse só para ela." (R2, 47).

O vocábulo banho empregado nos relatos dalcidianos possui uma conotação da cultura local amazônica, paraense e marajoara, na qual o fato de banho ultrapassa a necessidade de realizar a higiene básica do corpo. Ele carrega um sentido de bem-estar geral, produzido pela realização de vários banhos durante o dia, sejam de chuveiro, de cuia ou de imersão. Isso é produto, em parte, do alívio que significa molhar o corpo após horas de permanecer com a pele suada, num clima quente e de altíssima umidade.

Por sua vez, o caboclo, particularmente a mulher, tem no banho a possibilidade de dar vazão a sua sensualidade, permitindo que se utilizem as ervas para aromatizar esse banho; o uso de perfumes e loções para aplicá-las após o banho, e de arrumar os cabelos com flores cheirosas, como descrito em outras obras de Dalcídio Jurandir ("Belém do Grão Pará", 1960), costumes que ainda continuam a acontecer no Pará, fato testemunhado pelo autor deste trabalho. Nos textos de Coloane não foram registradas ocorrências desse vocábulo.

BUBUIA - O vocábulo bubuia foi registrado em R2 e R3, com rara freqüência nos textos dalcidianos, com dez ocorrências no total. Ele faz parte da expressão “de bubuia”, utilizado com os verbos ficar e estar.

Etimologia: tupi *mbe'mbuya* 'que é leve', conseqüentemente, 'o que bóia ou flutua'

Acepção empregada: 1.Regionalismo: Amazônia. ato ou efeito de bubuiar ('boiar').

Ex.: “Elas ficavam, aos risos, de bubuia, os seios em cima...” (R2, 78).

Em relação ao verbo “bubuiar”, explica-se: “Boiar no sentido da correnteza das águas; flutuar. Usa-se, em geral, em forma de locução, ‘de bubuia’” (ASSIS, 1992, p. 61). Facilitam esse fato das pessoas, animais ou coisas ficarem “de bubuia” duas características da geografia da parte oriental da ilha de Marajó: a) relevo geral dos terrenos é plano, com declives mínimos, muitas vezes com meandros nos cursos dos rios e igarapés, o que diminui a vazão dos mesmos; b) ajuda, também, o fato de existirem enchentes e vazantes periódicas, que somado aos movimentos das marés, dentro dos cursos de água, carregam de um lado para outro vegetais, frutas e troncos, terras, animais acima deles. Tais acontecimentos são incorporados nas narrativas, não só as dalcidianas, como em muitas outras de cunho popular, difundidas nas crenças e lendas locais, como o caso da “mãe do rio” ou da “arraia grande da lagoa”.

CHORO - O choro foi considerado como uma variante das lágrimas, e ele está presente nos textos dalcidianos em forma abundante, com um total de quarenta e três ocorrências.

Etimologia: lat. *plóro,as,ávi,átum,áre* 'queixar-se, lamentar-se, lançar gritos de dor'; ver *chor-*; f.hist. sXIII *chorar*, sXIII *churar*.

Acepção empregada: 1. ato ou efeito de chorar. 2. ação de verter lágrimas; pranto, lágrimas.

O vocábulo choro encontrado ao longo desses textos é descrito como ato involuntário, como expressão de um sentimento diante de fatos que tocam a alma das personagens. Ocorre como sinônimo de soluços e de pranto. Se comparado com o vocábulo lágrimas, o choro foi observado preferentemente em situações da vida pública, já as lágrimas são mencionadas preferentemente em cenas da vida íntima. Ex.: "...a menina teve uma repentina crise de choro..." (R3, 367).

FEBRE - O vocábulo febre foi registrado com certa freqüência nos três romances dalcidianos em estudo, com dez ocorrências. Nas obras de Coloane, ele não foi registrado.

Etimologia: lat. *fèbris, is* 'febre'; ver <sup>1</sup>*febr-*; f.hist. sXIII *fever*, sXIV *febre*

Acepção empregada: elevação da temperatura corporal acima de 37° C; pirexia. Obs.: cf. *hipertermia*. grande agitação; exaltação. febres . substantivo feminino plural. Uso: informal. 5 m.q. *malária*.

Ex.: "Depois [morreram] os dois filhos comidos pelos vermes e pelas febres na beira do Anajás." (R2, 209).

O vocábulo examinado nos textos dalcidianos, quando no singular faz referência a um sintoma de diversas doenças. E muitas vezes, as personagens se utilizam desse vocábulo para se referir às mesmas doenças, numa relação

metonímica. Por ser sintoma evidente, ele é recorrente em muitos estados de doenças, reais ou fictícias. Dadá sofre de febres, como resultado de brigas com sua irmã Lucíola. (R3) Já Mariinha, irmã de Alfredo, morre com febre alta. (R3)

O vocábulo no plural, registrado nos textos, designa a malária e outras doenças endêmicas das regiões equatoriais, como leptospirose e a febre amarela. Os vetores de transmissão, mosquitos, ratos, proliferam com o clima úmido de Marajó. Essa situação, somada aos níveis de pobreza que apresentam as populações locais de ribeirinhos e de caboclos, e às reduzidas condições de saúde oferecidas pelos governos locais responsáveis, permitem que as “febres” proliferem e se alastrem pelos campos, através dos rios, notadamente na época das “cheias”. Os textos ficcionais de Dalcídio Jurandir evidenciam essa grave situação que ainda aflige as populações da Amazônia.

**GRASA** - As cinco ocorrências desse vocábulo foram observadas em C2.

Etimologia: Del lat. vulg. *grassa*.

Acepção empregada: 1. f. Manteca, unto o sebo de un animal.

Ex.: “...tenía siempre grasa, sebo, aceite para preparar sus meriendas...” (C2, 264).

Os indígenas que habitavam o extremo austral da América do Sul utilizavam como fonte de energia a gordura animal, extraída da caça, como focas, pingüins e baleias.

LÁGRIMAS – O vocábulo apresentou a maior quantidade de ocorrências nos textos dalcidianos em estudo. Foram encontradas quarenta e seis ocorrências.

Etimologia: Sua etimologia corresponde a: lat. *lacrima* ou *lacrùma*, *ae* 'lágrima'; ver *lacrim*-; f.hist. sXIII *lagrimas*, sXV *lagremas*, sXV *lagrijmas*, sXV *lagrimais*.

Acepção empregada: secreção límpida, incolor e salgada, produzida pelas glândulas lacrimais, que umidifica a conjuntiva e a córnea, exerce uma ação bactericida e expulsa pequenos corpos estranhos e a poeira que penetra nos olhos.

A quase totalidade das ocorrências se realiza no plural, e possui, nesses casos, o mesmo sentido de pranto e choro, e também está vinculado aos soluços. As lágrimas aparecem contidas em alguns casos, por ex.: “...ele, sem uma lágrima,” (R1,124); ou por força dos sentimentos e a emoção, não podem ser contidas, por ex.: “Ai Raquel não resiste às lágrimas.” (R1, 233). Derramadas, elas parecem-se com as águas, podem fluir mansamente, como em: “As lágrimas tombavam pelas covas do rosto que ardia.” (R2, 102); ou adquirir a força de um jorro, por ex.: “...as lágrimas jorravam...” (R1, 246).

As lágrimas representam a sensibilidade do homem, suas emoções, e nesse sentido, equivalem a uma forma de comunicação; muitas vezes, as lágrimas dispensam as palavras. Elas podem materializar desejos, representar o padecer e a dor, como no ex.: “Quem lhe dera que suas lágrimas o enchessem de novo,” (R3, 140).

Nos textos de Coloane, as lágrimas também se encontram representando uma variante do elemento água. Elas ocupam o terceiro lugar, com doze ocorrências. Porém, em relação ao total de vocábulos dos textos, elas encontram-

se em uma porcentagem menor, quando comparadas com a mesma relação nos textos dalcidianos. Ex.: "...tus lágrimas no se ven porque corren por dentro." (C4, 474).

Esse fato fora correlacionado com a quantidade de personagens femininas, que se encontram nos dois grupos de textos. Os textos de Dalcídio Jurandir incorporaram maior quantidade de personagens femininas, muitas delas estão presentes ao longo de todas as histórias narradas nos romances do "Ciclo do Extremo Norte". No caso dos textos de Coloane, as personagens femininas encontram-se em quantidade bastante menor e sua aparição resulta efêmera em muitos dos contos. As lágrimas, quando foram observadas nas personagens de Coloane - homens solitários - podem representar o rompimento de uma couraça do caráter deles, que dá vazão a sentimentos por longo tempo represados. Tal couraça, em certa medida, pode ser entendida como uma resposta a uma forma de vida dura, exposta às inclemências de um clima rigoroso e a uma natureza imponente e avassaladora.

**PALUDISMO** - O vocábulo paludismo apresenta três ocorrências no total dos textos dalcidianos, especificamente em R2 e R3.

Etimologia: antepositivo, do lat. *palus, údis* 'paul, brejo, mangue, charco, pântano'; ocorre em cultismos lat. ou formados à sua feição, do sXVI em diante, entre os quais: *impaludação, impaludado, impaludar, impaludismo; palude, paludial, paludícola, paludífero, paludismo, paludoso*.

Acepção empregada: infectologia, veterinária. m.q. *malária*.

Ex.: “...mulheres e crianças carregados de boubas, alastrim e paludismo.” (R2, 163).

O seu emprego nos textos, como sinônimo de “febres” ou malária, pode ser considerado um cultismo, possivelmente adquirido pelo autor através do contato do autor com profissionais da saúde em trânsito pela região.

PRANTO - O pranto também foi considerado como uma variante das lágrimas, e foram registradas sete ocorrências, em R2 e R3.

Etimologia: lat. *planctus,us* 'ação de bater com ruído, pancada, murro; lamentação, pranto'; cp. *chanto*; ver *plang-*; f.hist. sXIV *pranto*, sXIV *planto*, sXIV *plãto*, sXV *plancto*.

Acepção empregada: 1. ato de chorar; choro. 2. ato de lastimar-se; queixa, lamentação.

Exs.: “El llanto de Tristana trasuntaba que Mac no era tan feliz como ella.” (C4, 477); “Seu pranto humedecia os doces, salgava o vinho, ensopava o enxoval.” (R3, 367).

Em dois dos três romances estudados registraram-se as formas choro e pranto, empregadas como sinônimas. Contudo, a forma pranto registra menor número de ocorrências. Já no texto R1, ela não está registrada. Pode-se considerar que, sendo uma forma de caráter mais erudito, e incorporada na língua portuguesa no século XIV, dê um espaço maior para uma forma mais arcaica na linguagem popular, representada nesses textos dalcidianos.

Seu equivalente em espanhol. *llanto*, ocorre nove vezes, em C1, C3 e C4 .

SEDE - O vocábulo sede ocorre em R1 e R3 ocasionalmente, registrando-se seis vezes no total. Ele não foi registrado nos textos de Coloane.

Etimologia: lat. *sītis, is* 'sede, desejo insaciável'; ver <sup>1</sup>*sed-*; f.hist. sXIV *ssede*, sXV *seede*.

Acepção empregada: sensação associada à necessidade de água do organismo; vontade de beber.

Ex.: "...seu filho não quer que eu mate a sede..." (R3, 193).

O vocábulo sede apresenta, em certos casos, uma conotação especial, associada com o vocábulo febre. Como resultado desta, as personagens manifestam maior sede de água, difícil de saciar. Tal fato está relatado junto com estados de semi-inconsciência, os quais podem ser alternados com períodos de sono, como na cena em que morre Orminda (R2).

SOLUÇOS - Esse vocábulo, registrado como variante de lágrimas foi encontrado nos textos de Dalcídio Jurandir com trinta e duas ocorrências. Seu equivalente em espanhol, *sollozos*, somente registrou duas ocorrências em C1. Em ambos casos, registraram-se na forma plural.

Etimologia: lat.vulg. *sugglutium* < lat.cl. *singultus, us* 'solução, suspiro', sob infl. de *subglutire* 'engolir com dificuldade'; f.hist. sXIV *solução*, sXV *soluços*.

Acepção empregada:pranto entrecortado de suspiros acompanhados de espasmo; singulto.

Exs.: "Noites, a mãe ouvia a filha rolar na rede, como se abafasse soluços:" (R2, 103); "El sollozo se quebraba y el viento se ponía a langüetear sonidos..." (C1, 38).

Observou-se uma diferença na realização dessa variante; eles poderiam ser controlados, pelo menos, parcialmente, pelas personagens. Já o pranto e o choro apresentam um caráter autônomo, nesse aspecto.

SUOR - Essa variante do elemento água foi registrada nos textos dalcidianos, apresentou uma alta representatividade, com quarenta e duas ocorrências. De uma forma análoga, nos textos de Coloane ela se encontra com nove ocorrências, em C1, C2 e C3. Este vocábulo se encontra relacionado com o vocábulo febre.

Etimologia: lat. *sudor, óris* 'suor, transpiração; fadiga, esforço, trabalho; líquido que goteja, orvalho, destilação; corrimento, fluido'; ver *sudor(i)*-; f.hist. sXV *sudor*.

Acepção empregada: 1. ação ou efeito de suar; transpiração, sudorese. 2. líquido aquoso, incolor, de cheiro característico e sabor levemente salgado, secretado pelas glândulas sudoríparas dos humanos e de alguns animais, como o cavalo, e destilado pelos poros da pele.

A ocorrência desse vocábulo, e a sua repetição evidente, no caso do texto R3, permitiram observar a sua relação direta com o ambiente natural descrito nos relatos dalcidianos; com seu clima quente e úmido existente na Amazônia, da qual a ilha de Marajó faz parte. Tal clima tem um efeito imediato; a sudoração no ser humano, e esse fato ficou registrado ao longo dos textos, em frases que, de modo amplo, procuram relatar a rotina das personagens sob os efeitos desse clima. Nas descrições, eles operam como simples detalhes, porém, ao descrever os efeitos do suor, as palavras ajudam a “sentir” a sensação de calor. O vocábulo suor apresenta correlação com o vocábulo enxugamento.

Ex.: "...rapaz risonho, agora vermelho e molhado de suor." (R3, 236); "As mãos suavam dentro das luvas." (R3, 373).

Nos contos de Coloane o vocábulo *sudor* pode ser interpretado como uma manifestação física de emoções que as personagens apresentam. Em alguns casos, ele é uma manifestação involuntária dessas mesmas emoções. Vale lembrar que, nos relatos desses textos, o clima é frio, e as temperaturas, muitas vezes, descem abaixo de zero graus, portanto, o *sudor* tem causas diferentes que o calor.

Ex.: "...mientras gruesas gotas de sudor le resbalaban por la sien." (C3, 439).

~ Y ~

Outros vocábulos também registrados nesse grupo de realizações do elemento água, correspondentes a líquidos secretados pelo homem foram: urina, *orina*, sangramento, fedor, cusparada, leite.

### 2.3.2 Elementos do Tempo

O conjunto desses vocábulos, considerados como realizações do elemento água, dizem relação com tempo, pois levam em conta as variações atmosféricas, incluindo os ventos, as precipitações e os raios, de modo geral. A Tabela 4 do Anexo E apresentou os resultados dessas realizações.

AGUACEIRO - Esse vocábulo se registrou em ambos grupos de textos. Ocorreu cinco vezes nos textos dalcidianos; aconteceu, sob a forma *aguacero*, três vezes nas obras C2 e C3 de Coloane.

Etimologia: antepositivo, do lat. *aqua,ae* 'água', panromânico: romn. *apà*, it. *acqua*, logd. *abba*, engad. *ova*, friul. *age*, fr.ant. *eve*, *eaue*, fr. *eau*, provç. *aiga*, cat. *aygua*, esp. *agua*, port. *água*; : 5) com o rad. vulgar, entre derivados e compostos por justaposição, o V.O. registra, *água* e *agüinha*.

Acepção empregada: chuva forte, súbita e passageira.

O vocábulo registrado apresentou conotação de duração e intensidade. Exs.: “Mas uma noite, sob o aguaceiro, bateram no chalé.” (R3, 33); “...varou pelos fundos, sob o aguaceiro...” (R2, 126); “El aguacero avanzó con sus cendales de flechillas espejeantes;” (C3, 364).

BAFO - O vocábulo foi registrado no romance R2 e R3; com três ocorrências.

Etimologia: prov. lat.vulg. *baf(f)a*, cuja orig. seria uma onom. român. *baf*, ruído interlabial de escárnio; ver <sup>1</sup>*baf*-; f.hist. sXIII *bafo*, sXIV *bafo*, sXV *bafoo*.

Acepção empregada: 3. sopro brando e tépido.

Ex.: "...vagarosos e tristes, sob o bafo da lama que vinha da vazante, os cachorros caminhavam." (R2, 179).

**BRISA** - O vocábulo foi registrado sete vezes nos textos de Coloane.

Etimologia: fr. *brise* (1598)'vento do nordeste', prov. por infl. do esp. *brisa*, cat. *brisa*, de orig.obsc.; segundo hipótese de Corominas, o fr. *brise* seria resultado de cruzamento entre *bise*, origin. 'vento do nordeste', e o v. *briser* 'romper'.

Acepção empregada: 1. f. Viento del nordeste. 2. Airecillo que en las costas viene de la mar durante el día y de la tierra durante la noche. Viento suave. 3. nome genérico de ventos que sopram à beira-mar, de fraca a moderada intensidade, regulares ou periódicos, podendo alcançar até 50 km para o interior. 3.1 vento leve, fresco, considerado como agradável; aragem, fresca. 3.2 Derivação: por extensão de sentido. qualquer vento.

Ex.: "...los pastos se movían con la brisa..." (C4, 483).

**BRUMA** - O vocábulo foi registrado na obras C1, C3 e C4, de Coloane; apareceu quatro vezes. Ele apresentou-se como variante do vocábulo *lluvia*.

Etimologia: lat. *bruma,ae* 'solstício de inverno, inverno'; ver *brum-*.

Acepção empregada: 1. designação genérica de *nevoeiro*, *névoa* ou *neblina*. 1.1 névoa, esp. no mar. 1.2 nevoeiro denso que reduz ou anula a visibilidade. 2. pouco usado: o tempo chuvoso e acinzentado do inverno.

Exs.: "...se perdió por las brumas del sur..." (C4, 465); "...la bahía envuelta en la bruma de la nevada," (C3, 383).

*CERRAZÓN* - O vocábulo foi registrado na obra C2, de Coloane; por duas vezes.

Apresentou-se como variante do vocábulo *lluvia*, e como sinônimo de *bruma*.

Etimologia: cerrar + *-ção*; ver *cerr-*; f.hist. sXV *cerraçam*, sXV *çarraçam*, sXV *sarraça*.

Acepção empregada: 1. nevoeiro espesso, denso; neblina. 2. Derivação: por extensão de sentido. ausência de luminosidade; escuridão, treva.

Ex.: “Afuera la cerrazón se apretaba cada vez más sobre el golfo de Penas.” (C2, 168).

*CHEIRO* - Constou nove vezes em R2 e R3; nos textos de Coloane não foi registrado vocábulo equivalente.

Etimologia: etimologia: regr. de *cheirar*; ver *cheir-*; f.hist. sXIV *cheyro*, sXV *chero*. Acepção empregada: 1. propriedade que têm certos corpos de emanar partículas voláteis capazes de afetar os órgãos olfativos do homem e de certos animais, e cuja percepção manifesta-se em sensações diversas; odor. 3 Derivação: por metonímia. Uso: informal. cheiro (acp. 1) bom, agradável; perfume, aroma, fragrância, olor. 4. Derivação: por metonímia. composição feita de essências perfumadas; perfume. 5. Derivação: por metonímia. cheiro (acp. 1) ruim; mau cheiro (acp. 1); fedor, fedentina. 9. Regionalismo: Brasil. m.q. *sachê*.

Ex.: “Ninguém se aproximava do lago por dois motivos: o mau cheiro e o ar de maldição...” (R3, 381).

*CHUVA* - O vocábulo chuva estava presente em todos os textos dalcidianos. Ele foi considerado uma das principais realizações do elemento água, tanto pela quantidade de suas ocorrências, cento e quarenta e cinco nos romances

dalcidianos, quanto pelo significado dela dentro do contexto ficcional que representa o espaço natural do Marajó. O vocábulo *lluvia*, por sua vez, registra seis ocorrências em C1 e C2, nos textos de Coloane.

Etimologia: Sua etimologia é: lat. *pluvia,ae* 'chuva; água de chuva'; ver *chov-*; f.hist. sXIII *chovia*, sXIII *chuvha*, sXIV *chuva*, sXIV *chujua*, sXIV *chuiva*, sXIV *chuvea*

Acepção empregada: 1. fenômeno que resulta da condensação do vapor de água contido na atmosfera em pequenas gotas que, quando atingem peso suficiente, se precipitam sobre o solo muito próximas umas das outras. 2. Derivação: por extensão de sentido. o conjunto das condições atmosféricas capazes de dar origem a esse fenômeno, ou alguma outra condição que o indique. 3. Derivação: por metonímia. a água da chuva. 4. Derivação: por metonímia. nas regiões quentes, a estação chuvosa (mais us. no pl.).

O vocábulo chuva apresenta como variantes, registradas nos textos de Dalcídio, os vocábulos dilúvio, pau d'água, aguaceiro, chuvisco. No mesmo sentido, foram registrados como variantes para o vocábulo *lluvia* as seguintes: *tempestad, tormenta, aguacero, temporal, llovizna*.

Ele também foi registrado nos textos dalcidianos funcionando como um marcador do tempo passado, a chuva de ontem, as grandes chuvas do ano passado. Ex.: “Nem com aquela chuva de anteontem o capim deixa de ser devorado pelo fogo.” (R1, 346).

Esse vocábulo apresenta-se, também, interferindo no caráter dos seres humanos. Ex.: “As últimas chuvas amoleciam o resto de caráter daquela gente de cima.” (R2, 52).

O vocábulo chuva registrado nos textos apresentou como uma característica marcante sua intensidade variável. Quando as nuvens crescem

observa-se com sinal de: “O tempo anunciava chuva. (...) Uma nuvem mais pesada de chuva cresceu no céu. Quando chove, Cachoeira fica encharcada.” (R1, 125); “Será que não pára mesmo de chover? Que aguaceiro! Toda a noite será assim? Vamos amanhecer com a casa debaixo d`água. É o dilúvio.” (R1, 400).

Especial conotação do vocábulo chuva nesses textos merece comentário, o emprego dele nas expressões “caiu um pé grosso de chuva” (R3, 13) “época das chuvas”, “nas chuvas”, “período das chuvas”, e outras similares. Elas referem-se uma característica do clima da região equatorial, dividido em duas grandes estações, a seca, correspondente ao verão, que ocorre entre os meses de junho a dezembro; e as “chuvas”, que corresponde ao inverno, que acontecem entre janeiro e maio.

Essa característica do clima encontra-se representada nos textos escolhidos, os quais, coincidentemente, apresentam um espaço temporal narrativo que não ultrapassa os 16 meses, permitindo registrar um ciclo anual completo. Foi observado neles, que as duas estações acima indicadas servem como marcações de fatos narrativos, dos conflitos que pontuam as tramas dos relatos; uma natureza cíclica incorporando a vida humana no seu fluir, tal como as águas que sobem e descem na maré.

Nos textos de Coloane o vocábulo *lluvia* registrou-se em menor quantidade, ele acontece somente em C1 e C2. O primeiro livro apresenta contos sob o nome de “Cabo de Hornos”; o segundo chama-se “Golfo de Penas”. Coincidentemente, esses nomes correspondem a duas regiões do território de Chile austral, localizadas no setor ocidental da Cordilheira dos Andes e nas quais a chuva está presente. Já o texto C3, denominado “Tierra del Fuego” compilou contos que têm

por cenário principal a pampa dessa ilha, situada ao leste da referida cordilheira, onde as chuvas são raríssimas, pois costuma nevar muito, o que se reflete na sua ausência textual.

Entre as características do vocábulo *lluvia* foi possível apontar sua intensidade variável, determinada pela presença ou ausência de vento. Associada a este, a *lluvia* pode alcançar dimensões de tempestade, como nos exemplos: “...se encajonaba el viento levantando trombas de lluvia que rugían en médio de los sórdidos socavones.” (C2, 236); “Una lluvia torrencial se dejó caer, redoblando como mil tambores...” (C2, 245). No outro extremo, a *lluvia* também cai leve e fina, monótona, alimentando toda sorte de espécies vegetais, como nos exemplos: “La noche sureña ya había caído, con una fina llovina...” (C3, 390); “...la lluvia con su repiqueteo incesante...” (C1, 158).

A chuva registrada nos textos de Coloane lava as coisas, limpa as impurezas do ambiente. Esse fato é percebido pelo homem, e está associado a uma idéia de renascer. A chuva que lava as vilas, os campos, os bosques se materializa, no gotejar das folhas, nas cachoeiras que se dependuram dos cumes, no arco-íris que desponta entre nuvens num céu lavado. Ex.: “...mostraban su pulpa sonrosada de tanto lavarse con el agua del mar y de la lluvia.” (C2, 165). Os dias já vividos naquela região pelo autor do trabalho foram rememorados durante a pesquisa de forma especial.

CHUVISCO - O vocábulo foi registrado no romance R3; ocorreu quatro vezes. Ele apresenta-se como variante do vocábulo chuva.

Etimologia: do v.lat. *plūo, is, pluí, pluère* 'chover', fonte do lat.vulg. *plovère*, do fr. *pleuvoir*, esp. *llover*, port. *chover*, it. *piòvere* (que supõe a tônica original); os cog. cultos em *pluvi(o)*- devem aí ser procurados; nos cog. vulgares, há uma metáfora entre *chov-* e *chuv-*; esta provém do lat. *pluvia*, que gerou um jogo metafônico semelhante ao do port. tb. em esp. (*llover:lluvia*)... a cognação port. *chuvicado, chuviscar, chuvisco, chuviscoso, chuvisqueiro, chuvisquento, chuvisquinho, chuvoso*.

Acepção empregada: 1. chuva fina, rala e passageira. 2 precipitação de gotículas de água.

Exs.: “Chegaram ao trapiche sob chuvisco.” (R3, 393); “O chuvisco cessou e a lancha atracava...” (R3, 115).

CICLONE - Aconteceu duas vezes no texto R3, exclusivamente.

Etimologia: etimologia: ingl. *cyclone* (c1848), t. forjado por Henry Piddington (1797-1858, meteorologista inglês), modificação do gr. *kúklóma, atos* 'objeto de forma circular, roda', do v. *kuklóo* 'rodar em círculo', cuja base é *kúklos, ou* 'círculo'; ver *ciclon(i/o)-*; f.hist. 1890 *cyclone*.

Acepção empregada: 1. centro de baixa pressão atmosférica que se caracteriza pelo movimento intenso de correntes de ar, as quais convergem dos bordos para o centro e se deslocam para fora a alturas mais elevadas da troposfera; centro de baixa pressão. Obs.: p.opos. a *anticiclone*. 2 Derivação: por analogia: tempestade de ventos muito violentos que giram em turbilhão e se deslocam a grande velocidade. 3 Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. furacão, tufão, vento devastador.

Ex.: “O número de mortos y feridos, devido ao ciclone...” (R3, 397).

**COPO DE NIEVE** - Com três ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C4. Nos romances de Dalcídio não ocorreu, pois não existe neve em Marajó.

Etimologia: relac. con lat. *cuppa*

Acepção empregada: Porción de nieve trabada que cae cuando nieva.

Ex.: "...parecían un mar rizado por los blancos copos." C4, 483.

**DILÚVIO** - Esse vocábulo foi registrado em R1, R2 e R3, com quatro ocorrências. Uma delas foi utilizada como referência direta ao relato do dilúvio universal encontrado na Bíblia. Ela faz parte do devaneio da personagem Alfredo. Nas outras, ocorre como sinônimo de aguaceiro.

Etimologia: lat. *diluvium*, 'o dilúvio universal, inundação, cheia', ligado ao v. lat. *diluere*, por sua vez der. de *lavare*; ver *lav-*; f.hist. sXIII *delhuuyo*, sXIV *diluvio*, sXIV *deluuyo*, sXIV *deluvio*, sXV *delubio*.

Acepção empregada: 1. segundo o Gênesis, a inundação cataclísmica de toda a superfície terrestre. 2. Derivação: por extensão de sentido. chuva muito abundante, torrencial e demorada, que alaga vastas extensões de terras; cataclismo.

Exs.: "Fazia de conta que era o velho Noé, da Arca, tão falado pelo seu pai, mijando sobre o dilúvio." (R3, 13); "...mas trazer debaixo de semelhante dilúvio..." (R3, 33).

**HURACÁN** - Três ocorrências foram encontradas em C1 e C2, somente.

Etimologia: taíno antillano, *hurakán*.

Acepção empregada: 1. m. Viento muy impetuoso que gira a modo de torbellino. 2. Viento muy fuerte. Sin. Ciclón; tifón, en el mar de la China; tornado en el golfo de Guinea.

Ex.: “...como esos robles fueguinos que resisten los huracanes del oeste agachándose...” (C1, 56).

**LLOVIZNA** - O vocábulo foi registrado romance C3 por duas vezes. Ele apresenta-se como uma variante do vocábulo *lluvia*.

Etimologia: *idem* chuva.

Acepção empregada: Lluvia menuda. (ARISTOS, p. 390).

Ex.: “La noche sureña ya había caído, con una fina llovina...” (C3, 390).

**MORMARÇO** - O vocábulo foi observado em R2 e R3; num total de quatro vezes.

Etimologia: orig.obsc.; para CA, talvez de *mormo*, este, do lat. *mórbus, i*.

Acepção empregada: 1. neblina quente e úmida, resultante de forte calor. 2. temperatura abafada, quente.

Ex.: “...o Arari fedia a lama e a peixe podre, fumegante no mormarço.” (R2, 233).

**NEVADA** - Com treze ocorrências no total, o vocábulo encontrado nas obras C1, C4 e C3 de Coloane. Nos romances de Dalcídio ele não aconteceu por não existir a neve na Amazônia.

Etimologia: part. de *nevar*; f.hist. sXIV *neuar*

Acepção empregada: 1. quantidade de neve que cai por vez. 2. formação ou caimento da neve.

Exs.: “...todo espolvoreado con leves copos de una nevada prematura.” (C4, 484); “...la bahía envuelta en la bruma de la nevada,” (C3, 383); “Con la nevada toda la Patagonia parecía un gran poncho blanco...” (C3, 373).

**NEVAZÓN** - Com duas ocorrências no total do *corpus*, esse vocábulo foi encontrado em C1, equivalente a uma intensa e longa nevada .

Etimologia: lat.vg. *nivare*, substituyó *nivere*. (COROMINAS, v.4, p.227).

Acepção empregada: f. Amer. Nevada, nevazo.

Ex.: “...del viento (...) huracanado, arrastrando gruesas nevazones.” (C1, 123).

**NEVISCA** - Com sete ocorrências, esse vocábulo constou nas obras de Coloane, C2 e C3, equivalente a uma nevada de curta duração. Nos textos R1, R2 e R3 não ocorreu por não ser próprio do clima equatorial.

Etimologia: lat.vg. *nivare*, substituyó *nivere*. (COROMINAS, v.4, p.227).

Acepção empregada: 1. Nevada corta de copos menudos.

Ex.: “...se divisaban apenas entre la negrura y la nevisca.” (C3, 408).

**NUVEM** - Esse vocábulo, utilizado no plural, foi encontrado nos dois grupos de textos. Ocorre em R1 e R3, com dezoito registros nos textos dalcidianos. Já nos

textos de C1 e C3 registrou-se *nube* com nove ocorrências. Suas variantes registradas no *corpus* foram: umidade, mormarço, orvalho, bafo, *bruma* e *cerrazón*.

Etimologia: lat. *nubes, is* 'id.'; processo de assimilação da nasalidade da consoante inicial de acordo com a seguinte cadeia evolutiva *nuve* (sXIII) > \**nunve* > \**nunvem* > *nuvem*; f.hist. sXIII *nuves*, sXIV *nuven*, sXIV *nuvees*, sXIV *nuue*, sXV *nuvem*.

Acepção empregada:<sup>1</sup> aglomerado de gotas diminutas de água ou de cristais de gelo em suspensão no ar, e que dão origem às chuvas.

O vocábulo *nuvens* encontrado nos textos dalcidianos representa um elemento muito dinâmico da paisagem oriental da ilha de Marajó. Na ausência de relevos significativos, a ilha é praticamente plana, com alturas que não ultrapassam os cinquenta metros sobre o nível do mar, o que permite o livre trânsito de massas de ar, durante todo o ano. As altas temperaturas e baixas pressões durante a época do “inverno” local ocasionam a precipitação de parte delas.

O movimento permanente das *nuvens*, passando, de leste a oeste por efeito do vento leste dominante sobre os campos secos ou alagados, cria efeitos visuais de imensidão: a linha do horizonte a *rés-de-chão*, e as *nuvens* passando. Em determinadas passagens dos textos, o narrador comentou essa situação, ao passar, como uma pincelada a mais no quadro geral do cenário descrito, como se refere em: “...o fim da tarde serenou num rosa diluído em *nuvens* roxas. A Alfredo pareceu que alguém andara espremendo *pixunas* (1) no céu baixo...” (R3, 105); “...fez crescer (...) *pejada* como uma *nuvem* de chuva.” (R3, 165); “...no céu avermelhado, as *nuvens* em brasa do crepúsculo,” (R3, 379).

Em paralelo, foi estudado como outros trechos evidenciam uma “sintonia”, uma semelhança entre as emoções de certas personagens, com as condições climáticas locais, manifestamente com a presença de nuvens. Recurso este utilizado pelo ficcionista para valorizar determinadas partes das narrativas, como se depreende de: “O moinho de vento parou. Cachoeira ficou padecendo de saudosismo.” (R1, 174); “Quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejos de levar Alfredo para Belém (...) tudo pode acontecer com aquelas águas que iam e vinham mornas e silenciosas.” (R1, 119).

Na ficção de Coloane, as *nubes* estão presentes, em menor quantidade, o que se estabelece uma analogia com uma característica das obras estudadas. Foi observado que seus contos, de modo geral, abordam assuntos relacionados com a vida e a luta do homem nas regiões austrais. Neles a descrição dos cenários naturais e das condições climáticas estão reduzidas, e muitas das vezes a história tem início *in media res*, quando a natureza se encontra no âmago da tormenta, por exemplo. A presença das nuvens antecede sempre a tormenta, assim como a bonança, um dia de sol e céu azul limpo a sucede. Existe uma correlação entre todos esses fatos registrados.

Ex.: “...lamos que el viento abría, arreando nubes en lo alto...” (C3, 327).

ORVALHO - O vocábulo foi registrado somente no romance R3; ocorreu três vezes.

Etimologia: orig.obsc.; f.hist. sXIV *orvalho*, sXIV *horualho*, sXIV *orualhos*, sXIV *oruallho*.

Acepção empregada: 1. condensação do vapor da água da atmosfera que se deposita em gotículas sobre superfícies horizontais e resfriadas (terra, telhados, folhagens etc.), pela manhã e à noite; relento, rociada, rocio. 2. Derivação: por extensão de sentido. espécie de chuva fina, leve, miúda; chuvisco.

Exs.: “Orvalho a cair, neblinando.” (R3, 318); “E sob o orvalho aos poucos (...) a claridade cresceu.” (R3, 229).

**RÁFAGA** - C2, C3 e C4 apresentaram ocorrências do vocábulo, num total de cinco.

Etimologia: timología: et. dudosa: quizá de *refriega*, der de *refregar*, a través del cat. *rafagar*.

Acepção empregada: 1. f. Movimiento violento del aire, generalmente, de poca duración, que hiere repentinamente. 2. desuso: Nubecilla de poco cuerpo o densidad, que aparece especialmente cuando varía o debe variar el tiempo.

Ex.: “De pronto una ráfaga de vientos le trajo todo ese mundo de recuerdos...” (C4, 485).

**TEMPESTAD** - O vocábulo foi registrado em ambos grupos de textos. Nas obras de Coloane ele apareceu com trinta e uma ocorrências. No romance R3 ocorreu uma vez, sob a forma *tempestade*.

Etimologia: lat. *tempestas, átis* 'hora do dia, divisão do dia, bom tempo, mau tempo', com restrição de sentido, 'borrasca, tempestade, perturbação'; ver *temp(or)-*; f.hist. sXIII *tempestade*, sXIV *tepestades*, sXIV *tenpestades* 'perturbação', sXIV *tempestade*, sXIV *tenpestade* 'agitação atmosférica'

Acepção empregada: 1. agitação atmosférica violenta, muitas vezes acompanhada de chuva, granizo, vento, raios e trovões; temporal, procela.

O vocábulo, pela acepção indicada acima, incorpora um diferencial respeito do vocábulo *temporal*: a chuva ocupa um segundo plano, diante das perturbações atmosféricas, pelo qual não seriam sinônimos, nos textos de Coloane. O presente estudo permitiu perceber essa variação em: “...es mejor que el barómetro para anunciar la tempestad.” (C4, 34); “En plena mar, sobrevino una tempestad...” (C3, 313).

TEMPORAL - O vocábulo foi registrado em ambos grupos de textos; ocorreu três vezes em cada um dos textos R1, R2, R3. Já nas obras de Coloane ele apareceu em quarenta ocorrências. Ele apresenta como variantes os vocábulos *tempestade* e *tormenta*.

Etimologia: lat. *temporalis*, e 'de ou relativo a tempo, que dura só algum tempo, que ocorre num espaço de tempo limitado'; ver *temp(or)*-; f.hist. sXIII *temporal*, sXIV *tenporaaes*, sXIV *teporães* 'passageiro', 1365 *tenperal*, sXV *temporaaes*, sXV *temporal* 'mundano'.

Acepção empregada: 5. chuva forte com vento; tempestade, estado de violenta agitação atmosférica que, segundo sua intensidade, se caracteriza por ventos cuja velocidade pode atingir de 62 km a 102 km por hora, na escala de Beaufort.

Por conta da acepção do vocábulo, nele se associam a chuva e o vento. O *temporal* se caracteriza, nos textos, pelas intensidades desses dois componentes. Ex.: “..canoas que entravam, enxotadas pelo temporal, para o sossego do rio..” R2, 61.

A direção dos fortes ventos resulta importante para permitir algum tipo de navegação. No caso dos *temporales* dos contos de Coloane, quando essa direção coincide com o sentido do canal ou do braço de mar, permite que a embarcação avance “*de bolina*” –no francês, *aller au lof*; em que *lof*: do escandinavo: *lado del buque en que dá el viento* (COROMINAS, v.6, 1991,p. 677). Caso contrário, sobretudo em mar aberto, se faz necessário *fondear* em lugar resguardado dos ventos, como um porto, como se expressa em: “...el puerto Cuarenta Días, único refugio donde han estado durante todo ese tiempo barcos capeando el temporal.” (C1, 156); “...Algunas noches de temporal, lo sentía trajinar...” (C4, 48).

**TORMENTA** - O vocábulo foi registrado nos textos de Coloane, apresentou dez ocorrências. Foi considerada uma variante de *temporal*.

Etimologia: etimologia: lat.tar. *tormenta*, pl. de *tormentum*, i 'máquina de atirar projéteis; o projétil; cadeia de ferro; fig. golpes (da sorte); dor física, sofrimento; angústia, inquietação'; ver *torment-*; f.hist. sXIII *tormenta*, sXIII *tormento*

Acepção empregada:1 tempestade violenta, sobretudo no mar; temporal, borrasca.

Esse vocábulo, na sua acepção, difere do anterior, pela violência com que acontece. Isso pode ser refletido nos estragos causados nos lugares por onde passa.

Ex.: “...sólo se habían dejado oír el fragor de la tormenta y las voces de mando...”  
C3, 409.

Também o vocábulo está vinculado ao mar, como se confirma na Tabela 6 do Anexo E, na qual o vocábulo mar ocupa o primeiro lugar entre as ocorrências de vocábulos geográficos nas obras de Coloane. Isso pode ser resultado de uma

escrita precisa por parte do autor, como comenta José Maria Guelbenzu, no prólogo dos *Cuentos Completos. Colane*:

“El conocimiento del espacio es lo que da precisión a su prosa y la prosa es precisa porque de ese conocimiento sólo deja pasar la escritura lo que es esencial para el relato. No hay adorno, como corresponde a la temperie de aquellos lugares, no hay más que lo que hay.” (COLOANE, 1999, p.10).

UMIDADE - O vocábulo foi registrado nos romances dalcidianos R1 e R3 quinze vezes. Ele ocorreu como *humedad*, em C1 e C3, duas vezes.

Etimologia: f.hapl. de *úmido* + *-i-* + *-dade*; ver *umid-* e <sup>3</sup>*hum-*; f.hist. sXV *humidade*, sXV *humydade*, sXV *omidade*, 1569 *umidade*.

Acepção empregada: 1. qualidade ou estado do que está impregnado de vapor de água ou levemente molhado. 2. quantidade de vapor de água na atmosfera, determinada por uma dada medida.

Ele foi incluído por ser a representação de uma característica climática local importante. Os índices de umidade do ar na região observam-se acima dos 85%, e muitas vezes ultrapassam os 95%. Tal situação tem reflexos importantes nas condições de habitabilidade. A pele do corpo parece grudar por causa do suor, ocasiona um desconforto, que vários banhos ao dia ajudam a resolver; as roupas criam mofo, bolor; alguns alimentos estragam rapidamente. Para amenizar essa situação, algumas normas de conforto têm sido aplicadas nas moradias: as paredes interiores não chegam ao telhado, os quartos têm pé direito alto (acima de

3,0 m.) e as portas e janelas dispõem-se enfrentadas, de modo a favorecer a circulação forçada do ar, quente e úmido.

Contudo, as personagens das obras de Dalcídio Jurandir, assim como, na vida real, a maior parte dos habitantes da Amazônia continua a sofrer com a presença constante do calor e a umidade; eles são pobres e contam somente com uma rede de algodão pendurada no pátio, na varanda ou no único cômodo que eles habitam, e com o balanço procuram amenizar o desconforto.

Exs.: La roca sudaba humedad...” (C1, 23); “A fogueira, vencendo a umidade e o chuvisco, alteiou-se.” (R3, 128); “...andando entre as árvores, no ar úmido do amanhecer.” (R3, 233).

**VENDAVAL** - O vocábulo foi registrado quatro vezes em C1, C3 e C4, exclusivamente.

Etimologia: fr. *vent d'aval*, viento de abajo.

Acepção empregada: 1. m. Viento fuerte que sopla del sur, con tendencia al oeste. 2. p. ext. Viento duro que no sea temporal declarado.

Ex.: “...dejándola cimbrarse como un vendaval...” (C4, 475).

**VENTISCA** - O vocábulo foi encontrado em C1, C2 e C3, totalizando nove registros. Ele não consta nos textos dalcidianos.

Etimologia: *idem* a vento.

Acepção empregada: 1. f. borrasca de viento, o de viento y lluvia, que suele ser más frecuente en los puertos y gargantas de los montes. 2. viento fuerte, ventarrón. Sin. Nevasca.

Ex.: "...hoyuelos hechos en la toba por la acción de las ventiscas." (C3, 319).

VENTO - O vocábulo foi registrado em ambos grupos de textos; ocorreu nove vezes em R1, R2 e R3. Já nas obras de Coloane ele apareceu, sob a forma *viento* com sessenta e quatro ocorrências. Sob a forma *ventania*, encontrou-se: "As águas do lago, águas de um mar na ventania da tarde." (R2, 240).

Etimologia: etimologia: at. *ventus, i* 'vento'; ver *vent-*; f.hist. sXIV *veto*, sXIV *uentos*, sXV *vemto*

Acepção empregada: 1. o ar atmosférico em movimento natural. 2. agitação ou corrente de ar produzida artificialmente por meios mecânicos. 3. o ar atmosférico.

Exs.: "Los vientos norte, sur, este y oeste también fueron antepasados nuestros." (C4, 461); "...la ballena que se casó con Schiuno, el viento..." (C4, 462); "O vento, invadindo a casa deserta, assobiava." (R3, 374); "O vento de Cachoeira que, outrora – lhe desfiava longamente os cabelos..." (R3, 379); "...sentir no rosto o vento, chuva, treva, raio." (R3, 385).

~ Y ~

Outros vocábulos foram considerados no *corpus* por existir alguma relação direta ou indireta com o elemento água. Integram o *corpus* os vocábulos inverno / *invierno*; verão / *verano*; trovoada / *trueno*; pingação, gota; gelar; *cielo*; *frio*; *riego*.

### 2.3.3 Elementos de Limites

Como resultado dessa parte da pesquisa, determinaram-se dois tipos de vocábulos relacionados aos limites. Formaram o primeiro grupo aqueles vocábulos que, genericamente, determinaram um espaço físico no qual o elemento água é contido. Correspondem a elementos naturais ou não, com os quais o homem entra em contato para alcançar até a água.

No segundo grupo se reuniram aqueles vocábulos que designam elementos naturais, e que se encontram rodeados de água, porém constitui-se em obstáculos ou limites para a circulação do homem dentro da água. Eles, no sentido estrito, não são realizações do elemento água; eles estabelecem relações entre a terra e as águas. A Tabela 5 do Anexo E expressa esses resultados. Entre os vocábulos relacionados com os “limites” foram registrados:

**BOCA** - Com doze ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1, C2, C3 e C4.

Nos romances de Dalcídio ele ocorreu, em R2, quatro vezes.

Etimologia: Del lat. *bucca*, voz de or. celta; cf. galo *boc[c]a*.

Acepção empregada: 3. f. Entrada o salida. *Boca de horno, de cañón, de calle, de metro, de puerto, de río*. Apl. a los ríos, u. m. en pl.

Ex.: “...empezamos a penetrar por la ancha y plácida boca del canal Messier.” (C4, 34).

**BRAZO** - Com três ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu.

Etimologia: Del lat. *brachĭum*, y este del gr. βραχίων.

Acepção empregada: ~ de mar. 1. m. Canal ancho y largo del mar, que entra tierra adentro. ~ de río. 1. m. Parte del río que, separándose de él, corre independientemente hasta reunirse de nuevo con el cauce principal o desembocar en el mar.

Ex.: "...detenida en la otra orilla del brazo de mar;" (C3, 348).

**CANAL** - Com setenta e cinco ocorrências, foi observado em todos os textos de Coloane. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu, talvez, por não existir no setor leste da ilha de Marajó.

Etimologia: Del lat. *canālis*.

Acepção empregada: 1. amb. Cauce artificial por donde se conduce el agua para darle salida o para otros usos. 2. amb. Parte más profunda y limpia de la entrada de un puerto. 3. amb. En el mar, lugar estrecho por donde sigue el hilo de la corriente hasta salir a mayor anchura y profundidad. 17. m. Estrecho marítimo, que a veces es obra de la industria humana; p. ej., el de Suez y el de Panamá.

Ex.: "...atravesé desde Carelmapu hasta la otra orilla de este canal..." C4, 36.

**CHARCO** - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1. Nos romances de Dalcídio ele ocorreu duas vezes, em R1 e R2.

Etimologia: Voz onomat.

Acepção empregada: 1. m. Agua, u otro líquido, detenida en un hoyo o cavidad de la tierra o del piso. 2. m. *Col.* Remanso de un río.

Ex.: "Aquelas vozes subiam do fundo do rio, dos charcos..." (R2, 170).

**COSTA** - Com trinta e cinco ocorrências, o vocábulo foi registrado em C1, C2, C3 e C4. Nos romances de Dalcídio ele ocorreu duas vezes, em R2, quiçá, por ser mais empregados os termos praia e beira do mar.

Etimologia: Del gall. o cat. *costa*.

Acepção empregada: 1. f. Orilla del mar, de un río, de un lago, etc., y tierra que está cerca de ella. 3. f. *Arg.* Faja de terreno que se extiende a lo largo del pie de una sierra. 1. fr. *Mar.* costear (ir navegando sin perder de vista la costa). 1. fr. *Mar.* Navegar cerca de la costa y paralelamente a ella, siguiendo sus sinuosidades y huyendo de sus peligros.

Ex.: "...a viagem acabaria (...) na costa de Soure e do Camará." (R2, 287).

**COSTRA** - Com seis ocorrências no total, os textos C1, C2 e C3 registraram esse vocábulo. Nos romances de Dalcídio ele não aconteceu.

Etimologia: Del lat. *crusta*.

Acepção empregada: 1. f. Cubierta o corteza exterior que se endurece o seca sobre una cosa húmeda o blanda.

Ex.: "...hallado una costra de sal marina," (C3, 319).

**DESEMBOCADURA** - Apresentou-se com quatro ocorrências, em C1, C2 e C3.

Etimologia: lat. tardio barca. barica, der. gr. de Egipto βαρίς. (corominas, v.1, p. 507).

Acepção empregada: 1. f. Paraje por donde un río, un canal, etc., desemboca en otro, en el mar o en un lago. U. t. en sent. fig.

Ex.: "...tajo gigantesco de mar y río que es la desembocadura del Baker." (C3, 408).

**ESTRECHO** - C1, C2, C3 e C4 registram um total de vinte e uma ocorrências; vocábulo que não se realizou nas obras dalcidianas consultadas.

Etimologia: Del lat. *strictus*.

Acepção empregada: 9. m. *Geogr.* Paso angosto comprendido entre dos tierras y por el cual se comunica un mar con otro. *El estrecho de Gibraltar, el de Magallanes.*

Ex.: "...tomar un barco que atraviese el estrecho de Magallanes." (C4, 475).

**FIORDO** - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi encontrado somente em C1, C2 e C3, fato explicado, talvez, pelos nomes dados por viajantes do norte da Europa, onde eles existem. Os fiordes não existem no Marajó.

Etimologia: Del noruego *fjord*.

Acepção empregada: 1. m. Golfo estrecho y profundo, entre montañas de laderas abruptas, formado por los glaciares durante el período cuaternario.

Ex.: "...costeando por los más apartados rincones, fiordos y canales." (C3, 407).

**GARGANTA** – O vocábulo totalizou cinco registros, nos textos C1, C2 e C3. Nas obras de Dalcídio não ocorreu, quiçá, porque a geografia local não os têm.

Etimologia: De la onomat. *garg*.

Acepção empregada: 6. f. Estrechura de montes, ríos u otros parajes.

Ex.: "...árboles gigantescos que se atascan en las gargantas." (C3, 420).

**MARGEM** - Registrado dezoito veces nos textos R2 e R3 de Dalcídio, também o vocábulo ocorreu seis veces em C3, com *margem*.

Etimologia: Del lat. *margo*, *-inis*.

Acepção empregada: 1. amb. Extremidad y orilla de una cosa.

Ex.: “Lombos de tabatinga, nas margens, rachavam-se quase soltos.” (R2, 12).

**MUELLE** - Com quatro ocorrências no total, em C1 e C3. Ele é similar ao significado de trapiche, dos textos dalcidianos.

Etimologia: Del cat. *moll*.

Acepção empregada: 1. m. Obra de piedra, hierro o madera, construida en dirección conveniente en la orilla del mar o de un río navegable, y que sirve para facilitar el embarque y desembarque de cosas y personas e incluso, a veces, para abrigo de las embarcaciones.

Ex.: “Foster bajó hasta el muelle para escrutar la bahía.” (C3, 383).

**ORILLA** - No total de vinte e oito registros, encontrou-se em todos os textos de Coloane. Aconteceu na forma beirada nos romances de Dalcídio.

Etimologia: Del dim. romance, del lat. *ora*, orilla).

Acepção empregada: 1. f. Límite de la tierra que la separa del mar, de un lago, de un río, etc. 4 f. Faja de tierra que está más inmediata al agua.

Ex.: “Tú te quedaste en la orilla...” (C4, 478).

*PASO* - Com dezenove ocorrências, ele foi apontado em C1, C2 e C3, exclusivamente. Observa-se em Marajó a presença de furos, que possuem alguma semelhança com *pasos*.

Etimologia: Del lat. *passus*.

Acepção empregada: 8. m. Lugar o sitio por donde se pasa de una parte a otra. 30. m.

*Geogr.* Estrecho de mar. *Paso de Calais*.

Ex.: "...vadeándolo por pasos sólo por los indios tehuelches (...) conocidos." (C3, 361).

*PLAYA* - Com trinta e nove ocorrências, o vocábulo foi registrado nos quatro textos de Coloane. Nos romances R1, R2 e R3 de Dalcídio ele ocorreu sob a forma *praia*, num total de dezessete vezes.

Etimologia: Del lat. tardío *plagĭa*.

Acepção empregada: 1. f. Ribera del mar o de un río grande, formada de arenales en superficie casi plana. 2. f. Porción de mar contigua a esta ribera.

Ex.: "...olhando a água tufar na praia, siririgando." (R2, 64); "...tomó tierra blanca en otras playas y creó más hombres," (C4, 460).

*PUERTO* - Esse vocábulo foi registrado em C1, C2, C3 e C4, totalizando vinte e duas ocorrências. Os textos R1, R2 e R3 registraram, no total, dez ocorrências do vocábulo porto.

Etimologia: Del lat. *portus*.

Acepção empregada: 1. m. Lugar en la costa o en las orillas de un río que por sus características, naturales o artificiales, sirve para que las embarcaciones realicen operaciones de carga y descarga, embarque y desembarco, etc. 2. m. Localidad en la que existe dicho.

Exs.: "...um navio no porto, esperando carga de frutas para América." (R2, 125);  
 "...uno que otro paisaje de puerto y mar," (C4, 466).

*RIBERA* – Registrou-se nos textos C2 e C3, num total de cinco ocorrências. Nos romances de Dalcídio ele ocorreu como beira.

Etimologia: Del lat. *\*ripaīa*, de *ripa*.

Acepção empregada: 1. f. Margen y orilla del mar o río. 2. f. Tierra cercana a los ríos, aunque no esté a su margen.

Ex.: "...en la ribera sur del seno de Última Esperanza." (C3, 343).

~ v ~

Entre os vocábulos relacionados com os "recipientes" foram registrados:

*ALGUIDAR* - Com seis ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado em R1 e R3, exclusivamente. Não registra equivalente em espanhol.

Etimologia: ár. *al-gidár* 'escudela grande'; f.hist. sXIV *alguydar*

Acepção empregada: 1. vaso de barro, metal, material plástico etc., cuja borda tem diâmetro muito maior que o fundo.

Ex.: "...aquele alguidar cheio de água para apanhar as caturras..." (R3, 9).

**BAIXAS** - Com um total de três ocorrências, nos textos R1 e R2, esse vocábulo não apresentou termos equivalentes nas obras de Coloane.

Etimologia: fem.substv. de <sup>1</sup>*baixo*; ver *baix-*; f.hist. 1452 *baixa* 'dança de salão'

Acepção empregada: 2. depressão de terreno; baixos. 4.Regionalismo: Pará. parte do campo que fica submersa pelas chuvas de inverno. 5. Diacronismo: antigo. parte menos funda de mar ou de rio.

Ex.: "la de montaria para a baixa do Teso," (R1, 280).

**BEIRA** - Observou-se um total de vinte e duas ocorrências, todas nos três textos dalcidianos. Em espanhol, *berma* tem um significado similar.

Etimologia: orig.contrv.; prov. f.afer. de *(ri)beira*; ver *beira-*; f.hist. 1228 *beiram*, sXIII *beira*, sXV *beyra*, 1393

Acepção empregada: 1. *beirada*. 2. ponto em que a água de rio, lago, mar etc. se encontra com a terra; borda, margem, orla.

Ex.: "...a casa grande, como um convento, à beira do Arari," (R2, 28).

BEIRADA - Com um total de vinte e três ocorrências, nos textos R2 e R3, esse vocábulo foi registrado sob diversos significados.

Etimologia:.. fem.substv. de *beirado*; ver *beira*

Acepção empregada: 1. m.q. *beira* ('borda'). 4.(1913) Regionalismo: Norte do Brasil. região adjacente; arredor, vizinhança (tb. se usa no pl.). 5. Regionalismo: Nordeste do Brasil. faixa de terra entre terrenos secos e alagados.

Exs.: “A beirada, com aquelas covas abertas, era cemitério saqueado.” (R2, 80);  
 “Curvavam-se os açazeiros na beirada como para matar a sede ou espiar...” (R2, 12).

JIRAU - Com dez ocorrências, esses vocábulos foram registrados em R1, R2 e R3. Não há equivalências nos textos de Coloane, por ele ser de origem tupi.

Etimologia: tupi *yu'ra* 'espécie de plataforma; qualquer armação que repousa sobre forquilhas para diversos fins'; f.hist. c1596 *iuraos*, 1627 *juraos*, 1889 *jiráu* Regionalismo: Brasil.

Acepção empregada: 1. armação de madeira semelhante a estrado ou palanque, que pode ser us. como cama, depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando posta em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc. 2. armação de madeira sobre a qual se constrói uma casa de modo a evitar a água e a umidade. 4. (1942) estrado ou pavimento construído a meia altura de um recinto e do qual cobre parcialmente a área.

Ex.: “...os peixes adquirem poder para (...) furtar crianças nos jiraus” (R2, 168).

POÇA - Foram observadas um total de seis ocorrências desse vocábulo, em textos dalcidianos. Seu equivalente em espanhol é *poza*.

Etimologia: poço com alt. da vogal temática -o > -a; f.hist. 1134 *pocam*, 1720 *poça*.

Acepção empregada: 1. depressão pouco profunda de um terreno, com água. 2. espécie de cova pouco profunda, construída artificialmente, onde se represa água para regas.

Ex.: “As meninas pulavam as poças...” (R3, 212).

**POÇO** - O vocábulo registrou um total de trinta e quatro ocorrências e encontrou-se nos três textos de Dalcídio. Nos contos de Coloane não ocorreu.

Etimologia: lat. *putèus*, i 'buraco, fossa, poço de mina; cisterna ou cova em que se guardam grãos; cova para plantar árvores; masmorra para prisão de escravos; poço ou abismo do inferno'; f.hist. 937 *pozo*, sXIII *poço*, sXIV *poço* substantivo masculino

Acepção empregada: 1. grande buraco, ger. circular e murado, cavado na terra a fim de atingir um lençol de água subterrâneo. 3. buraco, ger. circular, que se faz no solo para acumular água; cisterna. 6. o ponto mais fundo de um rio, lago etc.; poção. 7. cova ou cavidade muito funda; fuma.

Ex.: “Aproximou-se do poço do catavento.” (R3, 283).

**PONTE** - Com nove ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1, R2 e R3, apenas.

Etimologia: lat. *pons*, *pontis* 'ponte; ponte móvel usada nos assédios; prancha lançada de um navio à terra para dar passagem', com mudança de g.; ver *pont-*; f.hist. sXV *ponte*, sXV *põte*. substantivo feminino

Acepção empregada: 1. obra construída em aço, madeira, cimento armado etc. para estabelecer comunicação ao mesmo nível entre dois pontos separados por um curso de água ou qualquer depressão do terreno.

Ex.: ...arrastou a mulher pela ponte, deu-lhe pontapés...” (R2, 117).

TANQUE - Com um total de oito ocorrências, nos textos R1 e R3, o vocábulo não registrou similar nos textos de Coloane.

Etimologia: orig.contrv.; embora alguns afirmem ser de orig.obsc., outros falam em f.afer. de *estanque*, der. de *estancar*, este prov. do lat.vulg. *stanticare*; ver *estanc*- substantivo masculino.

Acepção empregada: 1.recipiente de pedra ou alvenaria próprio para conter água; chafariz, fonte. 2. depósito natural de águas nascentes, fluviais ou pluviais; açude, cisterna, poço. 4. cuba de louça, alvenaria, metal ou plástico em que se lava roupa.

Ex.: “Refugiou-se no tanque que transbordava de gado ou seja de caroços de tucumã e de inajá.” (R3, 390).

TRAPICHE - Foi observado nos textos de Dalcídio, num total de trinta e um registros. Nos textos de Coloane não existe vocábulo equivalente.

Etimologia: esp. *trapiche* (1535) 'moinho de azeite, engenho de açúcar', alt. moçárabe do lat. *trapétus,i* 'moinho de oliva', de orig. gr. talvez de *\*trápétron* 'moinho', der. de *trapéó* 'pisar a uva'; f.hist. 1634 *trepiche*

Acepção empregada: 3. armazém junto a litoral marítimo, lacustre ou fluvial para depósito de mercadorias em trânsito.

Exs.: “O pai seguia, sem responder, para o banheiro no trapiche,” (R2, 202);  
 “Deitados no trapiche, os curumins (...) amolengavam ao sol...” (R2, 62).

VALA - R1 e R3 concentram as dezesseis ocorrências desse vocábulo, sem equivalente nos textos de Coloane.

Etimologia: lat. *valla*, pl. de *vállum*, 'paliçada, trincheira'; ver <sup>2</sup>*val*-; f.hist. sXV *vallas*.

Acepção empregada: 1. escavação em um terreno, de forma alongada e mais ou menos profunda, feita para variados fins, mais freq. para condução de águas, drenagem, ou instalação de encanamentos, esgotos, etc.

Ex.: “A filha descera ao pé da vala...” (R3, 78).

~ γ ~

Entre os vocábulos relacionados com os “obstáculos” foram registrados:

*ACANTILADO* - Foi registrado em todos os textos de Coloane, com dezenove ocorrências, sem equivalente nos textos dalcidianos, talvez por não ocorrerem na ilha de Marajó.

Etimologia: Del part. de *acantilar*.

Acepção empregada: 1. adj. Dicho del fondo del mar: Que forma escalones o cantiles. 2. adj. Dicho de una costa: Cortada verticalmente o a plomo. U. t. c. s. m. 3. m. Escarpa casi vertical en un terreno.

Ex.: “...los altos acantilados despediam leves sombras...” (C4, 36).

*CANTILES* - Com um total de oito ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2 e C3. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu, pois o fundo das baías é raso, por causa dos sedimentos depositados pelos rios.

Etimologia: De *canto*.

Acepção empregada: 1. m. Sitio o lugar que forma escalón en la costa o en el fondo del mar.

Ex.: “...entre el cantil con que terminaba la pampa...” (C3, 319).

*CAVERNA* - Com trinta e uma ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1, C2 e C3. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu, e não se conhecem registros delas na zona de Marajó.

Etimologia: Del lat. *caverna*.

Acepção empregada: 1. f. Concavidad profunda, subterránea o entre rocas.

Ex.: “...se encuentran otras cavernas menores...” (C3, 343).

*CORREDEIRAS* - R3 concentrou as três ocorrências desse vocábulo, sem equivalente nos textos de Coloane.

Etimologia: rad. do part. *corrido* com tema -e- da 2ª conj. sob a f. *corred-* + *-eira*; ver *corr-*.

Acepção empregada: 2. Regionalismo: Brasil. parte do rio onde as águas, devido à diferença de nível, correm ligeiras, e que, ger., corresponde à última etapa de uma queda-d'água; cachoeira, correntada, corrida, urmana.

Ex.: "...o padrinho (...) foi passar as corredeiras onde se alagou." (R3, 84).

*CUEVAS* - Com seis ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1, C2 e C3, exclusivamente.

Etimologia: Del lat. \*cova.

Acepção empregada: 1. f. Cavidad subterránea más o menos extensa, ya natural, ya construida artificialmente.

Ex.: "...se encuentra ubicada la famosa cueva del Milodón," (C3, 343).

*ESCOLLERAS* - Com oito ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2 e C3.

Nos textos de Dalcídio ele não ocorreu, como não se registram em Marajó.

Etimologia: De *escollo*. it. scoglio, do ligur scoclu ou scopulos. (COROMINAS, v2, p. 701).

Acepção empregada: 1. f. Obra hecha con piedras echadas al fondo del agua, para formar un dique de defensa contra el oleaje, para servir de cimiento a un muelle o para resguardar el pie de otra obra.

Ex.: "...Páramo, gigantesca escollera que avanza una docena de kilómetros mar afuera," (C3, 311).

**GALERÍA** - C2 apresentou as duas ocorrências desse vocábulo, sem equivalente nos textos dalcidianos.

Etimologia: En b. lat. *galilaea*, pórtico, atrio

Acepção empregada: 6. f. Camino que se hace en otras obras subterráneas.

Ex.: “De súbito, la galería de la caverna se ensanchó y en el fondo...” (C1, 24).

**GRIETA** - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2, exclusivamente.

Etimologia: Del ant. *crieta*, y este del lat. vulg. *\*crepta*, contracc. de *crepita*, part. pas. de *crepāre*, reventar.

Acepção empregada: 1. f. Hendidura alargada que se hace en la tierra o en cualquier cuerpo sólido.

Ex.: “...que brota como un oscuro pubis entre las grietas rocosas...” (C2, 181).

**“ILHAS”** - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Acepção empregada: Regionalismo: Pará, Maranhão, Mato Grosso (*Marajó*).

Área compacta de altas árvores que se destacam em meio aos campos.

Ex.: “Nas moitas dos campos, nas ‘ilhas’ (...) os vaqueiros comiam, bebiam...” (R2, 209); “Depois de atravessar uma ‘ilha’ e desembocar numa campina...” (R3, 236).

**LABERINTO** – O texto C2 concentrou as duas únicas ocorrências do vocábulo.

Etimologia: Del lat. *labyrinthus*, y este del gr. λαβύρινθος.

Acepção empregada: 1. m. Lugar formado artificiosamente por calles y encrucijadas, para confundir a quien se adentre en él, de modo que no pueda acertar con la salida. 2. m. Cosa confusa y enredada.

Ex.: "...cruzó el laberinto de islotes de la Angostura Inglesa..." (C3, 399).

**PAREDÓN** - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado exclusivamente em C1 e C3. Marajó não apresenta esse tipo de relevo.

Etimologia: antepositivo, do subst. masc. lat. *paries, ètis* 'parede (de uma casa); barreira (de madeira); cerca (de vimes); sebe'; a f. vulg. \**parés, parétis* é atestada pelas línguas român.: romn. *pàrete*, it. *parete*, engad. *paraid*, friul. *paret*, fr. *paroi*, provç. *paret*, esp. *pared*, port. *parede*; usual; der. latinos apresenta cultismos e vulgarismos: *paredão*.

Acepção empregada não dicionarizada: conjunta de rocas que formam uma parede contínua, normalmente reta ou cortada a pique, na cordilheira ou nos canais patagônios. (E.H.I)

Ex.: "...camino de agua que avanza entre paredones grisáceos." (C3, 399).

**PEÑASCO** - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu, e em Marajó não se encontram deles.

Etimologia: esp. *peña* (945) 'cimo de uma muralha, rochas que se projetam na crista de uma montanha, objeto pontiagudo' (p.ext. do signf. 'pluma, asa') do lat. *pìnna, ae* 'pluma, asa; todo objeto em forma de pluma ou asa: barbatana, lobo do fígado, pá de leme, registro de um órgão, ameia de uma muralha etc.'; ver *penh-*; f.hist. 1068 *penalonga*, sXIII *pena*, 1589 *penha*.

Acepção empregada: 1. m. Peña grande y elevada.

Ex.: "...boca de la caverna está (...) llena de peñascos y rompientes." (C1, 21).

*PEÑON* - C1, C2 e C3 concentraram ocorrências desse vocábulo, num total de seis; sem equivalente nos textos dalcidianos.

Etimologia: idem *peñasco*.

Acepção empregada: m. Aum. de peña. Monte peñascoso. (ARISTOS, p. 469).

Ex.: "...hasta dar con el lejano peñon de cabo Domingo." (C3, 321).

*PIEDRA* - Com dezessete ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1, C2, C3 e C4. Em R1 ocorreu uma vez, sob a forma pedras.

Etimologia: Del lat. *petra*.

Acepção empregada: 1. f. Sustancia mineral, más o menos dura y compacta, que no es terrosa ni de aspecto metálico.

Ex.: "...enmohecido, casi se confundia con las piedras..." (C4, 34).

*PRECIPICIO* - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1. Nas obras de Dalcídio ele não ocorreu. Em Marajó não se registram precipícios.

Etimologia: Del lat. *praecipitum*.

Acepção empregada: 1. m. Despeñadero o derrumbadero por cuya proximidad no se puede andar sin riesgo de caer.

Ex.: "...detenía al borde del precipicio, temblando convulsivamente." (C1, 37).

*PROMONTORIO* - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1.

Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu. Sabe-se que Marajó é plano.

Etimologia: Del lat. *promontorium*.

Acepção empregada: 1. m. Altura muy considerable de tierra. 2. m. Altura considerable de tierra que avanza dentro del mar.

Ex.: "...allí, a una milla de ese trágico promontorio..." (C1, 17).

*REDOSO* - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado somente em C2 e C3. Se desconhece seu equivalente em português.

Etimologia: afer. de *enredoso*, de *enredar*, de cast. *red*, do lat. *rete*, *reth*. (COROMINAS, v.5, p.831).

Acepção empregada não dicionarizada: baixio de mar, entre rocas, com vida marinha animal e vegetal abundante. (E.H.I)

Ex.: "Sólo sus playas y redosos repletos de mariscos y peces..." (C3, 399).

*RISCOS* - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C2. Nas obras de Dalcídio não ocorre; Marajó não apresenta esse tipo de relevo.

Etimologia: De *riscar*.

Acepção empregada: 1. m. Hendidura, corte. 2. m. Peñasco alto y escarpado, difícil y peligroso para andar por él.

Ex.: "...con blancas caricias de espumas engarzadas a los riscos!" (C1, 25).

*ROCA* - Todos os textos de Coloane têm registros do vocábulo, num total de trinta; seu equivalente rocha pouco ocorre nos textos dalcidianos.

Etimologia: De or. inc.

Acepção empregada: 1. f. Piedra, o vena de ella, muy dura y sólida. 2. f. Peñasco que se levanta en la tierra o en el mar.

Ex.: "...entre la agresividad de una rocas surgió un barco..." (C4, 34).

*ROMPIENTE* - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado C1 e C3, exclusivamente. Os rios e costas de Marajó quase não têm rochas.

Etimologia: Del ant. part. act. de *romper*.

Acepção empregada: 2. m. Bajo, escollo o costa donde, cortado el curso de la corriente de un río o el de las olas, rompe y se levanta el agua.

Ex.: "El fragor de los rompientes dejaba a ratos breves silencios..." (C3, 395).

*ROQUERÍO* - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2 e C3; e nos romances de Dalcídio não ocorreu, pois as costas de Marajó não têm.

Etimologia: *idem* roca.

Acepção empregada não dicionarizada: lugar de muitas rocas, do mar ou da praia. (E.H.I)

Ex.: "...las manadas de focas empezaban a inundar los roqueríos..." (C3, 320).

*VERILES* - Esse vocábulo foi registrado quatro vezes, somente em C2 e C3.

Etimologia: De *vera*.

Acepção empregada: 1. m. *Mar*. Orilla o borde de un bajo, de una sonda, de un placer, etc.

Ex.: "...el extenso veril del Atlántico..." (C3, 328).

A maioria dos vocábulos do grupo acima fazem parte da topografia insular da Patagônia ocidental, que difere totalmente das costas da ilha de Marajó. Na primeira encontram-se as montanhas da cordilheira, cortadas em múltiplas aristas agudas, produto da ação do vento, a chuva e o gelo sobre as rochas, e as águas violentas do mar, entrando pelos canais e fiordes, até atingir as geleiras, produto da erosão ocorrida nas glaciações do Quaternário. Pelo contrário, as costas da ilha de Marajó, na porção oriental, são formadas por relevos suaves e baixos, com sedimentos de aluvião e erosão causada pela forças das marés; apresenta também algumas baías estuarinas e formações menores de mangues. A ação do vento leste modifica algumas praias, movimentando as areias. Na comparação, a variedade de vocábulos é maior para os relevos acidentados da costa ocidental da Patagônia.

### 2.3.4 Elementos da Geografia

Grande parte das realizações do elemento água, que integram o *corpus*, correspondem a vocábulos que se referem a acidentes geográficos. Eles foram agrupados, genericamente em: *hielo*, ilha, lago, mar, *nieve*, pântano, lama, rio e várzea. Para todos eles foram registradas variantes, com as quais se estabelecem relações de significados em conexão com o elemento água, como registrou a Tabela 6 do Anexo E.

Dentre os vocábulos registrados relacionados com “*hielo*”, os quais não ocorrem nos romances de Dalcídio, encontraram-se:

**HIELO** - Com trinta e uma ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1, C2 e C3. Somente no texto R3, ele aconteceu uma vez, como vocábulo gelo.

Etimologia: Del lat. *gelum*

Acepção empregada: 1. m. Agua convertida en cuerpo sólido y cristalino por un descenso suficiente de temperatura.

Exs.: “...el tronar de los hielos, que se derrumbaban...” (C3, 348); “Pero cuando llegaron los hielos...” (C3, 347).

**CARÁMBANO** - Com dez ocorrências, esse vocábulo foi encontrado em C1, C2, C3 e C4. No clima equatorial de Marajó eles não existem.

Etimologia: del ant. carámbalo, id., del \*caramblo, do lat. vg. *calamus*, caña. (COROMINAS, v.1, p. 850)

Acepção empregada: m. pedazo de hielo, largo y puntiagudo. (ARISTOS, p.129)

Ex.: "...entonces vuelan árboles, toldos indígenas y hasta los carámbanos son aventados por los aires." (C3, 408).

**ESCARCHA** - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3.

Etimologia: De or. inc.

Acepção empregada: 1. f. Rocío de la noche congelado.

Ex.: "Hombres rudos, solitarios, amansados por la dura caricia de la escarcha," (C1, 114).

**GLACIAR** - Com uma ocorrência em C2, não apresentou outros registros.

Etimologia: Del fr. *glacier*.

Acepção empregada: 1. m. Masa de hielo acumulada en las zonas de las cordilleras por encima del límite de las nieves perpetuas y cuya parte inferior se desliza muy lentamente, como si fuese un río de hielo.

Ex.: "...las altas cumbres, de glaciares y ventisqueros..." (C2, 215).

**MOLE** - Com quatro ocorrências, ele foi apontado somente em C1. Nelas é sinônimo de *iceberg*, ou de *témpano*.

Etimologia: Del lat. *moles*.

Acepção empregada: 1. f. Cosa de gran bulto o corpulencia. 2. f. Corpulencia o bulto grande.

Ex.: "...aparece de nuevo la blanca y dura mole navegando..." (C1, 25)

**TÉMPANO** - Com quinze ocorrências, o vocábulo foi registrado em C1, C2 e C3.

Etimologia: Del lat. *timpānum*, y este del gr. τ μπανov.

Acepção empregada: 1. m. Pedazo de una cosa dura, extendida o plana; como un pedazo de hielo o de tierra unida.

Ex.: "...el témpano ocultaba debajo de las aguas..." (C3, 430).

**VENTISQUERO** - Com onze ocorrências, ele foi apontado em C1, C2 e C3.

Etimologia: de *viento*, cas. *ventar*, *ventiscar*.

Acepção empregada: 3.m. Sitio, en las alturas de los montes, donde se conserva la nieve y el hielo. 4. m. Masa de nieve o hielo reunida en este sitio.

Ex.: "Era un tajo inmenso dejado por un ventisquero..." (C3, 412).

Nos casos anteriores as variantes do gelo se integram aos relatos de Coloane, quem apresenta a hostil geografia como uma dificuldade a ser vencida pelas personagens no seu caminhar pela Patagônia e a Terra do Fogo.

~ √ ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com "ilha" observaram-se:

**ILHA** - Com um total de vinte e oito, ele foi apontado em R1, R2 e R3. Já o vocábulo *isla* apresenta-se nos quatro textos de Coloane, com um total de cento e três ocorrências, sendo o segundo vocábulo mais abundante desse grupo.

Etimologia: lat. *insùla,ae* 'ilha, quarteirão cercado de ruas que o isolam do resto da cidade como o mar isola a ilha do resto das terras', atribui-se à influência do esp. e do cat. sobre o port. a fixação da f. *ilha* e, nos der., uma equiparação dos rad. esp. *isl(a)-* e port. *ilh(a)-*; notar que as f.divg. *ilha* e *ínsua* tiveram desde as orig. matizes semânticos diferentes.

Acepção empregada: 1. porção de terra não tão extensa quanto um continente e cercada de água por todos os lados. 2. Derivação: por extensão de sentido, aquilo que, por seu isolamento ou incomunicabilidade em relação ao que o cerca, se assemelha a uma ilha.

Exs.: "...bosquecillos de robles que en esa parte de la isla se vuelven aparragados..." (C4, 460); "Aquele chalé era uma ilha de atribulações e de ódios..." (R3, 217); "Era a ilha que se atravessava no meio da luta entre o Atlântico e o Amazonas..." (R3, 255).

**ISLETA** - Com duas ocorrências, essa variante foi registrado em C2.

Etimologia: Del dim. de *isla*.

Acepção empregada: 1. f. Arg. Grupo de árboles aislados en medio de la llanura.

Ex.: "...en las noches de luna la isleta resplandecía confundiendo con el *Caleuche*." (C2, 248).

**ISLOTE** - Com nove ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2 e C3.

Etimologia: idem ilha.

Acepção empregada: 1. m. Isla pequeña y despoblada. m. Peñasco muy grande, rodeado de mar.

Ex.: "...canales a menudo obstruidos por rodales e islotes..." (C3, 393).

A figura da ilha, rodeada de águas e isolada de terra firme, é motivo para estimular a imaginação dos homens, que ao longo da História desenvolveram diversas explicações lendárias e míticas para tentar explicar a natureza diferenciada destas. Para maiores subsídios sobre o aspecto simbólico das ilhas, veja-se *Ilhas e Mares simbolismo e imaginário* (Diegues, 1998).

~ Y ~

Dentre os vocábulos registrados relativos a “lago” observaram-se:

LAGO - Com noventa e três ocorrências, registradas nos três textos dalcidianos, foi o segundo vocábulo mais comum do grupo O mesmo vocábulo foi apontado em C1, C2 , C3 e C4, num total de dezessete registros.

Etimologia: lat. *lacus,us* 'lago, reservatório de água', ligado ao gr. *lákkos* 'fosso, poço'; fr. *lac* (sXII), ing. *lake* (1205), it., esp. e port. *lago* (sXIII); ver *lac-*; f.hist. sXV *laguo*.

Acepção empregada: 1. acumulação permanente de águas em grande extensão numa depressão de terreno fechada. 2. m. Gran masa permanente de agua depositada en depresiones del terreno.

Exs.: “...vivia na beira do lago, preguiçando...” (R2, 215); “...pescavam nos seus lagos...” (R2, 17); “...boscosas montañas que marginaban la otra orilla del lago...” (C4, 460); “...con su corriente une los lagos Maravilla y Toro” (C3, 351); “Este lago, enclavado en un portezuelo del lomo andino...” (C3, 361).

LAGOA - Com um total de vinte e seis ocorrências, foi registrado somente em R3.

Etimologia: lat. *\*lacóna* por *lacúna,ae* 'fosso, poça, lagoa, brejo'; cp. divg. *lacuna* e *laguna*; ver *lac-*; f.hist. sXV *lagoas*

Acepção empregada: 1. depressão de pequena profundidade, contendo água doce ou salgada. 2. pequeno lago. 3. pequena extensão de água estagnada; charco.

Exs.: "...a lagoa secava rapidamente, a água escoava..." (R3, 338); "...os bois que beberam o último alento da lagoa." (R3, 340).

LAGUNA - Com sete ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3. O mesmo vocábulo ocorreu onze vezes em C1, C2, C3 e C4.

Etimologia: lat. *lacúna,ae* 'fosso, lagoa, brejo, lamaçal, barranco, buraco, cavidade, oco, falha, defeito, vão'; cp. divg. erud. *lacuna* e vulg. *lagoa*; ver *lac-*.

Acepção empregada: 1.f. Depósito natural de água, generalmente dulce y de menores dimensiones que el lago. 2. braço de mar de pouca profundidade, que se situa entre bancos de areia ou ilhas, na embocadura de certos rios. 3. depressão formada por água salobra ou salgada, localizada na borda litorânea, comunicando-se com o mar através de canal. 4.lagoa de água salgada cercada por recife de coral. Regionalismo: Amazônia. baixada inundada, à margem de um rio.

Exs.: "Marajó devastado, as lagunas secas, os campos vazios..." (R2, 211); "...poblaban también las lagunas y riachos..." (C3, 320).

A topografia da ilha de Marajó apresenta, na sua porção oriental, um relevo baixo, de poucas diferenças de altura; aquelas áreas que apresentam-se mais baixas se transformam em lagoas temporárias, com as enchentes tudo fica coberto de água, após esse período, as águas descem e nesses pontos elas ficam

retidas, concentrando grande quantidade de vida aquática, que ao chegar a seca, morre em lenta agonia.

~ √ ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com “mar” observaram-se:

MAR - O vocábulo ocorreu amplamente em todos os textos; registrou-se trinta e duas vezes nos textos dalcidianos e totalizou trezentas e quatro ocorrências nas obras de Coloane.

Etimologia: lat. *mare, maris* 'mar'; o esp. *mar*, it. *mare*, fr. *mer* e o al. *Meer* tb. têm orig. no voc. lat. neutro, havendo diferenças, nessas línguas, quanto ao gênero masc. ou fem. do subst.; a pal., neutra no al., adotou normalmente o masc. em port., esp. e it., tornando-se, contudo, fem. no fr., cat. e romn.: no espanhol e em voc. portugueses, como *baixa-mar* e *preamar*, observam-se vestígios do gênero fem.,

Acepção empregada: 1. vasta extensão da água salgada que ocupa a maior parte da superfície terrestre; oceano. 1.1. extensão de água salgada, de dimensões relativamente limitadas, isolada em maior ou menor grau da massa oceânica principal. 2. Derivação: por metonímia. a água existente nessas extensões. 3 Derivação: por metonímia. banho nessas águas. 4. Derivação: por metonímia. região costeira; beira-mar. 5. Derivação: por metonímia. a vida nessas regiões; a vida profissional ligada a essa região ou extensão de água. 6. agitação das águas marítimas causada por ventos ou tempestades. 7. Derivação: por analogia. área com acumulação de líquido ou de matérias sólidas tornadas movediças pela mistura com líquido. 10. p.hip. vasta extensão de um elemento não líquido; grande

extensão, a perder de vista, ou grande quantidade de qualquer coisa; imensidade, oceano.

11. Derivação: por analogia. conjunto que ondula, se agita, apresenta flutuações.

Exs.: "...sus ojos también eran verdes y tan profundos como el mar." (C4, 36); "La mar gruesa tenía sus voces..." (C4, 33); "Está dándole de comer al mar (...) una mujer casada con el mar..." (C4, 46); "La pampa parecía un mar amarillo..." (C3, 435); "...no mar da Contra Costa, aprendendo a pilotar." (R3, 35); "O mar está extraordinariamente agitado." (R3, 397).

**ABISMO** - Com quatro ocorrências, esse vocábulo somente foi registrado em C1.

Etimologia: lat. *\*abyssus*, alt. do lat. *abyssus, i* 'abismo' (talvez através do lat. *\*abyssimus*), por sua vez, der. do gr. *ábussos, on, on* 'sem fundo, abismo'; ver *abism-*; f.hist. sXIII *avisso*, sXIV *aabisso*, sXIV *aaviso*, sXIV *abiso*, sXIV *abismo*, sXIV *abisso*, sXV *avismo*.

Acepção empregada: 1. grande depressão ou cavidade natural, quase vertical, ou vertical, de fundo muitas vezes inexplorado; precipício, profundidade. 2. lugar escarpado, íngreme, de forte declive; despenhadeiro. 10. Derivação: sentido figurado. o fundo do mar.

Ex.: "...sombras parecen subir y bajar del cielo a esos abismos." (C1, 17).

**BANDAZO** - Com quatro ocorrências dentro do *corpus*, o vocábulo foi registrado em C1, C2 e C3.

Etimologia: der. de *banda*, do fr. *bende, bande*, do frâncico *binda*. (COROMINAS, v.1, p. 485).

Acepção empregada: bandazo, golpe violento de la embarcacion de costado contra, debido a las olas y/o escora repentina (escora, que se ladea de golpe).

Ex.: "...volar entre esos bandazos de lluvia y viento." (C3, 453).

*CALMA* - Com quatro ocorrências, ele foi apontado em C1 e C2.

Etimologia: Del lat. *cauma*, y este del gr. καμα, bochorno.

Acepção empregada: 1. f. Estado de la atmósfera cuando no hay viento. ~ chicha. 1. f. Especialmente en la mar, completa quietud del aire.

Ex.: "Después de la tempestad viene la calma..." (C1, 96).

*CENDALES* - Com um total de quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2, C3 e C4.

Etimologia: der. del lat. *sindone*, sábana.

Acepção empregada não dicionarizada: borda das ondas, que estão cheias de espumas, quando do flutuar delas. (E.H.I)

Ex.: "...entre los cendales de espuma surgió..." (C4, 34).

*CORRIENTE* - Com vinte e uma ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado nos quatro textos de Coloane, referido ao mar. Nos romances de Dalcídio ele acontece sob a forma de correnteza do rio.

Etimologia: Del ant. part. act. de *correr*; lat. *currens*, *-entis*.

Acepção empregada: 12. f. Movimiento de traslación continuado, ya sea permanente, ya accidental, de una masa de materia fluida, como el agua o el aire, en una dirección determinada. 13. f. Masa de materia fluida que se mueve de este modo. 14. movimento próprio das águas; correnteza.

Ex.: “Quizá qué corriente me lo trajo del golfo...” (C4, 48).

**ESPUMA** - Com vinte e três ocorrências, ele foi apontado em C1, C2, C3 e C4. Os textos R1, R2 e R3, de Dalcídio registraram dezessete ocorrências.

Etimologia: lat. *spúma,ae* 'escuma, baba'; cp. *escuma*; ver *espum(i)-*

Acepção empregada: 1. f. Conjunto de burbujas que se forman en la superficie de los líquidos, y se adhieren entre sí con más o menos consistencia.

Exs.: “...se engalanaba entonces con grandes rosas de espuma...” (C4, 33); “ as águas fazendo espumas...” (R3, 399).

**ESTOA** - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C2.

Etimologia: obs. pos. deriv. lat. *aestus*, us. agitação do mar. (COROMINAS, v.2, p.785)

Acepção empregada: estado estacionario de una marea o corriente.

Ex.: “...y durante los veinte o más minutos de estoa de la marea...” (C2, 289).

**FONDEADERO** - Com seis ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado em C2, C3 e C4. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu.

Etimologia: de *fondo*, del lat. *fundus*.

Acepção empregada: 1. m. Lugar de profundidad suficiente para que la embarcación pueda fondear.

Ex.: "...rumbeó por entre las islas hasta encontrar otro fondeadero." (C3, 409).

*FONDO* - Com treze ocorrências, ele foi apontado em C1, C2 e C3, e diz relação com o mar. Nos textos dalcidianos ocorre em R2 e R3, como fundo, totalizando trinta ocorrências.

Etimologia: Del lat. *fundus*.

Acepção empregada: 2. m. Superficie sólida sobre la cual está el agua. *Fondo del mar, del río, de un pozo*. 3. m. hondura.

Exs.: "...um sono no fundo do rio..." (R2, 11); "...a alma do fundo d'água que esconde no lago..." (R2, 223); "...como si lo fueran sacando desde el fondo del mar..." (C3, 374).

*LECHO* – Com um total de sete ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3. No romance R2 de Dalcídio ele ocorreu uma vez, como leito.

Etimologia: lat. *lectus*, 'leito, cama'; f.hist. sXIV *lleyto*, sXV *lectos*.

Acepção empregada: 3. m. Madre de un río, o terreno por donde corren sus aguas. 4. m. Fondo del mar o de un lago.

Ex.: "...lecho oceánico que afloró a través de siete solevamientos!" (C3, 358).

**LOBERÍA** - Com um total de quatro ocorrências, o vocábulo foi registrado somente em C1 e C3.

Etimologia: deriv. lat *lupus, lobo*.

Acepção empregada: 3. f. *Arg. y Perú*. Paraje de la costa donde los lobos marinos hacen su vida en tierra.

Ex.: "...sus cachorros paridos en las loberías del cabo de Hornos." (C3, 320).

**MARÉ** - Com cinqüenta e uma ocorrências, ele foi apontado em R1, R2 e R3. Seu equivalente *marea* foi registrado dezoito vezes, em C1, C2 e C3.

Etimologia: idem mar.

Acepção empregada: 1. Fenômeno cíclico de elevação (preamar) e abaixamento (baixamar) das águas do mar, com a respectiva corrente, por atração do Sol e da Lua em suas posições relativas. 2. Regionalismo: Pará. Distância, num percurso fluvial, em que se faz sentir o movimento das marés.

Exs.: "Maré enchendo, ansiedade subindo." (R2, 73); "...el gran desnivel (...) que se producía con las mareas..." (C3, 312).

**MARESIA** - Com um total de quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1 e R2.

Etimologia: maré, porém de form. obsc.; ver *mar-*; f.hist. 1562 *marisia*.

Acepção empregada: Cheiro forte e característico que se desprende do mar, na vazante.

Agitação pouco acentuada das ondas do mar; marulho, marulhada.

Ex.: "...a maresia vinha quebrar-se no tijuco da praia..." (R2, 61).

**MAREJADA** - Nos contos de Coloane, têm um total de nove registros, em C1 e C2.

Etimologia: del port. *marejada*.

Acepção empregada: f. Movimiento tumultuoso de grandes olas, aunque no haya borrasca.

Ex.: "...oro que (...) dejaban las marejadas correntosas del océano." (C2, 193).

**ONDA** - Com dezenove ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Nos textos de Coloane C1, C2, C3, totalizou cinco ocorrências. O vocábulo *ola* foi o quarto mais observado nos textos de Coloane, com oitenta e uma ocorrências.

Etimologia: lat. *unda, ae* 'água (considerada em movimento), onda, vaga; agitação, tempestade; ondas de ar; agitação de uma multidão'; ver *und-*; f.hist. sXIV *hondas*, sXIV *hōdas*, sXV *omdas*

Acepção empregada: 1. Cada uma das elevações formadas nos mares, rios, lagos etc. pelos movimentos de vento, marés etc.; vaga. 2. Derivação: por extensão de sentido: água que se agita e se eleva, lembrando a onda; vaga. 3. Uso: formal. as águas do mar; o mar, o oceano; 4. f. Onda de gran amplitud que se forma en la superficie de las aguas.

Exs.: "...alguna extraña ola solitaria..." (C2, 199); "...apareció sobre el lomo de una ola una sombra más densa, otra ola la ocultó, y una tercera la levantó de nuevo..." (C2, 165); "...como si caminara sobre las ondas del golfo de Skyring." (C2, 215).

**PREAMAR** - Foi apontado uma vez em R1; já a forma *pleamar* ocorreu seis vezes no total, nos textos C2, C3 e C4.

Etimologia: port.ant. *prea* (< lat. *plena*, fem. do adj. *plénus,a,um* 'pleno, cheio') + *mar* (subst.fem. [hoje masc.] < lat. *maris,e* 'mar'); ver *plen(i)-* e *-mar*

Acepção empregada: nível máximo da maré; maré-cheia, maré alta. f. *Mar*. Fin o término de la creciente del mar.

Ex.: "...agua que se hincha y se afloja en las horas de los pleamares." (C4, 35).

**POROROCA** - Com vinte e uma ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1, R2 e R3.

Etimologia: tupi *poro'roka* 'estrondo'; ver *-poca*; f.hist. 1636 *paroroca*, 1636 *porocroca*, 1763 *pororóca*, 1817 *póróróca* acp. de geo, 1771 *pororuca*, 1817 *perurúca* acp. de cul

Acepção empregada: Regionalismo: Brasil. 1 grande onda de alguns metros de altura que ocorre, em certas épocas, em rios muito volumosos, esp. o Amazonas, perto da sua foz, e que destrói tudo que encontra à sua passagem, causando grande estrondo e formando atrás de si ondas menores; mupororoca.

*BANZEIRO* = Regionalismo: Amazônia. 1. série de ondas provocadas pela passagem da pororoca ou de uma embarcação, e que vai quebrar violentamente na praia ou nas margens do rio.

Ex.: "Em vez de pororoca veio o boto..." (R2, 225).

**REMOLINO** - Com seis ocorrências, o vocábulo, relacionado com o mar, somente foi registrado em C1, C2, C3 e C4. Nos romances de Dalcídio ele ocorreu, como

redemoinho, em relação com o rio, por duas vezes, em R3; no mesmo texto encontrou-se a forma sorvedouro, uma vez.

Etimologia: remoinho com infl. do voc. *roda*, gerando *rodomoinho* > *redomoinho* (por dissimilação) > *redemoinho* (por assimilação); ver *mo(l)-*

Acepção empregada: 1. m. Movimiento giratorio y rápido del aire, el agua, el polvo, el humo, etc. 2. Movimento de rotação em espiral, turbilhão de água que se forma no mar ou no rio, devido a cruzamento de correntes contrárias de águas; voragem, sorvedouro.

Ex.: “Extensos remolinos espejaban a la luz de la luna...” (C4, 36).

**RESACA** - Com quatro ocorrências, ele foi apontado C2 e C4, exclusivamente.

Etimologia: de sacar. *sacas* e *resacas* del mar (1492. Woodbr.) . Por deriv. fr. *ressac*; ir. *risacca*; cat. *ressaca*. (COROMINAS, v.6. 1991, p.116)

Acepção empregada: 1. f. Movimiento en retroceso de las olas después que han llegado a la orilla. 2. f. Limo o residuos que el mar o los ríos dejan en la orilla después de la crecida.

Ex.: “...fueron lanzados por el impulso de la resaca caverna adentro.” (C2, 200).

**SUPERFICIE** - Com dezoito ocorrências, o vocábulo foi observado em C1, C2 e C3. Nos romances de Dalcídio não foi registrado.

Etimologia: Del lat. *superficiēs*.

Acepção empregada: 1. f. Límite o término de un cuerpo, que lo separa y distingue de lo que no es él. 2. a parte de um corpo de água em contato com o ar.

Ex.: “...al salir a la superficie con un rayo verde azul fosforescente...” (C2, 191).

Os vocábulos registrados se relacionam com os movimentos das águas do mar. No geral, eles são movimentos cíclicos e constantes, que denotam o poder destrutivo que possui o mar, ao se bater de modo contínuo com as praias e as rochas; esse confronto pode ser vinculado também com o simbolismo do mar: ele representa uma força indômita e poderosa.

~ Y ~

Daqueles vocábulos registrados relacionados com “*nieve*” observaram-se:

*NIEVE* - Com um total de oitenta e duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em todos os textos de Coloane. Ele ocorre uma vez em R3, sob a forma *neve*, como referência a uma outra geografia distinta da marajoara.

Etimologia: lat. *nix, nivis* 'neve'; ver *niv(i/o)*-; f.hist. sXIV *neue*.

Acepção empregada: 1. f. Agua helada que se desprende de las nubes en cristales sumamente pequeños, los cuales, agrupándose al caer, llegan al suelo en copos blancos. 2. f. Tiempo en que nieva con frecuencia. U. m. en pl. *En tiempo de nieves*. 3. f. *nieve caída*. 6. f. ant. Acción de nevar.

Exs.: “...se confundían con las nieves eternas de los altos picachos...” (C3, 351); “La *nieve* había caído intermitentemente...” (C4, 483).

*NEVERAS* - Com duas ocorrências, ele foi apontado em C1, apenas.

Etimologia: Del lat. *nivariā*, t. f. de *-rius*.

Acepção empregada: 1. f. Sitio en que se guarda o conserva nieve.

Ex.: “...en invierno las neveras rielan hacia las playas,” (C1, 149).

*PLANCHONES* - Com três ocorrências, o vocábulo foi registrado, em C2 e C3.

Etimologia: Aum. de plancha.

Acepção empregada não dicionarizada: grande superfície de neve ou gelo, endurecida e congelada, que se pode desprender de improviso. (E.H.I)

Ex.: “...se levantaba un extenso planchón...” (C3, 319).

A neve, como já se indicou, é uma forma de precipitação sólida da água, que ocorre a baixas temperaturas, em todos os territórios da Patagônia. Por tanto, sob diversas formas e variantes, ela tem-se integrado à cultura local dos habitantes dessas regiões austrais, como se observou da leitura dos diversos contos de Coloane. Ela é uma realidade oposta do que acontece com a chuva na ilha de Marajó.

~ √ ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com “pântano” observaram-se:

PÂNTANO - Com um total de sete ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1, R2 e R3. Nos romances de Coloane, sob a forma *pantano*, ele ocorreu, em C1, C3 e C4, seis vezes no total.

Etimologia: it. *pantano* (c1310) 'id.', orig.obsc., prov. pré-romano e ligado a *Pantánus*, nome de um lago na Apúlia na época romana

Acepção empregada: 1. m. Hondonada donde se recogen y naturalmente se detienen las aguas, con fondo más o menos cenagoso. 2. região ribeirinha coberta por águas paradas. 2. planície inundada.

Ex.: "...tierra que tomó Kenós de un pantano a orillas del Kahin-cuen." (C4, 460).

AREIA GULOSA - Com seis ocorrências, ele foi apontado em R2, R3, exclusivamente. Foi registrada a forma "lama gulosa", uma vez, em R2.

Acepção empregada: Regionalismo: Norte do Brasil. 1 m.q. *areia movediça*. 2. banco de areia enlameado, capaz de fazer atolar qualquer coisa que por ele passe; areia-engolideira

Obs.: tb. se diz apenas <sup>2</sup>*gulosa*.

Exs.: "...não tem mulher igual. Mata. É uma areia gulosa." (R2, 81); "Aláide era lodo das águas vivas, lama gulosa..." (R2, 114).

ATOLEIRO - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Etimologia: rad. do v. <sup>1</sup>*atolar* sob a f. *atol-* + *-eiro*; ver *atol-*; f.hist. sXV *atolheiro*, sXV *atolleyro*.

Acepção empregada: 1.lugar de solo mole, pantanoso; atoladeiro, atoladoiro, atoladouro.

Ex.: "...foi encontrá-la morta, num atoleiro entre mangues e aningais..." (R2, 58).

**MONDONGO** - Com trinta e duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Etimologia: orig.contrv.; talvez banta, ligado ao quicg. *mundongo* 'escravo natural de Angola'; lembra Nei Lopes, ainda, para a acp. 'vísceras', o quicg. *mungongo* 'buraco, caverna' ou *mungonga* 'tubo';

Acepção empregada: 3. lugar baixo, de terreno pantanoso e coberto de mato.

Ex.: "...o seu lugar é o mondongo, onde o gado bravo se espalha..." (R2, 207).

**TURBA** - Com um total de nove ocorrências, ele foi apontado em C1, C2 e C3.

Etimologia: (Del fr. *tourbe*, y este del franco *\*turba*; cf. a. al. ant. *zurba*, ingl. ant. *turf*, nórd. *torf*).

Acepção empregada: 1. f. Combustible fósil formado de residuos vegetales acumulados en sitios pantanosos, de color pardo oscuro, aspecto terroso y poco peso, y que al arder produce humo denso.

Ex.: "El corazón se le vuelve a uno como esos champones de turba:" (C3, 367).

**TEMBLADERA** - Com duas ocorrências, o vocábulo foi registrado somente, em C1.

Etimologia: Del lat. *tremēre*, temblar.

Acepção empregada: 1. m. Terreno pantanoso, abundante en turba, cubierto de césped, y que por su escasa consistencia retiembla cuando se anda sobre él. 2. adj. Que retiembla. 2. m. tremedal.

Ex.: "Una enorme tembladera tragaba el cuerpo del *Chico*." (C1, 145).

Em ambos os autores, a presença das águas sobre o terreno se expande até acumular no sub-solo, criando verdadeiras armadilhas para os seres vivos. O conflito se estabelece quando a natureza, selvagem e implacável, pega de surpresa aqueles indivíduos que decidem atravessar os mondongos e as *tembladeras* existentes nessas região.

~ Y ~

Dentre os vocábulos registrados vinculados com “lama” observaram-se:

LAMA - Com setenta ocorrências no total, o vocábulo apresentou, nos textos dalcidianos, as variantes: lameiro, uma vez em R2; e lamaçal, uma vez em R2.

Etimologia: lat. *láma,ae* 'lama, lameiro, tremedal, pântano, lodaçal, atoleiro'; ver <sup>1</sup>*lam(a)*-; f.hist. 913 *Lamas* top., sXIII *lama*, sXV *llama*

Acepção empregada: 1 mistura viscosa, pegajosa, de argila, matéria orgânica e água; terra molhada e pastosa; barro, lodo, vasa.

Ex.: “...Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante.” (R2, 29).

AREIA - Com três ocorrências, ele foi apontado em R2, exclusivamente. Nos textos de Coloane foi observado o vocábulo *arena* em C1, C2 e C3, num total de quatorze ocorrências.

Etimologia: lat. *(h)aréna,ae* 'areia, praia, margem, chão, anfiteatro, teatro, local delimitado para exibição ao público';

Acepção empregada: massa solta, pulverulenta, que reúne grânulos, cujo tamanho convencional está compreendido entre 0,06 mm e 2 mm, resultantes da desagregação de rochas siliciosas, graníticas ou argilosas pela ação dos agentes da erosão, tais como a água corrente ou da chuva, o ar, o intemperismo etc., e que é encontrada no leito dos rios, dos mares, nas praias e desertos.

Ex.: "...untándole su cuerpecito con grasa de foca y arena..." (C4, 462).

**BARRO** - Com oito ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Ocorreu, também, em C1, C3 e C4, no total de quatro vezes.

Etimologia: orig.contrv.: prov. de uma base pré-romana *\*barrum* 'argila, lodo, barro'; pode relacionar-se tb. morfossemanticamente com os rad.<sup>1</sup>*bar-* e *barranc-*; ver *barr-*, <sup>1</sup>*bar-* e *barranc-*

Acepção empregada: 1. m.q. *argila*.

Ex.: "...*Onasín* estaba sola, tomó un puñado de barro (...) y lo apretó..." (C4, 460);

"...as pedras, o barro e as toijas ralas de capim..." (R2, 207).

**DUNA** - Com nove ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3.

Ele foi apontado num total de duas vezes, em R2 e R3.

Etimologia: (Del neerl. *duin*, y este del germ. *\*dūno-*, colina).

Acepção empregada: 1. f. Colina de arena movediza que en los desiertos y en las playas forma y empuja el viento. U. m. en pl.

Ex.: "...gredosas playas bordeadas de dunas..." (C3, 311).

**FANGO** - Com quatro ocorrências, ele foi apontado somente em C1 e C2.

Etimologia: (Del cat. *fang*).

Acepção empregada: 1. m. Lodo glutinoso que se forma generalmente con los sedimentos térreos en los sitios donde hay agua detenida.

Ex.: "...reconocer la clase de arena, roquerío, limo o fango..." (C2, 286).

**LODO** - Com um total de oito ocorrências, o vocábulo foi anotado em R2 e R3.

Etimologia: lat. *lūtum*, i 'lama, lodo, limo'; ver <sup>3</sup>*lut-*

Acepção empregada: 1. depósito de terras misturadas a matérias orgânicas em decomposição, que se efetua no fundo das águas do mar, de rios, de lagos etc. 3.

Regionalismo: Norte do Brasil. porção de algas encontradas nas praias.

Ex.: "Escorregava-se naquele corpo como nos paus lisos de lodo." (R2, 178).

**TIJUCO** - Com três ocorrências, ele foi apontado em R2 e R3, exclusivamente.

Etimologia: no DHPT, tupi *tu'yuka* 'lameiro, charco'; Nascentes registra o tupi *ti'yug* 'líquido podre, lama', admitindo a mesma acp. para a f. *tijuca*; f.hist. 1585 *tijugo*, 1652 *tijuco*, 1899 *tijuca*.

Acepção empregada: Regionalismo: Brasil. 1. lugar de solo mole, pantanoso; atoleiro, charco, pântano, lameiro. 2. barro, esp. quando de cor escura.

Ex.: "...a maresia vinha quebrar-se no tijuco da praia..." (R2, 61).

~ Y ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com “rio” observaram-se:

**RIO** - O vocábulo ocupou o primeiro lugar nos textos dalcidianos, com trezentas e nove ocorrências; também estava presente em todos os textos de Coloane, com trinta e um registros.

Etimologia: lat. vulg. *ríus*, este do lat.cl. *rivus*, 'ribeiro, arroio, regato, corrente de água'; ver *riv(i)*-; f.hist. 925 *riu*, sXIII *rio*, 1392 *rrio*, sXIV *rijos*, sXIV *rriio*, sXIV *rryo*.

Acepção empregada: 1. curso de água natural, mais ou menos torrencial, que corre de uma parte mais elevada para uma mais baixa e que deságua em outro rio, no mar ou num lago. 2 m. Corriente de agua continua y más o menos caudalosa que va a desembocar en otra, en un lago o en el mar.

Exs.: “Ela foi esperar de montaria no meio do rio...” (R1,193); “O rio parou olhando aquilo.” (R2, 81); “El río mismo, cuyo caudal impide su paso...” (C3, 361).

**ARROYO** - Com três ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C3 e C4. Nos romances de Dalcídio ele não ocorreu, pois esse elemento geográfico não ocorre.

Etimologia: orig.contrv.; voc. hsp. pré-romano, latinizado no masc. *arrugium* 'galeria de mina', correspondente ao lat. *arrugia,ae* 'galeria, cavouco, escavação subterrânea nas minas de metais, especialmente de ouro'; ver *arroi*-; f.hist. 977 *aroio*, sXIV *arroyo*; registra-se a f. ant. *roio* em 1727.

Acepção empregada: 1. m. Caudal corto de agua, casi continuo. 2. m. Cauce por donde corre. 3. m. Parte de la calle por donde suelen correr las aguas. 7. m. *Am. Mer.* Río navegable de corta extensión.

Ex.: “...en los arroyos Alfa, Beta y Gama se habían encontrado...” C3, 312.

**BALCEDOS** - Com seis ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Etimologia: antepositivo, do lat. *baltèus, i* ou pl. *baltèa, órum* ou de *baltèi, órum* 'talabarte, talim, cinturão, boldrié, tiracolo etc.', panromânico; o port. *balça* é evolução fonética de *baltèu*, parcial, em concorrência com um *bouça* < lat. *boltèa*, atestado como *bouça* muito tardiamente (1813) e, por isso, aberto à pesquisa; morfossemanticamente, são cog. *balça*, *balceira*, *balceiro*, *abalçar*, *desbalçar*, *bouça*, *boucha*;

Acepção empregada: 1. m.q. *balça* 'mata fechada'. 2. Regionalismo: Brasil. terreno alagadiço com vegetação alta e espessa, de difícil acesso.

Ex.: "...Ihe pesava a visão dos medonhos balcidos do Tartaruga." (R2, 337).

**CACHOEIRA** - Com um total de sete ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Etimologia: <sup>2</sup>*cachão* sob a f. rad. *cacho-* (com perda de nasalidade) + *-eira*; ver *coz-*

Acepção empregada: 1. torrente de água que corre ou cai formando <sup>2</sup>*cachão* ('borbotão, turbilhão'). 2. Derivação: por metonímia. O local, ou trecho de um curso de água, onde isso ocorre. 2.1 m.q. *queda-d'água*. 3. Regionalismo: Maranhão. *corredeira* ('parte de rio').

Ex.: "...Sto. Antônio, feito de barro, boiou na cachoeira..." (R3, 84).

**CORRENTEZA** - Com sete ocorrências no total, ele foi apontado em R3, somente.

Etimologia: corrente + *-eza*; ver *corr-*; f.hist. c1539 *correntesa*.

Acepção empregada: 1.fluxo de água ger. forte e contínuo.

Ex.: “A imagem, de bubuia, rodava na correnteza...” (R3, 84).

**ESTERO** - Com cinco ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C2 .

Etimologia: Del lat. *aestuariūm*. por sua vez. do lat. *aestus, us*. agitación del mar. oleaje.  
(COROMINAS, v.2. p.785)

Acepção empregada: 1. m. estuario. 2. m. Terreno bajo pantanoso, intransitable, que suele llenarse de agua por la lluvia o por la filtración de un río o laguna cercana, y que abunda en plantas acuáticas. 3. m. *Chile*. Arroyo, riachuelo.

Ex.: “...la naturaleza de las islas y esteros adyacentes...” (C2, 202).

**ESTIRÃO** – Com um total de onze ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3 somente.

Etimologia: estirar + *-ão*; ver *tir-* .

Acepção empregada: 3. longa distância de um ponto a outro; estirada. 4 Regionalismo: Amazônia. trecho retilíneo de rio, entre duas voltas.

Ex.: “O casco deslizava, ganhou o pequeno estirão (...) saindo no rio” (R2, 12).

IGARAPÉ - Com um total de quarenta e sete ocorrências, esse vocábulo foi registrado nos três romances de Dalcídio, por ser este tipo de acidente geográfico, próprio da região amazônica.

Etimologia: tupi *\*ĩara'pe* 'pequena corrente de água entre ilhas ou trechos de um rio' (< *ĩ'ara* 'canoa' + *'pe* 'caminho'); f.hist. c1753 *iguarapé*, 1763 *garapé*, c1767 *guarapés*.

Acepção empregada: Regionalismo: Amazônia. 1. riacho que nasce na mata e deságua em rio. 2. canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme.

Exs.: “Ficava horas e horas na enchente do igarapé...” (R2, 33); “...um rumor de remos pelo igarapé.” (R2, 17).

LIMO - Com sete ocorrências no total, esse vocábulo foi registrado somente em R2 e R3; nos textos C1 e c2 o vocábulo teve duas ocorrências.

Etimologia: lat. *lĭmus*, í 'limo, lodo, lama', do gr. *leimôn,ônos* 'id.'

Acepção empregada: 1. mistura viscosa, pegajosa, de argila, matéria orgânica e água; barro, lama, lodo. 2. Derivação: por extensão de sentido. sujeira esverdeada, esp. nos dentes. 4. colônia de algas azuis e/ou verdes, unicelulares ou filamentosas, que formam tapetes sobre o solo e sobre as pedras, em lugares muito úmidos ou com água estagnada.

Ex.: “...ela foi escorrendo no limo da estiva e, de súbito, tombou.” (R2, 17).

REMANSO - Com três ocorrências, o vocábulo foi registrado em R2, apenas.

Etimologia: prov. esp. *remanso* (1490) 'id.' do part. do arc. *remaner* < lat. *remanére* 'permanecer, ficar; residir'; ver *man(s)*-; f.hist. 1552 *remansos*, 1660 *remanços*

Acepção empregada: 1. porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranqüila. 1.1. trecho mais largo de rio em que as águas, após movimentos de agitação intensa, ger. provocados por correnteza em leito estreito, se tornam mansas. 1.2. pequena porção de água parada, ou com movimento pouco significativo; água estagnada. 1.3. Regionalismo: Amazônia. contracorrente junto às margens de um rio.

Ex.: “A manhã parava as águas como um remanso.” (R2, 57).

*RIACHO* - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3.

Etimologia: *idem.* rio.

Acepção empregada: 1. m. Río pequeño y de poco caudal.

Ex.: “...riachos que se deslizaban por la pampa...” (C3, 320).

*VAZANTE* - Com um total de dez ocorrências, ele foi apontado somente em R2 e R3; no texto C1 ocorreu uma vez.

Etimologia: antepositivo, do lat. *vacívus, a, um* 'desocupado, vago, à disposição (diz-se de lugar etc.); livre (diz-se do tempo); desprovido, destituído de' (substituído por *vacuus*; ver *vacu-*), este do v.lat.cl. *vacáre*.

Acepção empregada: 1. estar vazio, vago (espaço, lugar). 2. processo pelo qual algo se esvazia, deixa sair seu conteúdo, se escoar. 3. período de águas baixas no leito de um rio.

Obs.: p.ppos. a *cheia*. 5. Regionalismo: Brasil. várzea temporariamente alagada pela enchente, ao longo de um rio, à beira de lagoas ou de outras aguadas.

Ex.: “...Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante.” (R2, 29).

VERTIENTE - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em C1 e C3, somente.

Etimologia: (Del ant. part. act. de *verter*).

Acepção empregada: 1. amb. Declive o sitio por donde corre o puede correr el agua.

Ex.: “...hacer agua en una vertiente que se divisaba...” (C3, 393).

As diversas variantes de rios, aquí relatadas, conformam campos semânticos amplos, pois para cada mudança de forma, de tamanho ou de posição no relevo, os cursos de água vão mudar de nome. Isso acontece em territórios como os estudados, que apresentam uma diversidade de formas para esses acidentes geográficos, incorporados ao patrimônio lingüístico de cada região. Tal variedade foi recolhida pelos autores em diversos matizes, traduzindo a visão que os próprios habitantes têm de sua riqueza cultura.

~ Y ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com “várzea”, os quais somente foram encontrados nos textos dalcidianos, observaram-se:

**VÁRZEA** - Com um total de cinco ocorrências, o vocábulo foi registrado em R2.

Etimologia: orig.contrv.; Nascentes, s.v. *varga*, atribui a *barga* 'cabana', de língua pré-romana, dizendo, ainda, que "esta palavra teria passado do sentido de 'choça' para o de 'cercado de uma paliçada destinada a colher peixes, lugar inundado'; de *varga*, ter-se-ia *várzea* (como em *hástea*, *lágea*), *varge*, explicada como var. de *vargem*, esta como var. de *várzea* sob influência das pal. terminadas em *-gem*, *vargim* como dim. de *varge*"; o próprio Nascentes lembra tb. o b.-lat. *varcèna*; ver *varz-*; f.hist. sXV *uarzea*, sXVI *varzia*.

Acepção empregada: 1.2. Regionalismo: Brasil. terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; vale.

Ex.: "...Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante." (R2, 29).

**AGUAÇAL** - Com três ocorrências, ele foi apontado em R2 e R3, apenas.

Etimologia: *aguaça* + *-al*; ver *aqüe-*

Acepção empregada: 1. lugar onde existe água estagnada; pântano, charco. 2. massa considerável de água corrente. 3. Regionalismo: Brasil. alagadiço ocasional que aparece nas baixadas depois de grandes chuvas.

Ex.: "...os vaqueiros a galope, rompendo o aguaçal..." (R2, 260).

**ALAGAÇÃO** - Com quatro ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2.

Etimologia: *alagar* + *-ção*; ver *lac-*

Acepção empregada: 1. ato ou efeito de alagar(-se); alagamento. 2. Regionalismo: Brasil. inundação que ocorre freq. nas terras marginais do rio Amazonas.

Ex.: “Esqueceria para sempre as cachoeiras, a alagação, o beribéri...” (R2, 219).

**ALAGADIÇO** - Com oito ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1 e R2.

Etimologia: rad. do part. *alagado* + *-iço*; ver *lac-* como adj.: ver sinonímia de *pantansoso*; como subst.: ver sinonímia de *lodaçal*.

Acepção empregada: 1. que pode ser alagado com facilidade; sujeito a ser alagado. 2. que é pantansoso, encharcado, lodoso.

Ex.: “...os tetéus assustados gritaram no alagadiço, em debandada.” (R2, 257).

**ANINGA** - Com treze ocorrências, ele foi apontado em R2 e R3, apenas.

Etimologia: tupi *a'ninga* 'id.'

Acepção empregada: planta de caule arborescente (*Philodendron speciosum*), da fam. das aráceas, nativa do Brasil (ES, MG, RJ), de sementes e raízes com propriedades antelmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bagas amarelas; aningaíba, aringaíba.

Ex.: “...o casco amarrado no pau da aninga...” (R2, 17).

**ATURIÁ** - Com três ocorrências, ele foi apontado em R2, exclusivamente.

Etimologia: tupi *\*aturi'a* 'planta da fam. das leguminosas', p.ext. 'ave, cigana'

Acepção empregada: Regionalismo: Brasil. árvore (*Machaerium lunatum*) da fam. das leguminosas, subfam. papilionóidea, nativa das Antilhas, Guianas, América Central, África tropical e Brasil (AMAZ), de flores violáceas ou azuladas, e vagens falcadas [Habita praias

lodosas, constituindo, eventualmente, a vegetação exclusiva de algumas ilhas flutuantes, e os frutos, quando verdes, são us. no tratamento de moléstias do útero.]

Ex.: “...excitando as onças e as cobras soltas nos aturias.” (R2, 207).

CARANAZAL - Com duas ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2.

Etimologia: tupi *kara'na* 'planta da família das palmáceas', prov. significando 'cheio de espinhos'

Acepção empregada: 1.5. m.q. *carandaí* (*Trithrinax brasiliensis*). 2. m.q. <sup>1</sup>*jará* (*Leopoldinia pulchra*). 3. m.q. *breu-preto* (*Protium carana*).

Ex.: “...próximo à beira, ondulava o caranãzal maciço.” (R2, 252).

ENCHENTE - Com trinta e uma ocorrências, ele foi apontado em R1, R2 e R3.

Foram registradas as variantes enxurrada e inundação.

Etimologia: elemento de composição antepositivo, do lat. *plèo,es,plévi,plétum,plére* 'encher', cujo adj. é *plénus,a,um* 'pleno, cheio', os der. e comp. port. incluem: 1) de *cheio* < *cheo* sXIII < lat. *plenu-*, há *cheia, desenchente, enchente*.

Acepção empregada: 2. grande abundância ou fluidez no volume de águas, devido a excesso de chuvas, subida de maré etc.; cheia, inundação.

Exs.: “Ficava horas e horas na enchente do igarapé.” (R2, 33); “Dezenas de reses morriam na inundação.” (R2, 260); “...nas águas e na lama, na espuma das enxurradas...” (R2, 261).

IGAPÓ - Com um total de oito ocorrências, o vocábulo foi anotado em R2 e R3.

Etimologia: tupi *\*ĩa'po* 'charco, pântano coberto de mato' (el. inicial 'ĩ'água').

Acepção empregada: Regionalismo: Amazônia. 1. região da floresta amazônica que permanece alagada mesmo na estiagem dos rios. 2. vegetação baixa e uniforme dessa região, pobre em espécies, com árvores afastadas e numerosos epífitos; mata de igapó.

Ex.: "...ia correr pelo mato e igapó atrás do gado arisco..." (R2, 236).

MANGUE - Com um total de seis ocorrências no total, ele foi apontado em R2 e R3, exclusivamente.

Etimologia: orig.contrv.; tem sido associado ao esp. *mangle* (1519) 'arbusto rizóforo que cresce em áreas lamacentas', voc. caribe, prov. do taino; f.hist. 1513 *mangues*, 1596 *mangre*.

Acepção empregada: 1.design. comum a diversas árvores, esp. da fam. das rizoforáceas, nativas de regiões costeiras tropicais das Américas, da África e Ásia, em áreas alcançadas pelas marés e onde há uma lama negra como substrato em que se apóiam, por meio de raízes-escoras, munidas de excrescências verticais e aéreas que servem à respiração, como, p.ex., o mangue-vermelho, que ocorre no Brasil. 2. floresta ou associação vegetal halófila em que predomina esse tipo de árvore e que se pode formar junto a praias, à foz de rios, ou na margem lamacenta de portos, rios, lagoas etc.; mangal, manguezal.

Ex.: "...foi encontrá-la morta, num atoleiro entre mangues..." (R2, 58).

MOLHADO - Com nove ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R1 e R3.

Etimologia: regr. de *molhar*, ver <sup>1</sup>*mol-*; f.hist. sXIII *mollado*, sXIV *molhado*.

Acepção empregada: 3.lugar que se encontra umedecido ou encharcado.

Ex.: "...o capim molhado como se tivesse chovido e o orvalho banhou-lhe o coração." (R3, 227).

PIRIZAL - Com três ocorrências, esse vocábulo foi registrado em R2 e R3.

Etimologia: piri + -z- + -al. red. do tupi *piripi'ri* 'espécie de junco'; f.hist. c1777 *piri*, 1938 *piry*

Acepção empregada: extenso aglomerado de piris em determinada área; juncal.

Ex.: "...andando pelo pirizal foi mordida pela jararaca." (R2, 209).

Consigna-se, aqui, a variedade de formas lingüísticas vinculadas com as terras de várzea, que ocorrem nos textos de Dalcídio Jurandir. O fato está relacionado com a geografia das áreas baixas, úmidas e afetas a inundações que existem na Amazônia. Os habitantes delas as utilizam de forma sustentável para extrair seus alimentos e também é a base de uma atividade econômica extrativista, como o caso do palmito e do açaí, das Ilhas.

~ √ ~

Dentre os vocábulos registrados relacionados com "baía", se têm:

**BAÍA** - Com um total de vinte e seis ocorrências, ele foi apontado em R1, R2 e R3, exclusivamente. Nos textos de Coloane o vocábulo *bahía* foi observado em C1, C2 e C3, num total de quatorze ocorrências.

Etimologia: orig.duv.; ligado ao fr. *baie* (1483) e ao ing. *bay* (1387), der. de um germ. \**baga* 'curva, arco', ou do part. *baíée* 'abertura', do v. fr.ant. *ba(i)er* 'abrir', do lat.vulg. \**batare*, tb. ligado ao ing. *bay*; com a era dos grandes descobrimentos, espanhóis e portugueses estenderam a pal. *bahía/baía* ao resto do mundo; f.hist. 1456 *baya*, sXV *baiya*.

Acepção empregada: 1. num trecho do litoral, qualquer recôncavo em que se possa aportar. 2. Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. lagoa em comunicação com um rio através de um canal. 3. Derivação: por extensão de sentido. canal para drenagem de pântanos. 4. grande sinuosidade numa costa, por onde penetra o mar [A baía é maior do que a enseada e menor do que o golfo. 4.1. porto mais largo no interior do que na entrada.

Exs.: "...protegiendo con su brazo de piedra una extensa bahía." (C3, 311);  
 "Longe, lá fora, a baía debatia-se." (R2, 56).

**ANCON** - Com cinco ocorrências, ele foi apontado em C1, e C3, apenas.

Etimologia: Del lat. *ancon*, *-ōnis*, codo, ángulo, y este del gr. γκ v.

Acepção empregada: 1. m. Ensenada pequeña en que se puede fondear.

Ex.: "...los caprichosos ancones y montañas las forman [las rachas]..." (C1, 46).

**ANGOSTURA** - Com quatro ocorrências, ele só foi observado em C1 e C3.

Etimologia: angusto + *-ura*; ver *ang-*; f.hist. sXIII *angostura*, sXIV *angustura*.

Acepção empregada: 2. f. Estrechura o paso estrecho. 2. passagem estreita, entre ribanceiras; desfiladeiro, garganta.

Ex.: "...al acercarse a la pequeña angostura da la salida." (C1, 21).

**ARCHIPIÉLAGO** – Com um total de dez ocorrências, em C2 e C3, somente.

Etimología: Del gr. αρχιπ λαγος.

Acepção empregada: 1. m. Conjunto, generalmente numeroso, de islas agrupadas en una superficie más o menos extensa de mar. 2. m. piélagos. (lo difícil de enumerar por su abundancia).

Ex.: "...despedazado archipiélago de las Guaitecas." (C2, 198).

**ARRECIFE** - Com duas ocorrências, ele foi registrado em C1 e C2, apenas.

Etimología: Del ár. hisp. *arra íf*, y este del ár. clás. *ra íf*, empedrado.

Acepção empregada: 3. m. Banco o bajo formado en el mar por piedras, puntas de roca o políperos, principalmente madreporicos, casi a flor de agua.

Ex.: "...encallar de popa entre filudos arrecifes sumergidos." (C2, 190).

**BANCALES** - Com seis ocorrências, ele foi apontado em C2 e C3, somente.

Etimología: Del fr. ant. *bank*, y este del germ. *\*banki*.

Acepção empregada: 4. m. En los mares, ríos y lagos navegables, bajo que se prolonga en una gran extensión. ~ de arena. 1. m. Bajío arenoso en el mar o en un río. ~ de hielo. 1. m.

Extensa planicie formada de agua del mar congelada, que, en las regiones polares o procedente de ellas, flota en el mar.

Ex.: "...la chalana (...) se varó sobre el bancal de cholgas descubierto por la baja marea." (C3, 393).

**CABO** – Num total de vinte e três ocorrências, encontrou-se em C1, C2, C3 e C4.

Etimologia: lat. *caput, itis* 'cabeça, parte superior, bico, ponta, cabo, extremidade', através do lat.vulg. *capus, i*, do qual se orig. os voc. român.correlatos romn. *cap*, it. *capo*, engad. *ko*, friul. *kaf*, fr. *chef*, provç. cat. *cap*, esp. port. *cabo*,

Acepção empregada: 6. (sXV) ponta ou porção de continente que avança mar adentro, formando prolongamento ou saliência do litoral.

Ex.: "...la cumbre del cabo, tan alto, caído a pique sobre la playa..." (C4, 478).

**CALETA** - Com quatro ocorrências, ele foi apontado em C2, apenas.

Etimologia: deriv. *cala* da leng. oc., deriv. do cat. *cala*. Calheta por deriv. *caleta*. (COROMINAS, v.1, 1991, p. 744).

Acepção empregada: f. *ensenada pequeña*. (ARISTOS, 1982, p. 118).

Ex.: "...informaciones sobre caletas y fondeaderos desconocidos..." (C2, 190).

**CANALIZO** - Com seis ocorrências, ele foi apontado em C2 e C3, somente.

Etimologia: lat. *canális, e* 'cano, tubo, canal'; no fr. há *canal* e, mais us. em geografia, *chenal/chenel* (sXII), de que tem orig. o ing. *channel* (sXIII); ver *can(i)*-; f.hist. sXIV *caales*, sXIV *canales*, sXIV *cānal*, sXV *canaaes*.

Acepção empregada: 1. m. Canal estrecho entre islas o bajos.

Ex.: "...ni el diablo entiende estos laberintos de las islas, canales y canalizos..." (C2, 175); "¡Si por este canalizo no pasa ni un ratón..." (C2, 273).

**ENSENADA** - Com duas ocorrências, ela foi apontada em C1 e C2, apenas.

Etimologia: Del part. de *enseñar*. De *en-* y *seno*.

Acepção empregada: 2. f. Parte de mar que entra en la tierra.

Ex.: "...entró a fuerza de remos en una estrecha ensinada..." (C1, 96).

**GOLFO** - Com um total de dezesseis ocorrências, foi registrado em C4, e C3.

Etimologia: gr. *kólpōs,ou* 'seio (de mulher); golfo, baía; cavidade, vale profundo; fístula', pelo lat.tar. *colfus* 'golfo; fístula', com prov. interveniência do it. *golfo* (d1321) 'seio do mar, baía'; ver <sup>1</sup>*golf-*; f.hist. 1507 *golffo*, 1593 *golfo*.

Acepção empregada: 1. reentrância marítima de grande porte, maior do que a baía. 2. pouco usado.:extensão marítima em que não existem ilhas. 3. pouco usado: local oceânico de grande profundidade.

Ex.: "...isla más larga junto a otras que van a dar al golfo e Ancud." (C4, 45).

**OCÉANO** - Com vinte e seis ocorrências no total, ele foi observado em C1, C2, C3 e C4. Já no texto R3 oceano ocorreu uma vez.

Etimologia: lat. *oceànus*, i 'id.' através do mitôn. gr. *Ókeanós*, *oû* 'um dos 12 titãs, filhos de Urano e de Gaia'; f.hist. sXIV *ocçeano*, aXIV *oucião*, sXV *oceano*, sXV *oçeano*, sXV *occyano*.

Acepção empregada: 1. vasta extensão de água salgada que cobre três quartos da Terra; mar. 2. cada parte dessa extensão de água que cobre uma superfície determinada (o Pacífico, que banha as Américas, a Austrália e a Ásia; o Atlântico, que está entre as Américas, a Europa e a África; o Índico, que banha o Sul da Índia, a África e a Austrália; o Glacial Ártico, no pólo norte; e o Glacial Antártico, no pólo sul).

Ex.: “Recalamos en esa carbonera abierta a la orilla del océano...” (C4, 35).

**PENÍNSULA** - Com quatro ocorrências, ele foi apontado em C1, C2 e C3, só.

Etimologia: lat. *peninsùla*, *ae* ou *paeninsùla* 'id.', de *pene* ou *paene* 'quase' + *insùla*, *ae* 'ilha'; f.hist. a1623 *peninsula*, 1858 *península*.

Acepção empregada: 1. porção de terra de certa extensão, cercada de água por todos os lados, salvo por um, através do qual se une a uma área maior de terreno.

Ex.: “La bahía Tekenika se ubica entre las penínsulas Pasteur e Hardy...” (C2, 271).

**PUNTILLA** - Com duas ocorrências, ele foi apontado em C2, exclusivamente.

Etimologia: dim. de *punta*.

Acepção empregada: 9. f. Lengua de tierra, generalmente baja y de poca extensión, que penetra en el mar.

Ex.: “Junto al mar, en una puntilla baja y verdeante...” (C2, 247).

*SENO* - Com quatro ocorrências, ele foi apontado C1, C2 e C3, somente.

Etimologia: lat. *sinus,us* 'curvatura, sinuosidade, prega côncava ou de meio círculo que forma uma vestimenta', pelo lat.medv. *sinus*; ver *sen-*; f.hist. 1601 *seno* 'bolsinho de matéria que se forma ao lado de uma chaga', 1676 *seno*.

Acepção empregada: 7. m. Parte de mar que se recoge entre dos puntas o cabos de tierra.

11. m. Golfo (porción de mar que se interna en la tierra).

Ex.: "...en la ribera sur del seno de Última Esperanza..." (C3, 343).

Conclui-se esta relação de realizações e variantes do elemento água observando a ampla gama de possibilidades lingüísticas que os textos escolhidos trazem para o conhecimento das águas. As semelhanças encontradas entre as duas línguas falam da origem latina comum, na formação das muitas lexias que permitem representar os acidentes geográficos e os limites que cercam as águas. Aprecia-se também a influencia de outras línguas na formação de vocábulos de uso comum, todos os quais possibilitam a construção de um quadro vivo, colorido e dinâmico das águas em movimento.

## 2.4 A TOPONÍMIA DAS ÁGUAS

A pesquisa das palavras relacionadas com o elemento água nos textos de Coloane e Dalcídio Jurandir permitiu observar e compilar os nomes próprios correspondentes a lugares e acidentes geográficos. Para efeitos deste estudo foram considerados exclusivamente os topônimos que se referem à ilha de Marajó e à Patagônia. Portanto, ficaram sem considerar na comparação nomes de cidades como Belém, que no romance R3 apresentou a maior quantidade de ocorrências (128), ou de ilhas como Chiloé<sup>22</sup>, na região sul de Chile, berço dos protagonistas de alguns contos, tais como “Proceso al Trauco” e “De como murió el chilote Otey”, ou, inclusive, outros casos como os de Lisboa, Portugal, Europa, etc. O conjunto de topônimos resultante apresenta como primeira característica sua diversidade.

Encontra-se em ambos autores uma grande diversidade de topônimos, entre portos, vilas, ilhas, mares, canais e lagos, fazendas e estâncias. Com eles são recriados os espaços naturais e urbanos mais importantes, nos quais se desenrolam as tramas das histórias ficcionais estudadas.

O romance *Chove nos campos de Cachoeira*, como seu título indica, centra sua narrativa na vila de Cachoeira de Arari, localizada às margens do rio Arari, no

---

<sup>22</sup> A Ilha Grande de Chiloé tem uma superfície de 9.181,6 km<sup>2</sup>, sendo a segunda em tamanho do país. (CHILOÉ, 2003)

seu curso médio, distante uns 35 quilômetros em linha reta da costa sul da ilha<sup>23</sup>. Coincidentemente, os topônimos nesta obra são poucos; o nome da vila se registra vinte e duas vezes, o qual junto a outros seis nomes próprios totalizam trinta e três ocorrências. Entende-se tal fato pelo foco do romance estar centrado nos conflitos das personagens em torno das figuras de Alfredo e Eutanázio, com predomínio do discurso indireto livre e o monólogo.

O romance *Marajó* apresenta um total de cento e quatorze ocorrências, correspondendo a quarenta e um topônimos diferentes, entre vilas, rios e mares. O nome *Marajó* do romance está vinculado com a ilha principal<sup>24</sup> que dá nome ao arquipélago de Marajó, no curso do baixo Amazonas, após receber as águas do rio Xingu. Esses topônimos registrados se localizam preferentemente na parte oriental da ilha, que corresponde à região dos campos, destinada à pecuária e sujeita todo ano às inundações.

O romance *Três casas e um Rio* faz referência ao rio Arari, a principal via de comunicação ao interior da ilha de Marajó; as três casas podem ser consideradas uma metonímia da vila de Cachoeira do Arari. Observaram-se quarenta e quatro topônimos diferentes, entre vilas, rios e praias, totalizando trezentas e duas ocorrências. A vila de Cachoeira apresentou noventa e duas ocorrências, isto é, quase um terço do total, já o rio Arari totalizou trinta e uma,

---

<sup>23</sup> O nome de Cachoeira seria originado, pelo que foi possível apurar com moradores, por existir uma corredeira pequena, de pedra e rochas, nesse ponto do curso do rio Arari.

<sup>24</sup> A ilha de Marajó, a principal do arquipélago, tem uma superfície de 41.100 km<sup>2</sup>, aproximadamente. (ENCICLOPEDIA, 2003).

equivalente a uns dez por cento de todas essas ocorrências. Consta que esse extenso romance de Dalcídio Jurandir estabelece contínuos vínculos entre a natureza e as personagens, e dentro destas, diferenciam-se aquelas que viajam até a vila, chegam e saem desta de lancha, daquelas outras que ali vivem sem sair. Por tal razão esses topônimos aparecem nomeados de forma contínua.

O livro *Cabo de Hornos*, C1, de Francisco Coloane, apresenta trinta tipos de topônimos, quase na sua totalidade correspondentes a acidentes geográficos. Exemplo disso, o seu título se vincula ao ponto geográfico em que termina América do Sul, ponto de encontro dos oceanos Atlântico e Pacífico. Coloane relata<sup>25</sup>, no conto homônimo, uma lenda relativa a esse inóspito ponto extremo da terra austral.

O segundo livro de contos estudado, *Golfo de Penas*, C2, registrou cinquenta e nove tipos de topônimos, também referentes a acidentes geográficos, na sua maioria. Pode-se interpretar tal fato por ser a Patagônia um território de baixa densidade populacional, e esta, encontra-se concentrada em poucas cidades de médio porte. O título do livro é o nome que tem uma extensa baía sem ilhas que separa dois grandes arquipélagos. Localizado na região de Aysén, na Patagônia chilena, esse golfo apresenta suas águas sempre muito revoltas e perigosas, prejudicando a navegação que precisa atravessá-lo.

---

<sup>25</sup> O autor explica introduzindo o tema “Los marinos de todas las latitudes aseguran que allí, a una milla de ese trágico promontorio que apadrina el duelo constante de los dos océanos más grandes del mundo, en el Cabo de Hornos, el diablo está fondeado con un par de toneladas de cadenas, que él arrastra, haciendo crujir sus grilletes en el fondo del mar, durante las noches tempestuosas y horrendas, cuando las aguas y las oscuras sombras parecen subir y bajar del cielo a esos abismos.” (COLOANE, 1999, p. 17).

O terceiro livro de contos de Coloane tem por nome *Tierra del Fuego*, C3, e nele foram observados sessenta e três topônimos, com um total de duzentas e sessenta e três ocorrências. Semelhante aos anteriores, eles correspondem a acidentes geográficos, principalmente. O título da obra, que corresponde ao nome da maior ilha da América do Sul,<sup>26</sup> foi registrado vinte e cinco vezes, e o topônimo Patagonia vem em segundo lugar, com vinte e um registros. Sabe-se que este nome foi colocado pelos primeiros navegantes que cruzaram o estreito de Magalhães, no século XVI, e avistaram nas suas costas enormes fogueiras que os indígenas *onas* faziam para se aquecer.

Uma segunda característica diz relação com a origem desses topônimos e a relação com a colonização dos territórios. Nas obras dalcidianas existe uma presença equivalente entre os nomes de origem indígena e os nomes de origem portuguesa. Dois grupos lingüísticos indígenas se encontravam nesse território; o grupo tupi-guarani e o grupo Aruacs<sup>27</sup>, quando da chegada dos colonizadores

---

<sup>26</sup> A superfície total da Terra do Fogo é de 72.517 km<sup>2</sup>, aproximadamente. A porção de território correspondente ao Chile é de 50.503 km<sup>2</sup> e a parte argentina é de 22.014 km<sup>2</sup> (ENCICLOPEDIA, 2003).

<sup>27</sup> O pesquisador relata na sua obra que: "Tanto por mar como pelos afluentes da margem esquerda do Alto Amazonas, os seguintes Aruacs teriam chegado a Marajó, que foi, também, durante algum tempo, pouso da nação Tupi:

Aruans – Tribo numerosa, uma das mais valentes, e à qual também é atribuída a cerâmica marajoara. Sua aldeia principal ficava onde hoje está a cidade de Chaves, cujos cajueiros, assim como os da fazenda Cajueiro, teriam sido plantados por essa tribo.

Marauanás – Construíram sua maloca no local hoje ocupado por Soure, à margem esquerda do rio Paracauari.

Sacacas – Na margem direita da foz do rio Paracauari, onde hoje é a vila de Salvaterra.

Caiás – No sítio da vila de Monsarás, próximo ao rio Camará, margem esquerda.

Araris – Ocuparam as imediações do lago e rio Arari, onde deixaram duas necrópoles.

lusos, no século XVII; e esses grupos indígenas permaneceram na ilha servindo como mão de obra escrava, conhecedora dos segredos das matas, nas fazendas que os religiosos instalaram nessas terras: os capuchos de Santo Antônio, em Chaves; os frades das Mercês, em Ponta de Pedras e outras seis dos jesuítas<sup>28</sup>. Essas palavras nomeiam vilas como Muanã, Anajás, Gurupá, Juruá, Afuá, Tarumã; rios como o Arari, Paracauari, Carnapijó, Arapiranga, Maguarí e Abaí; furos como o da Mucura; igarapés como o Puçá, o Paricatuba, o Arapina, o Mauá; ilhas como Marajó, Pacoval; ou praias como a de Mangabeira. Todos eles se encontram junto com os topônimos de origem portuguesa.

Um grupo de topônimos se destaca nesse conjunto nomes de origem lusa, são aqueles homônimos das cidades ou vilas portuguesas, com os quais os colonizadores batizaram assentamentos indígenas já existentes ou novos povoamentos, em ambas margens da baía de Marajó e o rio Pará, à medida que eles iam avançando por ela até penetrar o rio Amazonas. Observa-se por exemplo: Vigia, Cintra, Conde, Colares, Bragança, Belém, Beja, Oeiras, Portel e Melgaço na costa do Salgado; Almerim, Óbidos, Faro, no Baixo Tocantins; na ilha de Marajó se tem: Salvaterra, Joanes, Condeixa, Monsarás, São Sebastião da Boa Vista, Areias e Chaves. Outros assentamentos tiveram curta vida e hoje estão esquecidos; a selva tomou conta de cobrir suas ruínas.

---

Anajás – Habitavam o Alto Anajás, deixando duas necrópoles em Boa Vista, sete em Camotins e duas no igarapé Frei Dionísio.

Muanás – Fixaram-se em Muanã e parte de Ponta de Pedras.” (MIRANDA, 1968, p. 63).

<sup>28</sup> O mesmo autor enumera: “Nossa Senhora do Rosário, São José, Menino Deus, Santo Inácio (ou do Largo), São Francisco Xavier e São Braz.” (MIRANDA, 1968, p. 92,).

Nos contos de Coloane observaram-se topônimos de origens diversas, que se relacionam com as características peculiares do povoamento dessa extensa região. Quatro grupos indígenas povoaram as diversas terras inóspitas desde os tempos pré-históricos até as primeiras décadas do século XX; após diversas formas de extermínio realizado pelos colonizadores europeus, hoje só restam alguns poucos indivíduos em processo de aculturação. Dessa importante presença no território restam alguns topônimos: de origem *tehuelche*<sup>29</sup>, chamados de *patagones* pelos colonizadores espanhóis; nos textos registraram-se Patagonia, Iemisch Aike, Huaraique, Coyle, porém cidades e lugares tais como Coyahaique, Potrok Aike, rio Shehuen, Cerro Mank Aike, registram-se na região. Nas planícies da Terra do Fogo viviam os *selk`nam*, também chamados de *onas*<sup>30</sup>, pelos exploradores; nos textos encontrou-se Onaisín, além de existirem lugares como estância Onamonte, laguna Aienk, que fazem parte dessa ilha.

As tribos de indígenas *yaganes* ou *yámanas*, localizadas no sul e oeste da Terra do Fogo, apresentam nas obras de Coloane alguns topônimos, tais como Yendegaia, Kanasaka e Ushuaia. Além deles, outros se encontram no intrincado labirinto: ponta Karukinka, Lapataia, a vila de Timaukel, aldeia Ukika, caleta Awaiakirra, Cerro Nementlaia.

---

<sup>29</sup> Na sua língua: gente do país, paisano.(ENCICLOPEDIA, 2003). Ocuparam o Chubut e Sta. Cruz.

<sup>30</sup> Na sua língua: homem de a pie.(ENCICLOPEDIA, 2003)

Da etnia *alacalufe* ou *kawésqar*<sup>31</sup> não foram observadas ocorrências, e o fato pode esse relacionar com o contínuo processo de aculturação de seus indivíduos, concentrados na vila de Puerto Éden (*Jetarktétqal*). Assim como os grupos antes citados, eles não possuíam nenhuma forma de escrita. Em compensação, se registraram alguns termos oriundos do grupo lingüístico *mapuche*. Consigna-se que a facilidade de deslocamento pelas amplas planícies patagônicas favoreceu as incursões de *mapuches* (oriundos das províncias de Neuquén e Rio Negro). Também desde séculos os *huilliches*, e posteriormente seus descendentes, os habitantes de Chiloé, viajaram pelos canais do extremo austral para sua subsistência, coletando madeira, mariscos e peixes. Esses topônimos são: Calafate, archipiélago de Chonos, archipiélago de Guaitecas, cordillera de los Baguales, isla Huamblín, isla Ipún, Torres del Payne, río Peuque.

Os topônimos de origem espanhola se concentram espacialmente na área do estreito de Magalhães<sup>32</sup>, primeiro lugar de colonização (Puerto de Hambre, 1579 – 1584). Após mais de dois séculos de abandono, e somente visitado por alguns navegantes, piratas e científicos europeus, o governo de Chile toma posse do território, funda o Fuerte Bulnes (30/10/1843), para logo se mudar a *Sand Point*, 56 quilômetros ao norte, em 1848, passando a se chamar de Punta Arenas. Com a incorporação do rebanho ovino, em 1848, em busca de pastagens se estendem as fronteiras até Puerto Natales e Río Turbio, ao norte, e até Porvenir e

---

<sup>31</sup> Kawésqar significa “hombres que llevan piel”. (KAWÉSQAR, 2002)

<sup>32</sup> Descoberto pelo português Hernando de Magalhães, em 21 de outubro de 1520, estando ao serviço da coroa espanhola. (MARTINIC, 1996).

San Sebastián, na ilha de Terra do Fogo. Exemplos disso, observou-se nos textos: río de Oro, puerto Zenteno, ventisquero Itália, canal Ocasión, bahia Inútil, lago Toro, e outros vários.

Expedições holandesas ao estreito de Magalhães e zona austral ocorreram desde fins do século XVI até meados do século XVII. As expedições científicas de John Narborough (1670), que desenhou espécimes da fauna local; de John Byron (1740); de Luis Bougainville (1766-1769), Antonio de Córdoba, e de Philip Parker King e Robert Fitzroy (1830), que coletou amostras geológicas e levantou cartas de navegação, são importantes, na opinião de (MARTINIC, 1996), historiador magalhânico consultado, pois vão derrubando mitos desses territórios e ampliando os conhecimentos científicos em diversas áreas do saber. As cartas de navegação e os atlas refletem as marcas dessas viagens, nos inúmeros topônimos existentes. Apontam-se como exemplos, nos textos de Coloane, dentre outros: cabo Froward, canal Beagle, canal Murray, paso Brecknock, península Brunswick, rio MacLean, seno Skiring, corriente de Humboldt, cabo Tamar, mar de Drake. No conto “Paso del Abismo”<sup>33</sup>, Coloane propõe uma explicação diferente desse último

---

<sup>33</sup> O texto a seguir evidencia a relação entre a palavra e a navegação: “... la sabiduría del primer piloto Marabolí provenía de sus estudios de pilotín en la Escuela Naval y de su afición a las antiguas lecturas, que solía transmitir oralmente al capitán...sabía, conocía o suponía historias sobre los pasos, senos y fiordos, que se las contaba a su capitán (...) ¿tendría que ver ese cabo Tamar con ‘El caballero de la piel de tigre’ de la reina caucasiana Tamara? ¿No sería posible que se le hubiera borrado una letra como ocurrió con una mosca que se ensució sobre una antigua carta marina causando una tragedia? En medio de la tempestad Melías le había dicho a su piloto: - ¡Si es una isla, estamos salvados; peros si es de una mosca, estamos cagados!

Marabolí levantó su alta frente y le espetó: ‘el caballero se habrió camino hacia la caverna (...) see scuchó un llanto y sus lágrimas se unieron con el mar...Por ello el cabo Tamar hace lagrimear a los canaleros más avezados’ Al escapular su mogote semejava el paso de los Bárbaros, un valle que separa las últimas estribaciones caucasianas de Turquía. Todos los bárbaros que han cruzado de una a otra parte del Asia a

cabo citado, assunto que no escapa a sua arguta experiência de marino e de escritor.

Ainda, nos textos, se menciona topônimos de origem européia que correspondem a lugares próximos do Pólo Sul. Pode ser resultado das inúmeras expedições ao continente gelado, realizado desde o século XIX até hoje, e que utilizam o porto de Punta Arenas para se abastecerem de alimentos e suprimentos, por se tratar da capital dessa região tão austral. Exemplos disso: mar de Bellingshausen, canal Gerlache, canal Neumayer, terra de Graham.

O desenvolvimento da região se acentuou com a vinda de imigrantes de Chile e Europa, entre 1878 e 1905, (MARTINIC, 1996). A colônia cresceu e incorporou as culturas dos *chilotes*, dálmatas, espanhóis, britânicos, alemães, suíços, franceses, italianos e escandinavos. Topônimos como estância Milenka e estância Nevenka, canal Wide, puerto Lckroy servem de exemplo.

Os autores estudados incorporaram os topônimos existentes nas ilhas da Terra do Fogo e Marajó – assentamentos humanos e seus acidentes geográficos – para a construção de referenciais nas suas obras literárias. Observou-se, que tanto pela quantidade como pela origem, esses topônimos estão em concordância com as características existentes nos espaços representados. Não ocorre de

---

Europa y a la inversa preferían ese paso, y la reina Tamara tuvo que hacer su reino en palacios y catedrales dentro de las cumbres cordilleranas, en grandes socavones y cavernas. Era una reina civilizada pero cavernaria. Shota Rusthaveli fue el cantor de estas leyendas.

Deseja-se apontar nesse texto o poder da palavra e o fascínio das lendas das águas, vinculadas no caso, com a possibilidade de que o cabo *Tamar*, seja, na verdade Tâmara, rainha caucasiana. O acaso transformado em sujeira de mosca mostra, de um lado, o senso de humor em Coloane, de outro, a importância atribuída aos detalhes na navegação, sobretudo em situações de perigo. Além disso, o uso da lenda para justificar o topônimo que faz chorar.” (COLOANE, 1999, p.171-172).

serem registros de lugares míticos, imaginários ou utópicos. Tal precisão geográfica<sup>34</sup> reflete um procedimento literário de escrita cuidadosa e coerente, cujo resultado se soma aos outros valores literários dos textos estudados. Através do percurso que procura desvendar os sentidos das palavras, ampliou-se o conhecimento de fatos históricos, relativos às ilhas de Marajó e Terra do Fogo.

A modo de uma síntese que permita reunir o extenso *corpus* estudado, pode-se concluir que o elemento água presente nos textos, constitui-se em presença lexical importante para a compreensão dos universos ficcionais insulares por eles descritos. A existência de referências diretas ao elemento água ou às variantes correlatas, foram verificadas durante a pesquisa a partir da contagem das ocorrências daquelas, e durante as diversas fases das leituras e comparações entre textos. O emprego dessas lexias fornece ao leitor uma trama de referências secundárias para mapear e fixar os relatos ficcionais.

Um exemplo do anterior pode ser observado na obra *Marajó*, na qual é descrita a viagem ou evasão do protagonista, acompanhado de Alaíde e do piloto, numa lancha, pela costa de Marajó. A seqüência de lugares e elementos relacionados com a baía, o rio e a praia vão ajudando a construir o espaço ficcional da fuga. Também a descrição do tempo e a chuva, que se apresenta polimorfa, permitem identificar uma evolução das estações e do ciclo das cheias e das secas em Marajó. Por sua vez, nos contos de Coloane, a presença da água, assume diversas formas, ela cresce e se

---

<sup>34</sup> Coordenadas geográficas de Punta Arenas: longitude 70° 55' 0 W; latitude 53°8'60 S. – Na região encontram-se Porvenir e Puerto Williams, em Chile; e no lado argentino Rio Grande e *Ushuaia*, a mais austral del mundo. (N. d. A).

torna violenta, diante de nossos próprios olhos, pois de uma página para a seguinte, a tempestade aumenta sua força e a neve cobre todo com seu manto silencioso.

São poucas as páginas desses textos nas quais não se registrem lexias da água ou de suas variantes. Por vezes elas são escassas e esparsas, parece-se a discretos pingos de chuva; outras vezes, essas lexias tomam conta das páginas, o texto está pleno, como se encharcando delas; muitas vezes repetidas nos textos dalcidianos; outras, numa profusão de topônimos ou diversas lexias que pontuam os contos de Coloane.

A presença da água, na sua dimensão de elemento do real ficcional não está separada da sua outra “face imaginária”; elas coexistem nos textos e com isso a qualidade literária deles ganha em força e riqueza das imagens. Observaram-se como as águas de Marajó e da Terra do Fogo assumiam características humanas, ficavam plenas de vida. Também se apontou a dimensão dinâmica dessas águas, incorporando na descrição dos seus movimentos uma gama ampla de variantes; correndo vertiginosas ou subindo com a maré de leve, elas se fazem presente, ajudando a conduzir os fios da trama de cada romance ou conto. Essas características que correspondem ao elemento natural são aproveitadas pelos autores nos seus textos, fazendo deles recursos a mais para que a presença do elemento água seja permanente e sua importância ainda maior para suas obras.



### Capítulo 3

#### RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E AS ÁGUAS NOS TEXTOS

No terceiro capítulo aborda-se as relações que existem entre os homens e as águas. Busca-se interpretar os romances dalcidianos e os contos de Coloane para responder questões como: que tipos de situações se observam nos textos quando tanto os homens e as águas estão presentes? Como um domina o outro? De que maneira um se adapta ao outro?

Os povos de Marajó e os habitantes da Terra do Fogo estão representados nos textos de Coloane ou Dalcídio Jurandir sob uma gama de personagens, delineados com maior ou menor precisão. Elas vivem nas histórias e se identificam com os conflitos que os seres humanos sofrem na vida real. Elas ocupam os campos e matos de Marajó, trabalham nos pampas e nas estepes da Terra do Fogo ou navegam pelos canais intrincados. Em todos os casos, a presença do elemento água ou suas variantes registra-se nas atividades e na vida dessas personagens.

Observam-se aquelas que convivem em harmonia singela com a natureza, pois incorporaram em seu estilo de vida o respeito a esta – é o caso dos caboclos ribeirinhos de Marajó ou dos índios que habitavam Puerto Edén. Em atitude

oposta, percebem-se também as personagens que, buscando o lucro pessoal seja através do desafio ao mar seja através da caça aos “*popis*”<sup>35</sup>, seja ainda através do extermínio dos índios *yámanas*, dentre outros casos, levam a si mesmas ao confronto com a natureza indômita, selvagem, cruel.

Dentre as diversas situações nas quais o homem e as águas se relacionam - seja em harmonia, seja em confronto - foram escolhidos quatro tipos de situações básicas para análise. Assim, observa-se quais as relações possíveis relatadas pelos autores e como se comportam as personagens (leiam-se os homens), diante da natureza e, em particular, da água. Os tipos de relações são: as relações da vida cotidiana, as atividades de pesca, a navegação e a elaboração do imaginário lendário. De forma progressiva, tal tipologia vai ampliando os limites do espaço natural, do local ao geral. Também existe uma gradação desde as atividades simples e individuais até as atividades coletivas e de produção intelectual, que representam diversos estágios das relações homem – água.

As relações cotidianas dos habitantes com as águas marcam suas vidas, desde o nascimento das crianças sob a chuva, quando a parteira vai assistir à mãe, e tem que cruzar as águas dentro de um casquinho miúdo, até à observação das crianças brincando nas águas das marés e também quando ficam de bubuia, ou, ainda, até serem arrastadas pelas cobras que vêm pelas águas até os jiraus. Diariamente, a comida e a bebida vêm das águas do lago ou do rio, matando a sede em Marajó. A chuva que cai, trepidando, sobre os telhados de Marajó, ou a neve que cobre com seu manto silencioso os campos da estepe marcam o passar

---

<sup>35</sup> *Popi*: denominação do filhote de lobo marinho, muito apreciado pela sua pele. (N. d. A)

dos dias desses habitantes; por vezes os temporais desatados em alto mar assolam as costas do litoral da Patagônia chilena, isolando os moradores em suas vilas por dias e semanas, sem meios de se comunicar ou de sair à procura de comida, como acontece com os homens que tomam conta dos faróis em inóspitos penhascos.

A morte ronda as águas, sejam elas calmas ou turbulentas. Foi possível observar, nos diversos textos, como os perigos sempre estão presentes em torno do homem quando ele se relaciona com as águas: ou morre afogado por sua própria imprudência, ou bem se joga nas águas, procurando a morte; quando cai na água, ou é devorado pelas piranhas ou é estraçalhado pelo vórtice das ondas enfurecidas, batendo-o de encontro às rochas e *cantiles*; a água está presente, além disso, quando o homem ingere veneno ou se suicida entrando no mondongo. De diversas formas o elemento água se relaciona com a vida cotidiana dos homens, num jogo de forças que parece não ter vencedores nem vencidos.

Ao estudar os textos, observou-se que uma forma de atividade econômica comum nesses espaços naturais era a pesca. As ilhas de Marajó e da Terra do Fogo encontram-se povoadas, geralmente ao longo de suas costas, com presença de portos e vilas de pescadores, sendo essas formas de assentamento humanas as que apresentam maior estabilidade no tempo. Em torno desses núcleos os grupos de pescadores têm desenvolvido suas culturas locais, adequando-se às características das águas circunvizinhas, assim como de seus ciclos. Criam-se, então, relações de dependência econômica que têm gerado tanto condutas de desenvolvimento sustentável e proteção ao meio ambiente, incorporadas como

saberes populares que procuram diminuir os conflitos com a natureza, quanto seu oposto, que corresponde à pesca (e caça) predatória, que representa o avanço do capitalismo nos territórios insulares descritos nas obras estudadas, onde a cultura da exploração desenfreada leva à morte das espécies e à destruição do meio ambiente; ambas situações se encontram registrada nos textos estudados.

A condição insular de muitos territórios tem representado, para seus habitantes, uma limitação nas comunicações e em seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, essa condição tem sido um incentivo poderoso à navegação das águas nessas regiões, o que propicia o desenvolvimento de um conhecimento do território, das águas e da meteorologia, o qual se constitui como patrimônio cultural de seus habitantes. Além disso, somam-se aos povos indígenas da Patagônia ocidental e aos primeiros navegantes da região, a presença de diversos imigrantes de todo o mundo, que pararam em Punta Arenas em algum momento de suas vidas, trazendo na bagagem suas diversas culturas.

Por outro lado, na ilha de Marajó existe uma população de ribeirinhos: são os habitantes dos rios, canais, furos e ilhas, disseminados por todo o Baixo Amazonas, que possuem uma cultura secular de navegação nessas águas. Seus saberes permitem que eles incorporem as mudanças que os rios apresentam a cada estação, como a memória de lugares que depois ficarão debaixo das águas, assim como os baixos e bancos de areia, as ilhas e balcedos que cada nova inundação produz. As relações entre esses navegantes e as águas fornecem a medida pela qual se visualiza a adaptação daqueles ao meio ambiente.

Por fim, diversos estudos científicos têm interpretado a criação do imaginário mítico e lendário como uma forma de se estabelecer uma melhor relação entre uma natureza poderosa e estranha e os povos que nela habitam, que não conseguem compreender, em sua totalidade, os diversos fenômenos ali presentes e suas manifestações físicas. Desde os tempos mais antigos, muitos povos e sociedade têm construído lendas que se relacionam com as águas (com o mar e os rios) e suas forças misteriosas. Nas ilhas de Marajó e na Terra do Fogo, os primeiros habitantes e os que lá vivem hoje tecem histórias na elaboração de um repertório de oralidade que se integra a outras manifestações das culturas locais. Os textos escolhidos trazem, através da boca de suas personagens, partes de um mundo imaginário que estabelece limites para o homem, em suas relações com as águas. As lendas do lobo da morte, da princesa do lago, da pororoca, da boiúna ou mãe do rio estão representadas nas obras como manifestações da cultura local e como produtos das relações de dominação e poder entre os homens e a natureza.

A revisão de todas essas relações entre o homem e as águas (relações do cotidiano, relações na atividade da pesca, relações na navegação e relações na elaboração do imaginário local), todas elas encontradas nos textos dalcidianos e de Coloane, traz como resultado a constatação da existência de espaços ficcionais humanizados, nos quais as personagens se confrontam com a natureza ou se adaptam a ela. Porém, tais representações estão sempre pautadas por um conhecimento preciso de fatos e de lugares reais, que os autores Dalcídio Jurandir e Coloane incorporam em suas obras.

### 3.1 RELAÇÕES DO COTIDIANO DOS HABITANTES

A natureza está em permanente contato com a vida dos seres humanos, alimentando-a. O elemento água, em particular, é considerado vital, assim como o sol (fogo), o ar e a terra. A humanidade toda depende deles para sobreviver. Quatro quintos de toda a superfície do planeta Terra estão cobertos por águas doces e salgadas, além das águas subterrâneas que abastecem os poços e as geleiras e calotas polares que a acumulam sob as formas de gelo e neve. O ar que respiramos contem o vapor d'água, em porcentagens variáveis que são favoráveis ao nosso conforto. Os seres vivos precisam da água para viver, e o corpo humano tem, em sua constituição, setenta por cento dela, através da qual também gera os principais fluidos que o corpo humano secreta, sob a forma da urina, do pus, das lágrimas, etc.

A onipresença da água se observa ao longo da vida do homem, que tem seu início no útero materno, passa pelo nascimento, a infância e a juventude, a idade adulta e a velhice, até chegar à morte. Ela está incorporada em nosso sustento material e espiritual: como líquido vital, saciando a sede e fazendo parte da elaboração das comidas; a água do banho nos limpa e tonifica todos os dias, sendo que através desses ritos ela também é, em muitos casos, responsável pela purificação da alma. Ela cai sob a forma de chuva nas plantações e corre pelos rios regando os vales, permitindo o desenvolvimento das atividades econômicas das sociedades, em todos os setores, como a agricultura e a indústria. Sob todas as formas, ela está sempre presente na vida cotidiana do homem.

Do mesmo modo, o elemento água também pode ser encontrado na vida cotidiana das personagens que povoam os universos ficcionais criados por Francisco Coloane e Dalcídio Jurandir. Os contos do escritor chileno apresentam escassas referências ao cotidiano da vida na Patagônia, o que não significa que elas não existam. Nos pampas e nos canais a água se integra ao cotidiano dos vaqueiros e marinheiros de forma sutil e quase silenciosa, pois o foco dos contos pretende iluminar mais o homem em confronto com suas paixões, medos e solidão. A neve que cai silenciosa, assim como o gelo e a geada branca que dificultam as viagens são formas do elemento água, que interagem com as personagens da obra de Coloane, no espaço natural por elas habitado, formando uma espécie de pano de fundo.

As águas de Marajó, como observadas nos romances escolhidos de Dalcídio Jurandir, apresentam um papel de importância na vida cotidiana das personagens, seja pelo predomínio de elementos naturais em interação com os habitantes da vila de Cachoeira, seja pela forma como o autor se serve da chuva, do rio, das enchentes e das águas míticas inclusive, para compor seu relato da sociedade marajoara e esmiuçar a vida das personagens em múltiplas facetas de um mesmo tema: o retrato do povo da Amazônia a procurar seus caminhos sob o signo da exploração dos mais pobres pelos detentores do poder econômico, social e político.

As personagens apresentadas pelos dois escritores carregam em suas vidas o destino de todos aqueles que vivem submetidos. Tanto em Marajó quanto na Patagônia existem dois elementos que imperam com força avassaladora e que

se perpetuam para continuar oprimindo seus habitantes: a) o domínio da natureza, poderosa e indômita, na qual as águas se transformam em elementos destrutivos para os empreendimentos sociais e que transformam a vida dos habitantes locais num contínuo confronto pela vida, obrigando-os a uma procura permanente por melhores condições de existência; b) as estruturas políticas e socioeconômicas, que, ao se fazerem presentes nas regiões geográficas estudadas, caracterizam-se pela imposição da exploração dos recursos naturais sob a forma intensiva, em benefício de um pequeno grupo de capitalistas que possuem o apóio irrestrito das elites políticas e que tiram proveito tanto da mão de obra que se desloca pelo território oferecendo seus serviços, quanto daqueles que têm maior autonomia de trabalho.

A América do Sul<sup>36</sup> continua a ser, na atualidade, um imenso território ainda em processo de construção social. As riquezas naturais de seus espaços geográficos seguem sendo exploradas pelo capitalismo, hoje sob as formas de um mundo globalizado. Os governos das nações que conformam o Cone Sul administram suas repúblicas e seus recursos sob o signo da desigualdade social; grandes camadas das populações locais, que se concentram em dezenas de áreas urbanas, ainda não contam com as condições mínimas para superar os

---

<sup>36</sup> O professor e crítico explica que, a partir de 1492, o território do continente americano tem sido encoberto e não descoberto. Nele, as estruturas de poder têm ocultado de forma permanente e sistemática os “rostos” de seus povos. Primeiro os índios, os escravos africanos, os mestiços; depois os “criollos” no processo emancipacionista, os camponeses e os obreiros. Para todos eles os espaços do território americano, onde eles vivem, se tornam em espaços de luta para a reivindicação de seus direitos e o reconhecimento de suas identidades. Esse desvelar dos rostos ocultos passa pela desconstrução do mito da “modernidade”, que esta permeada pela visão eurocêntrica do mundo e sua história. (DUSSEL, 1992).

níveis de pobreza. Os lucros advindos da venda de recursos naturais enchem os cofres de uma elite e de grupos multinacionais, às custas da inclusão social de seus habitantes mais pobres. Esse quadro histórico tem motivado permanentes movimentos de homens e mulheres em busca de melhores condições de vida, transformando suas vidas em migrantes e arrastando consigo os restos de suas identidades.

Esse contínuo movimento dos migrantes, mesmo ao interior de suas regiões, como acontece com os trabalhadores em Marajó e na Patagônia, tem como efeito uma perda gradual de suas identidades. As forças da natureza também contribuem para o desarraigamento de si, ao apresentar condições extremas que dificultam a habitabilidade nas regiões, incitando à migração. Pode ser, por exemplo, o caso da maré vermelha, que impede o consumo de mariscos que estão na base alimentar das comunidades ribeirinhas dos canais da Patagônia austral. A seca na região Nordeste do Brasil motiva migração de milhares de camponeses, periodicamente. Em todos os casos as identidades culturais dos indivíduos sofrem mudanças, vítimas do êxodo que as leva a conviver com outras formas de cultura. Ao mesmo tempo, o confronto com uma natureza potente enfraquece os habitantes, que sofrem e inclusive são por ela aniquilados. Sob tal prisma de confronto e êxodo podemos voltar a estudar as narrativas, nas quais as personagens se relacionam com as águas na vida cotidiana.

## Águas dos Rios

De início a natureza e as águas conformam o espaço que habitam as personagens, tanto nos contos de Coloane quanto nos romances de Dalcídio Jurandir. A vila de Cachoeira se situa na beira do rio Arari, a meio caminho entre a foz e o lago, que nos romances R1 e R3 costumam ser chamados de “o rio” e “o lago”. O rio serve de comunicação entre a vila e os outros vilarejos, permitindo chegar até a baía de Marajó e atingir a cidade de Belém. Seja na época de seca, com ajuda de varas para avançar pelo leito mínimo, ou durante as cheias, o rio é a vida destes campos.<sup>37</sup> O movimento de passagem das diversas embarcações reforça nos ribeirinhos o contato com o mundo além da baía; a saudação dos tripulantes, os gritos, um apito servem de sinais para marcar a vida que passa, como no dizer do narrador, onde se lê: “Passavam rio acima as geleiras de vela arriada. Una lancha apitou” (R2, 215). O rio possibilita o transporte de passageiros e cargas, sendo a principal via de comunicação até a vila, e a única na época das cheias. O gado que vai aos mercados de abate também sai em barcos e lanchões por ele.

Os patrões das embarcações são personagens conhecidos da comunidade, eles levam e trazem as notícias da capital, das festas do Círio e dos fatos mais importantes. Suas viagens semanais são esperadas com ânsia: encomendas e presentes chegam através de suas mãos. Assim foi observado, ao acompanhar o

---

<sup>37</sup> Situação na qual “os meios de transporte são deficientes. Pequenos aviões monomotores comunicam diversos pontos da ilha a Belém. O principal meio, no entanto, é um tipo original de barco a motor e vela para transporte de gado (de 30 a 60 cabeças) ligando as fazendas com os matadouros” (MIRANDA, 1968, p. 25).

Major Alberto, secretário da intendência de Cachoeira, que sempre espera por elas, ao ponto que: “Idealizou a chegada de uma lancha com a boa notícia e a encomenda mandada por amigo: o relógio” (R3, 220), como uma forma de compensar o isolamento em que vive. Também com eles viajam os doentes, os pobres que vão a procura de novos horizontes e os fugitivos do pequeno inferno que pode chegar a ser a vila de Cachoeira.

A viagem pode ser forçada, contra a vontade, como se conta em certa parte do relato de R1, quando um patrão quer levar uma menina a Belém, para trabalhar. A menina resiste e fica com a família. TUPIASSU (1997) atribui ao fato narrado uma explicação: a estrutura da sociedade escravagista persiste ainda hoje no Pará, oprimindo os mais pobres e desvalidos. O curandeiro de Cachoeira relatava, também, uma experiência estranha: a autoridade local pediu para tomar conta de uma mulher numa viagem de lancha; ela perdeu a razão e existia o perigo de que ela pulasse da embarcação. O sacerdote verificou que o isolamento da loucura afastou-os de todos os passageiros da lancha (GALLO, 1981). Contudo, na maioria dos casos, os ribeirinhos se vêm na necessidade de viajar atrás do sustento, quando não são expulsos de suas terras pela pobreza, as doenças e os latifundiários. O velho avô de Andreza (R3) acaba escoraçado de sua propriedade de Sta. Rita, pela voracidade de Edgar Menezes, o que lhe resulta fatal. O destino das águas que correm serve para refletir nos passos errantes daqueles que delas dependem, aqueles a quem a vida costuma golpear mais duramente, como sugere o seguinte trecho “Querida a inércia que o rio parado

lhe dava, profundamente, quando viajava em montaria (...) Pensou logo num banho, num longo mergulho, o sono dentro do rio” (R2,12).

Nos romances de Dalcídio Jurandir, ao possibilitar as viagens, as águas do rio são, portanto, um símbolo de liberdade para as personagens que se sentem presas à vila e, por extensão, aos seus destinos mesquinhos e insignificantes. Quando as personagens “bebem” dessas águas, eles conseguem dar passos que as afastam de suas cadeias, das teias de uma sociedade tradicionalista e preconceituosa. Tudo fica para trás: família, amigos, e os mexericos da inveja por assumirem a liberdade de viver de acordo com a própria vontade. Em R1, este é o caso de Irene, que viaja a Belém, grávida e solteira, para seguir seu destino. Dentre os que ficam na vila, temos a Dona Doduca, que: “esquecida da filha que subia e descia em lanchas nas redes dos fazendeiros e dos advogados?” (R3, 320), continua a falar mal de todo mundo. Por isso Lucíola questiona-lhe o “esquecimento” do exemplo que ela tem em sua própria filha, que se prostitui nas barcas que sobem o rio.

O mesmo rio Arari<sup>38</sup>, que representa a consciência de uma existência de menino pobre, se converte em prisão e também em rota de fuga para Alfredo, o

---

<sup>38</sup> “O Arari, que nasce no lago do mesmo nome, dele saindo pela parte sul. Segue, depois, bastante sinuoso através dos campos, estabelecendo comunicação entre as diversas fazendas pastoris. Suas águas, quase sempre barrentas, correm por margens pitorescas, povoadas de fauna extensa e variada. Com cerca de 100 km, seu curso é tortuoso, indeciso, formando verdadeiros meandros, que alongam ainda mais a viagem por via fluvial. A meio caminho, o rio Arari banha a sede do município de Cachoeira. Daí para baixo, estreita-se o leito, torna-se apertado, sombrio e lodoso, para alargar-se novamente, correr entre margens altas bordadas de pedras, aningais e imbaubeiras, e desembocar na baía de Marajó em frente à ilha de Cotijuba, deixando à direita a ilha de Sant`Ana. Como acontece com os demais cursos d`água na região, durante a seca, o Arari

protagonista de R1 e R3<sup>39</sup>. Os pensamentos sobre sua vida, seus anseios, desfilam através de sua consciência quando fica sozinho, divagando à toa, embaixo do chalé, olhando as águas paradas. São várias as tentativas de fugir numa embarcação de linha, que ele realiza sem sucesso após tudo planejar: “decidiu fugir (...) mas pelo rio, com um rumo certo: Belém (...) escolhera um barco que deveria descer rebocado pela ‘Lima Junior’, na noite de sexta-feira” (R3, 294). Para o menino, o rio adquire dimensões humanas e poderosas; quando as águas fazem a curva, ele sente que o rio lhe impede de fugir, que está contra ele. Cria-se uma relação mágica entre Alfredo e as águas, paralela ao mundo real, e tão presente quanto esta, pela qual ele vive suas ilusões.

Enquanto o rio corre ao mar, as personagens permanecem à beira, olhando-o passar. Suas águas criam sentimentos encontrados nos indivíduos. Seu movimento é o espaço da fuga, e a reflexão sobre as águas, exteriores, também leva à meditação, à contemplação do eu interior. Pelo narrador sabe-se que: “Alfredo procurou novamente a margem do rio que passava devagar, mas passava (...) Andou ao longo da margem sem nenhum alívio. Ao contrário, a paz do rio o atormentava mais...” (R3, 218). Existe uma intenção de se tirar o peso das mágoas e dores que o menino carrega em solidão, mas é inútil. Dono de uma

---

tem seu nível grandemente baixando, dificultando e, em certos trechos, até impossibilitando a navegação de médio calado. Durante a estação chuvosa, contrastando, ele transborda e vai até às proximidades das habitações construídas sobre os *tesos*, unindo-se, no raro, às águas pluviais empoçadas nas depressões do terreno semi-submerso.” (O.E.A., 1974, p. 29).

<sup>39</sup> Ele protagoniza outros sete romances de Dalcídio Jurandir, que acompanham sua vida em Belém e Gurupá até se tornar um jovem adulto.

sensibilidade extrema, Alfredo acaba por projetar na natureza sua infelicidade, até o ponto em que a paz do rio lhe vem a causar tormentos. Dessa maneira, os indivíduos convivem, isolados entre si, e seguem percursos pessoais que podem ser comparados com os meandros do rio. Em cada curva vão perdendo um pouco de sua força para lutar. Incapazes de assumir o próprio destino, as personagens ficam às margens da vida, vegetando numa existência que representa para elas uma carga por demais insuportável. Que motivo leva Eutanázio a contar para Alfredo a história do assassino que se joga nas águas perseguido pela vítima? O menino percebe que: “contando a história, contava a seu modo a sua própria história (...) Mas Eutanázio já era uma caveira em vida com aquele riso” (R2, 296): essa percepção se confirmará, meses depois, quando o irmão morre vítima de sua doença secreta. Se alguns acabam por abençoar a morte, outros se entregam a um destino de humilhação e sobrevivem das migalhas que a vida lhes joga.

### **Águas do Mar**

A liberdade está representada pelo mar, por seus espaços infinitos e seu eterno movimento ondulatório. Dentre os diferentes sentimentos que ele suscita, que vão do medo até a calma e a paz, a liberdade adquire relevância. A imagem de uma embarcação soltando suas velas e navegando ao sabor do vento exemplifica tal estado que as águas propiciam. Quiçá porque os limites se

estendam até o infinito, ou na ausência de outros homens, o fato é que também algumas personagens de Coloane navegam à procura da liberdade. No conto “Balleneros de Quintay”, um capitão de navio de pesca comenta: “– No puedo estar más de veinticuatro horas en Valparaíso. Me ahogo aquí en tierra. Cuando zarpo me alivio, comienzo a respirar, y ya en mar abierto se termina el asma” (C2, 296). O exemplo permite observar a importância que tem o mar, a ponto da personagem adoecer quando está em terra. O afogamento do marinheiro também pode ser psicológico, sentindo-se bem num ambiente que ele conhece e domina, como são seu barco e o mar aberto. O contrário, a permanência em terra, o esgota e o destrói.

É recorrente encontrar em diversos contos indivíduos embarcando, partindo de um porto para viver a liberdade no mar. Pode acontecer ainda na infância, ou como resultado das dificuldades que a terra natal apresenta: fome, guerra, doença. Milhares de homens largaram tudo na Europa para viver uma aventura e “fazer a América”. Os imigrantes chegam aos portos do Cone Sul, para se integrarem ao processo de desenvolvimento nos séculos XIX e XX, trazendo o aporte de diversas nacionalidades à formação das jovens nações. Cada um deles viveu seu próprio drama, e aqueles que migraram até a Patagônia deverão lutar contra uma natureza poderosa, implacável e hostil. Como exemplo disso, o relato do narrador explica que: “al joven Pescetto lo corroía la *broma* marinera por dentro, y en cuanto pudo se enroló en una cuadrilla” (C2, 189). A vida toda ele procurou se manter embarcado, até conseguir pilotar seu próprio barco, a

*Orfelinda*. No final do conto, assiste-se a seu fim: morreu no mar. As águas se entrecruzam nos caminhos daqueles indivíduos dispostos a enfrentá-las.

A viagem por mar, que é tradicional na região ocidental da Patagônia, representa para todos um desafio pessoal. Há no relato, que descreve como “Teresa Tekenika y *Auquehuáuhuen* recorrieron seguros y ensimismados islas, islotes y canalizos de esos inolvidables parajes, entre dos aguas” (C2, 277), a viagem por um mundo marinho pode ser acolhedora, com comida farta e momentos de ameno convívio. Porém, o narrador não oculta que a mesma natureza pode ser muito hostil para os homens, e revela que a muito custo os índios *yámanas* têm sobrevivido nos canais, adaptando-se ao clima frio, ao vento tempestuoso e a uma terra cheia de estilhaços de rochas. Na comparação da suavidade da água e o fio da rocha é que se constrói o namoro da terra e o mar, representado pelo casal.

Na Patagônia, sempre existem os perigos decorrentes da travessia por águas tumultuosas e o mau tempo constante prejudica as comunicações. Nesse sentido, para as personagens que povoam as narrativas, a liberdade do mar acarreta uma responsabilidade maior: conhecer e dominar os saberes que permitem sobreviver nessas águas. O perigo que existe em cada viagem pode ser sentido, quase que apalpado por aqueles velhos marinheiros, como se narra em: “La tempestad fue creciendo, el oleaje golpeaba con desenfreno los costados de la embarcación, que por momentos parecía darse vuelta, y más de una vez sentimos el peligro” (C2, 280). As águas têm o costume de serem traiçoeiras, e para se prevenir, as personagens precisam estar atentas, exigindo de si mesmas

uma atitude de observação e reflexão que, às vezes, os mergulha dentro de suas próprias almas. O extrato: “Miró al mar; sus aguas se volvían aún más negras” (C3, 403), sob esse prisma, sugere algum estado emocional do narrador que vem à tona quando ele olha as águas.

### **Águas Como Prisão**

As águas também podem isolar e separar os espaços, transformando-se em prisão para os indivíduos. A solidão nos desertos austrais e a dura realidade de uma natureza amazônica em permanente confronto fazem das grandes distâncias obstáculos para a procura da felicidade. Há vezes nas quais as águas se tornam violentas, perigosas, e os embates com elas nas embarcações impedem as comunicações e as viagens. Diversos fenômenos locais, como os

ventos em redemoinho dos canais patagônios e a pororoca em alguns rios amazônicos, se confabulam e dão volta as embarcações. Os habitantes das ilhas e os ribeirinhos ficam, assim, prisioneiros de uma natureza poderosa, o que pode significar a morte nos piores casos.

As águas pesadas, misturadas com a terra na constituição dos pântanos, também podem ser, literalmente, uma forma de prisão para as personagens. Aqueles que desconhecem o perigo de sua existência e aqueles que dele se esqueceram podem morrer afogados e sugados. No relato de Edmundo, personagem de R3, que voltou da Inglaterra para viver em Marajó, o pântano vai ser uma forma de prisão e de punição pelos pecados cometidos por sua família para com alguns moradores da região. Seu fim nessas águas mortais já se antecipa:

“Os caminhantes sufocavam, exaustos (...) Para Edmundo esse primeiro encontro com o mondongo, que tanto sonhou e amou como propriedade sua, confirmava apenas a sua desolação sem remédio (...) o mato trazia ainda a marca lodosa das enchentes (...) A natureza ali o repelia com um desdém selvagem (...) o mondongo protegia-se e ameaçava” (R3, 277).

Ao derrubar seu sonho de viver no paraíso marajoara, ele se debate nas ruínas de uma vida sem sentido. Acaba por se jogar nas areias gulosas de seu amado mondongo. “O sorvedouro o enrolava com seus viscosos e pútridos tentáculos de lama que fedia” (R3, 279). Para a personagem, a morte representou a única alternativa para o dilema de sua existência. E, nesse dilema, as poderosas

águas da morte, que existem no mondongo, conferem uma dimensão mais transcendente ao drama da personagem. Ele virou lenda na região.

### **A Chuva**

Enquanto o rio passa frente a Cachoeira e o mar bate suas ondas contra as rochas, as águas também se aproximam até a morada dos homens. São as chuvas que caem em todo o território. O clima em Marajó apresenta duas estações opostas, a seca e a cheia, associadas com o “verão” e o “inverno”

marajoaras. As chuvas são poucas e fracas durante a primeira época<sup>40</sup>; já na segunda ganham intensidade e volume. O clima equatorial faz com que os ventos<sup>41</sup> precipitem a umidade do mar nas terras marajoaras. Essa umidade se deposita sobre as partes mais baixas e sobre as águas, levantando um nevoeiro ou garoa fina, que impregna o amanhecer. Para os habitantes que pescam nos lagos ou acordam cedo para trabalhar, o nevoeiro os rodeia, exatamente como o narrador enuncia: “O chão era mais úmido, o capim molhado como se tivesse chovido e o orvalho banhou-lhe o coração” (R3, 227). A metáfora revela como Alfredo, o menino, se identifica com as águas da madrugada.

Pode parecer paradoxal que no clima equatorial exista o nevoeiro, fenômeno que se explica pela ação da umidade e dos ventos. A estranheza que suscita no povo está associada aos mistérios das águas, como o caso do lago Guajará. De tal modo, algumas personagens se sugestionam com sua presença inusitada, e acreditam ver nele figuras lendárias, quando: “O sereno, porém, cobria os horizontes, ensopando as folhagens e o chão” (R3, 233). No amanhecer, quando da fuga de Alfredo pelos campos, perto da fazenda Marinatambalo, ele se

---

<sup>40</sup> Esta inversão das estações, que faz parte da cultura local, corresponde a: “De janeiro a junho é o período de água doce, é a época de ‘inverno’; de fevereiro a maio são as chuvas fortes. É o verdadeiro inverno marajoara e as águas dos rios (...) aumentam seu volume de água ocasionando as grandes enchentes (...). As precipitações pluviométricas na região dos campos apresentam, em média, 2.700 mm anuais, distribuídas de maneira desigual, com 50% delas ocorridas nos meses de fevereiro, março e abril.” (MIRANDA, 1987, pp. 46–47).

<sup>41</sup> A influência sobre os assentamentos humanos é importante: “finalmente, o clima é mais ameno: os ventos procedentes do Atlântico varrem a ilha em quase toda a extensão dos campos devido a não encontrarem obstáculos orográficos (...) os ventos frescos que sopram sobretudo ao cair da tarde (...) A região central dos campos é, talvez, a mais saudável e original parte de Marajó. De dia, uma brisa constante, sobretudo no verão, varre as pradarias de NE a SW, procedente do Atlântico.” (MIRANDA, 1968, p. 35).

apavora: “logo outros seres mágicos do campo, a matinta, a mãe do fogo e os espectros do boi rosilho, do cavalo branco e da ilha, que aparecia e sumia, lhe brotavam do pensamento” (R3, 227). Em suma, a fina garoa do amanhecer pode transformar a percepção do mundo.

A chuva representa um elemento de “réplica” para os conflitos vividos pelos personagens nas narrativas de Dalcídio Jurandir. Observe-se que o narrador, onisciente, estando próximo das personagens, vai estabelecendo vínculos entre a chuva que cai em Cachoeira e os discursos indiretos e os monólogos. Na medida que os pensamentos se desenrolam dentro do espaço psicológico, que é virtualmente construído pelo falante, o narrador mostra a chuva crescendo e desabando no espaço natural externo, nos campos, na vila. Sob tal predicado se pode entender o excerto:

“O tempo anunciava chuva. Ainda mais essa, se essa chuva cair, tinha que esperar (...) Uma nuvem mais pesada de chuva cresceu no céu. Quando chove, Cachoeira fica encharcada (...) A nuvem de chuva crescia. Os campos escureciam ao lago como se fosse um mar no mau tempo (...) A nuvem de chuva ainda ameaça. Eutanázio vai sair (...) Falta-lhe ar, se agonia com aquela nuvem negra (...) sacudiu a cabeça. A nuvem passava” (R1, 125-130).

Eutanázio e Dona Geni conversam, ou melhor, ele escutava-a, distraído; contudo, seu pensamento o leva até Felícia, e lembra o dia que se infetou de sífilis. A presença da chuva no texto pontua as diversas fases do relato que mostra o doente e seus devaneios. Existe uma aproximação entre as duas linhas de fatos,

a externa (chuva) e a interna da personagem (reflexão), o que possibilita uma percepção mais intensa do drama de Eutanázio.

Se ele volta ao passado em seu devaneio, o narrador se encarrega de pautar que o presente é real, mostrando-lhe que essa chuva que cresce impede-o de sair. Sua fraqueza se evidencia, e parece que a chuva o tortura por sua indecisão, quando ele repete agora as mesmas condutas que no passado o fizeram infeliz. O contraponto que se estabelece entre conflitos psicológicos das personagens e o poder das águas, observado na obra dalcidiana, produz nas personagens um efeito de “réplica”. Na medida que a narrativa avança, ambos elementos crescem, ganham poder; e o poder de aniquilar das águas se contrapõe com a luta de sobreviver das personagens. Os problemas vivenciados por essas personagens adquirem uma dimensão de maior transcendência, o que acaba por transferir para esta ficção a grandiosidade dos dramas humanos.

À semelhança das águas do rio, as águas da chuva são identificadas com os próprios sentimentos que as personagens sentem. Em R3 já se observou que a calma do rio magoava Alfredo profundamente, ao passo que “agora Alfredo sabe que nem essas mãos nem as grandes chuvas em março curam a marca das feridas” (R1, 120). A figura da mãe que o cuidava e que lavava suas feridas se desmancha. Muitas mágoas contra ela e contra a impossibilidade de estudar em Belém lhe afligem, e levam-no a perceber nas chuvas mais um obstáculo para sua felicidade. A época das cheias produz um adiamento da viagem e também de outras atividades, trazendo desassossego ao seu espírito.

De modo análogo, outras personagens sentem sobre si o peso das águas, que obscurecem tudo. Em diálogo com Eutanázio, Raquel se lamenta: “Agora, com as chuvas, tudo me dói, me fatiga, me atormenta” (R1, 396). Da mesma forma que o clima extremo afeta os habitantes das altas latitudes, no espaço equatorial de Marajó as personagens sofrem por conta da chuva intensa, afetando seu equilíbrio emocional. A persistência das águas acaba por aniquilar a paz de espírito de Raquel, que deve, como outras, suportar as mudanças climáticas sem nada poder fazer. Existe ali o simbolismo de um império das águas, citado por Giovanni GALLO (1981), em seu livro.

### **A Neve**

“Galopaban los jinetes a través de la noche, sobre una meseta azotada por la nieve, apedreada de granizos, herida por el viento (...) la noche y la tormenta

caían sobre los cuerpos y sobre las almas” (C1, 113/114): tal excerto corresponde ao início do conto “*Cururo*”, que narra a amizade do vaqueiro e seu cachorro. Coloane inicia o relato com a cena do regresso da tropa, em meio à tormenta. Depois, saberemos que eles perderam uma parte da malhada e que também morreu *Cururo*, de quem se relata a história. As forças da natureza se fazem sentir em todo seu rigor, identificadas com o drama pessoal de Subiabre, o dono. O azote da neve e a força do vento noturno, sobre o vaqueiro, equivalem à dor que ele sente pela morte do cão, que ficou para trás, soterrado sob a neve. O peso desses elementos desaba sobre o espírito das personagens, oprimindo-as de modo contínuo.

A neve que cobre a terra apresenta um forte efeito de isolamento para aqueles que moram nesses territórios. Existe uma dificuldade para transitar, viajar e realizar diversas tarefas; os pastos que alimentam as ovelhas ficam cobertos, assim como as mesmas ovelhas. Os vaqueiros devem reduzir suas atividades, e, quando o vento sopra vários dias, violento, eles ficam presos nos ranchos e postos. Tal isolamento pode perturbar a razão dos mais fracos ou daqueles que vivem sozinhos e separados por dezenas de quilômetros dos outros. Foi o que ocorreu com Denis, no conto “*La voz del viento*”. As palavras do narrador contam que: “los días en que la nieve bloqueaba el rancho, la vida adentro se hacía insoportable (...) la soledad se hacía más intensa con la caída ingrávida de los copos” (C1, 36). O instinto do mal que renasce nele, somado ao isolamento, o leva a matar sua Lucrécia, degolada como uma ovelha. Sua perdição se materializa

pela voz do vento que o persegue até a loucura. O drama da personagem é deflagrado pelo efeito do isolamento, produto das nevadas acumuladas.

Os caminhos e os acidentes do terreno desaparecem sob a neve, que tem o efeito de uniformizar tudo. Os contornos se suavizam e os elementos perdem sua identidade; tudo se transforma num grande manto branco que reflete as luzes e sombras do céu. Essa luz refletida pela neve pode ocasionar lesões na visão, sendo um perigo adicional para os indivíduos desavisados. O exemplo aponta que: “La casita (...) parecía un desolado y pequeño arrecife en medio de ese mar de nieve flotante” (C1, 31). O paralelo que se tece com o mar, que é uniforme e silencioso, traduz a monotonia da crosta branca – a neve congelada –, surtindo efeito no subconsciente das personagens, fazendo com que corram o risco de padecer de depressão. O passar dos dias e das semanas nessas condições de tempo adversas, além do isolamento, acabam por debilitar a resistência espiritual das personagens, ficando a mercê dos elementos naturais.

Outro narrador, desta vez navegando rumo à Antártica, completa a idéia de uma mudança interior dos indivíduos. A mudança se transforma em um processo de evasão psicológica, que opera como um se desligar do real da natureza e da solidão, para voltar-se no eu da própria interioridade :

“...en la pampa fueguina y patagónica, donde el aislamiento y la soledad hacen que los hombres se encierren en un pozo oscuro, en largas singladuras por mares apartados cual el de la Antártica. El hombre se evade por dentro, viaja por sus venas, se empina sobre el andamio de sus huesos, bebe en su corazón, y llega hasta un maravilloso reflector que está arriba, en su mente, y que sólo pueden ver sus ojos cerrados durante horas y horas, mirándose hacia adentro, para ver lo bello y

doloroso creado por esta sutil costra terráquea, como un árbol que ignora que de raíz a copa nacen sus hojas para vivir con la luz del sol, resplandecientes” (R2, 281).

A prisão de que se fala verifica-se no próprio homem, que vai perdendo sua sociabilidade gradativamente, para se tornar seu próprio referente no mundo natural. O eu não tem rival, e consegue aplacar seus escrúpulos; por isso resulta tão fácil matar outrem. Coloane nos apresenta essa situação na história dos irmãos Jackie e Peter, que matam o prófugo; como também em “La botella de caña”, quando o assassino de Bevan tenta repetir o crime, cinco anos depois. O efeito de uma terra inóspita e isolada, sobre certas naturezas humanas, trás à tona seus lados obscuros, que passam a dominá-las.

## **O Gelo**

O gelo tem efeito de aprisionar, de transformar em sólido tudo aquilo que se encontra nas águas quando estas congelam sob o efeito das baixas temperaturas, impedindo os movimentos. Essa paralisia física que conduz as personagens à morte por congelamento ocorre principalmente quando elas não conseguem se proteger da intempérie. Por esse expediente, o narrador explica a existência do fantasma de “El témpano de Kanasaka”, encontrado na travessia do canal Beagle:

“...el joven indio, en su ambición de cazar a la bestia, se internó por el ventisquero y la baja temperatura detuvo su carrera, escarchándolo; llegaron las nieves del invierno y cubrieron su cuerpo, hasta que el verano hizo retumbar los hielos despedazándolos, y el yagán, adosado a un témpano, salió a vagar como un extraño fantasma de esos mares” (C1, 49).

Seja por acidente ou pelo fato de não possuírem um teto onde viver, os desabrigados, que fazem frente às extremas condições climáticas da Patagônia, podem ser considerados condenados à morte. Aqui se estabelece uma marca entre as personagens de Coloane e a vida real na região. O autor dá prioridade ao relato dos homens sozinhos, aqueles que percorrem rotas erráticas pelo território da Patagônia; a realidade dessa região é um processo de consolidação dos assentamentos urbanos existentes pela necessidade de oferecer algum grau de conforto para suportar os rigores do clima austral.

O efeito do congelamento permite entender que Lucrecia “no se escapaba del rancho sólo porque habría encontrado una horrible muerte en la estepa helada” (C1, 36). Tanto a mulher como Denis viviam isolados num posto remoto

da estância. No entanto, ela acabou sendo morta por ele. O gelo e a neve ajudam a esconder os mortos, permitindo o livre curso da impunidade aos assassinos que fogem tranquilos, pois sabem que nessas terras “¡Si desaparecen tantos!” (C3); os corpos somente são encontrados na primavera, quando os gelos se derretem. Homens solitários acabam por sucumbir, quando sua condição errante se entrechoca com o poder da natureza. Tal fato aconteceu em Punta Arenas com um marinheiro, abandonado por todos. Sabe-se que: “Una madrugada lo encontraron [a Foster] helado dentro de una pequeña cueva que la erosión había hecho en los acantilados que queda en la afueras del puerto” (C3, 385). A imagem das águas que destroem, pela ação do gelo e da neve, permite dimensionar as tragédias daqueles indivíduos que se vêm isolados e paralisados na vida, em percursos erráticos que os afastam da sociedade.

## **As Enchentes**

A movimentação cíclica das águas fluviais na parte leste de Marajó ocasiona as enchentes anuais que alagam grande parte dos campos e pastos da ilha<sup>42</sup>. Essas águas são acrescidas pelas intensas chuvas que, juntas, se acumulam nas partes mais baixas dos terrenos até cobrir quase tudo. Tal fenômeno é recorrente, e altera a natureza de forma progressiva, sempre causando a destruição, como aponta CUNHA (1976) e como pode ser depreendido dos excertos: “o rio cheio passava depressa puxado pelas águas novas da enchente” (R1, 317) e em “Era no inverno, com a força das águas descendo, desciam também os ‘barrancos’ como os penachos de canarana e os anus muito pretos pulando” (R3, 346). Nessa sorte de aluvião que toma conta dos campos, o habitante observa as mudanças e as percebe na própria pele. Tudo fica molhado, até as roupas que não secam: “Eu enxugo no ferro as roupas molhadas da água” (R3, 223). A água bate nas portas das casas e as partes mais baixas ficam todas alagadas<sup>43</sup> como ocorre todos os anos.

Somente os “tesos”<sup>44</sup> naturais e artificiais conseguem permanecer enxutos, concentrando sobre eles os moradores, os pertences, o gado e o resto dos

---

<sup>42</sup> Acrescente-se que “a ilha de Marajó é prejudicada por esse clima de apenas duas estações por ano, principalmente pela forte seca e pela chuva. O verão, por exemplo, é bravo: o solo pouco a pouco vai secando, rachando, tornando-se árido e duro, proporcionando a formação das torroadas (sulcos e alteamentos dos terrenos). No inverno as cheias fazem aumentar o volume de água dos rios, provocando as enchentes. Devido às dificuldades de escoamento da água, a ilha é inundada em mais de dois terços de sua superfície.” (MIRANDA, 1987, p. 47).

<sup>43</sup> Este autor teve ocasião de visitar a cidade de Marabá antiga, que fica sob das águas do rio Tocantins na época das cheias do rio, e que os habitantes devem abandonar periodicamente.

animais. As moradias e estábulos são construídos sobre pilotis, fazendo com que se transformem em verdadeiras ilhas quando as águas sobem lentamente. Por isso, a existência do trapiche e do jirau como extensões do espaço familiar. Acostumados a brincar ali, as crianças podem cair, se afogar ou ser presas de jacarés, cobras, piranhas ou poraquês. A atenção precisa ser redobrada, o que não aconteceu com: “aquele filho que desceu a escada e caiu na maré debaixo do jirau. Maré cheia. Ela estava ardendo em febre no quarto da palhoça (...) e sucuriyu levando” (R1, 252). A criança era o primeiro filho de Dona Amélia, que ao longo do tempo nunca aceitou o acidente e continuamente se culpava por sua morte. Dali se entende os cuidados que ela tem com Alfredo. Veja-se o pensar dela: “podia cair outra vez no poço, cair no rio, podia acontecer que morresse nas águas que as grandes chuvas trazem para Cachoeira em março” (R1, 119). A percepção do perigo existente nas águas aumenta quando as enchentes chegam.

O isolamento é percebido pelos habitantes e ele representa, para as personagens das narrativas, motivo de discórdia e brigas, quando são confinadas dentro das casas. As atividades cotidianas ficam restritas de modo geral e a convivência permanente reabre as velhas feridas, criando mágoas e gerando desentendimentos. A sensação de se estar ilhado pelas águas se associa com os

---

<sup>44</sup> Tesos: s.m. parte elevada de um terreno alagado, ou parte seca do terreno, servindo de divisória para duas outras partes encharcadas do mesmo terreno (ASSIS, 1992, p. 185). Completa-se que eles são: “porções altas, geralmente não inundadas pela cheia, tendo por contraste as baixas, várzeas ou igapós, quebrando a extrema horizontabilidade do terreno. Os indígenas aproveitavam essas pequenas elevações, exatamente por estarem quase sempre intactas às águas, para, aumentando-as com aterros artificiais, sepultar os mortos.” (MIRANDA, 1976, p. 23).

problemas no grupo social, especialmente na família, mesmo que estes sejam passageiros e ilusórios. A imaginação do menino o leva perceber que:

“Feito uma ilha nos campos cheios, defronte do rio cheio, o chalé ficava mais distante do mundo, mais longe da cidade, parecia boiar nas águas e se perder pelos campos, desaparecer pelos lagos. Alfredo sentia uma vontade de chorar, de gritar, de perguntar a Eutanázio: Por que tu não morres? Uma vontade de lutar contra tudo que conspirava contra ele, que lhe fechava o caminho do colégio, da cidade, o caminho do mundo” (R1, 398).

Já se observou que essas águas têm movimentos cíclicos; portanto, quando estas voltam a baixar gradualmente, as personagens se sentem aliviadas. Depois, tudo volta ao normal, quando: “Baixavam as águas do Arari que, se encolhendo, dava a impressão de que os campos de ambas as margens se fundiam” (R3, 268). Tem-se a impressão de que o narrador faz falar o rio através dos sentidos, de forma a abrir espaço para sua íntima vontade de recomeçar um novo ciclo; “diminuir as distâncias”, “encolher” e “fundir” são termos que expressam esse campo de idéias.

As águas em movimento permanente são representadas pelas flutuações das marés, que duas vezes ao dia sobem e descem pelos rios, canais e igarapés graças ao efeito da lua sobre o oceano. Os ribeirinhos da Amazônia aproveitam esses movimentos da maré para favorecer suas viagens, desenvolvendo um conhecimento prático das águas. As águas também despertam os sentidos, criando um mundo complexo de sensações que se integram na vida das personagens. O resultado é uma mescla que se pode exemplificar em:

“A maré, sob o rumor monótono do remo, enchia, com o cheiro do lodo e do mangue, cheiro das velhas cobras mães de rio quando dormem. Mas era também o cheiro da mulher que viajava, do desconhecido que havia nela, pois, preta, silenciosa e cheia como o rio, ia sentindo no ventre os primeiro (sic) movimentos do filho” (R3, 266).

Em Muaná, Major Alberto conheceu Amélia, com quem passou a conviver. Os rumores surdos da natureza, percebidos quase inconscientemente, o fazem voltar ao início dessa relação, associando o murmúrio da maré subindo e a chegada da companheira, ambas silenciosas e se fazendo presentes lentamente em sua vida.

O contato social se reduz quando acontecem as enchentes, ao mesmo tempo em que os riscos de doenças contagiosas e mortes por acidentes aumentam. A repetição cíclica dessas condições representa uma vantagem para os indivíduos, que podem acumular a experiência dos anos anteriores, para conviver com as enchentes e contornar seus efeitos. A personagem Major Alberto tem consciência de que quando: “A chuva se prepara. Cachoeira vai ficar toda sumida na chuva. Era preciso mandar fazer a ponte” (R1, 385). Observou-se nos relatos que as personagens criadas por Dalcídio Jurandir encontram-se entre as que incorporam mudanças culturais e aprendem a conviver com as águas.

A estrutura familiar possibilita o ensino das normas de convívio com a natureza, permitindo às crianças aplicá-las em suas brincadeiras. No entanto, é preciso um longo aprendizado para dominar técnicas como as da navegação e

existem inúmeros perigos que a família ajuda a superar. Foi o que aconteceu em R3 com o protagonista e sua amiga Andreza. O relato conta que:

“A montaria descia na correnteza como palmeira de bubuia (...) Alfredo manjava o remo com certa dificuldade (...) rebentou no fim do estirão, sendo possível ver o fio da espuma na crista da onda barrenta que avançava pela margem esquerda, como um punho fechado. Um movimento de assombro e de pânico assaltou o menino na montaria sem direção” (R3, 349).

Em outra parte do texto encontram-se a referência àqueles meninos que, remando em uma pequena canoa, acompanham o funeral do pai, descendo pelo rio até o cemitério. O ensino de crianças, no sentido de tomar cuidado com os perigos existentes nas águas, não impede que elas brinquem e se divirtam saltando, nadando e boiando, na alegria que ela propicia. Essas águas lúdicas da infância permitem aprender as lições para sobreviver na vida.

As enchentes se caracterizam por arrastar nas águas tudo aquilo que se encontra pela frente. “No lago Arari, Ormindá viu de repente a água crescer em torno da palhoça e em toda a beirada” (R2, 260). Essa violência característica das águas em movimento se registra nas narrativas dos autores e diante dela as personagens não conseguem se opor, por ser inútil e também temerário. Elas são vítimas da contingência que as colocou no caminho das águas e vêem suas vidas serem transformadas em segundos.

“Lo que sucedió fue que un año el sol reverberó como nunca ocurre en estas regiones, a tal punto que las nieves se derritieron hasta las costras eternas de la edad glacial (...) ¡todo había sido arrasado!” (C3, 418).

Como consequência, essas personagens procuram reagir diante dos fatos de formas diversas, ainda que com um sentimento comum de silenciosa angústia ao tentarem explicar os caminhos pelos quais o destino os conduziu.

“O lago se espalhou pelos campos, comeu as lonjuras, ilhou as palhoças, bateu de leve debaixo dos jiraus, espiando o sono dos pobres. Caiu então um silêncio de princípio de mundo em que os homens se misturavam com os bichos deslizando nas águas e na lama, na espuma das enxurradas e na folha dos morurés” (R2, 261).

No relato, a presença das águas arrastando tudo trazem a destruição para aqueles empreendimentos que o homem desenvolve. Os cultivos, os animais de criação como porcos e galinhas, as benfeitorias que se realizaram durante o ano ficam a mercê das águas. Só restam as choças e as cabanas que estão acima do seu nível máximo, e a certeza de que um dia baixaram, pouco a pouco para tudo recomeçar num ciclo que todo ano se repete. As águas funcionam aqui como castigo.

### **Outras Águas**

Na vida cotidiana existe uma dimensão corpórea que as águas assumem, que se manifesta naquela que bebemos e nos humores do corpo humano. Sob

formas diversas essas águas compartilham uma parte da individualidade de cada homem, que vai sendo criada ao longo do tempo no trato diário que os indivíduos têm com elas. A água que bebemos é a água boa; ela aplaca a sede e serve para aliviar o cansaço. Para consegui-la, pode-se fazer os esforços mais importantes, pois ela é insubstituível. A personagem Alfredo sacia sua sede com: “a água fria na cuia da casa da siá Águeda. Ia de propósito por lá para tomar água. Uma cuia cheia. Que água! (...) Aquela água fazia esquecer” (R1, 249). Quando ela falta, percebe-se a importância que ela tem para cada um; dessa forma, a partir da experiência de sua escassez, torna-se imprescindível gerar algumas mudanças em seu consumo e no cuidado por evitar o desperdício. Como os espaços naturais de Marajó e da Patagônia apresentam, ao menos em princípio, abundância do recurso água, é importante observar que a falta dela também pode ocorrer em ambos os territórios.

Na época das secas, correspondente ao verão amazônico, o rigor do clima quente tem por efeito a falta de água. Nos lugares mais baixos e nos pequenos rios ela desaparece. A vegetação fica seca e o gado morre de fome e sede (MIRANDA, 1976). A disputa pelos recursos escassos das águas, feita pelos donos das fazendas por donde elas passam com os ribeirinhos de rios e lagos secos, acaba por gerar conflitos contínuos e violentos. Tal situação se narra em: [Coronel Coutinho:] “Proibindo que os pescadores armem feitorias na beirada do rio que passa pelas suas fazendas. – Mas é legal? (...) Missunga ouve o pai argumentando contra os pescadores. A beirada pertence às suas fazendas” (R2, 213-214). O drama dos habitantes ribeirinhos que não podem subsistir por falta de

água e de pesca os coloca em conflitos permanentes, não somente com os fazendeiros e com seus interesses econômicos, mas também com os poderes políticos e administrativos estabelecidos; cada violação dos direitos desses despossuídos é solapada e silenciada pelo sistema que impera na região.

As águas correntes na Patagônia podem congelar, no inverno austral, sob o efeito das baixas temperaturas que acontecem por toda a região. Na vertente oriental dos Andes e por toda a estepe os cursos d'água servem para prover de água potável as pequenas comunidades e postos de fazendas espalhadas pelo extenso território. Quando desce a temperatura nos cursos d'água formam-se crostas de *escarcha* (geada branca) que endurecem cada vez mais, até que a totalidade das águas se congela. Colabora para esse efeito o fato desses rios apresentarem pendentes mínimas e, também, que seus leitos sejam abertos demais aos ventos do oeste, o que faz baixar ainda mais a temperatura. Para os primeiros habitantes, os indígenas *onas* e *tehuelches*, a solução estava em consumir a neve.

O corpo humano libera humores que tem significados diversos, associados às respectivas funções orgânicas. Algumas delas servem de sinais para manifestar os sentimentos nos que embarcam as pessoas, constituindo-se em linguagem dos afetos e desafetos. Tanto chorar de tristeza quanto urinar por causa do medo são consideradas condutas socialmente decodificadas e estão amplamente difundidas. Assim, as personagens apresentam nos relatos essas mensagens sem palavras que surgem através das águas do corpo. Como se pode observar na primeira parte da pesquisa, o choro, o suor, o cuspe e outras formas

de secreções pontuam a vida das personagens; veja-se, por exemplo: “Marialva chorou muito (...) Chorou muito” (R3, 266); [Alfredo] “caiu na rede aos soluços” (R3, 294).

Os sentimentos e os instintos prevalecem como as causas que originam tais reações orgânicas, que se caracterizam por ser, quase sempre, involuntárias e intensas. “Andreza interrompeu-se com os soluços que faziam estremecer a rede. Suas lágrimas caíam sobre o lençol” (R3, 307). Assim como a dor, o sentimento intenso do medo e do pavor quando se percebe aquilo que não se espera produzem no corpo humano o suor e os tremores. Coloane conta que o assassino pensou ver a face da vítima e: “tiritita, mientras gruesas gotas de sudor le resbalan por la sien” (C3, 439). Observou-se que esse suor é uma reação ao pavor, que acontece num caminho da estepe, em pleno e rigoroso inverno. Também o fugitivo Schaeffer encontra areias com ouro e se emociona: “Se restregó los ojos, no ya para dejar de ver visiones, sino porque lloraban. Hacía muchos años que no lloraban aquellos ojos.” (R2, 328). Conclui-se que as reações involuntárias do corpo humano delatam os sentimentos que pensamos esconder dos outros.

O contrário também acontece, quando o comportamento carrega um simbolismo reconhecido pela comunidade. Relata-se em R3 a conduta de Dona Amélia, quando soube quem a tinha difamado. Sem se importar com a presença do filho, ela dá vazão à raiva acumulada e cospe forte e grossamente na cara de Dona Finoca, que estava na janela de sua casa, na noite de São Marçal. O momento desse revide foi longamente esperado pela mãe de Alfredo, que se

aproveita da primeira ocasião para manifestar seu desprezo. A cusparada na cara da outra a deixou vingada, de alma lavada, e, sem mediar palavras inúteis, sua resposta foi reconhecida pela sociedade local.

Assim como existe um ditado no qual diz-se que as lágrimas lavam a alma, o corpo precisa da água para se limpar, para remover as impurezas do caminho, e, sob uma forma mais genérica, também para se purificar. O exemplo a seguir permite verificar que a purificação pelas águas vertidas é uma necessidade da alma humana. Em sua casa, Lucíola: “Foi lavar as mãos como se fosse também lavar a alma para enfiar o vestido (...) enxugando as mãos numa velha toalha encardida, a enxugar no intimo as lágrimas que deixava de chorar” (R3, 320). Tanto para a alma, como para o corpo, a limpeza feita com água proporciona bem estar, podendo se transformar em objeto de desejo, volúpia quiçá. Observe-se que “Eutanázio sente o peso do sujo no corpo, a vontade dum banho. Como dormiria, talvez, depois dum banho!”(R1, 192). Seja para se purificar ou por puro desejo, as águas e o banho são benéficas para o homem.

A conduta de se lavar o corpo, ou de tomar banho nas águas por imersão está aberta a variadas interpretações culturais. Em diversas religiões, elas podem assumir significados diversos, tais como a renovação, a purificação, a maioridade e vários outros. Entretanto, interessa aqui apontar a estreita relação que as águas têm com a saúde e a beleza. Já se mencionou, no primeiro capítulo, a importância do banho na cultura do caboclo amazônico e seus efeitos benéficos para o corpo e a alma. As tisanas, infusões, chás de ervas e lavagens estão incorporadas entre as técnicas utilizadas pela medicina alternativa, desenvolvida em Marajó pelos

pajés e benzedeadas. Como exemplo da farmacopéia natural, se relata o seguinte remédio para curar urina solta: “o chá da folha de cana fístula com folha de graviola e raiz de mucajá<sup>45</sup>. Ferver. Tomar sete litros durante o dia no prazo de setenta e cinco dias. Deus nos acuda!” (GALLO, 1992, p. 202). A personagem Amélia, que atendia os pobres que a procuravam, aplica em sua filha uma lavagem para baixar a febre que a consome. No quarto, junto ao pai, ela usa a água:

Precisava preparar uma lavagem (...) – Um banho, psiu. [fala Major Alberto] Um banho... D.Amélia trouxe o irrigador cheio que Major suspendeu junto à parede. Com a filha de braços em seu colo, pediu que Marcelina segurasse as pernas da menina e foi feita a lavagem” (R3, 207).

O resultado não foi o esperado e a criança acaba por morrer horas depois, para consternação da família. Os saberes populares que servem para curar as doenças têm a presença das águas, sob diversas formas e misturas, e contam com a fé da população em seus poderes. São as águas boas.

### **Águas da Introspecção**

Para concluir, observou-se uma propensão à introspecção que as águas provocam nos seres humanos; sejam as águas calmas de um lago ou as águas correntes de um rio, essa condição parece ser comum a todas elas. É certo que esta dimensão das águas necessita de certa disposição particular da parte dos

---

<sup>45</sup> Mucajá: “s.m. fruto da *Beronia sclerocarpa* Mart.; palmeira que cresce isolada e espontaneamente em lugares abandonados, com poucos espinhos no tronco.” (ASSIS, 1992, p. 126).

indivíduos. MALIGO (1992), ao se referir ao texto dalcidiano, expõe que a relação entre a personagem e o rio simboliza um esclarecimento do estado de espírito daquela, e que sua construção se faz à medida que a trama se desenvolve. Nessa situação se encontra Alfredo, a personagem de R1 e R3. As dúvidas e angústias que acompanham o menino durante a sua vida em Cachoeira são espelhadas pelo rio [Arari]. Parece que, a cada volta do rio, aumentavam-se seus questionamentos. Quando não encontra respostas com os adultos da família, apela para seu mundo imaginário, e usa o “carozinho”, <sup>46</sup> escolhido no tanque d'água.

Fica evidente que estas águas têm poder sobre a personagem, atribuídas por este quando ele se empenha em descobrir os motivos de tudo aquilo que não entende. O rio personifica a natureza desconhecida que habita dentro dele, os sentimentos contraditórios que o dividem e o domínio do destino futuro. Tudo isso passa a ser percebido por intuição, já que cada um dos encontros com o rio traz novas surpresas para sua consciência. Foi o que aconteceu quando: “Olhou o rio que se fechava na curva como se lhe dissesse: Por mim não sairás de Cachoeira” (R3, 219). A disposição anímica da personagem colabora para essa identificação, já que conduz a consciência pelos caminhos do devaneio, do sonho ou do vôo imaginativo.

---

<sup>46</sup> ASSIS publicou um trabalho sobre o assunto, intitulado “*Dalcídio Jurandir, uma leitura do caroço de tucumã: vias de sonho e fantasia*”, em que discute a realidade mágica desse artifício na vida da personagem Alfredo. (REVISTA, n.8).

Seja como for, a presença das águas estimula uma comunicação do eu com aqueles setores mais profundos de si mesmo, o que conduz as personagens das narrativas a refletir diante delas. A disposição para pensar sobre aquilo que importa é estimulada pela presença da água, sobretudo em ambientes naturais. A força e o movimento podem promover os devaneios, da mesma forma que sua superfície lisa e espelhada libera as travas do pensamento. Para Alfredo, seu refugio estava sob a casa, entre os pilotis, pois ali:

“O tanque cheio refletiu o seu rosto magro, os olhos muito abertos, refletindo também a sua solidão, a vergonha dos fracassos, a fadiga depois de tantas tentativas secretas (...) fez barquinhos de papel flutuarem em várias e misteriosas direções. Para onde iriam? Não tinham saídas nem portos para ancorar, a não ser que mergulhassem por dentro da terra e saíssem depois lá no rio” (R3, 308).

Ele escuta os passos da família caminhando pela casa, bem como as brigas dos pais e os silêncios, mais pesados ainda. Ele imagina uma rota de fuga pelo rio para seus barquinhos ou para ele mesmo? A leitura atenta ratifica a idéia de um processo de construção da identidade que inclui as águas, como explicou MALIGO (1992). Ao conferir o conjunto do “Ciclo do Extremo Norte” sob o prisma da personagem Alfredo, ele nos é apresentado como um menino, pré-adolescente, que sofre as vicissitudes de uma família em crise e de um sistema social que privilegia o poder econômico; para logo viajar a Belém, cidade que é descrita pela imaginação da personagem adolescente junto com as imagens de um narrador que acompanha a gradual estagnação da cidade, na época após *belle époque*. A

situação do jovem se agrava, pela necessidade de trabalhar, largando assim os estudos e os sonhos, para fechar o ciclo com a saída da cidade e sua nova vida de empregado público numa vila de interior. As águas nunca abandonam a personagem em sua função simbólica, pois ele vai pela vida como aquele rio que flui num *continuum*, por ela sendo levado.

Em particular, elas podem refletir a imagem que nunca vemos, a do verdadeiro eu, que se oculta sob máscaras que na vida cotidiana as personagens utilizam. Seria no confronto ou aproximação junto às águas que essas máscaras caem. No texto: [Major Alberto] “contemplou o rio como se contemplasse o outro rio, o de sua vida, distante e obscuro, descendo do seu passado” (R3, 268). Aqui se percebe que a metáfora do rio, entendida como uma viagem, se vincula ao tempo. O rio leva a personagem ao passado, a uma retrospectiva que pode ser uma forma de conhecimento de si mesma.

O tema da introspecção, essa reflexão que o ser humano realiza de sua experiência, de seu íntimo; desde a Antiguidade clássica apresenta vinculações com a presença da água. O mito de Narciso é um exemplo da presença da água na formação da personalidade do ser humano. Ao refletir o próprio rosto, o indivíduo defronta-se com seu íntimo, e se re-conhece espelhado nas águas.

Porém, o reflexo nas águas faz parte de um processo permanente de perguntas e respostas e de construção de conhecimentos. A contemplação poderia ter um efeito paralisante, de auto-encantamento, se não fosse pela dinâmica própria das águas que fluem num *continuum*, em movimentos cíclicos. Exatamente isso é o que se depreende do seguinte excerto: “Alfredo abriu o

tanque, a água foi escoando como de sua alma se escoavam os sonhos e os desejos naquela tarde” (R3, 309). Ali, o mundo interior assume as características da água que escorre, e pode ser percebido através da imagem da limpeza, da purificação e do abandono. A simbologia das águas, tão antiga e produtiva em imagens, ajuda a compreender a importância da contemplação para a alma humana, através das personagens que por meio dela vinculam às águas seus próprios destinos.

- v -

Sem esgotar as possibilidades de análise, os pontos acima observados permitem concluir que a presença da água na vida cotidiana é importante para as personagens das narrativas, que são representações ficcionais das relações existentes entre indivíduos e águas como elemento natural. Essa importância radica no fato de o elemento água funcionar como representação da personalidade e agente de mudanças na conduta dessas personagens – por vezes, significando a diferença entre a vida e a morte.

### 3.2 RELAÇÕES NAS ATIVIDADES DA PESCA

Ao longo do tempo, o homem tem procurado seu sustento e o de seu grupo na natureza. As atividades dos coletores de sementes, frutos, fungos, ovos,

mariscos e outros produtos se encontram entre as mais antigas da humanidade, sendo que até hoje são importantes fontes de alimentação para milhões de pessoas em diversos lugares do mundo. Uma outra forma de sustento para as populações consiste na caça e pesca de diversas espécies de mamíferos, aves, anfíbios, répteis e peixes. Todas essas atividades, que tem uma origem comum na necessidade de fornecer alimento ao homem, evoluíram progressivamente ao longo dos tempos e alcançaram uma grande especificidade, e em alguns casos, diversos graus de sofisticação.

Nas ilhas que formam o arquipélago de Marajó, no Brasil, e os arquipélagos de Chonos, Chiloé, Guaitecas, no Chile, os seus habitantes desenvolvem atividades de pesca e colheita de mariscos como uma importante forma de subsistência. Pesquisas arqueológicas e antropológicas realizadas em alguns sítios (Camotins, Conchales e sarnanvis) têm permitido estabelecer que populações de indígenas que ocupavam essas áreas do litoral das ilhas em tempos remotos desenvolviam esses tipos de atividades, com algum grau de especificidade nas técnicas de pesca. Com o passar dos anos, as populações das ilhas aperfeiçoaram suas técnicas de pesca e colheitas, até alcançar o patamar que hoje pode ser observado nas culturas dos ilhéus.

Em Marajó observa-se uma atividade de pesca nas suas águas interiores, que estão constituídas por seus rios, lagos, alagadiços e poções formados durante

a época das cheias<sup>47</sup>. Missunga, o protagonista de *Marajó*, pergunta-se pela fartura lendária daquele rio:

“– Mas o Arari não é o rio do pirarucu, do peixe boi, do tambaqui e das capivaras? E as grandes pescadas?”. Mais adiante, o narrador explica que “Missunga chegara ao fim da safra. De setembro a janeiro, povo de Cachoeira, Anajás, Baixo Arari, Soure, Ponte de Pedras, arma barracas nas margens do Arari e do lago. São as feitorias”.(R2, 211).

Importante destacar que a fama da fartura do rio, traz incorporada uma idéia de que a natureza é provedora dos alimentos para os homens, uma percepção de que existia um equilíbrio entre os homens e as águas. De forma semelhante, verificam-se atividades de pesca em outros rios e em inúmeras pequenas lagunas, que rapidamente vão secando.<sup>48</sup>

Existe no litoral dessa ilha uma outra forma de pesca, de caráter permanente ao longo do ano, e que tem como objetivo a captura de peixes do mar, espécies que se encontram tanto na costa norte (Contracosta) quanto na costa sul da ilha de Marajó (Baía de Marajó).<sup>49</sup> As duas formas de pesca são

---

<sup>47</sup> Durante essa época, ocorre a piracema, permitindo que os peixes se reproduzam nas cabeceiras dos rios. Quando as águas descem, muitos peixes descem com elas, até os poções dos rios ou até o lago Arari. As atividades de pesca ocorrem nesse momento, e concentram muitos habitantes dos arredores e outros de lugares mais distantes, transformando o lugar em entreposto de comercialização do peixe colhido e preparado de imediato, moqueado ou salgado.

<sup>48</sup> Ali se encontram os peixes de “lama”, como bagres. A pesca termina no início da estação seca, quando os peixes restantes fogem para as águas da baía. Soma-se a pesca de camarões por médio de maçaquara ou tarrafas. Os moradores da região iniciam o período de caça nas matas e balcedos da região, deslocando-se para pontos distantes por vários dias.

empregadas tradicionalmente pelos ilhéus como forma de subsistência, e por vezes, geram estoques que são trocados por outros produtos nas feiras locais. Uma terceira forma de pesca se verifica em Marajó; corresponde à pesca industrial de diversas espécies de peixes de valor comercial (pescada, tucunaré, etc) encontradas tanto em águas interiores quanto no litoral e, de preferência, em águas oceânicas frente à ilha.<sup>50</sup>

A atividade de pesca tem progredido em volume na região de Marajó durante o século XX, transformando-se em uma atividade econômica importante. Assim, construiu-se uma cadeia produtiva que agrega valor ao peixe obtido nas águas da ilha, o qual é vendido a atravessadores que o revendem ao mercado atacadista, chegando aos comércios de Belém do outro lado da baía, e dali, a outros Estados do país. No extremo ponto inicial da cadeia, os habitantes das vilas e lugares à beira do lago Arari realizam as atividades da pesca sem condições que favoreçam a superação das dificuldades dessas tarefas. Embarcações, combustível, aviamentos e materiais de pesca são entregues aos pescadores pelos donos das “geleiras”, por conta do peixe que será pescado.

---

<sup>49</sup> Tal atividade utiliza uma técnica denominada de “curral”, à semelhança do que acontece em diversos pontos do litoral norte do Brasil. Ela consiste na construção de estruturas de madeira fincadas na areia das praias, na forma de V ou de curral, fechadas por redes de pesca, onde os peixes entram durante a maré alta, ficando presos quando as águas baixam. Nesse momento ocorre a “colheita” dos pescadores.

<sup>50</sup> A pesca industrial opera durante todo o ano, usando redes de arrastão para a captura em alto mar, produzindo a perda de todo aquele produto que não tem valor comercial. Ao mesmo tempo, os barcos “geleiras” navegam por todo o litoral e os rios comprando o produto da pesca artesanal, o qual é conservado nas suas bodegas com gelo, para ser transportado até as indústrias de processamento em cidades da região, como Belém.

Essa situação é uma forma de exploração econômica e social desse grupo de habitantes de Marajó, uma escravidão disfarçada quando as contas dos pescadores nunca são pagas com o trabalho realizado na temporada de pesca. Após ela, e sem alternativas de trabalho remunerado, esses pescadores se vêm obrigados a contrair novas dívidas com comerciantes e donos de “geleiras”. Dalcídio Jurandir apresenta esta situação na vida de seus personagens, quando comenta Sinhuca Arregalado: “tinha um balcão, um borrador e o pulso de todo os pescadores do lago...” (R2, p.212) As injustiças que essa situação produz no seio dos habitantes de Marajó se traduzem em conflitos entre atores sociais, ainda não resolvidos definitivamente. Por diversas vezes na história social recente da ilha, grupos de pescadores se revoltaram contra essa forma de opressão e procuraram reivindicar sua autonomia. Acordos parciais que solucionaram situações pontuais de conflitos hoje vêm adiando uma tomada de posição das autoridades competentes sobre os problemas existentes entre a pesca artesanal e a pesca industrial, na ilha de Marajó.

A pesca desenvolvida na região austral do Chile apresenta-se como uma atividade importante para a economia de subsistência das comunidades locais, aproveitando a presença de grandes cardumes de peixes nos canais, baías e seios da região. As tribos de chonos e alacalufes, primeiros habitantes dessas regiões, já a praticavam desde há muito tempo. No século XIX, durante a colonização européia da zona austral, a vinda de imigrantes croatas e espanhóis possibilitou o aperfeiçoamento das técnicas de pesca artesanal utilizadas. Ao mesmo tempo, iniciou-se a caça da baleia em águas chilenas, atividade que

alcança grande desenvolvimento tecnológico durante a segunda metade do século XX. O emprego de barcos fatorias para a captura dos cetáceos em alto mar conjuga-se com a presença de portos e indústrias localizadas em pontos-chave da região, investimentos que contaram com capitais estrangeiros e que utilizam tecnologia de ponta para o aproveitamento integral desses animais.

Associado com a pesca, a colheita de mariscos e crustáceos é uma forma importante de atividade econômica. Por séculos, os índios huilliches e chonos que habitaram Chiloé e as ilhas Guaitecas, e depois os ilhéus, têm subsistido da colheita de mariscos, realizada nas praias dos canais, no momento de maré baixa. Coloane explica que os arquipélagos “...van desde el canal de Chacao hasta el golfo de Penas, travesía que surcaba el capitán y su gente buceando trás choros ‘zapatos’, cholgas y otros víveres...” (C2, p.192) <sup>51</sup> .

A abundância desses recursos permitiu a instalação de fábricas de conservas de mariscos, localizadas em alguns pontos da costa da região de Chiloé, e também de Magallanes e de Aysén, por meio de incentivos fiscais nas décadas de sessenta e setenta.<sup>52</sup> Junto disso, políticas estatais do governo central

---

<sup>51</sup> Quando a maré desce vários metros de altura, o mar recolhe dezenas de metros deixando semi-expostos mariscos, que são retirados com a ponta de um pau, às vezes concorrendo com grupos de porcos que também se abaixam para comê-los. Esses catadores também extraem mariscos fixados nas rochas que conformam as costas de ilhas e canais. Eles aproveitam a baixa-mar para coletá-los, escolhendo aqueles de maior tamanho, permitindo que os menores consigam crescer.

<sup>52</sup> Esses lugares se abasteciam com as colheitas mensais realizadas pelos ilhéus, os quais precisavam ir cada vez mais longe para colher os mariscos, uma vez que estes acabaram, por causa dos bancos de criação existentes nos arredores das fábricas. Na atualidade, a diminuição radical dos recursos aquíferos reduziu a atividade industrial de capital local, com fábricas fechadas (Contao, Rolecha, Calbuco, Castro), situação que prejudica a vida dos ilhéus ao não mais contarem com essa fonte de trabalho e divisas.

chileno e de governos municipais têm incentivado o cultivo de algumas espécies, como *choros zapatos*, *ostras* e salmão de mar, no intento de desenvolver uma atividade econômica viável para as comunidades austrais.<sup>53</sup> O fundo do mar também tem sido explorado para a extração de moluscos e crustáceos. Em Magallanes se desenvolve a indústria da *centolla*, crustáceo de águas frias cuja carne macia e de paladar delicado é altamente apreciada. Já nos canais de Chiloé e outros arquipélagos realiza-se a extração do *erizo de mar* e do *piure*, muito apreciados na gastronomia regional.<sup>54</sup> Todo esse esforço da parte dos ilhéus não é compensado com o valor de venda do produto, que se comercializa em sua maior parte nos portos de Calbuco, Puerto Montt, Ancud e Castro, lugares nos quais os atravessadores compram os mariscos a baixo preço, para posterior revenda. Em safras abundantes, parte do estoque pode ser conservado mediante técnicas ancestrais de defumação, que transformam os mariscos secos em

---

<sup>53</sup> A mais bem sucedida de todas tem sido a criação de peixes em pisciculturas, usando baías protegidas ou lagos da região austral. Utilizando tecnologia de ponta e capitais estrangeiros (Japão, Espanha), esses empreendimentos injetaram um novo movimento em algumas comunidades, com a contratação de mão-de-obra não especializada. A produção em média escala utiliza fábricas de processamento novas (Pto. Chacabuco, Pto. Natales, Pto. Aguirre) para elaborar produtos que satisfaçam mercados exigentes como o japonês.

<sup>54</sup> A extração é realizada por um mergulhador, que desce até o fundo rochoso do mar com uma cesta de arame, na qual deposita os mariscos que coleta, desgrudando-os das rochas e, depois de cheia, é içada até o bote, onde é descarregada, e enviada ao fundo do mar várias vezes. O mergulhador recebe ar para respirar através de uma bomba manual que se encontra operada por um tripulante do bote. Esse tipo de extração permite atingir profundidades de algumas dezenas de metros, restringindo a autonomia da atividade, o que gera uma série de mergulhos para realizar uma colheita rendosa.

complemento alimentar para o inverno das famílias. As *ristras* de *cholgas*, *choritos*, *piures* e *navajuelas* são encontradas no mercado de Angelmó.

O conhecimento geral dessas características da pesca na ilha de Marajó e nos canais austrais do Chile favorece uma compreensão do trabalho literário realizado pelos dois escritores estudados. Seja com ênfase no aspecto particular das tarefas de pesca, ou nos problemas e conflitos existentes nessa atividade, os dois escritores aproximam-se da vida das personagens mostrando a importância da água para elas.

— v —

Três aspectos da atividade de pesca são mais significativos, em relação às relações entre o homem e a natureza. Eles são: a) a existência de uma cultura da pesca; b) a definição de regras e normas de conduta, que delimitam os territórios de pesca; c) a exploração desmedida dos recursos por parte do homem, que colabora com a degradação do meio ambiente. Esses três aspectos vinculam a natureza, e o elemento água, com a atividade humana e com sua sobrevivência. Tais características podem ser observadas conjuntamente nas obras literárias estudadas. Tanto nos contos de Coloane quanto nos romances de Dalcídio Jurandir a vida de algumas personagens está vinculada estreitamente com a atividade de pesca e colheita de mariscos, e nessas atividades observa-se intensa relação com a água e suas forças naturais.

### **A Cultura da Pesca**

A cultura da pesca consiste no acúmulo de informações produzidas numa comunidade de pessoas que se dedicam a pescar. Possui relação com a escolha e produção dos meios que permitem fazer da pesca uma atividade eficiente. Também correspondem ao conhecimento empírico das condições propícias para a pesca nos rios, lagos e o mar, ao saber escolher as melhores opções e evitar os perigos existentes. Inclui, também, os procedimentos de preparo, manutenção e conservação dos peixes para venda ou consumo. Esses conhecimentos são produzidos no interior de cada comunidade, e dentro das famílias, passando de pais para filhos, num longo aprendizado que valoriza a sobrevivência dos indivíduos. Nesse sentido, cada dia de pesca resulta em uma prática do que se aprendeu anteriormente, sendo um teste do já conhecido e uma soma de novas situações. Na prática, a cultura da pesca se traduz numa escola da vida do pescador.

Coloane apresenta, no seu conto “A Loca de Rolecha”, uma experiência vital, que chega até nós pela boca de um narrador alheio aos costumes da localidade. Por causa de um *curanto*<sup>55</sup>, o grupo chega até a localidade de Rolecha, e observa no cais uma mulher jogando pedrinhas ao mar. Curioso, o narrador escuta a história dela: alimenta o mar todos os dias desde o dia que o

---

<sup>55</sup> *Curanto*: Se cava un hoyo en la tierra, de 15 cm de profundidad (cuya superficie depende de la cantidad de personas), dentro del cual se colocan piedras bochas (típica de los lagos sureños) que se calientan a rojo vivo en una hoguera. Sobre estas piedras se pone un colchón de hojas de nalca o maqui, y sobre éstas todos los ingredientes : carne de vaca, de cordero, de cerdo, pollos, chorizos, papas, batatas, manzanas y zapallos ahuecados rellenos con queso, crema y arvejas. Se vuelve a tapar todo con hojas, sobre las que se colocan lienzos húmedos para que no se pierda el calor y se cubre todo con abundante tierra, convirtiéndose de esta manera en un verdadero horno a presión. Cuando la cocción está lista comienzan a surgir de la tierra hilitos de humo. Cuando destapamos el curanto vemos brotar todos los alimentos perfectamente cocidos por el calor de las piedras. (CHILOÉ, 2003).

marido e o filho morreram no mar. Os três pescavam juntos, o marido ia ao fundo extrair mariscos, ela cuidava da bomba de ar e o filho colhia a cesta de mariscos. A tragédia aconteceu num dia em que o mar tornou-se violento e o bote era batido pelas ondas e o vento. O filho caiu ao mar e a mulher se jogou para salvá-lo, abandonando a bomba de ar. O comentário dos moradores do lugar é que ela perdeu o juízo como castigo por desobedecer a “*ley del buzo - primero el de abajo*”. Após desembarcar, e no encontro do narrador com a mulher, outra parte da história surge: ela encontrou na praia a caveira do filho, jogada pelas ondas, meses depois da tragédia, e colocou-a no quarto, com velas acesas. Agora ela vai ao mar, para alimentar o corpo do marido com pedacinhos de *milcao*, do qual ele tanto gostava. Ela falava disso sem mágoas, com uma tristeza e resignação de quem assume um destino trágico, e sabia que a chamavam de louca.

Existe uma dialética entre aparência e realidade neste conto, construído por Coloane sobre a tragédia e a cultura local; a transgressão da lei do mergulhador recebe sua punição, a loucura, a qual aos olhos da comunidade local serve para explicar o estranho comportamento da mulher. Através do diálogo descrito acima, percebemos como existe outra explicação para os fatos, impregnados de profunda dor e de amor pelos mortos, e como a viúva recria vínculos de luto com os falecidos para suportar a vida que continua sem a presença deles. Ela vai até a beira do mar, e joga o alimento na intenção de que o mar o leve até o corpo do mergulhador, agora preso no seu escafandro entre rochas e plantas marinhas no fundo do mar. A impossibilidade de ter um corpo morto enterrado no cemitério ao qual prantear, parece se compensar com essa conduta “de doida”. Coloane

retoma o tema do luto que se observa, também, nas cantigas de amigo da literatura galego-portuguesa, na qual a amada interroga ao mar, dia após dia, para saber do destino do amado que viajou, e morreu; luto que tem por meio material o mar.

Para a personagem Gaçaba (R2, 251) a sorte foi contrária: quando ele caiu no rio, perseguia um “boi teimoso e bravio [que] mergulhara na água lodenta, obrigando alguns vaqueiros a persegui-lo no casco pelo rio”. De nada serviu que ele fosse um dos melhores na sua profissão, que conhecesse todos os riscos de seu trabalho, e soubesse dos perigos [Gaçaba]:

“...tombou n`água (...) perto de um carañazal<sup>56</sup>. Após horas de embarque de gado, ele não aparece e Ormindá dá o alarme. Os vaqueiros “atiram tarrafas, espetam vara no leito do rio, lançam a linha dos anzóis, apalpam todo o fundo. As velhas aconselharam a vela de cera dentro de uma cuia que flutuou no rio. Onde parasse, ali estava o corpo do afogado” (R2, 251).

O desespero diante da tragédia abre espaço para saberes populares, construídos em torno da morte. Essa passagem da vela na cuia sobre as águas se repete, entre outros, no livro *Uma ponte na selva* (1986), de B. Traven (1890-1969), que narra os fatos de uma outra tragédia numa comunidade local mexicana, sob o olhar do estrangeiro (norte-americano).

Retomando a morte de Gaçaba, os homens continuam jogando as tarrafas no rio até quando:

“...as montarias se aproximavam e todos vêem surgir, devagar, à luz da lamparina, fisgado pelo anzol e trazido pela tarrafa, o tronco todo comido.

---

<sup>56</sup> Carañazal: “m.q. Carananzal: s.m. certa quantidade de plantação de caranazeiro ou de canarana.” (ASSIS, 1992, p. 49).

O sexo é um buraco. As coxas intactas. Logo, no meio dos fios rotos da tarrafa, a cabeça sem os cabelos, descascada. As piranhas penduravam-se no esqueleto, pingando sangue..."(R2, 253).

A situação macabra descrita pelo narrador se integra num quadro geral que apresenta a atividade da ferra do gado vacum, numa das fazendas do Capitão Guilherme, nas beiras do rio Arari. As cenas iniciais descritas pelo narrador, que acompanha as personagens Orminda e Ramiro, mostram a luta surda entre os donos e os empregados, cada um tirando partido das fraquezas do outro. É o caso de Gaçaba, vaqueiro que sabe seu ofício e propositadamente quebrava as pernas de novilhas quando laçadas; assim eram sacrificadas, sangradas e divididas entre os peões. Já o capitão tem fama de tacanho, e mantinha seus empregados com farelo de arroz e peixe seco podre.

A morte do vaqueiro no rio empestado de piranhas serve de clímax para o quadro narrado, abrindo espaço para uma meditação sobre a vida e a morte. O narrador acompanha o velório de Gaçaba, uma pobre palhoça onde sua velha mãe se mantém num canto; o corpo devorado já tinha sido enterrado. Ali chegam Ramiro e Orminda, que permanecem num canto e, de rosto no chão, conversam em voz baixa, entre as velhas que rodeiam a velha mãe na sua dor. O jovem Missunga aparece ali também para oferecer uma ajuda, criando ao mesmo tempo um reconhecimento do morto e desconforto entre os presentes.

O quadro descrito é dominado pela resignação, sentimento que embarga os mais pobres em todas as tragédias humanas. O olhar baixo e fixo ao chão, como procurando uma resposta para os fatos, predomina nos presentes. Orminda

escuta as palavras do colega, o criador das chulas populares, as histórias de algumas façanhas de Gaçaba, nas atividades da fazenda, na luta contra os perigos, como a caça dos jacarés-açu – ele havia prometido um couro para Orminda. A lembrança do finado ultrapassa o lugar de trabalho e recebe destaque seu caráter generoso e o modo como rezava as ladainhas em coro. Ninguém reclama, grita ou se revolta pelo absurdo dessa morte, menos ainda procura culpá-lo por seu infortúnio. De alguma forma, toda a comunidade reconhece a desgraça como um acidente, justamente porque todos sabem do perigo que radica nessas águas lodentas, cheias de piranhas e poraquês. Retoma-se aqui o valor da cultura da vida, das regras de aprendizado para sobreviver num meio adverso como os campos de Marajó. O binômio vida-e-morte completa-se, neste quadro, com uma passagem, bela na sua descrição, na qual se associa a vida com a água.

Acompanhamos o casal Orminda e Ramiro cavalgando na madrugada até a beira do lago (Arari); desenha-se uma atmosfera de criação do mundo, descrita como a vida nascendo a partir das águas: “apearam-se diante do lago e dos campos que a luz descobria (...) e o dia parecia nascer do fundo do lago” (R2, 250). Às sinestésias da cena observada, criada como se fosse um quadro vivo, se acrescentam: “...as virgens novilhas estavam amorosas e belas (...) os garrotes, babando, escuros e lentos avançaram e cobriram as novilhas espantadas...” (R2, 250). A água está presente para receber a luz, o nascer do sol, servindo de espelho para a claridade. Essa situação passiva da água complementa a passividade das novilhas, que são cobertas pelos machos. Nessa analogia a vida é celebrada e, mais importante, existem testemunhas para transmitir essa vida, pois o narrador nos

faz acompanhar do casal, que cavalga até a beira das águas, até alcançar um limite que poderia ser interpretado como uma liberação ou purificação.

O narrador confirma a idéia quando conclui o parágrafo, acrescentando: “no dia subindo, um vôo de garça tentava purificar a paisagem” (R2, 250-51). “Tentava”, porém, não permite a plenitude da purificação, a vida convive com a morte, como vemos na cena da morte de Gaçaba, que pode ser a de qualquer humilde trabalhador dos campos de Marajó.

Os exemplos anteriores da obra dalcidiana podem servir para confirmar as palavras de Pedro MALIGO (1992), no que se refere à representação da natureza:

“...a representação do ambiente natural implica uma troca com a personagem; ao contrário da literatura realista, na qual o conflito entre personagem e natureza era absoluto e determinístico, aqui é possível encontrar a sugestão que constrói aqueles dois elementos à medida que a trama é desenvolvida” (MALIGO, 1992, p.54).

Essa troca construída entre natureza e personagem utiliza a repetição como forma de aprofundar as relações. A morte de Gaçaba teve como prenúncio uma outra morte, em condições parecidas, e nos fatos também se descobre a ultrapassagem de uma norma, uma ação temerária que leva a personagem ao seu fim, pois a natureza não perdoa.

Em meio à noite, na beirada do rio, os pescadores lançam suas tarrafas enquanto as mulheres salgam o peixe nas feitorias. Um grito de alarme pára tudo, e os fochos de luz vão para o meio do rio, onde pela sexta vez mergulhou o filho de Manoel Camaleão para arrancar uma tarrafa atravessada nas pedras. Ele não voltou,

e “o cadáver boiou na enchente do rio ao pino do sol” (R2, 214). A cena toda é observada por Missunga, que se questiona: “Seria mesmo a fatalidade? Aquele rapaz teria que morrer... Inútil lutar contra aquele rio de peixe e lama (...) a morte estava naquele fundo de lama e pedras onde as tarrafas se deixavam prender...”. (R2, 214).

Em essas poucas linhas a narração recria um drama similar ao de Gaçaba, os fatos simples nos quais o “esquecimento do perigo” que existe nas águas do rio motivou a desgraça do pescador. No caso, à lama do rio que oculta o perigo, se soma o fato de ser noite, sem luz para ver; era “uma hora da manhã” quando do sexto mergulho, acrescenta o narrador.

As águas lamacentas do rio têm jacaré, têm piranhas, e só entregaram o corpo ao meio-dia. Depois, o enterro passa nessas mesmas águas, primeiro uma canoa com o caixão, outra com as mulheres, outras com os tarrafeadores. Eles levam os órfãos, nus, desamparados. A cena adquire uma certa singularidade aos olhos de Missunga, que observa tudo desde a beirada, enquanto Ramiro amassa o chapéu em silêncio. Pelo narrador sabemos que a família do morto já sofreu a morte da mãe, e a mulher estava grávida, deixando um velho pai e dois pequenos órfãos. Sobre o velho Camaleão se acrescenta que “...não mandava ensinar os filhos a assinar o nome porque pescador que aprende a ler fica panema, sem sorte nenhuma para a pesca...”.

À semelhança do caso anterior, existe um fato trágico que é observado desde dentro e desde fora da comunidade humilde. Neste caso, é privilegiado o olhar externo que é reforçado quando o narrador indica que Missunga olha o enterro passar pelo rio. Do alto da beirada, fora das águas, a personagem, filho do

Coronel, dá espaço aos seus sonhos messiânicos para se conder com a miséria do grupo afetado e se preocupar com a dor e os sentimentos desses humildes, que até de nome de pia carecem (o filho de Manoel Camaleão). Ele observa a vida correr nessas águas, a pesca no rio e a possibilidade de montar uma indústria, como também a morte, morte que talvez poderia ser evitada.

É justamente a mesma personagem que reflete sobre a fatalidade dos fatos: “Inútil lutar contra esse rio...”. Ele é o filho do dono, que tem estudos e viveu num mundo de experiências, nas quais o acaso não tem vez. Em contraponto, ao seu lado está Ramiro. Ele é mais um daqueles humildes, porém o narrador observa seus gestos, que falam dos seus sentimentos para com o colega morto. Ramiro não canta, silencia seu violão e, em muda prece, “...amassa, em silencio, o seu carnaúba.” (R2, p. 214).

Observe-se que existe o interesse, por parte do narrador, em construir uma direção para se aproximar dos problemas mais importantes da vida dessas comunidades de pescadores e vaqueiros. O posicionamento do ponto de vista, dentro e fora do espaço íntimo (o espaço das emoções), une-se a outro, o olhar do “estrangeiro”, que questiona a norma da cultura, a fatalidade e a resignação. O primeiro olhar existe na cena da choupana da mãe de Gaçaba: os olhares se dirigiam para o chão e a mudez do velório reforçava a sensação de resignada perda. Missunga exemplifica o segundo ponto de vista, que se posiciona no limiar dos fatos e que consegue ter uma postura crítica diante eles; a soma de ambos enriquece a trama do romance *Marajó*.

É o caso de Nhá Diniquinha, que tece as redes na beira do lago Arari, numa tradição de anos, desde que já não pode mais pescar. Assim, sua vinculação com o trabalho da pesca é total, seja tecendo as redes dos outros, seja preparando o peixe já pescado, atividades que lhe permitem garantir seu sustento ano a ano (se dá a entender que ela vive só), ao realizar uma atividade aprendida desde sua infância. Ramiro observa que:

“...mulheres teciam ou remendavam tarrafas à luz das lamparinas fumarentas, ouvindo histórias de nhá Diniquinha (...) era uma velha de Cachoeira que costumava subir o rio no tempo de pescaria. No lago lavava roupa, remendava tarrafa, tingia roupa na casca do murucí, benzia...” (R2, 339).

Pode-se pensar que também ela tenha informações importantes que possa transmitir a outros pescadores. Saberes e histórias acerca dos peixes, sua chegada, como apanhá-los, como escolher os melhores, enfim, um mundo.<sup>57</sup> Entende-se que nesta comunidade a sobrevivência é assumida por todos como fato de própria responsabilidade, diante da inexistência de um sistema de bem-estar social. Percorre o texto a crítica do narrador ao sistema econômico imposto, na pessoa da velha pescadora.

---

<sup>57</sup> Sobre esse ponto: “Para Godelier, o processo de trabalho comporta, portanto, elementos simbólicos, por méio dos quais os homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar uma boa colheita, uma boa pesca. Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto as ações materiais sobre a natureza.” (DIEGUES, 1998, p. 30).

### **Regras e Normas de Pesca**

A atividade da pesca envolve diversos indivíduos de uma comunidade que possuem interesses diferentes. De forma natural, exige a colaboração de vários deles para operar um bote de pesca, ou as redes de um curral ou, no caso do mergulhador, um que fica no bote operando a máquina do ar. Esses acordos já estabelecem um primeiro grau de associação, que funciona seguindo determinadas regras e acordos. Precisam estabelecer prioridades para atingir os objetivos comuns, em benefício do grupo que pesca. O fato é que nem sempre isso acontece, e o resultado é o conflito de interesses, ou o perigo de morte nas águas. Tal modo de conduta pode ser analisado na passagem de *Marajó* quando da morte do pescador Gaçaba. Coloane também apresenta duas personagens que sofrem por conta de descumprirem as regras da pesca. Uma delas é o Capitán Pescetto na sua última viagem a bordo da Orfelinda, sua velha goleta. A outra é aquele pescador que sofreu a “Venganca del Mar”.

O relato do conto “Mar de travesías” apresenta o velho capitão de goleta, Aníbal Pescetto, que quando menino viajou desde Portofino até Buenos Aires e perambulou durante anos por Punta Arenas e também nas empreitadas fueguinas do ouro. Estabelecido em Calbuco, junto de sua fiel tripulação, percorre os canais pescando e carregando mercadorias anos a fio. Nesse ínterim, descobriu ouro em isoladas praias frente à ilha de Ipum. Essa viagem de pesca seria a última, pois cogitava se aposentar e associar-se com a tripulação; eis que depois de esperar três dias, no quarto o temporal termina e permite que eles trabalhem na coleta de crustáceos. O capitão insiste em mergulhar, diante da negativa da tripulação e do

filho. Teimoso, descobre o brilho de um sino de barco, e faz esforços para desengata-lo e carrega-lo. Quando consegue chegar à superfície, agarrado ao sino, ele já está morto e é levado para descansar em Calbuco.

A narrativa apresenta-o como um homem bondoso e fascinado pelo mar: “no obstante sus conocimientos, de ordinário consultaba Santiago Pedro de Valdivia, preferentemente si entraba por los intrincados canales que llevaban a Ipún y Guamblín” (C2, p. 194). Em sua posição de capitão, ele dividia decisões e responsabilidades com sua tripulação, porém mantém sua teimosia em descer, já que advertido do perigo:

“ – No vaya usted, que anda com el pulso saltón, y está advertido por el médico de Puerto Montt. – ¡Déjenme hacer mi gusto! Y ya les dije que después de este viaje ustedes se quedan con la ‘Orfelinda’ y yo paso a ser sólo un socio más”. (C2, 194).

Esta situação corresponde a uma pequena crise de poder, pois acordos que envolvem o trabalho do grupo estão sendo postos em confronto: a vontade do capitão, teimoso, que prejudica sua própria saúde *versus* a lógica do trabalho do grupo, no qual o mergulho é realizado pelos tripulantes. A primeira posição está respaldada pela autoconfiança, embasada na história das lutas do capitão, em seu contato diário com os perigos do mar, sempre vencidos. O senso comum alimenta a posição dos tripulantes, avalizada pela advertência do médico da capital.

O fundo do mar se transforma em espaço sobrenatural para o capitão: ele revê em poucos minutos seu nascimento, a vida e a morte, em meio das

borbulhas que lhe acompanham seu caminhar pelo fundo rochoso. A percepção da realidade se distorce, ele procura o brilho da *cochodoma* mítica das lendas chilotas e encontra um sino. Luta para liberá-la e “sin soltarla sintió el primer vahído, que le empañó la visión...” (C2, p. 197). Pela experiência, a confiança em si mesmo da personagem eliminou o medo do mar, sempre necessário quando as pessoas se encontram em um meio distinto, desconhecido e por demais traiçoeiro. Os acordos da tripulação nada puderam fazer para evitar essa última viagem do capitão Pescetto.

O conto “La venganza del mar” apresenta uma situação diferente: as práticas da arte da pesca, realizadas de forma tradicional por gerações, entram em conflito com a iniciativa de uma dupla de pescadores no mar austral. A narrativa estabelece como primeiro passo uma descrição do lugar, como em:

“essa topografia austral, que dispensa bússola, e na qual se confere o avanço das águas do Estreito de Magalhães pela terra adentro, produto das antigas glaciações. Descortinam-se ante nós seios, canais e baías de águas rasas, que podem ser rodeadas por velhos caminhos de terra, durante o ano...” (INOSTROZA, 2003, p. 171).

O foco se concentra nas figuras de Aniceto, o pescador chilote; e Iván, o croata, da ilha de Bratza (¿Brac?), no Adriático. A associação deles é descrita como harmônica e complementar. Era fácil para eles estarem de acordo, pois tinham interesses similares: vida calma e pouco trabalho: “los flojones se entendían mutuamente...” (C1, 150).

As personagens fazem parte de grupos imigrantes. Desde 1890, a imigração de habitantes da Dalmácia ao território de Magalhães constitui-se em fator de desenvolvimento para a região. Oriundos das ilhas e costas do mar Adriático, esses croatas se estabeleceram, após a procura de ouro nos lavadeiros da Terra do Fogo, nas nascentes cidades de Punta Arenas e Porvenir, desenvolvendo atividades no comércio, na indústria e na pesca que permitiram a prosperidade austral (MARTINIC, 1999). O seu aporte consistiu na adaptação das técnicas de pesca artesanal às condições das águas de Magalhães. Já a migração no século XX dos homens *chilotes* até a Patagônia permitiu que seus conhecimentos dos catadores de mariscos e da pescaria, herdados dos *chonos* e *huilliches*, fossem aplicados ao novo território. As personagens carregam, portanto, a herança de tradições seculares de pesca.

Existe na região o grupo dos velhos pescadores, detentores das tradições e conhecedores do território de pesca<sup>58</sup>. Eles possuem um vínculo com as águas que os transforma numa família, sendo o mar a grande mãe, e qualquer transgressão das normas, em seu seio, acarreta um castigo ou punição. Nestas bases, a narrativa continua mostrando a inovação que aqueles dois introduziram em seu trabalho, vide, o uso do caminhão. Por terra, atingiam diversos pontos de pesca com rapidez e menos perigos, inclusive, durante o mau tempo, iam pescar mais longe, enquanto os outros pescadores ficavam presos no porto, *capeando o*

---

<sup>58</sup> Nos saberes do mar “os pescadores articulam seu conhecimento acerca da natureza a partir de dois movimentos: o de estender a ela as suas próprias capacidades intelectiva e volitiva e a de aceitar alguns fenômenos como indecifráveis, constituindo os mistérios, que preferem admirar a desvendar.” (DIEGUES, 2000, p. 92).

temporal. Sua autonomia permitia que tivessem folgas, as quais passavam descansando. Essa atitude representava uma afronta para a grande família do mar. A contravenção não vai ficar impune: o “lobo da morte” faz sua aparição.

Como explicar a morte do croata, em noite de pescaria? Seria suicídio, se tivesse algum motivo; acidente, talvez, porém sabe-se que ele é conhecedor de seu trabalho com as redes. O certo é que o corpo foi encontrado ao terceiro dia, depois da aparição daquele lobo do mar. Naquela noite, os dois pescadores desentenderam, por causa da música que Ivan tocava displicentemente e que, segundo Aniceto, atraía mais ainda o maléfico lobo do mar. Afirmava ter ouvido as velhas lendas sobre tal fato, e somava a isso sua experiência, na infância em Chiloé, quando brincava de atrair os lobos do mar por meio de uma flauta. O narrador conclui a história observando que a explicação, ouvida em um bar de Punta Arenas, era que o mar tinha se vingado com a morte do pescador. A lenda do “lobo da morte” satisfaz aqueles que ficaram; inclusive, Aniceto, que muda de modo radical sua vida, vai dirigir seus passos às montanhas, o mais longe possível do “velho de barbas brancas”.

O poder que essas águas exercem sobre os homens se reforça quando o grupo social elabora atos e práticas que juntam o mundo natural com o imaginário. A individualidade desenvolvida ao extremo pela personagem, neste caso vinculada ao uso do caminhão, percebido por todos como uma interferência da mentalidade industrial, resulta ser prejudicial para todo o grupo, pois quebra o equilíbrio da comunidade de pescadores. Declarações de pescadores, que se referem a uma família que guarda seus segredos, somam-se a: “O melhor é dizer

num sorriso: no mar só tem peixe (...) mas sabem que os peixes não são os únicos moradores do mar.” (CASCUDO, *apud* DIEGUES, 2000, p. 81).

Um segundo tipo de conflitos gera-se quando os recursos naturais são limitados ou escassos, e diversos grupos de indivíduos lutam pela sua obtenção. A noção de território, comum em terra firme através do direito de propriedade, não pode ser aplicada no mar. Nele não existem donos, pelo contrário, a liberdade é uma de suas principais características. Diversos acordos e normas têm se estabelecido entre diversos países, ao longo do tempo, para o uso e a exploração dos recursos marinhos. Diversos tratados – como o das duzentas milhas marítimas de soberania aos países costeiros – têm por objetivo delimitar territórios para o aproveitamento do mar. Apesar disso, os conflitos continuam quando o lucro desmedido incentiva o descumprimento desses tratados.

O caso de *Marajó* é sintomático deste tipo de conflito, entre fazendeiros e moradores locais. Os primeiros rompem os acordos quando impedem a pesca nos rios que atravessam suas propriedades. Os moradores dessas ribeiras, que tradicionalmente pescavam nos rios, hoje se vêm impedidos de subsistir da pesca. A natureza das secas e cheias prejudica ainda mais e agrava a situação dos pobres, pois:

“...durante seis meses no inverno, sem peixe, sem caça, sem roupa, sem boa palha para a cumeeira da barraca, o pescador perdia o fôlego no balcão do Sinhuca Arregalado. Os seis meses duros de pescaria no verão não chegavam para pagar a metade da dívida...” (R2, 212).

O conflito aumenta quando esses mesmos fazendeiros colocam impedimentos (guardas armados) para coibir o livre trânsito por rios e canais, sob alegação de roubos de gado. Ramiro, personagem de *Marajó*, misto de vaqueiro e pescador, conta para Ormindá que o tempo da pesca com flecha se foi. A dura realidade agora é a de que “nos lagos próximos onde há peixe, o rifle dos fazendeiros está na mão do vigia atento (...) os donos do rio não eram mais os peixes nem as cobras grandes, mas Coronel Coutinho, Capitão Guilherme, Sinhuca Arregalado” (R2, 261). Na época das cheias os poucos caminhos existentes ficam submersos e os moradores devem atravessar de canoa os campos alagados, muitas vezes para chegar até as “ilhas” de caça. As cercas de arame farpado são cortadas e o conflito pode acabar em morte do “invasor”, na maior impunidade, em uma região em que a justiça sempre esteve do lado dos poderosos.

## **O Meio Ambiente**

A natureza tem sido ameaçada gravemente através de inúmeras formas de agressão realizadas pelo homem, ao longo do tempo. Durante o século XX observou-se em nível mundial o desenvolvimento de uma consciência de preservação dos recursos naturais, e se estabeleceu que a água é um bem limitado, que tende a se esgotar e do qual as sociedades fazem mal uso. As ciências que estudam o meio ambiente têm-se desenvolvido a partir das ciências naturais, em grande parte como resposta a muitos problemas que os países mais ricos do planeta apresentam: chuva ácida, poluição e morte de rios e lagos, manejo de lixo, fracasso de colheitas agrícolas, diminuição da pesca mundial, extinção de espécies animais e vegetais, crise energética bem como muitos outros, que se agravaram após 1945, com a retomada do crescimento da economia mundial e os altos índices de aumento da população em países subdesenvolvidos.

Na década de cinquenta seria realmente difícil imaginar o grau de destruição do meio ambiente que hoje apresenta o planeta. Mas a sensibilidade com a problemática da natureza, e especialmente a da água, fez com que Dalcídio Jurandir e Coloane tivessem a ousadia de fazer seu grito de alerta, através das páginas de sua obra, dedicando uma parte delas a demonstrar como a avareza do homem pode causar tal destruição. Em tal sentido os contos “Cabo de Hornos” são emblemáticos desta postura ambientalista e, sobretudo, humana.

“Un viejo lobero que oyó la noticia junto al mesón del bar (...) comentó, entre sorbo y sorbo de grapa: - ¡Este cúter debe haber sido de los gringos Jackie y Peter...; eran tan ambiciosos los gringos esos!...” (C1, 30). Assim conclui a narrativa do conto “Cabo de Hornos”, na qual se acompanha o destino desses dois caçadores de focas. Eles viviam isolados do mundo, a muitas horas de navegação de qualquer porto, e sobreviviam segundo sua própria lei. De muitos como eles o narrador comenta que “llegan de tarde en tarde a esas tierras inhospitalarias, donde pronto el viento y la nieve les machetean el alma, dejándoles sólo los filos con dureza de carámbano” (C1, 17). As mudanças que a natureza produz nessas personagens são profundas, chegam a atingir a alma dos indivíduos, eliminando a envoltura do convívio social e mostrando as arestas do ser natural. A descrição do entorno nada ajuda: interminável anoitecer, céu carregado de desgraças, águas tranqüilas e profundas, silêncio completo e frio.

Isolados nessa ilha, eles pouco falam. Assim, “...dicen que son hermanos, pero nadie sabe nada; ellos nunca lo han manifestado, como que no abren la boca sino para la violencia y para engullir...” (C1, 18) aponta para um comportamento anti-social, dado que, quando se encontram com outros, esporadicamente, nada falam. Também se pode pensar que eles não se importam com as opiniões alheias. Contudo, a descrição avança um passo na direção de uma condição mais animal: eles não comem, eles engolem como o fazem as feras; a violência pode ser a agressão de morder, no ataque ou na defesa. Os parágrafos seguintes completam a idéia: “Jackie (...) parece a veces un gran feto o una foca rubia”, “Peter es más interesante con sus rasgos de zorro, de felino hipócrita y cansado...”

(C1, 18). As mudanças atingem a alma dos caçadores, mostrando como podem chegar a ser dominados pelos instintos.

A cobiça toma conta deles, e se manifesta num sorriso maligno (como pântano) de Peter para o prófugo de Ushuaia que chegou. Eles ficaram sabendo da entrada secreta à caverna dos lobos e por uma semana matam os filhotes a paus, os carregavam até o casebre para tirar o couro "...como poseídos de una locura extraña...". Quando o terceiro avisa que vai embora, os dois trocam uma olhada fria, pois "ambos eran canallas (...) habían pasado siempre echándose del uno al otro la bola negra de sus pensamientos". Eles decidem abandonar o terceiro no interior da caverna, para ficar com tudo, inclusive com o segredo da *lobería*. O narrador descreve um choque de olhares, em um átimo só, que decidiu o destino do prófugo, e que também impressiona pela crueza do texto; nenhum sentimento de piedade existe aqui, tudo acaba, é definitivo. A esperança, própria da condição humana, fica destruída pelo império dos instintos de sobrevivência e da cobiça desmedida.

O monólogo do narrador reflete sobre a falta da esperança e a eterna solidão à propósito do prófugo abandonado à sua sorte: "Pero cuando no hay caminos de regreso, el alma queda sobre un filo, oscilando en el limite, en constante caída. El filo puede ser un hilo de luz lacerante o una sima." (C1, 28). Para a personagem, só resta a visão do delírio. Os fantasmas dos seus crimes passados, misturados com as almas angélicas dos filhotes de lobos, se juntam para aossá-lo, para lhe sufocar com seu sangue em um delírio que não acaba. Esta é a resposta da natureza agredida nas suas entranhas: se defender nos

mesmos termos. Quanto aos dois que fugiram, seu destino já se previa, pelo naufrágio do cúter.

A narrativa se embasa na tradição da caça de focas (lobos marinhos) para a extração de seu apreciado couro. Essa atividade de importância econômica para a região ajudou na colonização do território, e cresceu até acabar com grande parte desses animais, protegidos quase que exclusivamente pela natureza, até poucos anos<sup>59</sup>. A voz de Coloane se levanta, desde 1945, para denunciar a exploração da natureza primigênia da Patagônia e da Terra do Fogo. Não existe vontade de se estabelecer condições para uma exploração racional, e em troca, se destrói impunemente: “es inútil que se esconda la vida en lo más profundo de suas entrañas: Allá se mete el hombre con sus instintos para arrancarla” (C1, 25). Entretanto, o destino de alguns desses criminosos é, tendo como referência a narrativa acima, ser punidos nos mesmos termos da falta, com a vida.

---

<sup>59</sup> Nesse panorama, a criação de uma consciência pública da importância que tem a preservação do meio ambiente corre em paralelo com as vozes que denunciam os abusos contra a natureza e as ações indiscriminadas de agentes que visam exclusivamente o lucro. Produto de encontros internacionais de diversos governos, os acordos de proteção para a vida silvestre ameaçada no planeta têm coincidido com a criação de ONGs que atuam em todo o mundo, como um braço ativo da sociedade organizada mais além das fronteiras dos países. A exemplo do acontecido em Estocolmo (1972), Rio de Janeiro (1992), Kioto (1997), cresce a consciência do problema ambiental que abrange o planeta como um todo. Já em nível nacional as políticas e programas destinados a implementar as metas definidas nesses acordos encontram sérios entraves de grupos econômicos e políticos que se posicionam a favor de seus interesses. No caso do Brasil, há inúmeros exemplos do anterior, com destaque para as dificuldades dos governos federal e estaduais em implementar políticas de proteção dos grandes ecossistemas (o Cerrado, a Mata Atlântica e a Amazônia). Por motivos como esses, dentre vários outros, o lucro continua a desmatar bosques de mogno nas florestas paraenses, ou permitir que fazendeiros acabem com a mata nativa para produzir pastagens, ou inclusive, avançar as fronteiras do plantio de soja na região Centro-Oeste.



### 3.3 RELAÇÕES NA NAVEGAÇÃO

No romance *Marajó*, de Dalcídio Jurandir, se relata a viagem de Missunga, o jovem fazendeiro, junto com a moça Alaíde. Eles embarcam na curicaca<sup>60</sup>, que é dirigida pelo marinheiro Pedro Mala Real, personagem do qual observaremos, a seguir, a sua relação com as águas. Nada se sabe sobre seu apelido “Mala Real” ou sobre outra característica de sua pessoa; portanto, é através dessa viagem pelo litoral de Marajó que procuraremos saber algumas informações. Não é de se estranhar esse anonimato, por se tratar de uma personagem daquele povo descrito pelo autor marajoara. Pode-se aventurar a sua origem cabocla, e de ser dedicado às atividades de pesca, já que é possuidor de uma embarcação, um bem que nem todos têm. O fato de estar disponível para realizar essa viagem, iniciada no meio da noite, também reforça a hipótese de sua profissão. O certo é que o casal embarca na curicaca, na praia de Mangabeira, a uns cinco quilômetros da vila de Ponta de Pedras. Eles caminharam até a praia em súbito impulso de fuga, como resultado dos acontecimentos que acabaram com a morte de Guita.

Para sair, eles tiveram a oposição da maré que enchia no rio e na praia, porém as primeiras manobras do marinheiro permitem que eles avancem, velejando num mar de altas ondas, até que alcançam a baía de Marajó. Desde seu lugar na popa (dirigindo o leme), o marinheiro parece sumir no silêncio das manobras, que fazem avançar a embarcação aproveitando a força dos ventos

---

<sup>60</sup> Curicaca – “s.f., um tipo de embarcação a vela.” (Não dicionarizada) (ASSIS, 1992, p. 67) – Também, do tupi, ave aquática. *Kuri`kaka*.

locais. Ele está concentrado em sua tarefa, sozinho, enquanto Missunga dorme e Alaíde vela, como se observa em: “Na popa, era o mudo homem domando a vela, o vento e o lodoso mar dos pesados rios da Amazônia” (R2, 283). O conhecimento das águas, no caso da região litorânea da baía de Marajó, resulta fundamental para que a personagem Pedro Mala Real possa viajar na sua embarcação. Os saberes têm relação com aqueles aspectos sensíveis da natureza das águas, suas características físicas, seus movimentos cíclicos e os elementos que nela se encontram, a direção e força das marés, que diferem em cada ponto das costas da ilha de Marajó, a presença de cardumes em certos lugares e tempos, como também a importante contribuição dos ventos, aqueles constantes e os outros, que levantam tempestades e trazem as chuvas.

São muitas as informações que a personagem deve saber reconhecer e utilizar a seu favor para se adentrar na navegação da baía, nas diversas situações que ela encontrar. Deve-se lembrar aqui que essas informações são apreendidas por meio da experiência; são anos de convívio com as atividades da navegação e da pesca. Não existe melhor escola que um casquinho e um remo para uma criança se aventurar nas águas, no que pode ser de início uma brincadeira, para ser ao longo do tempo uma necessidade. Nesta escola não estiveram a personagem Andreza e seu amigo Alfredo, que vivem uma situação de perigo, em R3, quando se aventuram nas águas do Arari, na procura da pororoca, sendo que eles pouco sabiam da arte de remar. O contrário se observa, na vida real, quando os navios atravessam a baía de Marajó e, passando perto de algumas ilhas, são cercados por pequenas e frágeis canoinhas, com uma ou duas crianças, para

recolher pacotes e sacolas, contendo alimentos ou roupa, que os passageiros avisados costumam jogar nas águas, a modo de esmola. A habilidade aumenta a cada dia que eles navegam.

A determinação do rumo certo é outro aspecto no qual a relação com as águas é muito importante. A personagem, dona da curicaca, saiu navegando de noite, premida pela ordem de Missunga; até aí, nada se sabe do destino. Já nas águas da baía sua experiência a leva a perguntar o rumo a seguir. Pouco importa que seja para voltar, ou para atravessar a baía e chegar a Belém, ela utiliza para isso uma cartilha aprendida: são as luzes que se observam no lugar onde estaria o horizonte. “Estamos defronte do São Francisco do Malato” (R2, 283), explica ele à moça. Mala Real também conta com as estrelas “que apontaram” no céu noturno. Os sinais do caminho ajudam a personagem a se orientar num território que é diferente. Existe nessa oposição terra-mar uma imagem simbólica de mundos apartes.<sup>61</sup> As regras do mar são próprias dele, e não valem em terra – os pescadores e marinheiros assim o sabem. O rumo certo se traduz na construção de um percurso adequado, dentre vários possíveis, levando em conta as informações de que dispõe o marinheiro (o patrão da embarcação) para evitar os perigos, para si e para seus passageiros, num território que só ele conhece como a palma da mão. Os antigos navegantes não dispunham de instrumentos e por tal motivo viajavam durante o dia, preferentemente, ou não se afastavam das costas,

---

<sup>61</sup> Sobre essa divisão, se observa: “Nessa perspectiva, os termos ‘terra’ e ‘mar’ que compõem a díade básica na ordenação do espaço nas sociedades pesqueiras, são mais do que a expressão de realidades espaciais empiricamente reconhecíveis ou de atributos físicos dos litorais. São termos explicativos e significativos carregados de valores específicos e ‘locais’” (DIEGUES, 2000, p. 97).

onde podiam encontrar sinais para determinar e corrigir seu rumo. Essas limitações foram superadas com as grandes navegações.

Ainda nas costas de Marajó, às ordens de Missunga e Alaíde, a personagem continua, de manhã, no rumo do litoral, costeando entre algumas praias que visitam, e nas quais eles se alimentam de frutos (ajurus<sup>62</sup> e cocos verdes). Enquanto o casal dorme, o marinheiro “migava o fumo”. Tal atividade pode ser sinal de espera, sempre atento às ordens do passageiro; espera essa que é aproveitada com uma tarefa qualquer, e que está incorporada em seu costume ou forma de ser. Esperar, deixar o tempo passar, aguardar o momento adequado para realizar uma tarefa são todas situações que o marinheiro incorpora em sua vida, de cara ao mar, em contato com as águas. Tanto o pescador quanto o navegante conhecem esta rotina que transforma suas vidas. O tempo da cidade e do relógio aqui é destituído de valor. As personagens de Dalcídio Jurandir que se relacionam com as águas possuem o ritmo cíclico destas, saem em suas embarcações quando a maré ajuda, esperam contar com o favor dos ventos para se deslocar de um ponto a outro, aproveitam, inclusive, a vazante para sair na baía nas lanchas carregadas de animais. Existe, portanto, uma adaptação do homem ao ritmo das águas na natureza.

O conhecimento das águas, dos ventos e do litoral não são absolutos. A mudança se constitui na regra, e passa a ser mais um fator a se ter em conta. As

---

<sup>62</sup> Ajuru – “s.m., *Chrysobalanus icaco* L.; fruta comestível, da família das Rosáceas, pequena e arroxeada, pouco procurada, porque insípida. Cultivado com freqüência nas praias do litoral. O seu nome vulgar é ajiru. Var. ajuru, guajiru.” (ASSIS, 1992, p. 12).

personagens marajoaras fazem referências ao tempo cíclico que domina os movimentos das águas. Elas se referem à seca e às águas grandes como os dois períodos opostos, que durante parte do ano condicionam as características da navegação, das comunicações e de todos os demais aspectos da vida em Marajó e nas ribeiras das águas amazônicas. Essas mudanças têm o poder de transformar a geografia local. Esse aspecto já chamava a atenção em 1907, quando Euclides da CUNHA escreveu o prefácio de *Inferno Verde*, de Alberto Rangel:

“...naquelas paisagens volúveis imaginam-se caprichos de misteriosas vontades (...) E, ainda sob o aspecto secamente topográfico, não há como fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho mal feito: apaga, modifica, ou transforma, os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontestável.” (CUNHA, 1976, p. 290).

A idéia de um espaço natural nunca acabado, em eterna transformação e, portanto, impossível de conhecer como um todo, discutida em seu momento, não aparece nas questões abordadas pela literatura de Dalcídio Jurandir. Pelo contrário, o tema da ruína, do espaço derruído que discutem alguns autores que estudam a obra dalcidiana (NUNES, 2001; MALIGO, 1992; FURTADO, 2002) se manifesta com forte presença no conjunto dessa obra. Contudo, no particular, a desagregação do espaço natural, em termos de mudança geográfica, somente é comentada de passagem, e acentuando a ênfase na destruição do meio ambiente pela ação do homem. Registra-se a ocorrência de fatos isolados nos romances em

estudo, como o dos balcedos e “ilhas” que são arrastadas pela correnteza das águas, carregando a mata toda sobre si. Também as mortes do rio e da lagoa, suas secas paulatinas e inexoráveis são incorporadas aos textos dalcidianos; inclusive, vinculadas a elas se tecem algumas lendas, que fornecem explicação a tais fatos, sob a perspectiva das forças misteriosas de uma natureza revoltada.

A personagem Pedro Mala Real está vinculada às águas pela sua atividade de marinheiro, para a qual precisa de um conhecimento prático do mundo, adquirido durante a vida, em contato com as mudanças da natureza e na adaptação aos ciclos e tempos que lhe são particulares. Por sua vez, a natureza precisa ser interpretada por ele para poder tomar as atitudes adequadas em seu trabalho, e dirigir a embarcação e as vidas alheias ao rumo certo.

- v -

Abordaremos de passagem, neste ponto, o fato de que as ilhas em estudo, Marajó e Terra do Fogo, foram “descobertas” para o mundo moderno ocidental através das viagens marítimas de navegadores no século XVI. No caso de Marajó, “Antes mesmo do descobrimento oficial do Brasil pelos portugueses, espanhóis já teriam estado no litoral do Pará e visitado o grande Arquipélago” (MIRANDA, 1968, p. 75). A presença de tribos indígenas que habitavam as costas da Amazônia oriental, do grupo Aruacs, teria permitido estabelecer os primeiros

contactos com esses navegantes.<sup>63</sup> A presença de portugueses na região ocorre com a fundação do forte do Presépio, por Francisco C. Castelo Branco, em 12/01/1616, sendo esta a origem de Belém. Destinava-se a proteger o território das incursões das frotas holandesas, francesas e inglesas, na época inimigas da Espanha. Começaria então a funcionar a capitania do Grão-Pará (MIRANDA, 1968). Através das sucessivas viagens de descobrimentos, conquistas e exploração desses territórios, as sociedades da velha Europa entravam em contato com um “Mundo Novo”, e desse contato resulta a formação das bases de uma nova nação, no caso o Brasil, sob o signo da dominação europeia em todos os aspectos da sociedade, e o aniquilamento quase total das culturas indígenas (BHABHA, 1998; DUSSEL, 1992).

A história da Terra do Fogo não é diferente do caso anterior; parece uma cópia em menor escala do acontecido na linha do Equador. Aponta-se que o território já era habitado desde a última grande glaciação, na pré-história da humanidade. Restos da espécie humana, que datam do período interglacial, encontrados na Cueva del Milodón<sup>64</sup>, testemunham a presença nesses territórios. A ocupação posterior dos *tehuelches* na Patagônia oriental; dos *alacalufes* ou *kawashkar*, na Patagônia ocidental; dos *onas* ou *aonikens*, no centro e norte da

---

<sup>63</sup> Dentre eles se citam Alonso de Ojeda, Rodrigo de Bastidas, Pedro Alonso Niño, Vicente Yáñez Pinzón. Este último teria denominado de Mar Dulce ao rio Amazonas; seguem-lhe Diego de Leppe e, em 1540, Francisco de Orellana, que integrava a expedição de Gonzalo Pizarro e que desce o rio Napo e alcança o rio-mar que denominou Amazonas. (MIRANDA, 1968).

<sup>64</sup> Sítio arqueológico localizado às margens do Seio de Última Esperança, a 40 km de Puerto Natales, e distante 280 km de Punta Arenas. Nele se encontraram também fósseis da espécie *Onhippidium Saldiasi*, um pequeno equino ao qual se refere o conto “En el caballo de la aurora”.

Terra do Fogo e dos *yámanas*, *yaganes* ou *selk`nam*, distribuídos na porção ocidental e sul da Terra do Fogo, com quase sete mil anos no caso desses últimos, chegou ao seu fim trágico, durante o século XX, pela intervenção dos colonizadores.

A passagem do navegador português Hernando de Magalhães pelas águas do estreito, que levaria seu nome, em 21/10/1520, dá início ao interesse estratégico por essa parte meridional do continente americano. Outros navegantes vindos da Europa ou Chile central visitam as costas do território e, representando a capitania espanhola, Pedro Sarmiento de Gamboa ocupa a costa sul do estreito e funda um assentamento, em 1584. Sem víveres pelos naufrágios dos navios, os habitantes dessa colônia morrem de fome, no lugar que hoje se conhece como Puerto de Hambre. Próximo dele se funda, em 1843, o Fuerte Bulnes, primeiro núcleo do governo chileno, no que seria o território de Magallanes. Posteriormente, a colônia foi trasladada 56 km ao norte, sendo a atual cidade de Punta Arenas.

O desenvolvimento de toda essa região se deve ao lugar estratégico que ocupa Punta Arenas na rota do tráfico marítimo mundial. O capitalismo da Europa ocidental expandiu-se até os quatro cantos do mundo, a partir do século XVIII, com a instalação das colônias na Ásia, América, África e Oceania e a exploração de seus recursos naturais, o que movimentou o comércio e a navegação. As rotas destinadas à costa americana do Pacífico evitavam a temível passagem do Cabo de Hornos cruzando o estreito de Magalhães. O porto reunia diversas nacionalidades e teve na imigração croata (Dalmácia) seu maior e mais importante contingente populacional. Com a abertura do Canal do Panamá, em 1914, a

importância do porto decresceu, para retomar impulso, desde 1970, como entreposto para as navegações destinadas a alcançar a Antártica. Por esse porto os garimpeiros de ouro chegaram nas areias da Terra do Fogo, como também continuam saindo por aí tanto a carne de ovelha congelada quanto a lã, principais produtos de exportação regional. Hoje, a cidade recebe os turistas que se aventuram a percorrer os inúmeros atrativos naturais que essa região oferece. Para a cidade, a região e seus habitantes, a navegação, uma das formas mais antigas de relação entre o homem e as águas, representa sua existência passada, presente e também o seu futuro.

- v -

A navegação local nas águas da Amazônia nos traz de volta ao texto de Dalcídio Jurandir. No último capítulo do romance “Três casas e um rio” pode-se observar a importância das águas para a personagem Alfredo que, junto de sua mãe, consegue viajar de Cachoeira do Arari até Belém, a estudo. Contudo, deve-se apontar que a Amazônia conta com a navegação fluvial como a mais importante forma de comunicação e transporte, alcançando os pontos mais distantes de sua extensa bacia hidrográfica. Linhas regulares de navios comunicam as capitais e principais cidades, sulcando os rios Amazonas, Maranhão, Ucayali, Tocantins, Xingu, Madeira, Purus, Jarí, Nhamundá, Negro, Napo. Os “navios-gaiolas”, por sua vez, vão percorrendo as comunidades ribeirinhas transportando passageiros e carga em viagens que duram dias

intermináveis, e penetrando ainda mais em rios menores e afluentes, aumentando a abrangência das comunicações. Lanchas e pequenos barcos locais estabelecem comunicação com vilas e pequenos portos, como com os ribeirinhos nos diferentes lagos e rios próximos. Também importantes produtos da região, como o minério, o gado e as madeiras são transportados por via fluvial, o meio mais econômico de transporte de carga.

Voltando ao texto dalcidiano, neste último capítulo, a saída do lar representa uma experiência importante na vida da personagem Alfredo; trata-se de uma mudança psicológica marcada por uma viagem na qual se enfrentam inimigos naturais e imaginários. A figura do capitão da embarcação é descrita pelo narrador e por Alfredo, ao mesmo tempo, no período de uma viagem entre Cachoeira e Belém, que dura cerca de dez horas, durante a noite. A viagem pelo rio é descrita como tranqüila e não apresenta fatos significativos, como se observa em: “Não precisava lançar os longos remos nem empurrar a vara, o barco descia a correnteza, ansioso de levá-lo” (C3, 394).

A imagem bucólica e amena do barco se afastando da vila e percorrendo o sinuoso curso do rio já foi tema desenvolvido por outros escritores, dentre eles os românticos europeus<sup>65</sup> do século XIX, e podia ser interpretada como uma fuga espacial, uma sorte de evasão da realidade, na qual a natureza colabora ao arrastar a embarcação. Com a ajuda da correnteza que os leva, “algumas horas

---

<sup>65</sup> Paul Claudel, Swinburne, Wordsworth, e outros. ; Citamos de *A Água e os Sonhos* “o Prelúdio de Wordsworth: ‘Quem se inclina por cima da borda de um barco lento, sobre a água tranqüila, a comprazer-se nas descobertas que seu olhar faz no fundo das águas, vê mil coisas belas – ervas, peixes, flores, grutas, seixos, raízes de árvores – e imagina muitas outras’.” (BACHELARD, 2002, p. 55).

depois, estava o 'São Pedro' saindo na baía" (C3, 394). O excerto registrou também a ansiedade do barco de levá-lo de Cachoeira, uma projeção ficcional da vontade da personagem de fugir de seu lugar de origem.

A travessia noturna da baía de Marajó (uns 40 km em linha reta) já adquire conotações dramáticas por acontecer um temporal que coloca à prova a viagem na embarcação, da qual se descreve que: "O barco subiu na vaga, como que rodopiou, abalroado. O rabo da onda apanhou o toldo, cobriu o piloto" (R3, 395). Assim, o narrador descreve o início da tormenta, que se observa no movimento agitado das águas, cujas ondas chegam a cobrir a coberta da embarcação. A seguir, os elementos se desencadeiam com crescente intensidade, começando pela chuva que fustiga a embarcação.

A conjunção de temporal e noite transforma essa situação em perigo iminente para quem se encontra, como eles, no meio da baía. O narrador confirma a intensidade das forças desatadas da natureza, mostrando a anulação da palavra humana: "Mas o mau tempo, com trovão e raio, não permitia mais perguntas, conversa nenhuma, tratava-se de atravessar a baía sob a chuva naquelas trevas em que a trovoada desabava" (R3, 395). Esse mau tempo atua como um fator de prova para as capacidades do piloto, que se tornam, assim, melhor dimensionadas diante desse adversário.

O narrador aponta duas respostas que o menino esboça para reagir ao medo e fugir da provação do temporal. No texto:

"...contra o mau tempo, contra o medo, estava no menino o orgulho de chegar a Belém e por isso lutava. Deu-lhe o impulso de sair da camarinha e

saltar entre os tripulantes e ajuda-los a afrouxar ou encurtar a bijarruna, virar a vela, esgotar o porão, sentir no rosto o vento, chuva, treva, raio” (R3, 395).

Aí se confere a boa intenção, o desejo de ajudar na empreitada de salvar toda a embarcação, comum a todos os meninos de sua idade. Parecer-se-ia com as boas intenções do penitente, após ter obtido o perdão das faltas cometidas, que tudo pode pela pura vontade. Já poucas linhas depois o narrador nos traz à realidade do menino: “Alfredo tremia um pouco” (R3, 396); “Para fugir àqueles gritos dos tripulantes, ao assalto cada vez mais repetido das ondas, Alfredo, à luz do pequeno farol da camarinha, pôs-se a ler” (R3, 397).

O piloto do barco é descrito pelo narrador onisciente de modo objetivo, apresentando uma personagem compenetrada em suas tarefas e consciente da importância de sua responsabilidade. No relato: “O piloto manobrou o barco, a vela debatia-se à luz do farol suspenso sobre as águas (...) Na escuridão, agarrado ao leme, o piloto manobrava (...) o barco saltava na guela (sic) de onda enorme” (R3, 395). A tarefa de manter o controle da embarcação, sem perder o rumo e evitando o embate desastroso das ondas e do vento, requer sangue-frio; em relação a tal motivo, observa-se:

“atrás da camarinha, reteso e mudo no bailéu, o piloto fintava as ondas, enfiando o barco por entre gargantas vertiginosas, vorazes e fundas, para sair adiante, viscoso e escorregadio (...) o barco dobrou, o pano bateu, pesado, gotejante, e passou. Cabos retesaram-se, a cana do leme rangeu como se fosse o piloto gemendo. Tripulantes tiravam água do porão” (R3, 397-398).

A atenção de todos deve ficar redobrada e trabalhar como um só homem para superar o temporal. Depois, virá a lembrança: “a baía meteu óleo’ esta noite, ficou brava” (R3, 399), i.e., a fúria das águas não venceu.

Para atingir este estágio de eficiência, a personagem incorpora os saberes por ele acumulados em um longo período de atividades. O narrador menciona qualidades dele, ao ter desenvolvido seus instintos, que podem levar a estabelecer uma analogia entre a personagem e os animais. Elas são de suma importância na hora da prova:

“O piloto aplicava ali o seu dom, a velha experiência de vinte anos, olhar na proa, perna esticada, atento às ciladas da onda, narinas farejando horizontes. Ágil, astucioso, sutil como índio na selva, fundia-se na escuridão e na tormenta, mãos e pés atados à cana do leme e aos cabos, como se fossem peças da embarcação” (R3, 398).

Pode ser hora de agir com rapidez e valentia ou, pelo contrário, não fazer nada mais que deixar o “barco parado, de velas arriadas” (R3, 399), pois “- Maré já deu. Era a voz do piloto, como se a própria água tivesse falado, voz remota, desconhecida, depurada pela tormenta da noite” (R3, 402). O efeito das águas tormentosas na figura da personagem a torna um ser estranho e poderoso. Poder que está destinado a permitir que o capitão cumpra sua missão de levá-los a porto seguro; e parece assim que:

“Aquele feixe de madeira, cabos, cargas, rezes, tripulantes e passageiros concentrava-se na mão de Catumbi que o brandia como um bastão contra a

trovoada. Abria um túnel na montanha de vagas por onde o 'São Pedro', esburacado e podre, deslisava (sic)" (R3, 398).

Nesse fragmento, as palavras de Dalcídio Jurandir ganham força e impacto pela semelhança com a imagem do Moisés bíblico confrontando as águas do Mar Vermelho; os fatos podem ser interpretados como uma luta contra os elementos da natureza, na qual o homem precisa alcançar uma estatura mítica ou divina, transcender sua condição instintiva, superando-se.

Alfredo é a personagem do relato que observa a figura do piloto com um olhar criativo: "Estendido na popa, o piloto chupava a bagana e Alfredo o contemplou alguns instantes" (R3, 399). A viagem, a baía, o barco, tudo representa para ele uma experiência nova que está filtrada pela imaginação, por isso "Alfredo via o barco estalar e abrir-se" (R3, 398). Enquanto a subjetividade permeia suas observações, ele constrói a figura do piloto, que conhecemos por conta de seus monólogos interiores e do fluxo de sua consciência. A figura concentra o poder em suas mãos: "Que força e fôlego o Catumbi, pequeno e destro, sustentando, com seus punhos e a sua sagacidade, o barco 'São Pedro', subjugando a baía" (R3, 399).

Continua o devaneio do menino, como uma forma de compensação psicológica por aquilo que Alfredo não possui e gostaria de ser (ou ter), quando observa o descanso do capitão:

"Não havia nele um só traço da fascinação e do terror que se apoderam do menino. Nem fadiga em seus olhos escassos, em que a escuridão da

noite se recolhera, domada (...) Ali estava o Catumbi, conhecia as águas, seus humores, manhas, histórias, o que havia de real e fabuloso em toda aquela extensão que inundava as lonjuras. O piloto cuspiu, como se cuspiisse na trovoada morta” (R3, 400).

Nessa construção se repetem qualidades já observadas em outras personagens, como a vontade de poder sobre os elementos, a valentia e um conhecimento amplo das águas. Todas são qualidades que permitem um domínio dos perigos que essas águas podem representar.

Os diálogos de Alfredo com sua mãe e os tripulantes são curtos e simples, como se ele temesse interromper seus devaneios. Também os sentimentos contraditórios estão presentes na experiência da viagem; o mundo real os estimula, mas não são livremente demonstrados. “Já passamos do quebra pote?”<sup>66</sup> A passagem pelo quebra pote era o que mais temia” (R3, 401).

Há na personagem o início de uma elaboração pessoal, talvez de uma maturidade psicológica, com a ajuda da qual ele percebe a si mesmo e aos outros; consegue refletir sobre o medo vivenciado quando pensa que: “Agora estaria ouvindo dos tripulantes: - Não faltou nada para um homem (...) Mas eles, agora, lhe perguntavam maliciosamente” (R3, 401). Também, aos outros dirige sua atenção e: “Via, agora, só agora via, que os tripulantes do ‘São Pedro’ estavam esgotados, sonolentos” (R3, 403). A personagem incorpora o real que observa

---

<sup>66</sup> O medo de Alfredo tem uma justificativa: “Nesse trecho, à entrada do rio Cutijuba, já depois de atravessar a baía, o barulho das vagas picando miúdo e com fúria dava a impressão de que quebravam potes (...) Alfredo sabia que no quebra pote naufragara também uma canoa do Araquicáua, o filho do Raimundo Reis, parente de sua mãe, se afogara” (R3, 401).

para criar sua visão pessoal do mundo, dando valor aos outros, inclusive se importando com a opinião de quem esta de seu lado. Por tudo isso, a viagem se revela produtiva para ele.

A dimensão simbólica da viagem na vida da personagem Alfredo pode ser comparada com alguns estágios daquilo que CAMPBELL (1994) denominou o “caminho do herói”. O autor explica que:

“todos os mitos, contos de fadas e histórias folclóricas falam do herói, da eterna busca do homem por sua essência (...) de início recebe o chamado para a aventura e prepara-se para a partida. Essa aventura, porém, não é simples, já que é feita de um caminho repleto de provações. Só depois de passar por todas as provas é que ele retorna transformado. O conhecido mito grego Os Doze Trabalhos de Hércules<sup>67</sup> pode ajudar a compreensão desse processo” (HERÓI, 2005).

---

<sup>67</sup> Hércules era filho de Zeus, deus do Olimpo, e de Alcmena, uma mortal. Evidentemente, Hera, a esposa divina de Zeus, não via com bons olhos o menino, a quem Zeus previa um grandioso futuro. Ainda bebê, o herói mostrou sua força ao estrangular duas serpentes que a ciumenta Hera mandara para matá-lo. Depois disso, o vidente Tirésias profetizou que Hércules haveria de livrar a terra e os mares de muitos monstros, para finalmente ser imortalizado. Ao ouvir isso, Anfitrião, marido de Alcmena, resolveu dar uma educação especial ao menino. Heróis de todas as regiões reuniram-se para trabalhar as aptidões do jovem. Ele mostrou-se muito habilidoso em seu aprendizado, porém, não admitia punições. Certo dia, Lino, seu velho professor, castigou-o injustamente e foi morto pelo rapaz com um forte golpe de cítara. Hércules se arrependeu amargamente do crime, do qual foi absolvido por legítima defesa. Temendo sua força, no entanto, Anfitrião mandou-o para suas terras, onde permaneceu até os 18 anos. Algumas versões do mito afirmam que ele recebeu dos deuses vários presentes que deveriam ajudá-lo em suas missões. Hércules, porém, preferiu recusá-los, partindo para suas aventuras unicamente munido de uma clava feita de um tronco de árvore. Antes do nascimento de Hércules, Zeus declarou que o primeiro bisneto de Perseu, avô de Alcmena, dominaria os demais descendentes desse herói. Astuciosamente, Hera adiantou-se a Zeus e fez com que Euristeu, também bisneto de Perseu, nascesse antes de Hércules. Assim, o primeiro se tornou rei de Micenas e o segundo, seu súdito. Ao ver a fama de Hércules crescer, Euristeu o chamou para uma série de trabalhos. Hércules não queria obedecer alguém menor que ele, mas, ao consultar o oráculo, soube que o poder de Euristeu seria diminuído somente se ele conseguisse realizar os 12 trabalhos. Além disso, através deles também obteria a imortalidade (HERÓI, 2005).

Entre diversas provações, a poderosa natureza se impõe aos homens uma e outra vez<sup>68</sup>, tirando os sinais de humanidade; como já se comentou antes, observe-se: “...o mar (...) Apagava as vozes, o urro das oito vacas que o ‘São Pedro’ conduzia, transformava tripulantes e passageiros em espectros vagando no bojo da embarcação. Cega e ferida embarcação no bojo da trovoadá” (R3, 397). Sem vozes, os seres vivos se transformam em “espectros”, fantasmas sem alma. Já a embarcação continua a lutar contra os elementos, mesmo que esteja “cega e ferida”, numa luta instintiva, que independe das vontades individuais, pois de qualquer forma “todos estão no mesmo barco”.

Ao mesmo tempo, essa viagem se assemelha com um rito de passagem, entre um estagio inferior e outro superior, no qual o protagonista precisa abandonar sua terra, seu núcleo familiar e seus amigos, para adentrar num mundo desconhecido. A passagem seguinte confirma-o: “Marajó se espreguiçava na neblina, onde agora, tão misterioso, o chalé se confundia com a sepultura de Mariinha, com o corpo de Lucíola, grande, no campo orvalhado” (R3, 403). A personagem deixa para trás seus mortos, ao cuidado das águas do orvalho, tênue e delicado. O menino fica com a lembrança em seu coração, o que aponta para uma maturidade do luto.

A viagem pelas águas, lenta e por etapas, ajuda a dominar a ansiedade do iniciante, o que se confere em: “O hálito da maré enchendo dava em Alfredo uma quase angustiosa impaciência e chegar” (R3, 402). Para tal processo, Alfredo

---

<sup>68</sup> Tal fato aconteceu mais uma vez em 26 de dezembro de 2004, com a onda de *tsunamis* na Ásia e África.

conta com a ajuda de mestres, e ele encontra o primeiro no exemplo do capitão Catumbi. Poucas palavras entre eles servem para construir essa relação: “Olha o farol, diz o menino. Alfredo se encheu de orgulho, o piloto lhe falara” (R3, 404).

Com todos estes elementos analisados a interpretação do último capítulo do romance *Três casas e um rio* adquire uma importância maior para a compreensão do conjunto da obra dalcidiana. O fragmento a seguir acontece na madrugada do novo dia, após a tormenta, quando todas as embarcações se juntam nas cercanias de Icoaraci; ali: “Todos os tripulantes, nos barcos, canoas e igarités, ergueram os cabos para puxar as velas” (R3, 402). O conjunto das embarcações realiza a última parte da viagem, até Belém, e a natureza se mostra amável, “A água ao longe tinha um azul de grande mar, escamado de sol” (R3, 404).

A luz do sol nascente, que se espalha pelas águas, parece dar uma bem-vinda aos viajantes, numa alegria na qual se mistura o nascer do dia, o alívio da noite que já passou, a salvação da tormenta e a expectativa da chegada. Contudo, também representa o fim de uma etapa, a da vida marajoara de Alfredo; para dar início à outra, a dos seus estudos na cidade de Belém. As águas parecem renovar-se para acompanhar o sentido da passagem de Alfredo; novas cores e luzes se levantam sobre a névoa, que pode ter o sentido de equivalência simbólica da nova vida do protagonista, por sobre seu passado sombrio. Veja-se que:

“Na boca verde do rio, antes invisível, as águas nasciam pela primeira vez. Pelos contornos da paisagem, um azul quase violeta com manchas de névoa escura e brilhos foscos. Franjas luminosas infiltravam-se pelos arvoredos marginais, salpicando a maré” (R3, 401).

As imagens das águas são pródigas para criar imagens, que o protagonista capta com rapidez e desenvolve mais ainda, pela sua grande capacidade de criar mundos imaginários.

Essa condição da personalidade ficcional de Alfredo o leva a se relacionar com as águas de forma permanente. Não é de se estranhar que, em sua imaginação, o menino perceba que:

“A vela, ao sacudir-se, saudou o sol e o menino ouviu o soluço das enxárcias e as outras velas vizinhas com sua palpitação de asas cativas. Ouvia-lhes a voz sufocada e retesa no temporal, o seu duro bater na escuridão. Pesadas e barrentas as águas arquejavam, era já a noite ressonando lá no fundo” (R3, 402).

O fundo das águas aqui pode representar os fantasmas do passado, que no momento estão afastados, mas que permanecem e alojam-se na mente e no coração do protagonista, à espreita, para atormentá-lo. Aqui adquire sentido, mais uma vez, a comparação simbólica, através da qual os fantasmas do passado tornam-se semelhantes às águas barrentas, pesadas e paradas. Comentando a poesia de E. Alan POE, se lê:

“Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O devaneio (...) acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios” (BACHELARD, 2002, p.49).

A concordância entre as duas referências confirma a relação simbólica das águas com o lado escuro da vida.

Para o menino, em resumo, as imagens polimórficas das águas estão associadas à passagem do mundo familiar e rural ao mundo citadino. A mudança traria um crescimento para sua vida, tanto do ponto de vista pessoal quanto nas suas relações com os diversos grupos sociais, situação que abre espaço para que o autor do “Ciclo do Extremo Norte”, Dalcídio Jurandir, represente uma ampla gama de personagens que fazem parte de diversas camadas da sociedade paraense. Tal estudo tem início no romance *Belém do Grão Pará* e se estende por outros seis títulos.

- v -

Os contos de Francisco Coloane apresentam em suas páginas pequenos estudos de tipos característicos, dentre eles os velhos lobos de mar, que navegam as águas dos canais na Patagônia ocidental e na Ilha do Fogo. O autor descreve para nós esses territórios austrais nos quais a geografia se encontra em formação e a natureza é selvagem e inóspita. As comunicações deste lado da cordilheira dos Andes são quase todas feitas pelo mar, pois não existem caminhos, além do Parque Nacional Torres del Payne. Esta situação tem obrigado a navegação a procurar a rota das águas interiores, seguindo os canais que não congelam e que saem para o mar aberto nos golfos Corcovado e de Penas; essas rotas já eram utilizadas pelas tribos indígenas, das quais vêm uma parte das tradições da

navegação, hoje representadas na figura do “práctico canhalero”, que também é uma das personagens dos contos de Coloane.

A cultura europeia também se incorporou nas tradições da navegação local, com aportes de ingleses, franceses, croatas e de outros povos, os quais já passaram por estas águas como navegantes ou marinheiros, construindo a história da colonização da região. Eles registraram as dificuldades que a região apresentava: a geografia labiríntica e desconhecida, seu clima rigoroso e a fúria de suas águas. Nos contos estudados encontrou-se referências a esses viajantes que, da mesma forma que as personagens, navegam em situação de confronto com os elementos, em relação aos quais muitas vezes levavam a pior parte. Nada de diferente do que continua a ocorrer: o eterno confronto entre as águas e o homem, numa luta vital.

Para vencer essa luta contínua, o homem busca ajuda na cultura das navegações, nos seus regulamentos, leis e normas, que representam saberes apreendidos, para conviver com seus pares. Também se tecem lendas e superstições correm de boca em boca entre os marinheiros, construindo no imaginário deles um mundo povoado de perigos e símbolos de morte, uma realidade com a qual eles convivem dia-a-dia. As leis do mar fazem parte do código de honra das personagens a quem a pena de Francisco Coloane deu vida.

Uma natureza calma, na qual os elementos se encontram em harmonia, constitui-se como verdadeira exceção nos contos de Francisco Coloane. Pelo contrário, os elementos naturais são apresentados com a força e a violência de um universo em processo de construção, em permanente conflito pelo poder, quer

seja a água, quer se trate dos ventos, ou sejam as tormentas da chuva e neve, ou a força dos glaciais; em todos eles se observam os traços de uma indômita e selvagem força que subjuga os seres vivos. As águas são protagonistas do conjunto dos contos de Coloane, seja sob a forma de mar, chuva ou neve, e nelas observa-se uma grandiosa potência, caracterizada como traço marcante. Observe-se o seguinte exemplo:

“El mar retumbaba afuera con voz poderosa y a veces, cuando salía el viento, se confundía con éste. Por momentos ambos entraban por las gargantas cavernosas, como si fueran a echar un vistazo a los cuatro naufragos, y salían presurosos por las bocas, mezclándose la risa blanca de la espuma con su lóbrego ulular” (C2, 204).

Percebe-se a vida que anima os elementos naturais – a permanente mudança na intensidade das forças do vento, das águas, inclusive, faz com que eles consigam rir e até dar uma olhada nos marinheiros.

Do ponto de vista lingüístico, a linguagem do escritor utiliza recursos sintáticos para descrever as qualidades dos elementos, que demandam vida diante dos olhos do leitor. Em apurado estudo da obra de Coloane, realizado por PETREMAN (1988), foi observado que os adjetivos se apresentam em pares, por exemplo: “mar picado y correntoso”, “lluvia tupida y mortificante” ou, mais raramente, em tercetos, como por exemplo: “laberintos de las islas, canales y canalizos” ou “rayo verde azul fosforescente”. Observou-se que a construção da imagem das águas se estende aos outros elementos que compõem o cenário dos relatos, tais como as rochas, o céu, a terra firme, etc. O exemplo “cerrados en

dura y relumbrante roca” segue esse procedimento sintático, do qual resulta uma materialidade sonora e textual da imagem.

A comparação entre os elementos é um recurso que ajuda a fixar as imagens do movimento, por exemplo: “el cielo no era más que otra ola suspendida”, ou “la estrelló [la chalupa] como si se tratara de una brizna contra el alto acantilado” (C2, 199). Também nomes, verbos e locuções do campo semântico do crescimento se acrescentam nas descrições da natureza, por exemplo: “abismo”, “alta roca”, “elevado”, “remonta” e “fue tomada en vilo”. O efeito de vitalidade das forças naturais prevalece em “grandes olas se empina a gran altura” ou em “hace más de quince días que el mar y la tierra luchan ferozmente en el punto más tempestuoso del Pacífico sur” (C1, 155), e está sendo utilizado num *crescendo* que acompanha os fatos, até ao clímax do conto.

No estudo das águas de Marajó observou-se um movimento cíclico e previsível destas, que permitia estabelecer relações simbólicas de identidade com algumas personagens. Em vários casos, essas relações acabavam por aplacar conflitos existentes. O contrário se verifica ao estudar os contos de Coloane. Existe, contudo, em ambos os conjuntos de contos, um processo de construção da identidade para a natureza e as personagens, que permite a estruturação dos contos. Percebeu-se, à medida que as personagens e a natureza são incorporadas ao relato, através da descrição, que elas crescem e ganham força como elementos do enredo e se fazem poderosos.

Nos contos de Coloane, no caso da natureza, e principalmente para as águas, a identidade está manifestada pela potência; elas podem ser calmas, de início, mas

logo adquirem movimento e dinamismo. Associadas aos outros elementos, como o vento, a neve, o frio, a chuva e a topografia, constituem-se em poderosos obstáculos para as atividades humanas, sendo assim, inevitável, o conflito. Ele pode se traduzir em confronto direto entre o homem e a natureza, com vantagem para esta última, como se observou em vários dos contos que tratavam da navegação.

Para os protagonistas destes contos o confronto com a natureza é uma questão de vida ou morte. Tais personagens vivem experiências importantes, sejam eles marinheiros, passageiros de navios ou trabalhadores que estão vinculados ao mar de uma ou outra forma. Eles se enfrentam com perigos diversos, ocultos nas águas, e sofrem de fome e de sede, lutam por seus ideais e códigos de honra, além de serem vítimas da solidão e da loucura, como também da cobiça e da maldade dos colegas, enfim, se vêm enfrentando a morte em cada temporal da natureza ou das paixões humanas. Quem vive no mar aprende rápido, reflete um oficial: “– Yo soy más joven que usted – le dijo –, pero el mar nos lleva a ver cosas” (C3, 445), o que leva, em alguns casos, ao autoconhecimento. Mas quem são esses marinheiros? De onde eles vêm? Como reagem diante dos perigos que o mar representa para suas vidas?

Estes personagens, que desfilam nos relatos ficcionais de Coloane, são homens na sua maioria; as mulheres, poucas, estão menos vinculadas às navegações e aparecem como donas de casa ou passageiras ocasionais. A exceção está representada pela jovem prisioneira do conto “El suplicio de agua y luna”, no qual a jovem francesa, sem nome, resiste ao assédio do tirano

Cambiaso, para depois ser torturada e amarrada a um canhão, nua; e, sob os raios de prata da lua, recebe baldadas de água até morrer – ou seria desmaiar?

O certo é que essas mulheres estão desenhadas com poucos e rápidos traços, como se observa em “encontré una joven mujer india y cuatro niños” (C3, 425), ou em “la prostituta, más valerosa, lloraba resignadamente, y apretaba su cara morena contra una almohada sebosa” (C1, 43). Por essa economia, algumas não possuem nomes; seu anonimato pode ser indício de que elas participam do enredo como “tipos” femininos. Neste ponto cabe consignar dois contos que fazem menção a mulheres vestidas de homem; poder-se-ia tratar de personagens inspiradas na figura da “Fueguina”, fugitiva das grandes greves dos trabalhadores acontecidas na Patagônia.

Algumas personagens femininas são sujeitas a um grave perigo, por sua condição feminina. Coloane adentra-se na mentalidade daqueles homens isolados, que vivem longe do convívio social e das cidades, onde se encontram prostitutas. Por tal motivo, a presença de uma mulher entre um grupo de homens desperta o instinto sexual destes, criando um clima de tensão, que pode acabar em morte. Quer seja a prostituta que é levada aos acampamentos, onde trabalha dia e noite numa barraca protegida com guardas armados; quer a esposa de algum, como Ana; o certo é que podem estar submetidas à violência, ao estupro ou até à morte na disputa de homens convertidos em animais. O fragmento a seguir reforça essa situação:

“- Su mujer...; yo le advertí que era arriesgado traer una mujer sola entre seis o siete hombres. La gente se pone belicosa con la abstinencia...Yo lo noto a bordo..., estallan entre ellos por cualquier cosa (...) – Yo soy más joven que usted – le dijo -, pero el mar nos lleva a ver cosas...En una ocasión tuve que socorrer a un cocinero y su mujer en una expedición aurífera de la isla Lennox” (C3, 445).

Por sua vez, entre os marinheiros se distinguem os tripulantes e os donos das embarcações (capitães e patrões). Os tripulantes são mais numerosos e apresentam, às vezes, algum sinal da posição na hierarquia que os identifique junto às tarefas que realizam na embarcação, como piloto, buzo, ajudante, etc. Os nomes próprios são poucos e, às vezes, são chamados pelos apelidos, como *Chúe*, *Cuncunita* ou *Liche*. Esses marinheiros apresentam vínculos permanentes com a navegação, pois, sendo na maioria adultos, realizam tais atividades desde longa data. As longas viagens como tripulantes, nas quais permanecem embarcados durante meses, não significa, necessariamente, que eles abdicuem de sua liberdade de homens do mar.

Na prática, em diversas passagens dos relatos se percebe que não existem contratos formais que os vinculem a tal ou qual embarcação, e isso talvez lhes permitisse mudar de patrão. Contudo, na prática, para muitos a nave representa seu lar, e o resto da tripulação, sua família. Criam-se vínculos de amizade, nascem sentimentos e paixões, as quais são colocadas à prova, de forma constante, em face do trabalho rude e sacrificado das navegações.

O contato com as águas violentas do mar representa a escola da vida do marinheiro, e seu aprendizado, como foi observado no estudo da pesca, requer

atenção especial para com as mudanças da natureza. A figura do grumete, do jovem aprendiz, também se encontra entre as personagens de Coloane, navegando pelos canais em estágios probatórios e enfrentando os mesmos perigos que os outros tripulantes; eles não são poupados. Esse é o caso de “Américo Pescetto, hijo de dieciseis años, con una educación media sin terminar aún” (C2, 191) ou de “un muchacho aprendiz de marinero” (C1, 42). Enfrentando a fúria do mar, eles engolem o choro e aprendem a ser homens do mar. Mas alguns perecem diante de tais condições, pois, por sua qualidade de grumetes, devem obediência cega ao capitão. Essa situação é narrada pelo próprio capitão, diante das autoridades portuárias, sobre a morte do tripulante:

“ – No es por cobarde ni por viejo que yo no salto – le contesté –, sino porque soy el patrón del cúter y la responsabilidad de mi puesto está a bordo, carajo! (...) [Yo] hubiera saltado (...) pero había necesidad de mantener la autoridad y la disciplina a bordo, y no salté (...) [Él] saltó, pues, pero su cobardía, su indecisión, lo perdieron: resbaló en el borde de la roca y el remolino de una ola se lo tragó para siempre” (C1, 98).

Mas quem é essa personagem que assim fala?

O capitão e o patrão da embarcação são as figuras que estão mais bem descritas nas narrativas de navegações. Eles apresentam características semelhantes e marcantes, que se conhecem através do olhar dos diversos narradores dos contos. De forma geral, existem poucos diálogos entre os tripulantes e os donos nos relatos narrados, o que privilegia as descrições das personagens e dos conflitos. Todos eles são protagonistas dos contos, como

também de suas próprias vidas ficcionais, pois aprenderam a tomar decisões que envolvem suas vidas e as dos outros, nas quais em ambas o mar tem uma importância fundamental.

Assim como se observou que a identidade homem – mulher poderia ser ambígua, a verdadeira identidade de alguns marinheiros também resultaria difícil de provar, pois a palavra deles não pode ser confirmada por ninguém; quando a personagem é fugitiva, ou teve problemas com a lei, a troca de nome acontece. No exemplo a seguir, o próprio personagem explica:

“Yo en aquella época era Tomás Friend, capataz de la sección Chankaike de la misma estancia. Digo ‘en aquella época’, porque antes fui Emiliano Amigo, apellido que traduje por Friend, que me acomodaba mejor dadas las circunstancias” (C2, 232).

Portanto, não se deve estranhar que o silêncio das personagens seja a melhor estratégia diante de situações que levantem suspeitas nos outros; no trecho “– Puede ser nada más que una sospecha mía, y no hay para qué andar levantándole la cola a la gente para ver de qué se trata” (C2, 234), pode-se refletir a atitude das personagens diante daqueles cuja origem é um assunto duvidoso.

As personagens têm origens diversas, o que confere a essa região austral um amálgama de tipos, línguas e tradições diferentes. As narrativas dão conta de seus destinos incertos, pois: “nadie sabe el origen de muchos hombres de esos lugares, nadie sabe dónde van a ir a parar. Parecen emergidos de la tierra misma, de sus aguas raras e perdidas en el extremo del orbe” (C1, 18). No entanto, sabe-

se, pelos indícios textuais observados, que as narrativas podem ser datadas entre os anos 30 e 70 do século XX, época em que continuavam chegando migrantes aos portos da região austral, vindos da Europa, pela via *platense*. Punta Arenas, Puerto Natales, Porvenir, Rio Grande e Rio Gallegos os recebiam a todos, como narra-se: “Pero un día quedó botado definitivamente en las playas de Punta Arenas, como otros tantos marinos viejos que de diferentes latitudes han venido a anclar al final de la jornada en el cosmopolita puerto chileno” (C1, 96).

No rol dessas personagens encontramos: “el patrón José Hernández y Hernández”, que era chilote; “Manuel Fernández, un marinero español”; “Tomás Aravena, era un viejo español”; “el capitán Humberto Olavarría, chilote de cincuenta y seis años”; Sander, um nórdico de alguma idade; “capitán Aníbal Pescetto”,<sup>69</sup> de origen italiana. Vários outros também navegam pelas páginas dos contos de Coloane, para povoar seu mundo ficcional.

Os capitães são personagens de idade madura, entre os quarenta e cinco e os sessenta anos, que vivem e trabalham em boa sintonia com seu barco e sua tripulação, trabalhando na cabotagem ou na pesca, ou realizando ambas

---

<sup>69</sup> Sobre sua vida de aventuras, o narrador conta: “El niño Pescetto se crió leyendo legendarios relatos e la profesión más antigua de los mares, la del pirata, que, según su etimología, quiere decir simplemente ‘ladrón de mar’, hombre que se aventur para sus rapiñas y fechorías afrontando todos los peligros. (...) Famoso pirata de la Grecia antigua, Polícrates, tirano de samos, llegó a posser una flota de cien naves guerreras que le aseguraban el dominio del mar Egeo. Las embarcaciones eran muy ligeras y de poco calado, lo que les permitía meterse en aguas difíciles entre laberintos isleños donde era muy problemático seguirlas. La navegación se hacía generalmente bordeando las costas y ningún marino se aventuraba mar adentro, y menos a navegar durante la noche. Al ponerse el sol se echaba el ancla y se levaba con la primera luz del alba” (C2, 188).

atividades. Característica comum nas descrições é a semelhança com a natureza; veja-se o caso do patrão Tomás:

“...era alto, delgado, de andar elástico, ligeramente acompasado, como si caminara sobre las ondas del golfo de Skyring. (...) El patrón del *Orión* fondeó en la isla Larga, al oriente del Skyring, con esa seguridad del marino conocedor de las violentas ráfagas, llamadas *williwaw*<sup>70</sup>” (C2, 215).

A vitalidade e a astúcia também fazem parte das características de vários: “Hombre de mediana estatura, nervudo, de mirada viva en un rostro moreno, y ágil, que tiene algo de zorro” (C2, 295). Seja de forma explícita como no exemplo, ou nas entrelinhas, sobressai neles a competência técnica e os muitos conhecimentos práticos da navegação e da geografia dos canais da Patagônia austral.

À semelhança dos marinheiros de Marajó, o domínio dessas informações torna-os mais competentes em suas navegações, também ajudando esses capitães a construir sua fama entre seus pares. A experiência é fundamental. Para atingir esse estágio eles observaram com atenção os sinais que a natureza apresenta, dominando as diversas técnicas de navegação, tendo o costume de prever as mudanças do tempo quando contam com o auxílio de cartas náuticas, derroteiros e velhos mapas, que podem ser tesouros valiosos na hora de elucidarem o caminho a seguir. Prova disso, um narrador exclama: “¡Nombres de cabos, islas, canales y canalizos! ¿De dónde provenían y cómo se borraban y

---

<sup>70</sup> A denominação de *williwaw* para esses turbilhões de água foi dada pelos *alacalufes* e *yámanas*.

aparecían en las cartas de marcar? Mareadas cartas, por diferentes razas de corsarios, bucaneros y piratas que por allí pasaron!” (C2, 171). Os saberes das águas representam o maior tesouro na vida para esses marinheiros.

Entretanto, eles não desdenham a sorte. Se os saberes da navegação e das águas permitem que eles possam sobreviver às provas da natureza, já no convívio com seus tripulantes e com os outros homens eles nunca estão seguros de conhecer tudo. O narrador expressa a idéia ao comparar um *iceberg* com a prisão da alma, em: “se le representaba como un témpano o carámbano dentro del cual estuviera el alma del hombre a la deriva” (C2, 171). Tanto o capitão quanto o patrão levam em conta que sempre existem sombras tenebrosas na conduta humana e abismos insondáveis nas almas dos homens<sup>71</sup>, para os quais procuram contar com a sorte na escolha da tripulação. O capitão reflete:

“No se conoce del todo a un hombre de mar hasta que enfrenta tempestades, naufragios, salvatajes o la muerte misma. Se traspasa el abismo y el hombre queda oscurecido o con una transparencia sumergida. Sólo entonces se le puede conocer. Después de sus reyertas con la naturaleza, semejantes a las amistades o enemistades entre los hombres” (C2, 169)

A percepção que o capitão pode ter dos seus homens, os tripulantes, é percebida de modo total, pois ele mesmo fora colocado à prova muitas vezes

---

<sup>71</sup> O capitão Melías desconfia de seu piloto, e pensa: “Este primer piloto es un pillito de siete suelas que seguramente cree que debe ser él el capitán porque es un hombre preparado, se siente inteligente” (C2, 169); o fato é que o piloto errou de novo a rota, então: “No era un piloto de fiar, Marabolí. ¡Cuando se conocerá del todo a un hombre en el mar!” (C2, 175).

antes, pela mesma natureza de águas violentas, portanto, de alguma forma, o capitão usa da psicologia ao enfrentar os conflitos, as crises e os medos que as águas provocam em cada indivíduo expostos a elas. Que ajuda a compreender como é importante o confronto com as águas para provar a têmpera do homem.

Ao enfrentar as provas e perigos do caminho do mar o patrão e o capitão utilizam uma grande dose de senso comum, que permite superar os temporais da convivência humana. Dessa forma, pensa uma personagem: “Como buen ballenero acostumbrado a vencer la gran bestia del mar, pensaba que, aunque el hombre había llegado a dominar la naturaleza, no había logrado aún dominar su propia naturaleza” (C3, 402). Eles sabem que sua autoridade no mando do navio é por todos reconhecida e não duvidam em agir com firmeza para restabelecer a ordem, como se observa em: “una herejía y un puntapié, que el patrón Fernández le dio en el trasero, lo arrojaron [a Jiménez] de nuevo a la camarita” (C1, 43); a situação exigiu força física para enfrentar essa crise de histeria.

O passar do tempo conta a favor dos capitães, que confiam na experiência de seus homens, comentado em: “Vladimiro era un yugoslavo gigantón, primitivo y algo bestial; pero con un fondo de bondad (...) cuando emigró a Magallanes llegó a adquirir la experiencia que necesitaban los marinos” (C3, 443), o que se traduz em discernimento e perseverança de mestre, já observado no tema da pesca.

Com a passagem dos anos e uma vida solitária e desregrada, certos capitães entram em franco declínio de atividades, o que os leva a escorregar para empresas escusas ou a ficar abandonados nas praias do destino, entre pares também fracassados, com os quais lembram suas façanhas de um passado comum.

Comenta-se, por exemplo, que: “Había sido un famoso capitán de alta mar, conocido por sus audacias y pericia. Poco a poco fue cayendo vencido por el alcohol y la juerga” (C1, 96). A decadência social e moral se agrava quando eles não contam com um barco, mesmo que esteja em precárias condições, pois se assim não mais podem empreender suas aventuras, eles devem permanecer em terra, encalhados até morrer, tópica que é explicada quando se relata o caso do velho Foster:

“La pérdida, el abandono, la falta de dinero, aumentaron los remordimientos e hicieron mella en sus años (...) la vida se le hizo angustiosa, insoportable. Vagó como un mendigo de puerta en puerta (...) Una madrugada lo encontraron helado dentro de una pequeña cueva” (C3, 385).

No fim da vida, alguns morrem afogados, outros sob o impacto de balas e de vários não se tem informações, o que faz mais dramático o destino das personagens que povoam estas terras austrais. A solidão que existem nas terras austrais acompanha a cada uma das personagens até o seu fim.

Entretanto, alguns que ainda contam com uma embarcação realizam atividades como foras da lei, como o contrabando de leite condensado ou whisky.

Aconteceu com:

“Tomás Aravena, dueño y patrón del *Júpiter*, era un viejo español que algunos tenían por loco; lo que él no se tomaba el trabajo de desmentir, porque detrás de su aparente locura ocultaba muy duchamente su sagacidad de pequeño pirata de esos mares” (C1, 96).

Personagens como essa navegam quase por não ter outra escolha, e percebe-se que isso “está no sangue” delas. Possivelmente sem recursos, às vezes não podem pagar seus tripulantes; andam como foras da lei e podem até contar com a vista grossa das autoridades, que já foram seus pares, como conclui o narrador: “pero los marinos de la Armada de Chile, encargados de juzgarlo, le guardaban secretas simpatías por ser uno de esos extraordinarios ejemplares que sólo produce el mar con la libertad de sus leyes” (C1, 97). Uma vez mais se percebe que as leis do mar são diferentes, e sob tal visão, um velho capitão em decadência sobrevive através de sua história, construída através de suas lutas no mar, em todos os desafios que a navegação lhe propiciou.

- v -

A luta contra os elementos da natureza, nestas solidões de águas hostis, cria um vínculo estreito entre o navegante com sua embarcação. O destino deles está unido nos momentos difíceis, fazendo com que os sentidos fiquem mais sensíveis, como que diante da morte, como relatado em “El mar, la noche, la soledad están allí (...) el barco jadea (...) la única *ánima* en medio de esa inmensidad salvaje, caótica” (C2, 279). A solidão também pode levar personagens a um silêncio gélido, deixando-as falando sozinhas: “Ninguno como yo vió lo que el témpano ocultaba debajo de las aguas! ¡Nadie vislumbró la ternura de esa naturaleza sumergida!” (C3, 430), dizia o narrador daquele homem silencioso com quem trabalhou.

A solidão da vida em meio a essas águas pode levar à loucura. Após voltar à cidade, o narrador explica: “– Este hombre no está en sus cabales – me dije –; éste está loco de soledad, de silencio, quizás de qué, y si yo sigo aquí me voy a poner loco como él” (C3, 427), que faz dessa não só uma conduta auto-destrutiva, mas passível de estender-se a outros indivíduos.

O mesmo se observa em navios que viajam por longas viagens, nas quais os tripulantes se isolam em mutismo e tristeza e nas quais o convívio social fica reduzido ao essencial. Coloane descreve esse processo na viagem das personagens, no conto “De la región Antártica famosa” (COLOANE, 1999). Ocorre aqui uma censura da palavra, da linguagem, como símbolo do homem civilizado; assim, Charlie, um caçador quase solitário, grunhe, não fala. Outros liberam seus piores instintos, sendo execrados por suas bestialidades.<sup>72</sup> Observe-se que a natureza hostil é comparável com a conduta das personagens, nas quais primam os instintos. Isso pode ser exemplificado em: “sumergido en su silencio como un témpano que sólo mostraba una séptima parte de su dimensión, y aún tan rugosa y pétreo como la naturaleza que lo circundaba” (C3, 428).

A agressão da natureza resulta implacável em indivíduos mais fracos, colocando à prova seus próprios limites, o que termina com a vitória daquela. No conto “El constructor del faro” se confirma: “Sólo el hambre, la noche o esa hostil

---

<sup>72</sup> O tripulante narrava a loucura de um marinheiro que, junto a outros, se serviu de uma foca para satisfazer seus instintos sexuais: “[la imagen de la foca] perseguía al lobo hasta que lo volvió loco (...) Cuentos o no, el caso es que al gallo ese tuvieron que amarrarlo para que no se tirara por la borda al mar...(...) -¡Bestias, bestias; peores que la peor bestia!” (C3, 401).

intemperie del golfo hacían que aceptara ese alimento y se deslizara por las puertas del rancho igual que una alimaña apaleada” (C3, 454).

As águas indômitas trazem aos navegantes a experiência do medo, sensação diferente do medo em terra, que passa rápido. Já na água ele perdura, seja em vigília, pelo constante e violento movimento das águas, ou durante o sono, no qual perdura a consciência do perigo. O medo pode paralisar o homem, como refere um marinheiro: “Uno no es más que un extraño animal asustado, si está solo” (C2, 298). A violência das águas tormentosas gera o medo da morte, que produz a estranha consciência de toda a vida do indivíduo desfilando diante de si. Essa visão fugaz da existência antecede à morte do afogado e só alguns poucos teriam voltado para narrar a experiência, o que não impede que se acredite em sua veracidade. Nos contos em estudo, o capitão Pescetto e Iván, levado este pelo lobo de mar, servem de exemplos para essa fugaz percepção da vida diante da morte nas águas.

A realidade da morte ronda as águas, e aqueles que por elas navegam sabem disso. Alguns lugares da geografia austral do Chile fazem referência a ela: “...todos los nombres de esas regiones recuerdan algo trágico y duro: la piedra del Finado Juan, isla del Diablo, Bahía Desolada, El Muerto.” (C1, 42). Essa toponímia representa uma constatação das dificuldades encontradas pelos navegantes na região, e serve de aviso para aqueles que se aventuram por essas águas, pois a morte ronda por ali. Os restos de um naufrágio ou uma cruz feita de troncos e colocada no lugar da morte de um marinheiro são passíveis de se encontrar nos

canais austrais, como sinal da dura luta que os navegantes travaram com as águas, e a qual perderam.

Outros sinais são os cadáveres que o mar, às vezes, devolve à terra. Os restos de Iván e “*El Liche*” podem somar-se aos corpos dos tripulantes que fugiram da *Maria Angélica*<sup>73</sup>, durante o temporal. Nestas personagens o medo e a loucura antecedem as mortes, como forma de aviso para todos os navegantes das lutas mortais que povoam o imaginário das águas.

O mundo das águas austrais abre espaço à morte, sob a forma de suicídio ou de homicídio. À diferença dos crimes em terra, no mar muitas vezes o agressor permanece totalmente impune. Ocorre que a região está desabitada em extensas zonas do inóspito território, sem comunicações permanentes nem polícia, e a cobiça de muitos permite que o instinto aflore e que seja fácil se desfazer do companheiro, para ficar com todos os seus lucros. Coloane descreve como “se elimina al socio abandonándolo en un peñasco solitário en medio del mar, o basta con un pequeño empujón junto a la borda del celoso cúter, en una noche tranquila, mientras se navega” (C1, 19). Já o suicídio, pela perda da razão, tem nas águas um aliado permanente. Trata-se de indivíduos que perderam a luta da vida no momento limite de resistência e se entregaram definitivamente. Coloane os menciona, de passagem, somente.

---

<sup>73</sup> Medo mortal é o sentimento que se observa no relato: “– ¡No quería hundirse con su barco, como en las noveluchas! (...) –No; no me abandonaron...Cuando los vi tan miedosos, les dije que tomaran el bote no más y se fueran sin mí, sin cuidado. Me quedé a bordo. Fue mi decisión (...) - ¡Que iban a ser de Quemchi...Allá no cunden los huemules!... (...) Al día siguiente, otra lancha marisquera que venía del sur encontró los cadáveres de los tripulantes de la *María Angélica* en las playas de la isla Lagartija” (C2, 185).

Para vencer nessa luta contínua, o homem busca ajuda na cultura das navegações, nos seus regulamentos, leis e normas, que representam saberes apreendidos, em benefício de uma melhor convivência com outros indivíduos e com a natureza. A navegação nos canais austrais do Chile tem exemplos: “– ‘si una nave viene del norte y la otra del sur, una no debe pasar’. Si las dos pasan y se encuentran, una debe naufragar” (C2, 175). Um erro do piloto na travessia da Angostura Inglesa pode significar a vida ou a morte, tal a gravidade da decisão num canal cuja largura só permite passar uma nave por vez. Os altos paredões obscuros, a névoa e os temporais constantes produzem verdadeiro pânico nos marinheiros, como relata Coloane (1999).

Em outros casos em que a visibilidade é precária, as luzes dos fanais ajudam a determinar o rumo certo. Tal é o caso das luzes de bordo, que servem para: “no equivocarse el rumbo cuando se encuentra con otro barco en la ruta / Si el verde da con el verde/ y el rojo con su igual/ entonces nada se pierde/ siga el rumbo cada cual” (C2, 278). Outras luzes correspondem aos faróis, dispostos em pontos estratégicos das rotas utilizadas pela navegação costeira, como o farol Evangelistas, na entrada ocidental do estreito de Magalhães; ou aquele de Puerto Refugio, na entrada do golfo de Penas. Foi descrito com maestria por Coloane o sacrifício dos faroleiros, absolutamente isolados do mundo por meses, que salvar a vida dos navegantes.

As leis do mar fazem parte de um código de honra entre aqueles que tripulam as embarcações. A autoridade do patrão ou capitão não se discute, como foi observado no caso de Catumbi. Quando alguém se esquece, existem diversa

formas de lembrá-lo, como: “– ya les he dicho que a bordo más vale una patada en el traste que una mala palabra... – Donde manda capitán no manda marinero” (C2, 174). Essa autonomia nas decisões do capitão está regulamentada por normas de conduta entre pares, que cada autoridade marítima sabe aplicar, e que podem significar, em alguns casos, uma questão de honra. Assim o exemplifica o conto “Golfo de Penas”, que relata o encontro, em pleno temporal desatado, de um bote e um barco. O dilema de ajudar o bote a sair do golfo tormentoso radicava no fato de que os tripulantes do bote seriam tratados como náufragos, pela aplicação das leis:

“¡Si los llevo debo entregarlos a las autoridades de la capitanía del puerto de su jurisdicción!” Os cinco tripulantes do bote não aceitam esse tratamento e continuam, sozinhos, a lutar nas águas do perigoso golfo como fantasmas. O patrão respondeu: “ – ¡No, allí nos registrarán como náufragos...y eso...ni vivos ni muertos! ¡No somos náufragos, capitán! (...) – ¡Era un testarudo ese patrón!” (C2, 168).

– comenta o capitão do barco, depois do incidente. A teimosia do patrão se explica, talvez, através do fato de os tripulantes no bote serem chilotes da ilha de Lemuy, possuidores de uma exímia tradição de navegação. Estas personagens encarnam o fato de a vida, no mar, ser regida por normas e códigos de honra.

Os navegantes devem estar sempre atentos, pois precisam observar os sinais da natureza. Eles não são evidentes como uma bandeira de cores preta e amarela que, içada no mastro, significa ‘morto a bordo’ da embarcação. Pelo contrário, um observador atento ao céu e às águas sabe que: “Cuando las

estrellas tiemblan es porque corre viento afuera. (...) Otro anuncio de temporal fue una bandada de golondrinas de mar que se posaron sobre la regala, que tenía poco más de un metro fuera de la línea de flotación” (C2, 298).

A experiência adquirida costuma ser respeitada entre os tripulantes das embarcações, mesmo que sejam analfabetos, como é o caso da personagem indígena Santiago Pedro de Valdivia. Os saberes sobre as condições mais favoráveis para a navegação nos canais e golfos se traduzem num melhor aproveitamento da natureza, o que não impede que se incorporem elementos da fantasia para explicar outro tipo de sinais, como é o caso das luzes de San Telmo: “que se encienden en las cofas cuando los barcos van a naufragar? Es el anuncio del santo para prepararse a morir” (C2, 182). O mundo das águas incorpora as lendas e as superstições dos marinheiros e navegantes, fato que ajuda a desenhar uma nova geografia no imaginário popular da Patagônia ocidental.

A relação entre superstição e a natureza das águas é comentada pelo narrador de “El último contrabando” como uma mediação diante do caos. Na realidade, a personagem está entregue às forças da natureza, portanto – explica – , ela se fixa a uma esperança para resistir. Pode-se compreender assim o exemplo de capitán Tomás, que na hora da morte continuou acreditando na influência da *jetta*<sup>74</sup> dos outros; mas era a dele. Em situações difíceis, o indivíduo procura interpretar os sinais do tempo, das águas, para o seu favor, o que nem sempre ocorre, como acontece com um tripulante que diz: “Para más recacha’, como dicen

---

<sup>74</sup> *Jetta* = má sorte.

los balleneros, era un día trece. Me volví supersticioso” (C2, 298). Às vezes, trata-se de levar na embarcação “extraños a bordo, sobre todo frailes y mujeres” (C2, 298), o que poderia trazer riscos a todos.

Em outros casos acredita-se que os mortos jogados ao mar retornam para atormentar os vivos, ainda mais quando se trata de morte violenta.<sup>75</sup> Também a presença do diabo no mar se explica por meio de lendas. As forças do mal se encontram aprisionadas no fundo do mar, no lugar onde se produz o terrível encontro entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Justamente no cabo de Hornos “el diablo está fondeado con un par de toneladas de cadenas, que él arrastra, haciendo crujir sus grilletes en el fondo del mar, durante las noches tempestuosas y horrendas” (C1, 17). A lenda da presença maléfica sepultada sob as águas nutre-se dos relatos de acidentes, naufrágios e da péssima fama que o difícil e violento passo carrega ao longo de séculos de navegações. Esta união entre lenda e realidade reforça a primazia das águas na vida dos habitantes desses confins austrais do continente sul-americano.

---

<sup>75</sup> O conto “Cinco marineros y un ataúd verde” está baseado nesta superstição, em relação a qual o narrador explica: “Él mismo fue el que propuso sepultarlo en tierra y no en el mar, temeroso de una vieja superstición marinera que dice que los sepultados en el mar vuelven siempre a sus casas o a visitar a menudo los lugares en donde vivieron, vengándose muchas veces de los que les hicieron daño. Y tratándose de un crimen o algo parecido, la leyenda exaltaba la venganza de tal manera que el alma de la víctima llegaba a incorporarse en la del victimario, hasta enfermarlo y hacerlo perecer...” (C3, 376). No final, a vingança do morto acabou sendo cumprida.

### 3.4 AS LENDAS DAS ÁGUAS

Uma nova forma de conhecimento se debruça sobre o imaginário mítico<sup>76</sup>, e as lendas dos povos podem ser caracterizadas como uma maneira de entender aspectos de suas identidades e de valorizar as manifestações culturais populares produzidas ao longo do tempo.<sup>77</sup> Desde os tempos mais remotos, diversos grupos sociais têm construído um imaginário por meio de tradições orais, valorizando nelas a presença do elemento água, e suas forças misteriosas presentes na natureza, que esses homens não compreenderiam de outra maneira. Além de ser estudada pelas ciências naturais, a água possui diferentes significados, dependendo dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais das sociedades. Ao mesmo tempo a água tem uma dimensão simbólica: “embla os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se presencia nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida...” (DIEGUES, 2000, p. 16)

O simbolismo das águas está entre os mais prolíficos, diversificados e permanentes produtos da imaginação das diversas culturas, ao longo dos

---

<sup>76</sup> O mito pode designar seja uma narrativa sagrada referente aos inícios de uma sociedade, seja uma história apresentada sob forma poética, apelando para a imaginação. O mito e as crenças se aplicam a setores do pensamento que se situam entre a certeza científica e o sonho, entre o imaginário e o racional. Suas raízes estão tanto na afetividade quanto no intelecto, engajando todo o ser, e têm influenciado os homens mais que a certeza positiva. (AKHOUN, 1986 *apud* DIEGUES, 1998, p. 33).

<sup>77</sup> Le Goff estuda a Idade Média; Ginzburg estuda o Santo Ofício e a sociedade quinhentista; Darnton a França medieval.

tempos. Os espaços que contém as águas povoam-se de imagens, de lendas e de tradições que permitem uma aproximação ao vital elemento, num intento por abarcá-lo, aplacá-lo, compreendê-lo e dominá-lo. Também o tempo das águas, nos seus ciclos e movimentos, confronta-se com o tempo horário dos homens, estabelecendo novas categorias para sua compreensão. O trabalho realizado por Gaston BACHELARD, em *A água e os sonhos* (2002), utilizando as imagens da poesia para (se) adentrar num estudo da imaginação material das águas, favorece a abertura de novas trilhas, para compreender as manifestações simbólicas da água na cultura ocidental. O desafio para entender esses simbolismos se estende, também, aos saberes populares, com os quais se tecem as histórias e lendas dos habitantes da Amazônia e da Patagônia.

Pesquisas de estudos culturais realizadas nos últimos anos exploram as manifestações da oralidade na ilha de Marajó. A constatação é que existe um acervo de produção oral que sobrevive em espaços sociais, situação extensiva ao Brasil como um todo. Acontecem formas múltiplas e “... poéticas orais e populares – o conto, o provérbio, a máxima, o dito popular, a trova, o cordel – são freqüentes no cotidiano brasileiro” (FARES, 2003, p. 156), que têm como uma de suas características a definição dos espaços sagrados e profanos.

Essas duas últimas categorias identificam os lugar da ordem (o espaço sagrado) e do caos, da desordem, da destruição (espaço profano). A necessidade de manter a ordem no grupo social diante de um espaço natural

caótico e desconhecido pode ser realizada através dos ritos<sup>78</sup>, que são procedimentos para regular e conectar o sagrado e o profano. A presença de limites para esses espaços, dentre eles a água, muitas vezes é insuficiente para a manutenção da plenitude do mundo, pelo qual se estabelecem tabus<sup>79</sup> que impeçam o caos.

Com o correr do tempo, essas estruturas sociais transmitidas de geração a geração pela oralidade têm perdido força e validade. Já não mais conseguem dar contas das mudanças que a tecnologia, a educação pública, e as novas formas de comércio impõem até nos últimos confins dos territórios. Em tempos de globalização e de novos paradigmas sociais, as tradições das comunidades passam por novas elaborações, quando não caem no esquecimento.

Para as gerações mais antigas de caboclos marajoaras, a realidade lendária da ilha fazia parte de sua vida diária, pois as tradições eram reelaboradas em práticas diversas por toda a comunidade. Hoje, a transmissão oral desse material é privilégio de uns poucos informantes idosos, que não costumam mais serem escutados com frequência nas comunidades pelos grupos mais jovens. Isto se reforça com o comentário da pesquisadora<sup>80</sup>:

---

<sup>78</sup> Rito: “em determinadas sociedades, conjunto das práticas mágicas, realizadas durante as cerimônias, cujo objetivo é assegurar certo controle sobre as forças sobrenaturais e/ou orientar uma força oculta no sentido de uma ação determinada.” (DICIONÁRIO, 2001).

<sup>79</sup> tabu: “Interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou quanto à linguagem”. (DICIONÁRIO, 2001).

<sup>80</sup> A pesquisa realizada em Chaves, ilha de Marajó, segue os rastros “da corrente migratória, registra Maciel (2000) que uma parte desses índios Aruãs teria subido o rio Negro, através do rio Orinoco, passando a

“Em Chaves, apesar da população mais jovem não fazer referência, em suas falas, aos seres encantados, os mais velhos, (re) lembrando estórias vividas, conseguem trazer à tona passagens e situações envolvendo a cobra grande...” (LEONEL, 2003 p. 39).

À descrença nas histórias dos encantados, por parte dos jovens, associam-se mudanças nas tradições, com a introdução de valores e condutas da cidade, da televisão, da cultura de massas, prejudicando a identificação dos caboclos com sua ilha e os seus costumes; o maior isolamento de antes favorecia a circulação de histórias – lembre-se das tardes, nas portas das casas conversando, e em atividades comunitárias como a pesca, que na atualidade dão espaço a uma nova individualidade, diante do televisor.

Assim como na poesia no estudo de BACHELARD (2002), na literatura de Dalcídio Jurandir está presente a dimensão simbólica das águas. Seus romances servem de repositório para as lendas das culturas cabocla e marajoara, e que trazem pela boca de suas personagens partes de um mundo imaginário com os quais se constrói uma outra geografia, que valoriza as águas, seus limites e a sabedoria do povo. Nessa espécie de cartografia da cultura marajoara (FARES, 2003) que seria a obra dalcidiana, as lendas se sucedem, em especial, em “Três casa e um rio” (R3), na qual se conta que:

---

povoar a foz do Amazonas, ocupando parte do Estado do Amapá e, posteriormente, o Marajó, região que abrigou o povo Aruã 1200 anos d.C.” (LEONEL, 2003, p. 17).

“- o *curupira*, que Alfredo ouviu: ‘... de dente verde, dava flecha encantada para o caçador que não perdia caça. Mas em compensação pedia ao homem um pedaço do seu fígado...’ (R3, 83);

- a *cobra grande*: D. Amélia conta para um grupo de moleques: ‘...queixa de um rio à cobra, sua mãe, que o abandona...’ (R3, 137); .) - a *pororoca*: tio Sebastião contava a Alfredo: ‘...três chalés desembestando nágua. – E por que titio não botou rédea nas ondas e não montou nas três éguas da pororoca? – Tu és maluco, é, hein, meu sobrinho? (...) Ver a pororoca grande é contar uma história mas senhoras história...’ (R3, 88);

- a do *cego e os três filhos*: contada por D. Amélia aos filhos e Andreza: ‘...na sua voz clara, de costas para o menino (...) foi contando que ‘era uma vez’ um cego. Tinha três filhos. Mesmo assim, cego, gostava de caçar. Um dia...’ (R3, 195);

- o *meuã*: desta vez é Lucíola que, excitada, fazendo tacacá, conta que: ‘...Diana viu subir no girau um rapaz desconhecido. Entrou no salão dirigindo-se logo para ela como se a conhecesse de muito tempo (...) Agora eu quero que me arrume um quarto, me feche nele, tire a chave e guarde sem mostrar e dizer a ninguém...’ (R3, 324);

- a *princesa do lago*: Andreza de coração mole queria ser para Alfredo: ‘...aquela princesa do lago onde os galos encantados cantavam, a princesa que os vaqueiros não podiam ver, pois se a vissem, regressariam ardendo em febre, ou morreriam como aqueles dois que, delirando, morreram falando nela, vista à beira do lago sentada numa raiz..’ (R3, 337);

- as *histórias de bichos* do tio Sebastião, de suas idas e vindas pelos rios da Amazônia: ‘...Alfredo cerrou os olhos, segurando-lhe a palma grossa como feita de madeira, dedos cheios de calombos. Tinha o peso das viagens, dos trabalhos, dos sofrimentos...’ (R3, 89);

- a *arraia grande-grande*: Lucíola falou para os meninos dos encantos e malefícios: ‘... falou, de modo misterioso, da arraia grande-grande, que nascera no Arari e mudara para debaixo da lagoa quando ainda nem sinal havia da Cachoeira de hoje. Quando a lagoa se agitava era porque a arraia se mexia. Se esta saísse de lá, a lagoa iria em cima...’ (R3, 329)” (INOSTROZA, 2003, p. 161-63).

A lenda da arraia grande-grande ou mãe da lagoa, como descrita por Dalcídio através do narrador, coincide com outras versões coletadas em estudos - FARES (2003), LEONEL (2003). No início, a personagem Lucíola conta para o menino Alfredo que a lagoa está encantada e tem malefícios. A intenção dela é proibir que ele e sua nova amiga Andreza brinquem com

barquinhos e peixes nessas águas. Contou-lhes a lenda da arraia grande-grande<sup>81</sup>, que habitava no Arari (lago) e mudara-se para essa lagoa. “Quando a lagoa se agitava era porque a arraia se mexia. Se esta saísse de lá, a lagoa iria em cima” (R3, 329). Nesta proibição percebe-se a força da tradição local, que acredita na presença protetora de uma entidade do imaginário, com poderes para defender a integridade da lagoa. Observe-se que esse interdito relaciona-se com a ultrapassagem dos limites que a pequena lagoa representa para os meninos. Portanto, a atitude de Lucíola se circunscreve dentro do respeito às tradições locais.

Em geral, as entidades ou “encantados” constituem-se como guardiões da ordem, diante dos excessos e abusos cometidos pelos homens. No imaginário popular tudo tem mãe, que não gosta de ver sofrer os filhos (a natureza, os animais). Elas apresentam-se nas narrativas como mães d’água, mães dos rios, mães dos lagos, iaras, uiaras; nas florestas se registram a mãe do fogo, o curupira, a mãe do mato, o boitatá, o ataíde dos mangues do Salgado, os anhangás das matas e as matintas perera. No geral, como afirma Câmara Cascudo, “essas lendas são de origem portuguesa, tendo pouco a ver com as indígenas brasileiras” (CASCUDO *apud* DIEGUES, 1998, p. 233). Contudo, elas têm se integrado ao imaginário amazônico e marajoara, a ponto de se identificar plenamente nas suas funções protetoras. É o caso dos

---

<sup>81</sup> Arraia: “Designação comum aos peixes elasmobrânquios da ordem dos rajiformes, que geralmente possuem corpo discoidal com nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, cinco pares de fendas branquiais na região ventral, cauda com ou sem ferrão, e são bentônicos e ovovíparos; arraia” (ENCICLOPEDIA, 2003).

interditos contra pescadores que realizam práticas predatórias, sobretudo na época das secas, ou aos caçadores dos animais do mato, em particular, nos tempos de piracema e reprodução, para garantir a preservação das espécies animais.

A história que Lucíola contou não dá como resultado o efeito que ela espera: Alfredo continua a brincar junto a Andreza, que agora veste roupas que a assemelham a uma cobra coral. Aos olhos de Lucíola, a menina viperina é uma ameaça para o seu relacionamento com aquele menino, que ela criou como se fosse seu filho, e pelo qual nutre uma forma de amor doentio. A garota representa para Alfredo uma fuga para sua situação de isolamento no chalé, e também dos problemas que se arrastam por anos, como a presença dessa mãe postiça tentando lhe controlar os passos. Alfredo utiliza a água como rota de fuga; o vemos atravessando o rio de carona, junto de Andreza; debatendo-se pelo rego que leva as águas sob a ponte do chalé, para além do algodoeiro brabo, numa procura de sua liberdade; e materializa-se no rio e no barco que o levaria a Belém, no intento das duas fugas, frustradas; rio que retorna numa canoa, com Andreza, para encontrar a pororoca que vem subindo o Arari, e que os faz naufragar frente ao chalé, para desespero da família.

No diálogo a seguir, consigna-se a ambivalência que a lenda representa para os mais jovens, pois eles percebem que existe o intuito de continuar com uma dominação parental, da qual eles se resistem. Essa dominação se baseia na figura do adulto, detentor da verdade e merecedor do respeito, que se utiliza dele conseguir a adesão das crianças para a causa deles. Porém, ao mesmo

tempo, as razões e motivações se mostram inconsistentes diante da argúcia e as dúvidas que as crianças interpõem, debilitando a posição de dominação pelo uso de argumentos lendários. Dessa forma, Alfredo interpela (a) Lucíola:

“- Por que? Agora não é mais a lagoa? É a Andreza? (...) - Primeiro a senhora falou mal da lagoa. Pra acreditar mesmo, queria ver a arraia. Falei com Andreza. Ela me disse que talvez sim, talvez não. Não era bom tirar o tal do encanto da lagoa? A gente pegava a arraia, Andreza comia, pronto. O tio dela anda sem comida, coitado. Era ou não era?” O narrador desvenda que o menino sentia temor ao mistério da tal arraia, porém se compraz em atormentar Lucíola, debochando da lenda, o que passa a ser um jogo de poder “medindo também o quanto ele a dominava ainda” (R3, 330).

O medo do invisível (das entidades que cuidam da lagoa) se constitui, em geral, numa forma de controle da comunidade para com as crianças nas situações mais comuns de perigo relacionadas com as águas. A presença de arraias, no fundo lodoso dos poções, cuja ferroada aleija as pessoas, e a existência de poraquês que possuem descargas elétricas mortais devem somar-se, na época das águas grandes (enchentes), às piranhas vorazes que pululam nas águas lodentas, às cobras sucuris que deslizam nadando pelas águas em busca de animais domésticos e de crianças desprevenidas, e aos jacarés que rondam as vilas e palafitas soltando roncões medonhos.

As lendas e encantados não impedem, entretanto, que acidentes com crianças aconteçam, mormente nas cheias, quando as crianças ficam presas nos ranchos sem poder brincar nos campos alagados. Dalcídio Jurandir

apresenta-nos passagens com esses fatos: “vieram as grandes chuvas (...) os búfalos soprando água, imóveis e negros, assustavam os jacarés. Sucuriju ia apanhar patos e rondar crianças nos jiraus das fazendas...” (R2, 260). Os perigos podem ser diversos, como:

“...perdera o filho há dias. Um gito<sup>82</sup> de três anos (...) um curumim inchadinho, feio, os olhos pisados, tremendo, à tarde, com o frio do paludismo. Caiu n`água numa lua cheia. Escorregou no jirau. A mãe deu um grito. Dois dias depois Tenório achou o corpo do curumim num pé...” (R2, 316).

Dalcídio Jurandir completa o quadro da desgraça ocorrida, mostrando como a mulher se isola em uma mudez, um desespero de animal batido, e o triste e mísero quarto em que permanece lembra-a de sua impotência diante dos fatos, sem reagir. Observe-se a continuação do texto:

“A mulher não respondeu. Ficou encostada no jirau, no meio daquela solidão. Como se não houvesse mais ninguém no mundo, só ela e Tenório naquela palhoça à beira do rio morto, com um curumim, roído pelos peixes, se delindo ao pé da sumaumeira.” (R2, 317).

A analogia entre o rio e o filho, ambos mortos, se acrescenta pelo silêncio, como se o homem fosse despojado de sua condição humana mais plena, e castigado, para não mais falar e poder voltar a ser feliz. A mãe de Alfredo, D. Amélia, também perdeu seu primeiro filho nas águas grandes, pras bandas do Muanã, antes de conhecer Major Alberto; nas vezes que o assunto

---

<sup>82</sup> Gito, “m.q. pequeno, criança.” (ENCICLOPÉDIA, 2003). Também: “S.m. e adj. Pequeno, miúdo. Muito empregado na forma diminutiva gitinho/gitinha.” (ASSIS, 2002, p. 74).

era mencionado, seus olhos não conseguiam esconder o profundo pavor do destino e se fechavam numa autopunição de silêncio que durava dias. Sua capacidade de ser mãe ficava questionada, parecendo que não poderia ser admitida a possibilidade desses acidentes acontecerem. Tudo isso motiva a preocupação de Lucíola por manter Alfredo sob controle, longe de Andreza. Já D. Amélia observa que seu filho está mais animado, alegre e sadio, por conta dessa amizade.

A preocupação com a vida da lagoa, que seca rapidamente, leva os meninos a fazer esforços por salvá-la. Andreza consegue a colaboração dos moleques da rua de baixo e “começou a luta pela vida da lagoa” numa empreitada que mistura o real e o fantástico. A percepção das crianças de que essas águas estavam morrendo esturricadas leva-os a incorporar a lenda, para explicar os fatos:

“Alfredo, então, se lembrou da cantiga de sua mãe, a história do rio morto (...) E olhe, a gente tem que encontrar o olho d’água e proteger ele com folha verde. E quem sabe se a arraia não está é bebendo a água? – A arraia recolhe a água do olho. Ela guarda a água, por isso a lagoa não morre...” (R3, 338).

O problema concreto da seca, aqui, adquire uma dimensão onírica, parece quase uma brincadeira de meninos. Sabe-se que por muitos e muitos anos tem-se procurado controlar as águas do Marajó, represá-las, fazer canais e barragens que venham minorar os efeitos dessas enchentes e das secas. Contudo, os técnicos e os políticos, que assinavam tais projetos, esqueceram

da “arraia grande-grande”, isto é, da natureza e sua vontade. Os meninos não só lembraram, como procuraram ajudar essa natureza: “uma fila de moleques ia e vinha do poço do catavento com baldes d’água que despejavam na lagoa, já um pouco convencidos de que a estavam salvando” (R3, 338).

O compromisso com a salvação da lagoa, mesmo que seja como uma brincadeira, leva as personagens a elaborar outros ritos sociais que demonstram seu compromisso com a natureza em perigo. O tom do relato beira a paródia, que de certa forma acentua mais a vontade das crianças em salvar sua amiga, em:

“...a lagoa secava rapidamente, a água escoava para o centro, a lama endurecia (...) sapos pulavam (...) nem um pingo de chuva, o vento que vinha, vez por outra, vinha era queimando. A lagoa morria. Um moleque teve a lembrança de trazer um coto de vela e acender na beira. – Pra que isso, Ezequiel? – Ela está desenganada. Nem indo pro hospital da cidade dá jeito. Precisa de vela na mão.<sup>83</sup> (...) meninas furtavam dedais de casa que enchiam nos potes e nas moringas para dar de beber à lagoa. Canecos, cuias de Santarém, garrafas cheias, era uma mobilização geral de todos os recursos para salvar a lagoa que já mostrava o seu casco do fundo, exaurida e muda...”(R3, 338).

O narrador pontua que Alfredo se sentiu alegre pela integração com os outros meninos, liderados por Andreza.

Esse comportamento pode parecer um evento corriqueiro, se não fosse pelo fato de que Alfredo é um menino só, que sofre na alma sua própria crise

---

<sup>83</sup> A vela na mão faz referência ao costume popular, no Brasil, de colocar uma vela junto do moribundo, para alumiar o caminho da alma nesse transe.

de identidade, como se acompanha ao longo dos romances do ciclo (R1, R3). A integração no grupo lhe traz a alegria, o riso:

“...perguntavam se chegara a hora de encomendar ao seu Abade o caixão para a agonizante. Tinham que levar a defunta para o rio (...) Como seria o caixão?”. Também há a cumplicidade de sua amiga Andreza, com quem divide o imaginário das águas: “de mãos dadas, foram correndo espiar e logo aos gritos tentavam afugentar os bois que beberam o último alento da lagoa...” (R3, 340).

A personificação da lagoa, que sofre os efeitos do sol, agoniza e finalmente morre, é uma realidade na imaginação das crianças, que os estimula em gestos solidários. Existe outra figura do imaginário local que serviria de modelo, nas suas qualidades míticas, para que a pequena Andreza possa enfrentar seus problemas; trata-se da princesa encantada do lago Guajará.

No romance R3, a personagem Andreza, menina de índole alegre e indômita, se acerca de Alfredo e sua família; aos poucos, se reconhece nela a injustiça de um sistema social que se aproveita e esmaga os mais fracos: por questões de terras com os Meneses, seu pai e seu irmão são assassinados e os cadáveres escondidos por anos, seu tio sofre perseguições e acaba morrendo sozinho, fugitivo. Andreza brincava de dona de casa com Alfredo, num intento de compensar sua orfandade. Vítima dos seus sentimentos, aparece fraca diante de Alfredo e Lucíola e ocorre, então, essa vontade de ser poderosa como aquela princesa:

“...ela que queria exercer domínio, desejava correr, em pé, no pêlo de um cavalo bravo e galopar, galopar (...) queria ser aquela princesa do lago onde os galos encantados cantavam, a princesa que os vaqueiros não podiam ver, pois se a vissem, regressariam ardendo em febre, ou morreriam como aqueles dois que, delirando, morreram falando nela, vista à beira do lago sentada numa raiz...” (R3, 337).

O lago encantado, o Guajará, situado entre Soure e Cachoeira, é cenário para uma simbólica cena, no romance R3: a desapareição do último dos Meneses, Edmundo, o noivo de Lucíola.

Depois de acompanhar a fuga da noiva no altar e seu posterior suicídio com veneno, o narrador introduz-se na mente febril de Edmundo, que regressa a Marinatambalo, após muito beber, trôpego e andando sem rumo, chegando diante do lago, que fede de modo insuportável a peixe morto. Neste ponto a razão lhe abandona e as lendas, os fantasmas e os remorsos pelos pecados da sua família, muito negros, lhe acompanham o caminho pela noite, montado no seu búfalo, para não mais saber o que faz.

Em parte, o simbolismo da morte do mais novo dos Menezes está relacionado a esse vínculo ao lugar, à fazenda que foi seu espaço de poder de vida e morte, como verdadeiros amos. Ele foi criado longe, na Inglaterra, sem saber da família que se desfaz, da falência econômica do pai, (e) do desinteresse dos irmãos pelo espólio e a avó doida. Quando ele volta ao Brasil, seus sonhos de posse, destruídos, o levam até os restos da fazenda, onde a velha Marciana convive com os fantasmas e o tio Edgar. Branco como uma assombração entre as matas e o sol equatorial, ele vive a irrealidade do

passado faustoso e as ruínas do presente: tudo será de outros, em breve, e para salvar-se de tamanha sina, inventa de se casar com Lucíola, sem mediar amor, resultando que, após estranho noivado, ele é rejeitado: nada agora consegue lhe salvar. Seus sonhos só podem realizar-se no mundo fantástico do mondongo, do lago, que perdura na lenda do lugar – para isso, ele há de morrer.

A narrativa final desse capítulo traduz a perda da razão de Edmundo, o aparecimento da loucura talvez, fruto do choque brutal que a rejeição de Lucíola traz à sua vida. Ele viaja de noite pelos campos, sendo que a noite está associada à escuridão, falta de razão, de juízo. Aqui, dentre outros, o acossava “a febre dos vaqueiros causada pela visão da princesa do lago (...) saindo das águas, perseguindo-o”. (R3, 381). A união do lago, da noite e do fedor cria as condições para que o terror se apodere do espírito de Edmundo. Assim explica Bachelard:

“À noite, à beira do lago, traz um medo específico, uma espécie de ‘medo úmido’ que penetra o sonhador e o faz estremecer (...) a água misturada com a noite é um remorso antigo que não quer dormir (...) ultrapasse o imaginável e terá uma realidade suficientemente forte para perturbar o coração e a mente...” (BACHELARD, 2002, p. 1067).

Todos os fantasmas de sua mente febril parecem persegui-lo ou arrastá-lo ao mondongo, esse território misterioso das terras marajoaras. Desvairava, “para que todos alcançassem Edmundo e a avó, que fugia também na caleche incendiada, os lagos desatavam o canto dos galos do fundo da água que os

pescadores e vaqueiros pensavam ouvir na solidão” (R3, 381-82). Esse lago rodeado de mistério está presente no lendário, e desta vez é motivo de conversa entre o pajé Jesuíno e o administrador Manuel Raimundo, quando da visita para tratar de suas doenças.

Após esperá-lo por horas em seu terreiro, o pajé conversa com Manuel Raimundo sobre o lugar muito falado, o lago misterioso, em que as lendas se misturam com a realidade:

“...resvalou para a lenda do lago Guajará (...) era um lago falado, a lenda enchia os campos. Os vaqueiros contavam: tinha comunicação com o mar, a maré enchia e vazava, boiavam quilhas de barcos, lemes, pedaços de velas, vozes de afogados, bois bufavam no fundo, ninguém ousava pescar ou atravessar à noite no lago Guajará.” (R2, 323).

Sobre o mesmo lugar comenta FARES (2003) que (o lugar) é de difícil acesso, só de casco em algumas épocas de cheias, o que favorece o mistério; outro fato que o reforça é a não-existência de cursos de água que alimentem ou deságüem no lago. O certo é que esse espaço natural constitui-se em espaço mítico: possui uma lenda e interditos ou proibições relacionados com a pesca e o gado, que geram punições àqueles que os infringem. A mediação entre os encantados das lendas<sup>84</sup> e o povo que convive com elas se verifica através da

---

<sup>84</sup> Em pesquisa realizada por FARES, ela coleta seis versões da lenda que existe no lago Guajará, que ela sintetiza: “as variantes confirmam o espaço de encantamento da fazenda. Um príncipe encanta uma moça como castigo à negação do seu pedido de casamento. Não há prenda redentora, a prisão punitiva, no fundo do lago, dura para sempre, e a saída libertadora só acontece com a transfiguração da personagem animal.

pajelança<sup>85</sup>. Graças à sua autoridade social e ao conhecimento das entidades e encantados, os feiticeiros dão indicações para que o povo possa superar medos e dores, e conviver de melhor forma com a realidade mítica. Seu poder está vinculado a uma enorme sensibilidade pessoal, que é favorecida pela escuta atenta e uma empatia com o próximo: sempre estão por perto, disponíveis. Tal é o caso do pajé Jesuíno, em R2. Tal situação não acontece com os sacerdotes, os médicos ou os psicólogos na região.

O fazendeiro Manuel Coutinho rememora a fama do pajé: “Não era pajé que curava? Não era o mestre curador? Ouvia suas histórias, suas curas, seus milagres, o fumo do seu cachimbo secava as feridas, o som de sua voz abrandava as dores...” (R2, 319). Essa fama, que se espalha até Belém, atrai

---

Essa novilha guarda os traços da personagem humanizada: a beleza, a brancura, os chifres dourados, são algumas características que lhe indicam nobreza. Ao lado destas, a posse do lago confere à personagem poderes sobre os seres humanos: ela pode intervir na pesca, favorecendo ou não (...) Se no primeiro, o das três princesas, ela se expõe e solicita ajuda ao pescador corajoso, e no segundo o rapaz consegue apreendê-la, toca-la, porque a encantada é mansa, neste terceiro, ela é mansa, mas, ao se tentar laçá-la, a rês foge velozmente, e desaparece no lago. Os desfechos das narrativas são diferentes: todavia não se contrapõem, ao contrário, se superpõem (...) há um enfrentamento feito através de elementos culturais que envolvem o mundo das fazendas de gado e do desejo de posse por algo de alcance impedido. A matriz do conto da novilha, da vaca ruça ou branca, aponta uma explicação mítica para a questão do sumiço de gado, um problema econômico vivido pelos fazendeiros ao longo da história de Marajó (...) [porém] no espaço encantado do lago há muito mais mistérios. A zoada interdita aos humanos vem do fundo, em tempo noturno. Ouvem-se barulhos de tambor, sons de música, relincho de cavalo, cantos de picota [galinha d`água, galinha d`angola, tô fraco] bater de pratos, explicados, em uma das versões, como os sons advindos das comemorações do aniversário da moça encantada, mas outros acontecimentos insólitos ficam sem explicação. Conta-se de enchentes e vazantes, de lemes perdidos em Soure e encontrados no lago, de passagens subterrâneas, de fumaças...” (FARES, 2003, p. 171-181). - O lago Guajará dista de Soure 55 km em linha reta.

<sup>85</sup> Pajelança “é um culto à encantaria, que herdamos da cultura aborígine em nossa civilização. Ao incorporar a cultura civilizada sofreu influência das outras culturas colonizadoras e africanas. Perdeu sua pureza de origem” (LIMA, 1992, p. 28).

para o terreiro os doentes, os doidos e os desesperados. O ambiente de cheiros, ruídos, queixas e silêncios contribui para fazer da longa espera uma ante-sala da dor. Na conversa com o pajé o administrador não pode deixar de perceber sua semelhança com o lago “Guajará”: a voz de um se identifica com as muitas vozes misteriosas que esse lago recolhe; a metamorfose que o corpo do pajé assume, crescendo e engolindo tudo, tal como o lago se abre aos campos, se expande num mesmo clima de tristeza – Enfim, o silêncio do pajé se assemelha à água parada do lago, a água do sono, da morte.

Essa percepção que flui como discurso do inconsciente do administrador, parece mais elaborada, pelo fato de ser um homem de algumas letras. Não ocorre isso com outros caboclos, sem letras, os quais somente percebem que “com esses poderes o pajé ditava a receita e emplastava a esperança no peito do povo” (R2, 323). Interessa aqui resgatar a associação entre pajé e lago encantado.

O mistério parece ser uma qualidade comum de ambos; na narrativa, ouve-se falar, tanto de um quanto do outro, sem precisar as fontes; assim, os boatos cercam a existência de lago e pajé. Testemunhas da visão fantástica da vaca do lago, que sobreviveram para contar sua versão desses fatos, reforçam os fios da lenda: o cenário seria misterioso, as sombras na noite, mais escuras, e as vozes e ruídos, do fundo do lago, os vapores que sobem, seriam do caldeirão. A figura do pajé se transforma no exercício da cura: aqueles “olhos meio murchos” ficam mais vivazes quando trabalha no terreiro e a calma com

que recebe as queixas acalma o espanto e o pavor da morte "...só poderia ter ido buscar no misterioso Guajará..." (R2, 324).

Na sessão das sextas-feiras, ele invoca as forças dos encantados e pula sobre o fogo do braseiro sem queimar-se. Sua palavra é sagrada; os doentes se acalmam, o povo que acompanha, inquieto, avança no ritual noite adentro, os odores se misturando, a fumaça das ervas picando nos olhos, aqui e ali uma mulher se debate, geme e é socorrida. O espaço sagrado acontece misteriosamente nesse grupo do povo, pelo poder do pajé Jesuíno.

A fazenda Guajará rodeia o lago, e seu acesso, como foi registrado, na época das cheias, fica restrito a canoas pequenas. Poucos se aventuram até suas águas, e se costuma indicar que alguns daqueles que lá chegaram estavam perdidos, sem rumo: o caso é que penetraram em território interdito. O pajé, da mesma forma, precisa ser procurado, mas para chegar até ele é necessário fazer longas viagens, às vezes, e sempre com sacrifícios; esperar fora do terreiro, ser paciente para se deixar encontrar, nas suas dores e mágoas, pelo olhar do pajé, pelas suas mãos vivas, pelo caminho da esperança que ele representa. Em ambos os casos os limites do cotidiano são superados para se adentrar numa outra realidade, diga-se, mágica. Para isso colabora a música popular, as modinhas e chulas, exemplificada por Ramiro, que galopa de noite e sem rumo, até chegar à tardinha na beira do lago Guajará.

Pareceria ser necessária, na personagem, a experiência do pavor que o encantado produz, a ponto de "esmorecer" no seu afã de libertar a princesa encantada; a chula que não sai de sua cabeça pergunta pela branca novilha

encantada, e ele associava a figura desta, plena de liberdade no seu reino encantado, com a de Orminda. Essa personagem da narrativa era mulher que não se deixava dominar por homens nos campos marajoaras. Seguindo os passos posteriores dela, o narrador observa como novos fatos soma-se à fama da mulher livre, que ganhou força associada com a lenda da novilha do lago, transmitida pela boca do povo que repetia a modinha de vila em vila, de rio em rio, de festa em festa. Assiste-se ao nascimento de uma nova versão literária do mito do herói.

Um comentário sobre o mito, na introdução da obra *Ilhas e Mares*, explica que os mitos sobrevivem no mundo moderno, jogando um papel menor nas sociedades, manifestando-se nos sonhos, nas ilusões e nas fantasias. Estão presentes na educação, os jogos, as artes e as tradições profanas, dando novos significados aos valores tradicionais. Continua Mircea ELIADE expondo que, sob novas formas, os mitos, os arquétipos e as lendas sobrevivem na literatura moderna. Já Morin aponta que predominam na literatura moderna européia “os temas míticos das águas primordiais, da ilha paradisíaca, da procura do Graal, da iniciação heróica.” (*apud* DIEGUES, 1998, p. 37). Tal situação se faz extensiva para a literatura latino-americana que aqui se analisa. A reconstrução de um mundo dessacralizado traz do passado lendário a presença, entre outros, a presença do barco fantasma.

A lenda do *Caleuche*, na ilha de Chiloé, pode ser associada com a lenda do toco, do litoral marajoara<sup>86</sup>. Duas versões de um mesmo tema, o do barco fantasma, ao qual pode-se associar a história do conto de Coloane denominado “Témpano de Kanasaka”. Eles permanecem na memória do povo porque representam a presença simbólica do mal no mundo, e mesmo que a mente racional tente explicar certos fenômenos, de nada adianta para abalar a crença no seu poder. A pesquisa em Marajó confirma isso, quando a informante explica sua posição: “... é uma lenda muito espantosa, porque a gente já teve oportunidade de ver; e pra gente que acredita, e tem muitos que não acreditam, mas passam a acreditar, como eu que não acreditava...” (FARES, 2003, p. 38).

A adesão ao mito – no caso, a lenda do toco – tem valor social para as pessoas de uma determinada comunidade, pois valida sua inclusão dentro do imaginário coletivo, e permite compartilhar as informações sobre os lendários fatos, mantendo-se “em guarda” para novos perigos. A função de prevenção do perigo pode estar associada com uma outra, que singulariza o habitante do lugar diante do forasteiro, ao possuir o conhecimento da lenda. Nesse sentido, aquele chama a atenção para si mesmo quando conta os detalhes. Ele se torna possuidor de uma informação importante, uma verdade que deve ser valorizada.

---

<sup>86</sup> A lenda do toco foi registrada de informantes por FARES, no seu estudo. “Dizem que o Toco veio do Maranhão, encantou-se pela beleza da ilha e, por inveja, impôs a morte por afogamento de seus habitantes (...) espelhar-se nas águas e não se ver tão belo quanto o outro, provoca inveja. E o Marajó é castigado...”, em concreto, aquilo que se relata é, “um toco de madeira, a gente tem a impressão que é um pau cortado. Um pedaço de pau, de um metro, cortado, só que é um toco assim, bem volumoso ele, bem grosso. Agora, ele não vai caído na água, ele vai todo tempo em pé, engraçado...” (FARES, 2003, pp. 38-39).

A continuação se resume às situações apresentadas em diversos contos do conjunto em estudo, do escritor Francisco Coloane, nos quais o narrador e os seus interlocutores se relacionam com a figura lendária do barco fantasma de Chiloé, o *Caleuche*, ou também *Barcoiche*, como parte de diversas situações que essas personagens vivem.

No conto “Madera Seca”, o narrador integra a tripulação do navio *Pumalín* e enfrenta um forte temporal no mar, frente às ilhas de Butachauques. A aparição de uma estranha sombra a barlavento faz surgir o comentário:

“...yo no creo en el *Caleuche*, el buque fantasma; pero la extraña embarcación cenicienta en medio del temporal nocturno me pareció algo así como la subita aparición del proteico barco de la mitología isleña, aunque más bien era un armatoste contrahecho, mezcla de chata pontonera y lancha chilota...” (C2, 182).

Em “Estelas del *Caleuche*”, o narrador atravessa a ilha grande de Chiloé, viajando de lancha pelo lago Huillinco, que se conecta com o lago Cucao, que comunica-se, por sua vez, com o oceano Pacífico. Referindo-se às focas que habitam a barra de Cucao, explica: “se dan el placer de pescar robalos, pejerreyes de água dulce y salada, cuando no es una corvinilla o tollo que há perdido su ruta. El aceite relumbroso de este tiburoncillo permite a los comarcanos divisar al *Caleuche* por las noches” (C2, 209).

Já na praia, que percorre por vários quilômetros, ele encontra uma família que trabalha em modestas e sofridas condições, lavando as areias para buscar ouro. Ouro que solta a língua do mais velho garimpeiro, que passa a

narrar a sorte que uma mulher teve ao encontrar um veio de ouro, quando era mais necessário para ela, estando em viagem para se casar e sem dote. O velho acrescenta:

“...la fortuna le cayó sin que tuviera que arriesgarse como nosotros, pero para mí esta mujer tenía tratos con el Caleuche, o mejor Barcoiche, como lo llamamos por acá. Este buque fantasma tiene anclas y cadenas de oro para fondear en noches de luna...” (C2, 210).

“Proceso al Trauco” é um documento de interesse pelos seus apelos sociológicos, e cria a ficção de um estupro investigado na localidade de Compu, Chiloé, através dos depoimentos e documentos que integram um suposto processo ao criminoso, a figura do Trauco, espécie de fauno da mitologia chilota. A pequena localidade possui uma pequena ilha, especial, que faz lembrar ao pai da menina o mito:

“Fermín recordó que en las noches de luna la isleta resplandecía confundiéndose con el Caleuche, el buque fantasma tripulado por brujos, y más de alguno lo había descrito como un hermoso barco blanco, de cubierta tornasolada, que entraba estero adentro escapulando los contornos de la isla en cuyo redoso largaba sus anclas de oro” (C2, 248).

A realidade de uma natureza insólita, estranha, cria nos habitantes do lugar, uma percepção de que existem coisas que não são de Deus, os acontecimentos que não encontram explicação vão ser justificados pela intervenção do mito, de imaginação popular, com base nas águas míticas,

reformulando a vida na comunidade. Assim, o mito é a explicação dos fatos no processo e seu desfecho, sem encontrarem culpados:

“...dos mujeres conversan encucilladas y miran hacia la iglesia que otra vez aparece como el Barcoiche, nombre huilliche del buque de Arte, entre otras denominaciones del Caleuche. – ¿Será cierto todo eso? - ¡Así es...el proceso del Trauco! – responde Lucinda Ñancul mirando a una nube que, cual el buque fantasma, navega como una sombra verde en el horizonte.”(C2, 257).

O último conto é “El lamparero alucinado” e relata, em breves palavras, a conversa entre o encarregado dos faróis do barco e uma passageira misteriosa, na travessia noturna do canal de Chacao, Chiloé. Ele diz: “¡todas las cosas tienen alma: los animales, los barcos, hasta las piedras! (...);Pero hay un barco sin alma, es el ‘Caleuche’!” e passa a descrever o encantado, assumindo o conhecimento de certos fatos:

“...una noche atravesé desde Carelmapu hasta la otra orilla de este canal en ese buque fantasma que hace miles de años navega por ests islas! ¡No se le siente andar; no tiene puertas ni máquinas, escobenes ni anclas; la cubierta es de piel de pez de espada; su línea, tan fina como la de un pejerrey; su casco, revestido de escamas de róbalo, anda tanto encima como debajo del agua con la rapidez de un tonina, y no necesita de um lamparero porque es todo luz!” (C4, 36).

Um primeiro aspecto que se identifica nesses contos é que a presença do barco fantasma não é o principal motivo da narração: todos eles descrevem sua presença como fato repentino, ou possível de acontecer num espaço

próximo do real. Essas aparições súbitas não são esperadas pelos personagens, motivando reações de surpresa, temor e medo que se traduzem, inclusive, em se usar diferentes nomes para indicá-lo. Contudo, sua presença é reconhecida plenamente e, de certa forma, aceita, a ponto de existir uma descrição da nave: ela pode aparecer de noite, subitamente, nos mares interiores do arquipélago de Chiloé, navegando entre ilhas, por canais, a velocidades assombrosas, e também sumir misteriosamente.

O mistério que acompanha o aparecimento do *Caleuche* está relacionado, também, com a natureza selvagem de diversos lugares que integram esse arquipélago. Certamente a população rural se depara com grutas, cavernas, pedras, rios e lagos, ilhas e promontórios de rochas que estão isolados do trânsito e que assumem formas tenebrosas por conta dos ventos, a chuva e as nuvens, e assim essa população não consegue esconder sua superstição e medo, a ponto de ser a mitologia chilota a mais rica do folclore chileno. Isso ocorre com a pequena ilha em frente à vila de Compu, na qual os moradores acreditam ver a figura do *Caleuche*. Soma-se a isso a ocorrência freqüente de temporais, de ventanias, raios e chuvaradas, que deixam mais inóspita a região. A grande variação na altura das marés, que se observa em todas as ilhas e costas do mar interior de Chiloé, faz aparecer ou desaparecer ilhas completas, mudando as condições de navegação e acessibilidade aos lugares mais isolados do arquipélago, fenômeno que traduz uma dependência permanente às condições marinhas da vida dos ilhéus, e

relativizam qualquer percepção de estabilidade no sistema de vida. Tudo depende da maré...

A luz tornassol, o brilho do ouro das cadeias, o óleo que relume, a cor branca de seu casco, assim como as esteiras – todas essas características marcam seu navegar, que correspondem a uma terceira característica desse barco fantasma. O *Caleuche* brilha pela força do mal que nele reside. O encantamento do mal disfarçado de luz: tal é a percepção da comunidade que, por esse motivo, desconfia totalmente de tudo que a ele se relacione, e passa a ser símbolo do mal permanente no mundo. O velho garimpeiro de ouro não duvida em afirmar ao narrador que, na história do ouro facilmente encontrado pela mulher, ela teria acordo com o *Caleuche*. Do anterior se pode considerar que diversas versões desta lenda circulam hoje em Chiloé, que elas estão incorporadas na literatura regional, como os exemplos acima; a sua permanência está vinculada com a onipresença do mal no mundo para esta sociedade insular; sua função principal seria mediar diversas situações da vida local, fornecendo uma explicação lendária, que se embasa no rico espaço imaginário do arquipélago de Chiloé.<sup>87</sup>

---

87 A província de Chiloé está dividida em duas áreas: Ilha Grande e Arquipélago. Situa-se no Sul austral do continente americano entre os paralelos 41°44' Y 43°17' de latitude sul. De forma retangular, de uns 200 km de comprimento e largura média de 50 Km- É a maior de Sul-América depois da Terra do Fogo.- O arquipélago se compõe de 40 ilhas menores, das quais 35 estão habitadas por umas 20 mil pessoas, estas por sua vez se agrupam em arquipélagos menores do mar interior: Chauques, Quinchao, Lemuy, ilhas satélites (Quehui y Chelín) e Desertores, entre os golfos de Ancud pelo Norte e Corcovado pelo Sul. A divisão política administrativa de Chiloé tem 10 municípios: Castro sua capital provincial, Ancud, Quemchi, Dalcahue, Curaco de Vélez, Quinchao, Puqueldón, Queilen e Quellón. Superfície: 9.181,6 km<sup>2</sup>. População:

De longa data associa-se o mar com o mal, representado pelo demônio na civilização judaico-cristã. Em tal sentido existe a crença nas almas errantes, que vagueiam a bordo de navios fantasmas, e que se integra ao imaginário universal das águas. Coloane constrói sobre esse tema o conto “El Témpano de Kanasaka”.

De início, o relato explica: “las primeras noticias las supimos de un cúter lobero que encontramos fondeado detrás de unas rocas en Bahía Desolada” (C1, 41). Sem saber exatamente de que se trata, o narrador já introduz no mistério, por via do comentário impreciso (un cúter); já o território fica demarcado: trata-se do canal Beagle, no extremo sul da ilha grande da Terra do Fogo, a caminho do Cabo de Hornos, o fim do mundo americano. O capitão do *cúter* acrescenta “...yo no lo he visto pero los tripulantes de una goleta (...) estaban aterrados...” (C1, 41), o que explica a velocidade com que corre a notícia, e completa que é terrível, trata-se de um *iceberg* “raro”. “Y esto no es nada” (C1, 41) – o capitão acrescenta ter sabido, desta vez por boca de Mateo, que o *témpano* foi visto atrás da ilha do Diabo; sua pessoa dá credibilidade ao

---

130.389 habitantes; Ancud e Castro são os municípios com maior população, 37.516 e 29.931 respectivamente.

Clima: Temperado marítimo chuvoso, mas não particularmente frio, a temperatura media anual é de 10,7° C.- Melhor clima entre os meses de outubro até abril.- As temperaturas do verão são muito agradáveis, primando os dias com sol; chuvas ocasionais.-

Distancias: Santiago - Puerto Montt: 1.016 km; Puerto Montt – (Chiloé) : Ancud 90 km; Castro 167 km; Quellón 264 km. Para chegar até a ilha Grande de Chiloé deve se cruzar o canal de Chacao em ferryboats, (entre Pargua e Chacao), a travessia dura 30 minutos. A rodovia Panamericana está pavimentada até Quellón, a maioria dos caminhos saem para o mar interior e muito poços até o oceano Pacífico (península de Lacuy, Mar Brava, Pumillahue, Chepu e Cucao). (CHILOÉ, 2003).

relato, o qual é adjetivado de visão terrífica. O cenário e alguns fatos estão desenhados nesse mundo de águas.

Um segundo movimento vai ampliando as informações fornecidas pelo narrador; os topônimos da região traduzem tragédias, somando-se a isso as moles escuras e imponentes das montanhas cortadas a pique que conformam, por quilômetros, o braço Noroeste e o Sudoeste deste canal. Diante de tanta imponência, ele descreve momentos da travessia, nas quais a tripulação (o patrão e um rapaz) e dois míseros passageiros, junto ao carregamento clandestino de licor, são colocados à prova pela fúria do mar austral. Existe uma correlação entre o discurso desses perigos e a forma como a água se apropria dessa linguagem, como se observa em:

“...una noche de temporal (...) lo vi fiero; sus ojos lanzaban destellos de odio hacia el mar; bajo, grueso, con su cara de cascote terroso, donde parecía que las gotas de agua habían arrancado trozos de carne, lo vi avanzar hacia proa y desatar al grumete, desmayado por una mar gruesa que le golpeó la cabeza contra el palo” (C1, 42).

A valentia do capitão e a força das suas emoções se confirmam por seu olhar de ferocidade contra a natureza desatada: ele suporta o suplício da chuva, gotas de água que são ferozes. O pequeno grumete não resistiu à força demolidora do mar – desmaiou, amarrado ao pau.

O narrador experimenta esse embate permanente do mar no seu corpo; ele é castigado, envolto pelas águas quando se oferece para substituir o grumete. Não são somente a chuva e as ondas do mar, é o vento que sopra

violentamente, que levanta redemoinhos de água que se abalançam sobre a goleta. Essa água se materializa, se metamorfoseia em luta vital: “...las olas venían como elefantes ágiles y blandos, y se dejaban caer con grandes manos de agua que abofetean mi rostro, y a veces una pesadas lenguas líquidas me envolvían empapándome...” (C1, 42) Numa pausa para respirar, o narrador descreve, agora com suaves cores, a baía de Kanasaka, onde o barco deveria fundear. Praias de areia, juncais e um rio junto às pequenas árvores representam um lugar ameno, em contraste com as montanhas, geleiras e rochas golpeadas constantemente pela fúria da natureza; Kanasaka tinha a poesia de uma lua perto do vaqueiro que de noite passeia.

A pausa também atinge a nave, na qual se conhecem um pouco mais da prostituta e seu companheiro, ambos confinados no fundo da câmara e entregues à sorte geral, além do capitão que cada vez fica mais atento a cada sinal da tempestade, do grumete amarrado sem nada falar e o narrador, que nesse momento se confronta com a sua solidão e a morte.

Aqui existe uma nova forma de interação entre as personagens e as águas: trata-se da luta surda e mortal entre duas vontades. O instinto de sobrevivência permite enfrentar os fatos com realismo, e uma clara percepção do valor humano insta, no caso, o narrador a pensar: “Varias veces he estado mecido por los brazos de la muerte sobre el mar y no acepté la invitación...” (C1, 46). O narrador descreve a angústia de se esconder sem saber quando a morte chega; ele diz enfrentá-la, altiva, quando o naufrágio se acerca; as ondas que o molham encarregam-se de encurtar o sofrimento, em momentos que lhe

concedem novas chances de luta, em uma situação em que o tempo se expande: “...las olas mismas, empapándonos, nos dan ya el sabor salobre de los pocos minutos que durará nuestra agonía; estamos en la frontera misma, oscilando; un breve paso y nos encontramos al otro lado.” (C1, 46-47) A luta com a natureza ainda não termina, e “...amarrado fuertemente de espaldas al palo...” (C1, 47), continua a dirigir a vela que procura caçar o vento para avançar longe do “...huracán [que] arreciaba; por momentos sentia uma espécie de inanición...” (C1, 47).

A percepção do tempo muda, o ontem não mais é lembrado; tudo vira presente, e na contingência do temporal, as horas sob o embate dos elementos parecem ser muito longas – tudo concentrado num esforço dirigido pela vontade de viver. O narrador não mede seus medos, e expressa que: “...a cada momento me parecía ver llegar la muerte (...) podía decirse que formábamos parte de la tempestad misma, íbamos del brazo con las olas, hundidos en el elemento, y la muerte hubiera sido poca cosa más.” (C1, 47) A identificação de homens e águas num destino só é total, como o percebe o narrador. A seguir, verifica-se a aparição do fantasma, um bloco de gelo sinistro, movendo-se à deriva e agitado pelos ventos fortíssimos, colocando em perigo a goleta. A nota de pavor surge na figura de um *yámana* congelado, com o punho em alto e a boca escancarada, como um guardião daquelas águas terríveis.

Se na luta contra os elementos tudo era possível, existia uma consciência dos domínios nos quais o homem se colocava; já a súbita aparição do fantasma – no meio da obscuridade da noite, junto do barco, no meio do

temporal – traz à tona “esa angustia inenarrable que embarga el espíritu cuando el misterio se acerca...” (C1, 48) O homem que se adentra pelos caminhos fueguinos tudo podia esperar de uma natureza indômita e, portanto, poderia se preparar para tudo, menos para aquilo que não se espera. A imagem do *iceberg* vem a calhar nesse caso, pois quando as coisas parecem sob controle, no meio do caminho, a mole de gelo volveia e uma nova forma aparece, fazendo uma recomposição do conjunto. Parece pertinente repetir: “...ultrapasse o imaginável e terá uma realidade suficientemente forte para perturbar o coração e a mente...” (BACHELARD, 2002, p.106)

O estudo das águas nas lendas dos indígenas da Terra do Fogo (os *onas* e os *yámanas*) abre espaço, nesse trabalho, para perceber a estreita relação que tinham esses habitantes com seu mundo natural, que por sua vez transforma-se em mundo lendário. Essas lendas chegaram até o escritor ao escutar certos relatos, seja dos últimos índios *yámanas*, seja de testemunhas que conviveram com eles, nas suas viagens pela região do canal Beagle; ou pela leitura dos livros escritos por missionários salesianos<sup>88</sup> que tentaram salvar a vida e a cultura dos *onas*. Como relatos orais, eles se incorporam à ficção de Coloane em estudo, em que o narrador onisciente entra no mundo mítico desses povos, e convive com o “Sabelotodo” ou Teresa. Contudo, os relatos não têm pretensão:

---

<sup>88</sup> Podem-se enumerar: Martín Gusinde, *Hombres primitivos em la Tierra del Fuego*; Joseph Emperaire, *Los nómades del mar*; Pedro Nolasco, *La raza ona y su civilización*. (DROGUETT, 1978).

“Cristalizar todo ese drama desde mi ‘folclorismo’ en una obra de arte superior necesitaría el genio de un Picasso para pintar una Guernica de dimensiones cósmicas, o el de un Neruda para un Machu Picchu tan terrestre. Mis cosas son más pobres, pero son mías”, explica Coloane na entrevista. (DROGUETT, 1978. p. 49).

O drama do qual fala o escritor é o extermínio sistemático da etnia *ona* desde o começo da colonização da Patagônia austral e da Terra do Fogo, primeiro por exploradores de ouro, e logo depois por fazendeiros donos de ovelhas. Inclui-se, neste genocídio, a gradual extinção das etnias *yámana* e *alacalufes*, que por muitos anos ficaram confinadas a alguns poucos redutos nos mais austrais canais patagônios, definindo pelo contato com as doenças e as mazelas dos pescadores e marinheiros, e perdendo definitivamente sua identidade como grupo social.

No relato, Teresa Tekenika, a personagem do conto homônimo, inicia um belo romance com um elefante marinho<sup>89</sup> que habita as águas dessa região austral. Junto ao narrador, acompanha-se a vida dessa jovem *yámana*, que mora com os pais e irmãos numa choça apartada da baía de Tekenika<sup>90</sup>, região isolada, situada ao sul do canal Beagle, na Terra do Fogo. A baía já era habitada pelos indígenas há séculos e nela eles convivem com a natureza; o narrador usa os nomes dados pelos *yámanas* para se referir aos elefantes marinhos, às grandes aves austrais, ao vento e outros elementos, recriando

---

<sup>89</sup> Coloane explica que o animal é o *Mirounga Leonina*, chamado de *Auquehuáuhuen* pelos *yámanas*.

<sup>90</sup> “Tradicionalmente, el padre kawéskar les daba a sus hijos la denominación de un lugar, de algún elemento de la naturaleza o de una característica física sobresaliente....” (BOWN, 2004).

com suas explicações as características desse universo austral, justamente o contrário do que acontece na realidade desse povo, que tem perdido traços culturais, inclusive a sua língua.

Vê-se que Teresa pescava, solitária, quando “...de pronto irrumpió (...) la reluciente cabeza de *Auquehuáuhuen*.” (C2, 272). A partir daqui se observam duas situações na personagem: começa um idílio com a figura do grande elefante marinho, que apresenta características humanas; ele fala com a jovem, desenvolve sentimentos e os manifesta e, no fim, realiza a escolha da companheira. No caminho inverso, a jovem vai se transformando, incorporando características dos animais. Essa convergência pode ser interpretada como uma relação idealizada do homem com a natureza, uma verdadeira comunhão.

A comparação entre ambos pode confirmar essa possibilidade de convivência; vejamos: a) a jovem Teresa converte-se em mariscadora, hábil mergulhadora e nadadora. Já o seu amante é um mergulhador profundo, mais fundo ainda que os cachalotes; b) os preciosos caracóis marinhos, que ela pescava e pendurava para secar, agitados pelo violento *Ushcuf*, trazem pelas noites o chamado do amor. Durante o sono, ela repete o chamado do vento, o nome do elefante do mar; em voz audível para os outros da família; c) ela imita o covarde petrel *milimoque* que se arrasta até o mar para voar, talvez num desejo de superar os limites da baía; já o elefante marinho entra e sai desses canais onde ele pesca e circula, livre e dono do mar.

Curiosa por não conseguir pescar o peixe que arrebatava suas iscas, Teresa sobe mais alto nas rochas. Ela pensa que se trata de um peixe-

demônio, que poderia ser um feiticeiro, mago ou xamã, de poder incompreensível. O *auquehuáhuén* emerge a meio corpo das profundezas, começa a aplaudir com as extremidades superiores e a chama: “...nunca había visto a un focón danzar tan graciosamente...” (C2, 274), manifestando sua surpresa. A seguir, ela desce até a beira e eles ficam se olhando profundamente. Eles trocam confissões mútuas; a fera diz que a imagem de Teresa na sua memória é “un llanto de sol dentro de su corazón de elefante marino” (C2, 276). A expressão do amor é única, e ele compara a amada com a luz do sol poente, num mundo povoado de sombras e nuvens cinzentas. Percebe-se que o recurso à comparação apela para o mundo natural, aquele que detém uma linguagem mais verdadeira, reforçando a integração do natural no mundo pessoal dos sentimentos.

A narrativa conclui com a viagem que a jovem Teresa realiza junto do amado – “lleveme en sus fuertes brazos” (C2, 277) –, percorrendo em segurança os canais, ilhas e ilhotas dessa região impressionante, ao pé dos cumes chamados de Timbales. À vontade dela de ultrapassar os limites da baía se conjuga o desejo dele em adorá-la; tudo isso se assemelha a uma viagem de núpcias no mar. O último diálogo resulta numa apologia das bondades do mar, ressaltando que nas profundezas, o elefante marinho pode se mover com leveza e soltura, e desfrutar da tranqüilidade do fundo do mar, sempre cheio de alimentos. Aqui se observa uma referência ao espaço úmido e acolhedor, àquelas águas primordiais do imaginário coletivo dos povos, que deram segurança à Teresa para se entregar ao *focón*.

O exemplo desta narrativa corrobora a idéia de que:

“...o mar é então relacionado com a figura materna, o líquido amniótico protetor que envolve o feto, e a ilha é o símbolo da própria figura materna, o útero protetor. Inúmeros mitos e lendas atestam a presença do mar e da ilha na constituição do mundo e na criação da cultura” (DIEGUES, 1998, p.21).

O autor complementa que algumas das imagens míticas ligadas ao mar e às águas se manifestam através dos sonhos; o sonho é reconhecido como uma forma de contato com o mundo interior, aquela realidade intuitiva que foi estudada pela psicanálise, durante o século XX. O vínculo dos sonhos com as águas está relacionado a sobrevivência do mito. Isto se observa em uma parte de “El Relato de Miukiol Kausael”.

Este conto traz a figura de Miukiol, líder *ona* que faz um relato de algumas das histórias de seu povo, numa roda diante do fogo, contando com a presença de um missionário salesiano. Ao cair da noite boreal, o indígena, falando em sua língua, começa por explicar que ele vai contar o que seu pai sabia, e ele mantinha na cabeça (essa língua não tinha escrita). Conformam-se as condições para que a oralidade transmita as lendas, no caso, a formação do povo *ona*.

O relato começa: “Antes não existia más que Timaukel<sup>91</sup>, el que há sido siempre espíritu y por eso es inmortal. El que no se nombra, el que está más

---

<sup>91</sup> Timaukel, o deus dos *onas*, gerou o seguinte comentário de COLOANE, “los *onas* o *selk`nam* tenían ya la noción de un solo dios, Timaukel, antes que los testigos de Jehová y los musulmanes de Alah; pero eran tan

arriba de las estrellas, lo vê todo y lee el pensamiento. Él creo la tierra sin forma y el cielo sin estrellas...” (C4, 460) O deus contou com a ajuda de seu colaborador Kenós para organizar o mundo; nesse processo de formação dos homens, a mistura de água e terra, o barro primitivo adquire a vida<sup>92</sup>. Eles são o princípio bipolares - macho e fêmea - que sempre está presente no imaginário dos quatro elementos. Essa matéria pode ser a argila, da qual comenta-se: “pois para criar sempre é preciso uma argila, uma matéria plástica, uma matéria ambígua (andróginas)...” (BACHELARD, 2002, p. 116). O autor, inclusive, encontra um símile para fazer os homens: argila e lágrimas, isto é, matéria e espírito.

Do relato mítico, destaca-se a presença da noite e a função da água, tanto na mistura original quanto no local, à beira da água (praia de terras brancas, pântano), do mítico lago Kahín-cuen (lago comprido), que poderia ser o lago Fagnano, entre a estepe e as montanhas. Esses espaços, que hoje são mundialmente valorizados pela conservação ambiental neles realizada

---

respetuosos de la noción de dios que se referían a él como ‘el que no se nombra’, ‘el que está más allá de las estrellas’, y referían que sus héroes y grandes antepasados habitaban en ‘la isla grande que está dentro del cielo’, como si fuera una réplica maravillosa de la que ellos tenían en el Onasín, como designaban a la que Hernando de Magallanes llamó en 1520 Tierra de los Fuegos (...) no he dejado de preguntarme si aquella religión era divina o humana, por la forma en que desapareció..”(DROGUETT, 1978, p. 48). Hoje existe um município com esse nome na Terra do Fogo chilena.

<sup>92</sup> O relato continua: “...cuando *Kenós* vio que la tierra de Onasín estaba sola, tomó un puñado de barro con raíces y lo apretó estrujándolo hasta formar un órgano genital masculino. Luego hizo otro femenino, y los colocó uno al lado del otro y se fue. En la noche se juntaron estos puñados de tierra y formaron el primer antepesado. Noche a noche hicieron un hombre o una mujer. La tierra era oscura y por eso los *onas* somos de ese color; pero *Kenós* tomó tierra blanca en otras playas y creó más hombres de otro color...” (C4, 460).

(Ushuaia, Navarino), eram altamente sugestivos para esses indígenas *onas*, ao representar um espaço mágico. Reitera-se a versão do relato, na qual os antepassados se transformavam em elementos da natureza: árvores, lagos, montes, estrelas, etc.

A vinculação com seus mortos, presentes na natureza, traduz-se em uma atitude de respeito e conservação dos recursos naturais. Esses indígenas eram caçadores da estepe, em especial, do guanaco<sup>93</sup>. Quanto à noite, sua presença pareceria ser vital na geração dos antepassados, pois o relato explica que de noite à noite as formas de barro se juntavam. A concorrência dessa noite permeia de mistério os fatos da lenda, tendo-se em conta que, pela posição geográfica do território, entre os paralelos 53°-55° S, nos meses de inverno a noite dura mais de dezoito horas.

Na dimensão mítica do Onasín, os antepassados que povoaram essa terra não conheciam a morte. Os antepassados tinham a possibilidade de ressuscitar, várias vezes inclusive, após um estado de letargia. *Kenós* realizava esse processo, lavando-os. Uns jogavam-se na terra e ficavam ali uns dias, em estado letárgico; outros chegavam a morrer, porém *Kenós* os lavava e eles voltavam à vida. Poderiam transmutar-se, depois, em morro, em sol, estrela ou em um lugar ermo. O poder mágico da água manifesta-se na associação desse

---

<sup>93</sup> O guanaco é mamífero artiodátilo da família dos camelídeos (*Lama guanicoe*), encontrado em estado selvagem do Sul do Peru à Terra do Fogo; com até 1,2 m de altura na cernelha, faces enegrecidas e pelagem lanosa, de coloração castanha no dorso e branca nas partes inferiores do corpo; a lhama e a alpaca são consideradas variedades desta espécie. (ENCICLOPÉDIA, 2003).

elemento natural com o ciclo da vida: quando se lavavam os corpos dos antepassados, eles perdiam o cheiro de morte, e voltavam ao seio da família. Aqui está a preeminência do valor purificador da água, comum a outras culturas – o banho das crianças recém-nascidas e o batismo dos fiéis nas religiões. A capacidade de tirar o mal é inerente ao poder da água no imaginário dos povos.

Os relatos das lendas *yámanas* coincidem em explicar a existência de um paraíso mítico. Ele corresponde a uma ilha no céu que reúne os antepassados e os deuses. Nos contos de Coloane, que fazem referência a ela, a ilha mistura-se com o imaginário dos *onas*, acima observado. Os narradores dessa lenda são diversos, todos personagens de diversos contos, que fazem parte da comunidade indígena, como em “El Sabelotodo”; ou aqueles marinheiros que naufragaram numa caverna, em “Cazadores de focas”. Um destes comenta:

“Los índios yaganes dicen que el primer hombre bajó del cielo descolgándose por una sogá de cuero de foca – comento sabiamente Cárdenas, y agregó – : ¿Por qué nosotros no podemos salir de esta cueva por medio también de un lazo de cuero?” (C2, 205).

Importante observar que nesses fatos, o valor prático da tradição e da lenda permite assegurar a vida, pois aqueles naufragos conseguiram se salvar. Eles acreditaram no essencial da lenda, o uso do laço, e conseguiram interpretá-lo na situação específica de suas necessidades materiais. Poder-se-ia argumentar que outra função dessa lenda seria a de mostrar uma luz, um

caminho de retorno ao mundo, após sua permanência na caverna, em contato com as forças vivas da natureza.

A função de transmissão da cultura indígena, materializada através da oralidade dos relatos, possibilita que as personagens dos contos convertam-se em mensageiros e profetas. Para estes, a missão é dupla: construir a cultura do povo e rememorar os fatos lendários da comunidade e seus deuses, como o faz o narrador de “Teresa Tekenika ao comentar que:

“...ellos creían y maldecían a su divinidad Wollapatuch, cuyos lampos eran sus trancos por los ventisqueros. ‘Gran Asesino’, lo increpaban cuando una mala ráfaga daba vuelta sus canoas, pereciendo hombres, mujeres y niños. Sin embargo, también Wollapatuch dispuso que los yamanas descendieran del cielo hace cuatro mil años por correas de cuero de foca, amarrándolas con nudos marineros...” (C2, 274).

Percebe-se que a mensagem fica reforçada quando é sustentada pelos elementos do espaço natural; particularmente, a água dos canais, das geleiras. O narrador também constrói a língua de origem e as articulações entre um passado mítico e os momentos atuais, ao repetir e re-contar essas lendas.

No relato, o Sabelotodo é descrito como um tipo falador, um xamã ou *yekamush* dentro da comunidade *yámana*, que tinha recebido a sua sabedoria de forma mágica, através do olho de uma lapa<sup>94</sup>, e que podia predizer as

---

94 Rubrica: malacologia. designação comum a diversos pequenos moluscos gastrópodes, prosobrânquios, da fam. dos fissurelídeos e da fam. dos patelídeos, dotados de concha levemente cônica, com ou sem orifício

tormentas do *Ushcuf*, como também as doenças. Ele se comunicava com os espíritos dos antepassados que moram na ilha branca; também profetizava sobre os ventos e as correntes marinhas “con posibilidades de buena pesca, ya que la vida dependía de lo que el mar les entregaba” (C2, 259). A narração relata que o Sabelotodo incomodava ao seu grupo, e foi abandonado na ilha, enquanto caçava longe. Toda a comunidade carregou suas choças de couros, seus pertences e inclusive o fogo dentro das canoas e eles viajaram até outra ilha.

Considera-se esta última uma das características mais particulares entre esses indígenas, para os quais a morte e a doenças eram motivos fortes que justificavam essas mudanças. Como a base de sustentação era o mar, e as terras costeiras dessa região são montanhas e campos de gelo, os vínculos com um certo lugar estavam diluídos. Todos os canais e baías da Patagônia austral ocidental eram seu território e seria possível, que ao não carregar os restos dos seus mortos na terra, criassem para eles um lugar no céu, na Grande Nuvem de Magalhães, e que permanecia na memória de todos, como confirma o narrador: “la mujer recordaba lo que siempre le había hablado de la ‘isla blanca en medio del cielo’...” (C2, 261).

Uma figura estranha entre as lendas contadas pelos alacalufes, que habitam os canais em torno ao golfo de Penas, é a do seu deus *Ayayema*.<sup>95</sup>

---

apical [São encontrados ger. sobre as rochas da zona entremarés, onde pastam as algas.]. Molusco da família dos patelídeos (*Patella vulgata*), muito comum na costa Noroeste da Europa. (ENCICLOPEDIA, 2003).

Ele vive aterrorizando os navegantes que avançam e pescam em suas águas interiores, e costuma ser confundido com grandes *cahueles*<sup>96</sup>. Também se associa com o vento do oeste, o mais violento e poderoso da região, que penetra pelos canais, e batendo contra os paredões rochosos, forma violentos redemoinhos que carregados de chuva, sugam e golpeiam as agitadas águas dos canais. O certo é que essa deidade é respeitada pelos que convivem com pessoas como:

---

95 Ayayema, espíritu del mal, es muy temido por los qawashkar, dispone de las fuerzas naturales y en especial del viento del noroeste, que vuelca las canoas. El alarga las llamas de la fogata hasta quemar la cabaña; lo mismo, al crepitar, sus brasas queman la piel desnuda. Ayayema mora en los pantanos y cuando el campamento ésta dormido toma posesión de los indígenas. En su avance subterráneo penetra en las cabañas e impone su presencia maléfica en los sueños, causando las enfermedades y las muertes. Tiene olor a pobredumbre. Cuando del suelo de al cabaña empiezan a emanar olores, es signo de al presencia de Ayayema, entonces es preciso mudarse de campamento. (AYAYEMA, 2005).

96 Cahuel é o nome popular do golfinho, sobre o qual se encontrou: “En Chile existen cuarenta y una especies de cetáceos (ballenas, delfines y marsopas), lo que representa un 47% del total de especies que existen en todo el mundo. De estas cuarenta y una especies, diecisiete pertenecen a la familia de los delfines (Delphinidae) y dos a la familia de las marsopas (Phocoenidae). A pesar de lo importante de esta diversidad, poco es conocido acerca de la biología de estos animales y por tanto no mucho es lo que podemos decir acerca de su estado de conservación. De esta muy importante diversidad, el delfín chileno (*Cephalorhynchus eutropia*) es la única especie endémica de Chile, distribuida desde Valparaíso (33o S) a la Isla Navarino, Cabo de Hornos (55o S). Otra especie simbólica es el delfín austral (*Lagenorhynchus australis*) que también presenta una restringida distribución costera, encontrándose sólo en las aguas de Argentina y Chile, en el sur de Sudamérica, desde Valparaíso, Chile (33o S), alrededor de Tierra del Fuego y hacia el norte por el Atlántico hasta Golfo San Matías, Argentina (38o S).

El delfín chileno y austral son especies costeras, que habitan bahías, canales, fiordos y costa expuesta. Éstas son las dos especies principales en las cuales hemos enfocado nuestro actual trabajando. Sin embargo, el área de nuestros proyectos es tal vez uno de las zonas de mayor diversidad de mamíferos marinos en Chile. Hemos también registrado en aguas costeras la presencia de marsopas espinosas (*Phocoena spinipinnis*), tursiones (*Tursiops truncatus*) y orcas (*Orcinus orca*). Además de muchos lobos comunes (*Otaria flavescens*), lobo fino austral (*Arctocephalus australis*) y focas elefantes (Mirounga leonina). (CETÁCEOS, 2005).

“Santiago Pedro de Valdivia<sup>97</sup> era su guachimán, cuidador que jamás abandonaba la goleta, ya estuviera fondeada o varada en la playa sur de Calbuco, con esa costumbre ancestral de una de las etnias heroicas del planeta, ya que los alacalufes, hasta hoy son los únicos que han logrado sobrevivir, a pesar del exterminio blanco, en el fondo de sus canoas y en sus frágiles chozas levantadas entre riscos inhospitos y los pasos abismantes de la cordillera de los Andes, destrozada en el oceano Pacífico...” (C2, 191)

O narrador reconhece a luta da etnia, que lentamente foi perdendo sua identidade social, até desaparecer nos seus descendentes, e observa o pavor do índio diante daquela aparição inesperada de um cachalote, que o confunde com seu deus *Ayayema*. Uma pista para compreender todo esse pavor é o analfabetismo desses índios; alheios da sociedade local, eles sobrevivem graças a seu profundo conhecimento prático da natureza. Como exemplo, o mesmo Santiago P.V. realiza lascas nos paus, nas beiras dos canais, para marcar o caminho de retorno, fato que marcou o narrador.

As correntes marinhas, a cor e características das águas, das algas, do vento representam para eles um “livro aberto” da natureza, que permite um grau mínimo de sobrevivência. Nesse sentido, o fogo é sempre conservado aceso dentro de uma canoa, e transportado com seus poucos pertences, numa região em que chove muito o ano todo e não existe lenha seca<sup>98</sup>. Exemplos

---

97 A História de Chile reconhece no espanhol Pedro de Valdivia o fundador de Santiago de Chile (data: 12/02/1542).

98 O “*tepú*”, árvore local, fornece lenha que arde estando úmida, já utilizada pelo autor deste trabalho. (N.d.A.).

como esse configuram a relação fundamental entre indígenas e natureza, no caso as águas, representadas nos contos de Coloane.

Os exemplos de Coloane, na Patagônia e Chiloé, poderiam estender-se ao contexto da Amazônia, e vincular-se com as variáveis da realidade econômica, como diz o pesquisador Vicente Salles:

“Em Marajó, como em toda Amazônia, há uma constante interação de estímulos e afirmação da vida numa unidade perfeita com o pensamento. Mito e lenda, crenças e superstições, magia e heroísmo, são valores que extrapolam o conformismo colonizado e possibilitam a aproximação com a verdade regional. Basicamente, apóia-se esta na forma de exploração econômica da ilha: o trabalho escravo, dos índios e dos negros.” (R2, 379).

Em resumo, o espaço natural de Marajó, as suas águas, representam para seus habitantes um marco vital no seu desenvolvimento, e poderia se esperar que a convivência entre elas fosse harmoniosa. Sem embargo, elas parecem sofrer toda sorte de obstáculos, como se observou nos textos analisados.

## Capítulo 4

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao porto neste “*Marajoando Nas Águas Do Fogo*”, estudo comparativo que abordou o tema da água nas literaturas de dois escritores sul-americanos: Dalcídio Jurandir e Francisco Coloane. Também é o momento de esclarecer o título atribuído ao trabalho. A expressão “*marajoando*” foi cunhada para estabelecer uma relação entre os antípodas que são Marajó e a Terra do Fogo. A relação se expressa por meio do verbo, no gerúndio, para valorizar o processo de conexão entre ambos, adicionando a idéia de que tal conexão está sendo construída, materializando um caminho entre um e outro. Caminho que se realiza através das águas, à semelhança de “navegando” ou “velejando”, e que se verifica pela recriação sintática da palavra Marajó. Ao se construir a semelhança entre a Terra do Fogo com as Águas do Fogo se dá valor ao elemento água, objeto deste estudo.

A pesquisa teve por objetivo identificar, caracterizar e comparar as vozes literárias que falam tanto do elemento água quanto daquelas que falam da relação desta com o homem, visíveis nos discursos narrativos de ambos autores, e que têm por base duas culturas latino-americanas. Para tanto o estudo dividiu-se em duas partes que, separadamente, pretendeu dar conta de analisar questões sobre o significado das representações do elemento água e, também, das relações

personagem – água. A primeira parte estudou as várias características que as águas apresentam nas narrativas, bem como a forma pela qual o elemento água se desdobra em diversas variantes para representar o universo das águas em cada cultura. A seguir foram analisadas as relações existentes entre as personagens e as águas, a partir de quatro campos temáticos: a vida cotidiana, a pesca, a navegação e a formação do imaginário. Em cada uma delas se observaram relações de conflito, de equilíbrio ou identidade entre as personagens e as águas.

Como resultado da pesquisa sobre o vocábulo água, em todos os textos escolhidos verificou-se uma ampla presença do vocábulo, com 443 registros. O estudo reportou também as utilizações relacionadas com o corpo humano, o tempo, os limites e a geografia, tais como rio, mar, lago, chuva, suor e muitas outras variantes, num total de 4100 registros, que conformam um extenso e variado *corpus*. Sua onipresença está associada tanto ao fato de a água ser imprescindível para a existência dos seres vivos, quanto também à grande diversidade de formas assumidas pelas águas nos espaços naturais existentes em Marajó, na Patagônia e na Terra do Fogo.

A representação material da água predomina nos dois grupos de narrativas. Coloane difere de Dalcídio Jurandir quanto à quantidade e qualidade das ocorrências; enquanto o primeiro integra a água dentro dos conflitos dos contos, o segundo autor a descreve com detalhes, sendo sua presença recorrente nos textos, quando trata de temas da vida cotidiana em Marajó. Contudo, ambos

incorporam suas características físicas, sua dinâmica cíclica e seu poder natural como elementos constitutivos do discurso narrativo.

À diferença da natureza descrita como cenário dos acontecimentos pelo naturalismo, ambos escritores fazem-na interagir como elemento importante do drama. Os contos de Coloane trazem uma nova perspectiva para a literatura: aproximar o leitor das terras distantes e desconhecidas da Patagônia, sob o prisma do conflito, do encontro e do drama; nesta, à medida que a natureza cresce em poder, maior se torna a grandeza da luta pela sobrevivência das personagens que percorrem seus contos.

O elemento água foi explorado pelos autores, na sua dimensão imaginária, para a elaboração de novas realidades textuais, através do uso da comparação e da personificação. As imagens criadas se encontram majoritariamente nos discursos indiretos, nos fluxos de consciência e traz à tona uma dimensão sensível do subconsciente das personagens. O trânsito entre o mundo real da natureza e o da realidade mágica das coisas, como as águas, dinamiza os discursos pelos quais o relato se reafirma e constrói sua verdade.

As variantes do elemento água relacionadas com o corpo humano e o tempo trazem a riqueza do vocabulário popular paraense para as narrativas construídas por Dalcídio Jurandir. Através do emprego das variantes, a narração se torna plástica, maleável, traduzindo de modo simples as múltiplas formas pelas quais o povo expressa sua realidade. A variedade de nomes e locuções nas quais a água, o rio, o mar, o lago e a chuva se apresentam reflete a alma do caboclo que aprendeu a conviver com os elementos da natureza em suas idas e voltas

cíclicas. Seja pelas lágrimas, o suor ou as febres, essas águas também fazem parte da natureza das personagens, expressando emoções que contribuem para um discurso do corpo.

Por sua vez as variantes relacionadas com a geografia e os limites possibilitam que, em seus contos, Coloane confira maior importância e dimensões mais precisas ao espaço natural e às águas. As descrições estão alternadas entre as ações e diálogos das personagens, formando um movimento de intensidade crescente que atinge o clímax do relato. Variantes como o canal, o abismo, o paredão, as geleiras e tantas outras denotam o conhecimento prático da região patagônica, ao passo que são apresentadas em transformação, em permanente movimento, com vida própria e contra as quais as personagens necessariamente devem se enfrentar. Do mesmo modo, Dalcídio Jurandir trabalha descrevendo os pontos principais da paisagem, como o rio, o lago, a praia e os campos, nela desenvolvendo as ações da trama; os detalhes ficam por conta do olhar do narrador, que procura vincular as mudanças da paisagem a outras ocorridas nas personagens, para amplificar a intensidade dos conflitos.

Os topônimos registrados nas obras de Coloane e Dalcídio Jurandir estão em concordância com as características históricas e culturais existentes nos espaços representados, sejam estes Marajó ou a Patagônia e a Terra do Fogo. A origem desses topônimos se relaciona com os povos que ao longo do tempo estabeleceram seus assentamentos humanos nesses territórios, prevalecendo aqueles de origem tupi e ibérica. Contudo, diversas nacionalidades se congregam para nomear os inúmeros acidentes geográficos que conformam os arquipélagos

da costa ocidental da Patagônia, numa vontade de se impor e conquistar tais territórios, com palavras poderosas. De algumas delas sabe-se a origem, através de histórias contadas pelas personagens, numa integração da toponímia ao enredo do conto.

A água e suas variantes fazem parte da vida cotidiana das personagens criadas por Coloane e Dalcídio Jurandir em suas narrativas. Quando expressam suas emoções, o corpo humano das personagens se manifesta e as águas podem brotar dele. Por sua vez, o banho purificador e a sede são também situações em que a água é necessária ao corpo. Existe em todos esses casos uma relação de dependência, entre o elemento água e as personagens, que adquire maior destaque nos romances dalcidianos.

Ao mesmo tempo, as águas da natureza, como o rio, a chuva, a enchente, coexistem com os indivíduos de forma íntima e permanente, em movimentos cíclicos (como no caso da seca e da cheia em Marajó), o que possibilita às personagens uma convivência equilibrada com as águas, de forma a se evitar prejuízos. Esse equilíbrio se transmite na comunidade de caboclos sob a forma de saberes acumulados ao longo do tempo, que permeiam as diversas histórias dos romances. Constituem-se os relatos, então, como documentos de interesse cultural amplo por serem depositários de rico acervo antropológico.

Contudo, as personagens também se identificam com as águas. Tema recorrente no romance do século XX, em Dalcídio Jurandir verifica-se que as águas, as do rio em particular, servem de caminho para a própria interioridade das personagens. O rio se materializa no espaço da reflexão, do devaneio e do

autoconhecimento, haja vista que através dele as personagens percorrem seu passado, para alcançar alguma compreensão de suas vidas. O fluir das águas traz para elas uma relativização do tempo, uma condensação em que a vida toda desfila diante dos olhos de suas consciências. Desse balanço aflora a percepção da derrota, da impotência e da mágoa, que podem antecipar o fim da luta pela vida da personagem; como a percepção contrária, a idéia de continuidade, de esperança ou fuga. Em certos momentos, as águas podem também se transformar em prisão, impondo a imagem de transitoriedade e abandono. De qualquer forma, a identificação com a água necessita da disposição das personagens para iluminar as sombras que rodeiam suas consciências, mesmo que estas sejam apenas intuídas ou sentidas quando estão diante das águas.

As atividades da pesca e da coleta de mariscos, registradas nos textos de Coloane e Dalcídio Jurandir, são de caráter artesanal, desenvolvido por personagens que conhecem de forma prática as artes da pescaria quanto também a própria natureza das águas. O conhecimento se transmite de geração em geração, ao se herdar as leis destinadas à proteção dos recursos naturais e as normas de convivência para o desenvolvimento das atividades em grupo, com responsabilidades e funções bem delimitadas. O território das águas é percebido como diferente do da terra pelas personagens, o que se confirma pelas práticas discursivas em que se misturam o real e o imaginário, nas quais também se identificam as leis do mar e o tempo da pesca como específicos desse mundo das águas. Portanto, existe uma relação de convivência equilibrada entre o homem e as águas, do qual a personagem Nhá Diniquinha é exemplo disso.

O conflito entre os homens e a natureza se produz quando aqueles transgridem os acordos da cultura local da pesca. Acontece quando o trabalho em equipe dificulta-se pelas lutas de poder entre os integrantes do grupo de pesca. Ocorre também quando as personagens que olham desde “fora” do sistema procuram tirar partido dos recursos escassos, em prejuízo dos outros da comunidade. Tal situação se agrava quando a força da lei e o poder institucionalizado se colocam do lado dos grandes interesses econômicos, como no caso da pesca industrializada. A destruição do meio ambiente fica registrada nos textos como uma regressão das personagens aos estágios instintivos, por meio dos quais o lucro e a luta pela sobrevivência extinguem qualquer vestígio de convívio social; nesse tipo de confronto, porém, os indivíduos tendem a sucumbir diante do poder absoluto das águas e da natureza implacável. A mesma duplicidade de relações foi observada nas relações de navegação.

Entre a figura do marinheiro ou capitão de navio e o mundo das águas se estabelece uma relação de identidade, que se estende à embarcação em que navegam. O indivíduo se esfuma e a figura do marinheiro forte, poderoso, que conhece as águas e a natureza, se reforça e se torna lendária. Nos movimentos cíclicos das águas, os relatos constroem as personagens em confronto a elas, numa estratégia discursiva que procura marcar o poder da natureza e também a luta permanente dos marinheiros para sobreviver às águas, em mútua dependência uma do outro. Essas relações apresentam-se instáveis, pois apesar do conhecimento das “leis do mar” que imperam na navegação, o efeito da solidão sobre o espírito dos marinheiros e o imaginário tenebroso que povoa as águas

geram desequilíbrios, evidenciados pela loucura, as superstições, os suicídios e a morte das personagens.

Existe na figura do capitão, também, a possibilidade de se tornar o mentor nos ritos de passagem de algumas personagens. Por conhecer as forças existentes na natureza e ao acompanhá-las no trânsito de aprendizado, o capitão se transforma num mediador, possibilitando às personagens que avancem em seu caminho pessoal. Isso ocorre com a personagem Alfredo, quando viaja a Belém. A superação do estágio primário e um novo caminho a iniciar são metaforizados pela travessia das águas, num simbolismo associado à vida e ao renascer através das águas.

A dimensão simbólica das águas, observada nos textos de Coloane e Dalcídio Jurandir, valoriza o texto literário como repositório cultural das tradições orais locais que progressivamente vão se perdendo no mundo atual. Essas tradições orais aparecem nos textos como relatos das personagens para explicar uma série de fenômenos que possuem uma origem mítica ou lendária. Nelas, as águas aparecem como espaços vinculados ao sagrado, em oposição aos espaços profanos. Existe entre eles um limite que não deve ser ultrapassado, e que permite estabelecer a ordem natural das coisas. Esses espaços muitas vezes estão associados às entidades imaginárias protetoras das águas, como iaras, mães do rio, arraias, cobras e boiúnas.

As interdições que existem para os espaços sagrados estão vinculadas com a proteção aos seres vivos que neles habitam e à manutenção dos recursos para a subsistência dos habitantes, como os peixes dos rios e lagos. Neste contexto, a

obra de Dalcídio Jurandir utiliza as lendas para articular um confronto entre gerações e questionar os valores da tradição numa sociedade em processo de mudança. A figura do pajé é resgatada enquanto mediador simbólico dos conflitos entre homem e natureza; ele é construído, no texto, através da comparação com as águas míticas: misteriosas, distantes, necessárias. O cenário se funde na personagem.

No imaginário dos aborígenes da Patagônia, a água tanto pode ser um espírito benéfico quanto maligno; com base nos relatos de antepassados, as personagens explicam a cosmogonia dos *yámanas* que desceram de uma ilha do céu para outra da terra; já os *onas*, feitos do barro primordial do lago Kahín-cuen, eram ressuscitados pelo banho que os purificava da morte. Essas e outras lendas sobrevivem nos contos de Coloane, muito depois desses povos terem desaparecido do território patagônio. Sua mitologia, contudo, não os liberou do extermínio a que foram submetidos pelos novos habitantes, que não respeitaram o equilíbrio existente entre os aborígenes e as águas.

O mundo das águas austrais registra as lendas de outros povos ao se vincularem ao mistério que esses territórios austrais têm representado para o conhecimento; tal é o caso do *Caleuche*, barco fantasma que navega pelos canais, como exemplo das forças do mal. O imaginário popular associa de forma positiva o mar como espaço do encontro, de guarida e segurança para os seres que nele habitam, como observado no conto “Teresa Tekenika”. Também representa para algumas personagens o espaço do possível, onde o acaso tem vez de acontecer, fora de toda ordem racional. Assim ocorre graças à

impossibilidade de prever as condições nas quais ele se apresenta, ora poderoso e indômito, ora calmo e leve. Portanto, as personagens têm nele o crisol dos seus sentimentos e características mais fortes, o medo, a ousadia, a arrogância, a paixão. Tais águas permitem-lhes projetar-se e alterar a percepção do tempo e o espaço: o infinito pode ser medido e o tempo se condensa em um eterno presente. Todas essas condições fazem das vidas das personagens únicas e plenas, vividas de modo total.

As presentes conclusões, sobre a importância do elemento água nas narrativas de Francisco Coloane e Dalcídio Jurandir, deixam de manifesto a inter-relação existente entre a obra ficcional narrativa (conto ou romance) e a realidade natural e social por ela descrita, característica que aponta para um sentido construtivo das narrativas, ao escolherem e combinarem os elementos do discurso. As marcas das experiências pessoais vividas pelos autores se traduzem por um olhar que vêm de baixo, junto do povo humilde e pobre, como o caso de Dalcídio Jurandir; para Coloane, aparece como a precisão com que descreve, relata e constrói seus universos austrais.

Em ambos os autores o domínio da linguagem é fundamental. Dalcídio Jurandir se serve de um vocabulário popular que é, ao mesmo tempo, rico, produtivo, dinâmico e simples; dessa forma, confere vozes àquela polifonia de personagens que nunca puderam tê-la. No mesmo texto dalcidiano, a representação da natureza e das diversas formas das águas se valoriza e se engrandece ao ser incorporada como elemento do discurso, interligando monólogos e fatos, servindo de espelho para as personagens descobrirem suas

intimas motivações. O andar das águas se vincula com o desenrolar das tramas que tecem as histórias do povo marajoara, de modo inseparável. Já na Patagônia ocorre um fenômeno similar.

A precisão da linguagem dos contos, em Coloane, traz para nós as terras e os mares distantes, os costumes de povos que sobrevivem afastados e isolados pela natureza adversa, os problemas que enfrentam esses homens solitários, estranhos, que transformaram suas vidas em andanças. Essas vidas diferentes, estranhas e incompreensíveis, que se rodeiam de mistérios e são descritas em instantes de conflito – como gritos dentro da tempestade –, se impregnam de profundos valores humanos quando confrontadas à natureza hostil, poderosa e implacável. Os instintos e paixões das personagens que lutam por se levantar e caminhar contra o vento são colocados à prova a cada instante, e dessa luta surda e contínua somente alguns saem vencedores. O drama que todos eles vivem adquire grandiosidade em face de uma natureza indômita e todo-poderosa.

Por último, ao estudar o elemento água representado nas narrativas do chileno Francisco Coloane e do paraense Dalcídio Jurandir se revela uma vinculação intrínseca entre natureza, indivíduos e sociedade, assim como o aporte fundamental do elemento água para a formação da cultura dos povos e de seus imaginários coletivos. Ao recriar os mundos de Marajó e da Patagônia, geograficamente separados e distantes entre si, os autores valorizaram a relação homem-natureza, nos aspectos lingüísticos e literários, determinando uma proximidade que pode estimular e propiciar novos estudos. Ao trazer este assunto

para a pesquisa da literatura geral e comparada espera-se que se tenha dado um passo à frente no conhecimento das literaturas da Amazônia e da Patagônia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Referência Geral

ALBIN, Michel. *Dictionnaire des genres et notions littéraires*. 2. ed. Paris: Encyclopedie Universales, 2001.

ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, n.1, 1998, 1999, 2000.

\_\_\_\_\_. El hispanismo en Brasil. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, n.1, 2000. Suplemento.

ARISTOS 3. *Diccionario ilustrado de la lengua española*. Nueva ed. Barcelona: Sopena, 1982.

ÁVILA, Affonso (Org.). *O modernismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Stylus).

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio Danesi. 3. tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Tópicos).

BANUS, Enrique; GALVÁN, Luis. *Cuestiones de literatura comparada: selección de textos*. Pamplona: Universidad de Navarra, 1998. Material de aulas.

BARTHES, E. *Teoria del texto*. Paris: Enciclopedia Universalis, 1980.

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1988.

BASSNETT, S et al. *Orientaciones en literatura comparada*. Compilación de Dolores Romero L. Madrid: Arco/Libros, S.L., 1998.

BERND, Zilá; UTÉZA, Francis. (Org.) *Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998. (Humanitas).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a arte*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

- BRUNEL, P.; PICHOS, C; ROUSSEAU, A.M. *Que é literatura comparada?* Tradução Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva: Edusp: Edufpn, 1990. (Estudos, 115).
- CAMPBELL, Joseph. *A jornada do herói*. São Paulo; Saraiva, 1994.
- CARVALHAL, Tania F. *Literatura comparada*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 1992. (Princípios, 58).
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CLAUDON, Francis; HADDAD-WOTLINH, Karen. *Elementos de literatura comparada*. Tradução Luís Serrão. Mens Martins, Portugal: Inquérito, 1994.
- COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 3. reimp. Madrid: Gredos, 1991.
- COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia F. (Org.) *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CRULS, Gatão. *A Amazônia que eu vi*. Óbidos – Tumucumaque. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio; Brasília, INL, 1973.
- CUNHA, Euclides da. O inferno verde. In: *Um paraíso perdido*. Reunião dos ensaios amazônicos. Petrópolis, Vozes; Brasília, INL, 1976.
- DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa, versão 1,0. 2001. Cd-rom.
- DICCIONARIO de la lengua española. 22 ed. Disponible en: <[www.rae.es](http://www.rae.es)>.
- DIEGUES, Antônio C. *Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB, 1995.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: NUPAUB, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Ilhas e mares*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- DUSSEL, Enrique. 1942. *El encubrimiento del outro*. Hacia el origen del “mito de la modernidad”. Madrid. Nueva Utopía, 1992.

- EIKHENBAUM et al. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana M. Ribeiro. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ENCICLOPEDIA Britannica Online. Disponível em: <[www.britannica.com](http://www.britannica.com)>. Acesso em: 02 jan. 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANÇA, Júnia L. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 5. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- GARAVELLI, Bice M. *Manual de retórica*. Tradução M<sup>a</sup> José Veja. Madrid: Cátedra, 1988.
- GOFF, Jaques le. *História e memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- GOULART, Audemaro T. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. (material de aulas) Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003.
- HEROI, o caminho do. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Paris/Gallery/6543/oarqueti.html>> Acesso em: 12 jan. 2005.
- IMPORTANCIA del análisis textual como herramienta para el Análisis del Discurso: banco de dados preparado por Cecilia Satriano; Nora Moscoloni. In: CINTA DE MOEBIO n. 9. nov. 2000. Disponible en: <<http://rehue.csociales.uchile.cl/publicaciones/moebio/09/frames/08.htm>> Acceso en: 24 jun.2002.
- IÑIGO, Luis Madrigal (Coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1993.
- KOTHE, Flavio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986. (Princípios).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Tradução Antonio Bessa. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- MOISÉS, Massaud. *O modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1989. (A literatura brasileira).
- MORAES, Anita M. R. de. *Os limites da civilização na escrita do sertão: um estudo das categorias civilização e barbárie em alguns romances brasileiros*. 2002. 88 f.

Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MOREIRA, Eidorfe. Sertão na literatura brasileira. A paisagem. In: *Obras reunidas de Eidorfe Moreira*. v.3. Belém: Cejup, 1989.

NASCENTE, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. t. II, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/ Acadêmica / Livros de Portugal / São José, 1952.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAGEAUX, Daniel-Henri. *La littérature générale et comparée*. Paris: Armand Colin, 1994.

PROENÇA Filho, Domício. *Pós-Modernismo e literatura*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Princípios).

RICOEUR, Paul. *La semántica de la acción*. Paris: C.N.R.S., 1977.

ROSENFELD, Anatole. *Texto, contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SAMBRANO, Oscar; MILIANI, Domingo. *Literatura hispano-americana*. Caracas: Monte Ávila, 1994.

SCHMELING, Manfred. *Teoría y praxis de la literatura comparada*. Barcelona: Alfa, 1984.

SODA, Nahomi. *Os prantos e os banka: manifestações poéticas sobre a morte na literatura galego-portuguesa e japonesa*. 2001. 148 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SODRE, N. Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1987.

TRAVEN, B. *Uma ponte na selva*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VILLAR Raso, M. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Barcelona: EDELSA, 2000.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Simões Ed., 1981.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

### **Obras Sobre Marajó, Amazônia e Dalcídio Jurandir**

I ENCONTRO ABRALIC NA AMAZÔNIA, 2003, Belém. *Anais...* Belém, UNAMA, 2003. 1 CD-rom.

ASSIS, Rosa. *A fala 'caboca' em Passagem dos Inocentes*. Belém: UNAMA, 2002.

\_\_\_\_\_. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: EdUFPa, 1992.

BOGÉA, José Arthur. *Bandolim do diabo*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

FARES, Josebel A. *Cartografias marajoaras: cultura, oralidade, comunicação*. 2003. 248 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – PUC - São Paulo.

FIDELIS, Ana C. *Entre orientes: viagens e memórias*. A narrativa 'Relato de um certo oriente', de Milton Hatoum. 1998. 143 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FURTADO, Marli. *O universo derruído e corrosivo do herói*. 2002. 263 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GALLO, Giovanni. *Marajó. A ditadura da água*. 2. ed. Santa Cruz do Arari, Pará: ed. "O nosso museu", 1981.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HILBERT, Peter. Contribuição á arqueologia da ilha de Marajó. *Instituto de Antropologia e etnologia do Pará*. n.5. Belém: Museu Goeldi. 1952.

INOSTROZA, Elias. 'Marajoando' nas águas do fogo. In: *Fio de Ariadne*. v. 2. Belém, UNAMA, 2003.

JURANDIR, Dalcídio. *Edição crítica de Chove nos campos de Cachoeira*. Rosa Assis. Belém: UNAMA, 1998.

\_\_\_\_\_. *Marajó*. 3. ed. Belém: Cejup, 1992.

\_\_\_\_\_. *Passagem dos Inocentes*. [S.l.]: Martins, 1963.

\_\_\_\_\_. *Três casas e um Rio*. São Paulo: Martins, 1956. (fax-simile)

\_\_\_\_\_. *Três casas e um Rio*. 3. ed. Belém: Cejup, 1994.

LEONEL, Maria Clarice et al. Aruã: o rastro e a saga. In: *Entre os índios Aruãs, colonizadores europeus e o caboclo marajoara: (re) visitando Chaves*. Belém: UNAMA, 2003. (Expedições 2).

LIMA, Zeneida. *O mundo místico dos Caruanas e a revolta de sua ave*. 2. ed. Belém: Cejup, 1992.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

MALIGNO, Pedro. *Ruínas idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir*. *Revista da USP*. São Paulo: n. 13. Edusp, 1992.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. Uma interpretação das culturas da ilha de Marajó. *Instituto de Antropologia e etnologia do Pará*. n.7. Belém: Museu Goeldi. 1954.

MIRANDA, Manuel J.N. *A foz do rio do mar*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1968.

\_\_\_\_\_. *Marajó: desafio da Amazônia*. Aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1976.

\_\_\_\_\_. *Marajó: essa imensidão de ilha*. São Paulo: M.E.M. Cruz, 1987.

PEREIRA, Eidorfe. Roteiro bibliográfico de Marajó. *Cadernos Paraenses*. Belém: IDESP, n.4, ago. 1969.

NUNES, Paulo. *Aquonarrativa: uma leitura de chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir*. Belém: UNAMA, 2001.

O.E.A. Secretária Geral. *Marajó*. Um estudo para o seu desenvolvimento. Washington, DF: O.E.A. Press, 1974.

PENTEADO, Antonio R. *Belém do Pará*. Estudo de geografia urbana. 2. vs. Belém: EdUfpa. 1968.

REVISTA ASAS DA PALAVRA. v. 3, n. 4, jun. 1996. Belém: UNAMA. Semestral.

\_\_\_\_\_. v. 8, n.17, jun. 2004. Belém: UNAMA. Semestral.

SOUSA, Inglês de. *O coronel sangrado*. Belém: EdUfPa, 1968.

SOUZA, Patrícia I. G. de. *Mayandeuá: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense*. 1999. 246 f. Dissertação (Mestrado em Teoria

Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TUPIASSU, Amarílis Alves. *Riso e pranto nos mares do descobrimento* ou ensaios sobre história e poesia. Belém: Unama, 2000.

\_\_\_\_\_. A resistência do feminino em Chove nos Campos de Cachoeira. In: SANTOS, Eunice Ferreira et al. *A mulher e a modernidade na Amazônia*. Belém: Cejup, 1997.

### **Obras sobre Patagônia e Francisco Coloane**

AYAYEMA. Antecedentes. Disponível em: <html.rincondelvago.com/mitos>. Acesso em: 2 fev. 2005.

BOWN, Carolina. *Los alacalufes*. Los últimos hombres de una raza. Artigo recebido por <elias.tomas@itelefonica.com.br> em 20 ago. 2004.

BERLINGER, Walter L. *Escritor amante del mar y de los confines australes*. Artigo recebido por <elias.tomas@itelefonica.com.br> em 2 out. 2003.

CETÁCEOS. Antecedentes. Disponível em <www.ccc-chile.org>. Acesso em: 20 jan. 2005.

CHILE. SERNATUR Dirección Regional de Magallanes y Antártica Chilena. *Mapa histórico y turístico de la región de Magallanes y Antártica Chilena*. Punta Arenas: SERNATUR, 1996. Escala 1:1.000.000.

CHILOÉ. Antecedentes. Disponível em: <www.chiloe.cl>. Acesso em: 20 jun. 2003.

CID, S. Pedro. *Historia del movimiento obrero en Última Esperanza (1911-1973)*. Sindicalistas, Anarquistas y Socialistas. Punta Arenas: Ateli y Cia. Ltda, 2004.

COLOANE, Francisco. *Cuentos Completos. Coloane*. Santiago: Aguilar Chilena de Ediciones Ltda., 1999.

\_\_\_\_\_. *El témpano de Kanasaka y otros cuentos*. Santiago: Universitaria, 1968.

\_\_\_\_\_. *Los pasos del hombre*. Memórias. Francisco Coloane. Barcelona: Grijalbo / Mondadori, 2000.

\_\_\_\_\_. *Los conquistadores de la Antártida*. 25. ed. Santiago: Zig-Zag, 1994.

\_\_\_\_\_. Literatura chilena en Internet. Disponível em: <<http://www.escritores.cl>>. Acesso em: 24 jun. 2002.

DROGUETT, Carlos. Francisco Coloane o la séptima parte visible. *Casa de las Américas*. La Habana, ano XVIII, n. 107, mar-abr 1978.

INTERPATAGONIA, *Antecedentes*. Disponível em <[www.interpatagonia.com/puntaarenas/historia\\_i.html](http://www.interpatagonia.com/puntaarenas/historia_i.html)>. Acesso en: 11 fev. 2005.

JIMNEZ, Alejandro E. *Francisco Coloane en viaje*. Antología testimonial. Santiago: Pehuén, 2003.

KAWESQAR. Coordenação de Oscar Aguilera F. Desarrollado por la Universidad de Chile. 1998. Presenta textos sobre la etnia kawésqar y sua cultura. Disponible en: <<http://www.kawesqar.uchile.cl/investigaciones.html>>. Acesso en: 24 jun. 2002.

MARTINIĆ, Mateo. *La inmigración croata en Magallanes*. 3. ed. Punta Arenas: Impresos Vanic, 1999.

\_\_\_\_\_. Presentación geográfica e histórica de Magallanes. In: CHILE. SERNATUR Direção Regional de Magallanes y Antártica Chilena. *Mapa histórico y turístico de la región de Magallanes y Antártica Chilena*. Punta Arenas: SERNATUR, 1996. Escala 1:1.000.000.

PETREMAN, David. *El olvido es lo único que está verdaderamente muerto*. Artigo recebido por <[elias.tomas@itelefonica.com.br](mailto:elias.tomas@itelefonica.com.br)> em 21 jul. 2003.

\_\_\_\_\_. *La obra narrativa de Francisco Coloane*. Santiago: Universitaria, 1987.

RODRÍGUEZ, Mariela. *De como murió el chilote Otey*. Testimonio de una frontera desangrada en la década del `20. Artigo recebido por <[elias.tomas@itelefonica.com.br](mailto:elias.tomas@itelefonica.com.br)> em 12 set. 2003.

TEITELBOIM, Volodia. *Pancho vuelve al mar*. Casa de las Américas. La Habana, ano XLIII, n. 229, out-dez 2002.

TURISMO 2003. Suplemento ed. especial *El Magallanes*. Punta Arenas, 30 nov. 2003.

**ANEXO A:**  
**OBRAS DE FRANCISCO COLOANE**

1. *El último grumete de la Baquedano*, novela, 1941, Ed. Zig-Zag.
2. *Cabo de Hornos*, cuento, 1941.
3. *Golfo de Penas*, cuento, 1945.
4. *Los conquistadores de la Antartida*, novela, 1945.
5. *El cuento chileno*, antología, 1948.
6. *Si mis campos hablaran*, guión e cine, 1948. Filme dirigido por José Bohr.
7. *Tierra del Fuego*, cuento, 1956.
8. *Viaje al este*, crónica, 1959.
9. *El camino de la ballena*, novela, 1962, Santiago, 220 p. Ed. Zig-Zag.
10. *El témpano de Kanasaka y otros cuentos*, cuento, 1968.
11. *Los balleneros de Quintay*, prosa, 1971. Colección Así trabajo yo.
12. *El chilote Otey y otros relatos*, cuento, 1971.
13. *Tierra ajena*, antología de cuento, 1972.
14. *El hombre en los umbrales preantárticos*, ensayo, 1980.
15. *Rastros del guanaco blanco*, novela, 1980. 2ª, 1992, con el título de *El guanaco blanco*.
16. *Crónicas de India*, crónica, 1983.
17. *Testimonios de Francisco Coloane*, compilación de Virginia Vidal, 1991.
18. *Antártica, una visión gráfica del continente helado*, ensayo, 1985.
19. *Velero anclado*, crónica, 1995.
20. *Nafragios y rescates*, crónica. Ed. Andrés Bello, 264 p., 2002.

FONTE: JIMÉNEZ, 2003, p. 136.

OUTRAS OBRAS

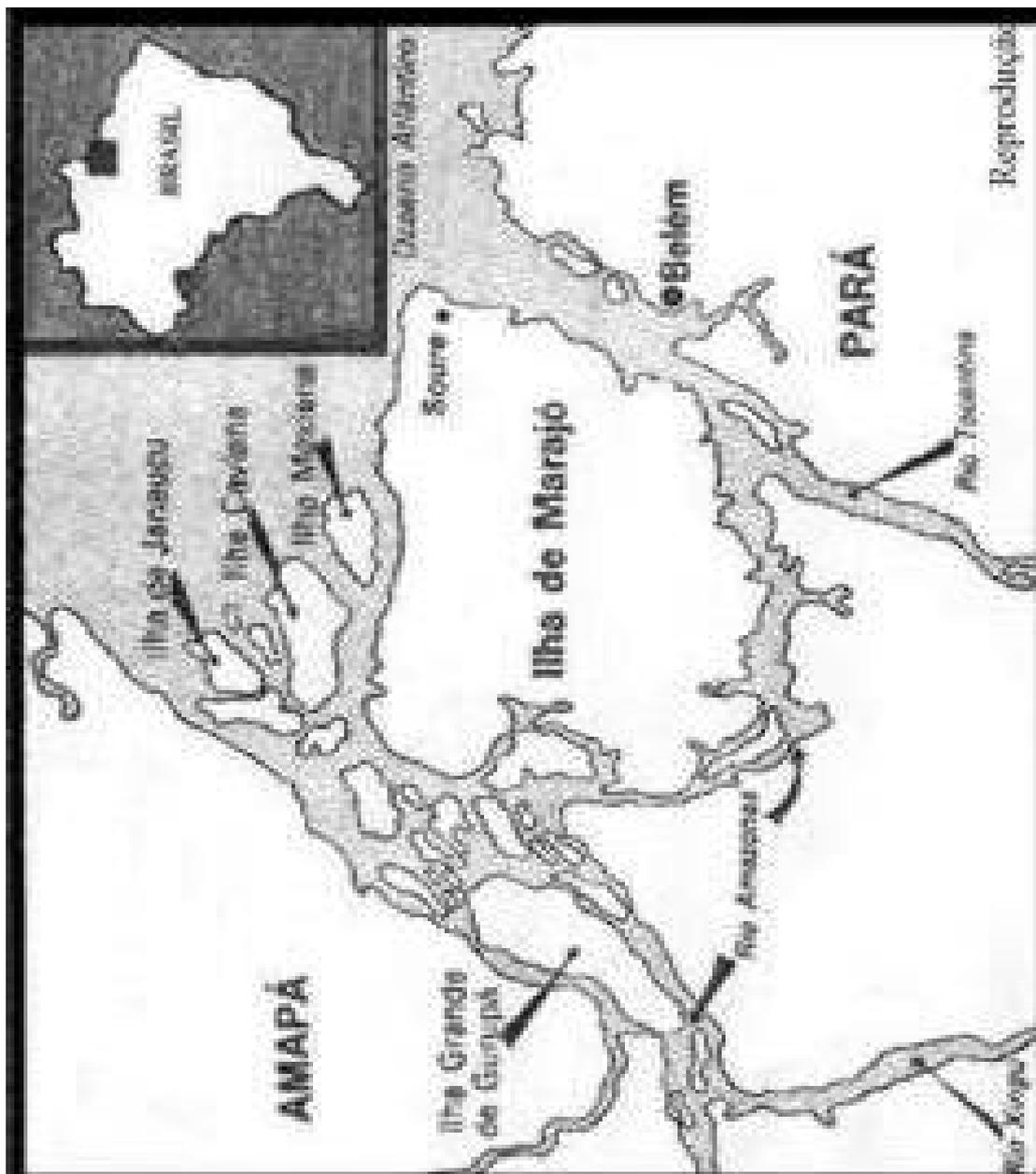
1. *Cuentos completos* / Coloane, Santiago: Aguilar / Madrid: Alfaguara, 1999.
2. *Los pasos del hombre*. Memórias, Barcelona, Grijalbo / Mondadori, 2000.
3. *El camino de la ballena*, cuento, Ed. Zig-Zag, 1973, 246 p.
4. *La tierra del fuego se apaga*, cuento, Ed. Cultura, 1945, 120 p.

FONTE: Base de datos UCH. <[www.catalogo.uchile.cl](http://www.catalogo.uchile.cl)>

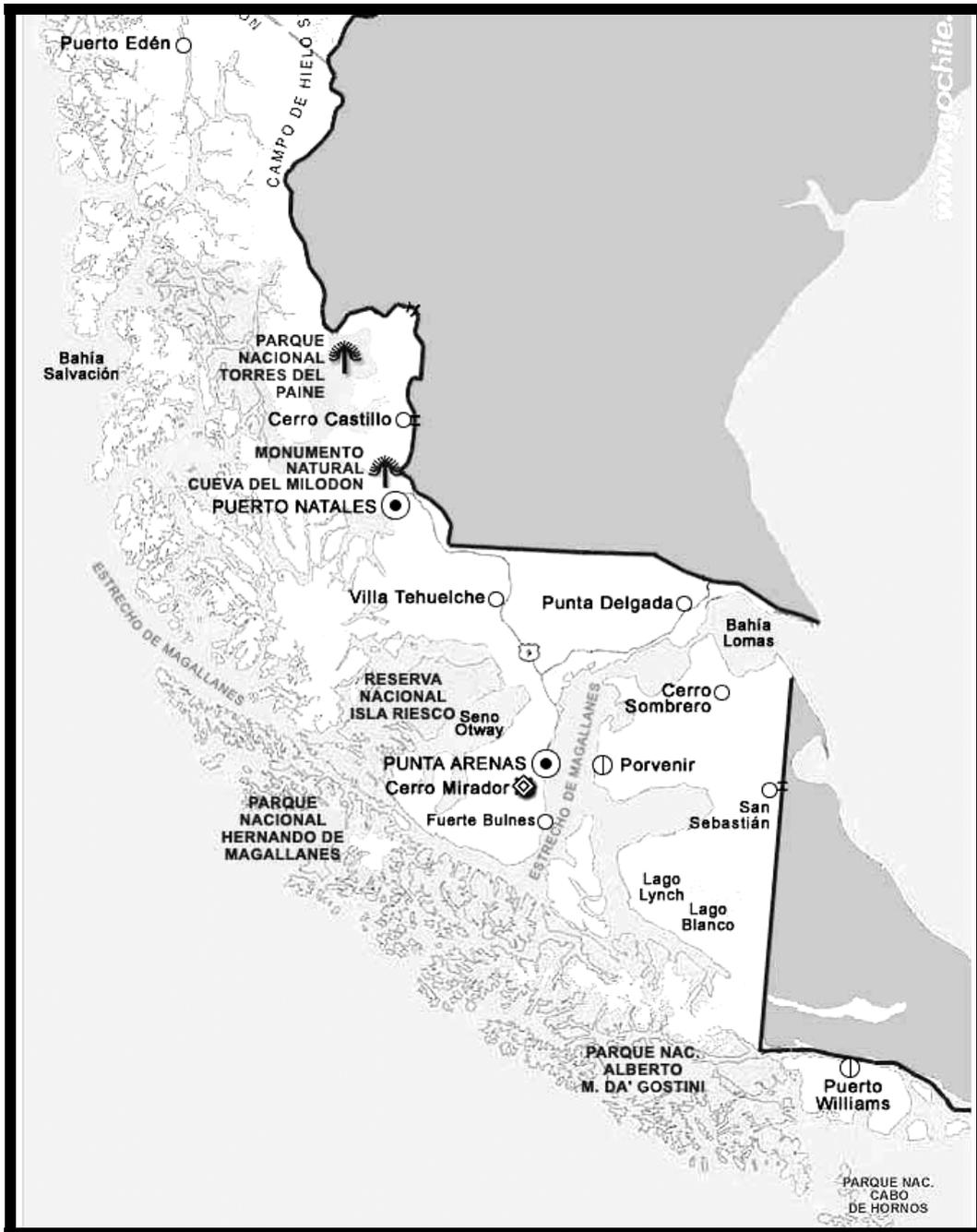
**ANEXO B:**  
**ÍNDICE DE CUENTOS COMPLETOS - COLOANE**

Prólogo de José María Guelbenzu	Pág. 9
<b>CABO DE HORNOS</b>	
Cabo de Hornos	17
La voz del viento	31
El témpano de Kanasaka	41
El <i>Flamenco</i>	50
El australiano	64
El Páramo	79
Palo al medio	89
El último contrabando	96
El vellonero	104
<i>Cururo</i>	113
El suplicio de agua y luna	129
Perros, caballos, hombres	138
La venganza del mar	148
La gallina de los huevos de luz	155
<b>GOLGO DE PENAS</b>	
Golfo de Penas	165
Paso del Abismo	169
Madera seca	177
Mar de travesías	187
Cazadores de focas	198
Estelas del Galeuche	208
Noche en la isla Larga	215
Pascua salvaje	219
El amigo Pat	225
Galope de esqueletos	231
Un tablón entarugado	236
<i>Don Óscar</i> y el fantasma	241
Proceso al Trauco	245
El Sabelotodo	259
Pedro Soldado	266
Teresa Tekenika	271
De la región Antártica famosa	278
Balleneros de Quintay	290
<b>TIERRA DEL FUEGO</b>	
Tierra del Fuego	309
En el caballo de la aurora	341
De cómo murió el chilote Otey	360
Cinco marineros y un ataúd verde	374
Rumbo a Puerto Edén	387
Tierra de olvido	411
Témpano sumergido	421
La botella de caña	431
El constructor del faro	443
<b>INÉDITOS</b>	
El relato de Miukiol Kausel	459
Tristana	466

**ANEXO C:  
MAPA DA ILHA DE MARAJÓ**



## ANEXO D: MAPA DA PATAGÔNIA AUSTRAL



## ANEXO E: TABELAS DE VOCÁBULOS DA ÁGUA E SUAS VARIANTES

**TABELA 1: DISTRIBUIÇÃO DE VOCÁBULOS POR TEXTOS**

LIVRO	TIPO DE VOCÁBULO	Q.	TOTAL LIVRO
C 1	ÁGUA	53	
C 1	OUTRAS VARIANTES	631	
	TOTAL		684
C 2	ÁGUA	28	
	TOTAL		740
C 3	ÁGUA	40	
C 3	OUTRAS VARIANTES	536	
	TOTAL		576
C 4	ÁGUA	21	
C 4	OUTRAS VARIANTES	190	
	TOTAL		211
SUB – TOTAL			2.211
R 1	ÁGUA	66	
R 1	OUTRAS VARIANTES	340	
	TOTAL		406
R 2	ÁGUA	111	
R 2	OUTRAS VARIANTES	765	
	TOTAL		876
R 3	ÁGUA	124	
R 3	OUTRAS VARIANTES	926	
	TOTAL		1.050
SUB – TOTAL			2.332
TOTAL			4.543

**TABELA 1: PORCENTAGEM NA DISTRIBUIÇÃO ANTERIOR**

LIVRO	TIPO DE VOCÁBULO	Q.	TOTAL LIVRO
C 1	ÁGUA	1,17	
C 1	OUTRAS VARIANTES	13,89	
	TOTAL		15,06
C 2	ÁGUA	0,62	
C 2	OUTRAS VARIANTES	15,67	
	TOTAL		16,29
C 3	ÁGUA	0,88	
C 3	OUTRAS VARIANTES	11,8	
	TOTAL		12,68
C 4	ÁGUA	0,46	
C 4	OUTRAS VARIANTES	4,18	
	TOTAL		4,64
SUB – TOTAL			48,67
R 1	ÁGUA	1,45	
R 1	OUTRAS VARIANTES	7,49	
	TOTAL		8,94
R 2	ÁGUA	2,44	
R 2	OUTRAS VARIANTES	16,84	
	TOTAL		19,28
R 3	ÁGUA	2,73	
R 3	OUTRAS VARIANTES	20,38	
	TOTAL		23,11
SUB – TOTAL			51,33
TOTAL			100,00

**TABELA 2**  
**VOCÁBULO ÁGUA EM SENTIDO DENOTATIVO**

TEXTOS	CARACTERÍSTICA	Q.	
DALCÍDIO	DESCRIÇÃO ÁGUA	22	
DALCÍDIO	MOVIMENTO DA ÁGUA	36	
DALCÍDIO	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	95	
	SUB-TOTAL		153

TEXTOS	CARACTERÍSTICA	Q.	
COLOANE	DESCRIÇÃO ÁGUA	13	
COLOANE	MOVIMENTO DA ÁGUA	23	
COLOANE	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	33	
	SUB-TOTAL		69

TOTAL	DESCRIÇÃO ÁGUA	35
TOTAL	MOVIMENTO DA ÁGUA	59
TOTAL	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	128

TOTAL		222
-------	--	-----

**TABELA 2**  
**PORCENTAGEM - ÁGUA EM SENTIDO DENOTATIVO**

TEXTOS	CARACTERÍSTICA	Q.	
DALCÍDIO	DESCRIÇÃO ÁGUA	9,91	
DALCÍDIO	MOVIMENTO DA ÁGUA	16,21	
DALCÍDIO	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	42,79	
	SUB-TOTAL		68,91

TEXTOS	CARACTERÍSTICA	Q.	
COLOANE	DESCRIÇÃO ÁGUA	5,86	
COLOANE	MOVIMENTO DA ÁGUA	10,36	
COLOANE	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	14,86	
	SUB-TOTAL		31,09

	CARACTERÍSTICA	Q.
TOTAL	DESCRIÇÃO ÁGUA	15,76
TOTAL	MOVIMENTO DA ÁGUA	26,58
TOTAL	ÁGUA NA ROTINA DIARIA	57,66

TOTAL		100%
-------	--	------



**TABELA 3: ELEMENTOS DO SER HUMANO**  
CONTINUAÇÃO

**VOCÁBULOS EM DALCÍDIO**

	R 1	R2	R3	TOTAL
MOLHO			1	1
NADO	2			2
PALUDISMO			2	2
PEITO			1	1
PERAU		1		1
PERFUME			1	1
PIA BATISMAL		1		1
POLPA	1			1
POTE	2	3		5
PRANTO		3	4	7
PÚCARO	1			1
QUEROZENE			5	5
RESINA	1			1
SANGRAMENTO	3			3
SANGUE		10	19	29
SEDE	2		4	6
SEIVA		2	1	3
SINAPISMO	1			1
SOLUÇOS	8	4	20	32
SUJEIRA	1			1
SUOR	8	9	25	42
TACACA			2	2
TAPERA	1			1
TINA	1			1
UBRE			1	1
UCUUBA		1		1
URINA			2	2
URNAS			1	1
VAPOR			1	1
VENENO			1	1
VENTRE	1			1
VINAGRE	2		10	12
VINHO		1	7	8
VÓMITO		1	1	2
ZUMO			1	1





**TABELA 6: ELEMENTOS DA GEOGRAFIA****VOCÁBULOS EM DALCÍDIO**

	R 1	R2	R3	TOTAL
AFLUENTE		1		1
AGUAÇAL		1	2	3
ALAGAÇÃO		4		4
ALAGADIÇO	6	2		8
ANINGA		11	2	13
AREIA GULOSA		1	5	6
AREIAS		3		3
ATOLEIRO		2	3	5
ATURIAÁ		3		3
BAIA	1	12	13	26
BALCEDOS		4	2	6
BARRO		1	7	8
CABECEIRA		1		1
CACHOEIRAS		3	4	7
CAPIM	1		1	2
CARANAZÁL		2		2
CAVERNA		1		1
CHEIA	1			1
CIPOAL		1		1
CORRENTEZA			7	7
DUNA		1	1	2
ENCANTADO		1		1
ENCHARCADO	5			5
ENCHENTE	6	8	17	31
ENLAMELADA	1		2	3
ESPUMA	2	5	10	17
ESTIRÃO		7	4	11
FLUVIAL			2	2
FUNDO		18	12	30
FURO		1		1
GELO			1	1
IGAPÓ		5	3	8
IGARAPÉ	3	32	12	47
ILHA	4	12	12	28
INUNDAÇÃO	4	1	6	11
LAGO	5	71	17	93
LAGOA			26	26
LAGUNA		5	2	7
LAMA	8	23	39	70
LAMA GULOSA		1		1
LAMAÇAL		1		1
LAMEIRO		1		1
LEITO		1		1
LIMO		6	1	7
LODO		6	2	8
MANGAL			2	2
MANGUE		5	1	6
MAR	6	17	9	32

**VOCÁBULOS EM COLOANE**

	C1	C2	C3	C4	TOTAL
ABISMO	4				4
ALUD	1				1
ANCÓN	2		3		5
ANGOSTURA	3		1		4
ARCHIPIÉLAGO		8	2		10
ARENA	4	5	5		14
ARENALES	1		1		2
ARENISCA			1		1
ARRECIFE	1	1			2
ARROYO			2	1	3
AUSTRO		1			1
BAHÍA	7	3	4		14
BAJAMAR		1			1
BANCALES		5	1		6
BANDAZO	2	1	1		4
BARRO	2		1	1	4
CABO	5	7	10	1	23
CALETA		4			4
CALMA	1	3			4
CAMPO		2			2
CANALIZO		5	1		6
CARÁMBANO	2	5	2	1	10
CATARATA			1		1
CENDALES		2	1	1	4
CONTINENTE		2			2
CORDILLERA	1	2			3
CORRIENTE	5	10	4	2	21
CURSO		1			1
DUNA	5		4		9
ENSENADA	1	1			2
ESCARCHA	3		2		5
ESPUMA	3	10	7	3	23
ESTELA			1		1
ESTERO	1	4			5
ESTOA		2			2
ESTUARIO		1			1
FANGO	1	3			4
FARO	7	3		2	12
FONDEADERO		2	3	1	6
FONDOS	3	4	6		13
GEOGRAFIA	1	1			2
GLACIAR		1			1
GOLFO			12	4	16
GRASA		5			5
HIELO	3	17	11		31
HORIZONTE			1		1
INMENSIDAD	1	3			4
INUNDACIÓN			1		1

